REVISTA

DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

ANO L | DEZEMBRO DE 1970 | N.o 15

MANAUS AMAZONAS

QUADRO DE SÓCIOS EFETIVOS

Cadeiras	Patronos	Ocupantes
1	PERICLES MORAES	Cosme Ferreira Filho
2	EUCLIDES DA CUNHA	Ramayana de Chevalier
3	GONÇALVES DIAS	Agnello Bittencourt
4	SILVIO ROMERO	Vaga (Ocupada por Aderson Menezes)
5	ARAÚJO FILHO	André Araújo
6	ADRIANO JORGE	João Nogueira da Mata
7	MARANHÃO SOBRINHO	Paulo Jacob
8	TORQUATO TAPAJÓS	Vaga (Ocupada por Mavignier de Castro)
9	MACHADO DE ASSIS	Pereira da Silva
10	BARÃO DO RIO BRANCO	Mario Ypiranga Monteiro
11	JOSÉ VERISSIMO	Djalma Batista
12	OLAVO BILAC	Elson Farias
13	ESTELITA TAPAJÓS	Arthur Cezar Ferreira Reis
14	BARÃO DE SANTANA NERI	Moacyr G. Rosas
15	GRAÇA ARANHA	João Mendonça de Souza
16	JOÃO LEDA	João Chrysostomo de Oliveira
17	FRANCISCO DE CASTRO	Leoncio de Salignac e Souza
18	JONAS DA SILVA	Jorge Tufic
19	COELHO NETO	Genesino Braga
20	JOÃO RIBEIRO	Raimundo Nonato Pinheiro (padre)
21	TENREIRO ARANHA	Plinio Ramos Coelho (eleito)
22	FARIAS BRITO	Anisio Jobim (Fal. em agosto de 1971)
23	CRUZ E SOUZA	Nunes Pereira
24	JOAQUIM NABUCO	Sadoc Pereira
25	ARAÚJO LIMA	José Lindoso
26	RUI BARBOSA	Oyama Cesar Ituassu da Silva
27	TAVARES BASTOS	João Pereira Machado Jr. (eleito)
28	ANIBAL TEÓFILO	Vaga (Ocupada por Americo Antony)
29	CASTRO ALVES	Thiago de Mello
30	ARARIPE JUNIOR	Carlos de Almeida Barroso
31	RAIMUNDO MONTEIRO	Sebastião Noroes (Fal. em fevº de 1971)
32	BERNARDO RAMOS	Walter G. Nogueira (cônego)
33	ANTONIO BRANDÃO DE AMORIM	Vaga
34	ERMANO STRADELLI	Manoel Bastos Lira (eleito)
35	D. FREDERICO COSTA	Moacyr Alves
36	INGLES DE SOUSA	Vaga
37	BENJAMIN LIMA	Carlos de Araújo Lima
38	BARBOSA RODRIGUES	William A. Rodrigues
39	ALFREDO DA MATA	Mario Moraes
40	PAULINO DE BRITO	Waldemar Batista de Sales

REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras

REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras

Fundada a 1 de Janeiro de 1918

Inscrita na Federação das Academias de Letras do Brasil

SEDE PRÓPRIA — Rua Ramos Ferreira, 1009 — MANAUS

ANO L

N.o 15

1970

Manaus — Amazonas

Presidente de Honra

Marechal NELSON DE MELLO

DIRETORIA

Presidente ..... DJALMA BATISTA

1º Vice-Presidente .... ANDRÉ ARAÚJO

2º Vice-Presidente .... JOÃO CHRYSÓSTOMO DE OLIVEIRA

Secretário Geral .....GENESINO BRAGA

Secretário Adjunto .... OYAMA CESAR ITUASSU DA SILVA

Tesoureiro ..... Con. WALTER G. NOGUEIRA

Bibliotecário ..... MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

Sócio Benemérito

ILDEFONSO PINHEIRO

Diretor da REVISTA

MENDONÇA DE SOUZA

SUMÁRIO

D.B. — Apresentação 11

EM MEMÓRIA DE ARAÚJO FILHO

Curriculum vitae 12

Origem e formação do idioma latino 19

Direito Civil – Programa do curso 39

CELEBRANDO O CENTENÁRIO

André Araújo — Aspectos politicos da vida de Araújo Filho 42

Sadoc Pereira — Homenagem a Araújo Filho 56

Agnello Bittencourt — Araújo Filho 56

Genesino Braga — Aguia-real do Pensamento 60

João Chrysostomo de Oliveira — Araújo Filho — um caráter e uma cultura 64

Mario Ypiranga Monteiro — Araújo Filho e a Poesia do Direito 68

Mendonça de Souza — O Genial Araújo Filho 73

Newton Sabbá Guimarães — Perfil Biográfico de Araújo Filho 76

Ramayana de Chevalier — Recordações na Trilha dos Mortos 83

Pe. Nonato Pinheiro — O Centenário de Araújo Filho ... 87

A PALAVRA DOS CONTEMPORÂNEOS

Adriano Jorge — Araújo Filho 92

Raul de Azevedo — O gênio de Araújo Filho através do ensaio de Pericles Moraes 94

Genesio Calvalcanti — Bôa noite, mestre! 99

Leopoldo Peres — Em louvor de uma grande vida 103

Benjamin de Souza — Palavras de saudade 108

POESIA

Jorge Tufic — Signo I, II e III 110

Elson Farias — Cinco canções 113

ARTIGOS ORIGINAIS

Arthur Cezar Ferreira Reis — Vida social do Rio no século XVI 118

Firmo Dutra — Euclides da Cunha: engenheiro, geógrafo e explorador 132

Oyama Cesar Ituassu — Em torno da liberdade 147

Conego Walter Nogueira — Divorcio 151

Carlos de Araújo Lima — As Beiras..... 156

Moacyr G. Rosas — Máscaras ou Retratos? 170

DISCURSOS ACADEMICOS

Cadeiras 37 (Benjamin Lima) 178

Carlos de Araújo Lima — Na Cadeira Benjamin Lima .. 180

Waldemar Batista de Salles — Saudação a Carlos de Araújo Lima 198

Cadeira 39 (Alfredo da Mata)

Djalma Batista — A fala do Presidente 209

Mario Moraes — Elogio de Alfredo da Mata 211

Moacyr G. Rosas — Saudação a Mario Moraes 223

Cadeira 38 (Barbosa Rodrigues)

William Antonio Rodrigues — Na poltrona de Barbosa Rodrigues 238

Cosme Ferreira Filho — William Rodrigues, Botanica e a Amazônia 252

Cadeira 35 (D. Frederico Costa)

Djalma Batista — Abrindo os trabalhos 261

Moacyr Alves — Ao ocupar a cadeira 35 263

Jorge Tufic — Saudação a Arthur Cezar Ferreira Reis 280

José Lindoso — Do Amor e da Fabula 283

IDÉIAS E FATOS 287

Epistolário Academico 292

Resumo das Atas 297

APRESENTAÇÃO

Este número da **REVISTA DA ACADEMIA** é dedicado ao centenário de Francisco Pedro d'Araújo Filho, ocorrido a 8 de setembro de 1970.

Entre os homens de formação intelectual superior e de alto valor moral, transmigrados para o Amazonas na primeira década do século figurou o jurista e humanista Araújo Filho, vindo de Pernambuco em 1906, e que aqui viveu e lutou até a morte, em 1931, advogando, ensinando e engrandecendo o meio com a sua cultura e o seu exemplo. Deixou descendência numerosa e ilustre, que já alcançou a 4ª geração. Dos filhos, merecem referência especial Rui Araújo, político e estadista, que foi um padrão de dignidade e nobreza em longa vida pública, e André Araújo, educador, magistrado e sociólogo que vem desenvolvendo intensa e proveitosa atividade.

Araújo Filho foi fundador da Academia Amazonense, tendo escolhido Martins Junior como patrono de sua cadeira, que passou a ter, depois, seu próprio nome, e é ocupada por André Araújo. Com a colaboração deste, foi recolhido o material da presente edição, que se inicia com o currículo do eminente varão, e um levantamento bibliográfico. Segue-se o texto incompleto da tese que estava preparando para concorrer à cadeira de Latim do Ginásio Amazonense, exatamente sobre origens e formação do idioma latino, que ficou incompleta e inédita. Também aparecem dois programas organizados por Araújo Filho: um de Direito Civil e outro de Latim.

Quando do transcurso do centenário, dez pronunciamentos foram feitos, destacando-se o de Sadoc Pereira, que deveria ter sido lido em sessão da Academia: o autor foi iniciado nas letras jurídicas por Araújo Filho e relata a impressão que lhe ficou do convivio do mestre.

Reproduzem-se ainda cinco artigos de contemporâneos, aparecidos quando de sua morte, salientando, inclusive a publicação do livro de Pericles Moraes, "A Vida Luminosa de Araújo Filho" (Liv. Clássica, Manaus, 1931).

Completam o volume, finalmente, outros trabalhos originais, entregues para publicação em 1970, os d i s c u r s o s referentes à posse dos novos acadêmicos Carlos de Araújo Lima, Mario Moraes, William A. Rodrigues e Moacyr Alves, e mais resumo de atas de reuniões, epistolário e notas da vida da Academia.

D. B.

EM MEMÓRIA DE ARAÚJO FILHO

CURRICULUM VITAE:

1 — Francisco Pedro d'Araújo Filho, nasceu na cidade de Goiana, em Pernambuco, a 9 de setembro de 1870.

2 — Filho do alfaiate Francisco Pedro de Araújo e Cândida Marreiros de Araújo.

3 — Fêz seu curso primeiro em Goiana, na Escola do Professor Honório da Costa Monteiro.

4 — Ingressou no **Ginásio das Artes,** anexo à Faculdade de Direito do Recife.

5 — Ingressou no Ginásio Pernambucano em abril de 1882.

6 — Ingressou na luta pela campanha abolicionista, tornando-se, no Recife, um dos seus arautos, ao lado de José Mariano, José Maria, Joaquim Nabuco e D. Leonor Porto, no Clube do Cupim.

7 — Por motivo de pobreza foi forçado a interromper em 1º de março de 1887 o ginásio, pela extinção da verba dos pensionistas do Estado. O ginásio reiniciou com a colaboração de parentes.

8 — Tomou parte na Campanha pela República, ao lado de Martins Junior e Maciel Pinheiro.

9 — Matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife em julho de 1887.

10 — Bacharelou-se em Direito em 12 de maio de 1892.

11 — Iniciou sua profissão de advogado em julho de 1892, exercendo essa profissão em Goiana e Recife, destacando-se pelo talento como orador na tribuna do Júri.

12 — Casado com D. Francelina Barbosa de Araújo, filha de Joaquim Barbosa de Araújo e Maria Barbosa Pereira de Lira, consorcio realizado em Goiana no dia 9 de maio de 1896.

13 — Pela sua probidade, honorabilidade e cultura, foi nomeado Juiz Municipal do 1º Distrito de Goiana.

14 — Deixou a função de Juiz Municipal, logo em seguida, como protesto de ato arbitrário do Governador Barbosa Lima, que determinara a violência da ocupação a mão armada do Conselho Municipal de Goiana.

15 — Voltou à profissão de advogado a 25 de junho de 1896, foi à Tribuna do Juri, para se agigantar como acusador auxiliar dos matadores do Cel. Antonio dos Santos Medeiros Albuquerque.

16 — Projetou-se também como jornalista na imprensa do Recife e Goiana em sérias campanhas, como republicano, anti-escravagista, martinista do grupo politico de José Isidoro Martins Júnior, orador, jurista, professor de Direito, jornalista, historiador e filósofo.

17 — A 24 de janeiro de 1898, fundou o Instituto Goianense, onde teve discípulos como o grande poeta pernambucano Adelmar Tavares.

18 — Por vocação magisterial, em Recife já lecionava português, francês e latim.

19 — Viajou ao Estado de Santa Catarina, tentando viver em ambiente fora de perseguição política, decorrente de seu temperamento inamoldável às conveniências políticas.

20 — Nomeado, em 22-4-1897, Juiz de Direito da comarca de S. Joaquim da Costa, em Santa Catarina, por ser considerado um homem íntegro e culto.

21 — Viajou a serviço de sua cultura pela Bahia, Espírito Santo e Pará.

22 — 1904 — Viajou, pela primeira vez, ao Amazonas, onde se demorou a serviço da advocacia.

23 — A 6 de janeiro de 1906 chega a Manaus com a família, pelo navio "Alagoas", do antigo Loide Brasileiro, vindo para fixar residência, instalando-se como escritório de advocacia, em cujo labor conquistou grande fama como jurista e civilista, criminalista, latinista, professor de Direito e helenista.

— Em Portugal, quando em busca de saúde, recebeu do grande estadista Antonio José de Almeida, especiais homenagens.

24 — Colaborou nos jornais e revistas de Manaus como **A Notícia, O Amazonas, a Folha do Amazonas, Diário do Amazonas, Jornal do Comércio, O Tempo, a Gazeta da Tarde, Jornal de Manaus, Estado do Amazonas, Amazonida, Revista da Academia Amazonense de Letras, Arquivos Universitários, Revista da Faculdade de Direito,** etc...

25 — Fundador da Escola Universitária Livre de Manaus, núcleo fundamental da Universidade de Manaus.

26 — Especialista em Direito Romano, como latinista e civilista.

27 — Foi Vice-Diretor da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais de Manaus. — 1915 —

28 — Membro da Comissão de Universidade de Manaus, para dar parecer sobre a reforma Universitária Rivadavia Corrêa.

29 — Lecionou nessa Faculdade as seguintes cadeiras: Direito das Obrigações. Direito Romano, Direito Penal, Direito das Cousas, Filosofia do Direito, de 1913 a 1930.

30 — Membro da Comissão Científica da Universidade de Manaus.

31 — Conhecia muito bem o Português, Latim, Francês, Inglês, Alemão, Espanhol, Italiano e suas literaturas.

32 — Professor de latim e grego da Escola Universitária Livre de Manaus, anexa à Universidade de Manaus.

33 — Foi Deputado Estadual em 1916, tendo tido sempre conduta irrepreensível na defesa dos direitos políticos do povo amazonense, especialmente quando o Governador resolveu reformar a Constituição Estadual.

34 — Procurador dos Feitos da Fazenda Municipal de Manaus, onde se tornou célebre pelos seus pareceres inúmeros, especialmente os que se referiam enfiteuse.

32 — Membro fundador da Academia Amazonense de Letras, onde ocupava a cadeira "Martins Júnior".

36 — Membro da Comissão Examinadora do concurso para catedrático de Direito Penal, da Faculdade de Ciências Jurídicas e Social.

37 — Presidente da Comissão de Sindicância no Amazonas, depois do advento da Revolução de 30, função que exerceu por convite do governo federal.

38 — Faleceu às 23 horas e 40 minutos do dia 18 de maio de 1931, tendo tido sempre assistência sacerdotal, com comunhão diária, levada pelo padre Estélio Dalison, da ordem salesiana de D. Bosco. Assistiram seus últimos momentos sua esposa, seus filhos e noras, genros e os Drs. Vivaldo Palma Lima e Adroaldo de Carvalho.

39 — Seu sepultamento ocorreu no dia 19 de maio, às 17 horas, com enorme acompanhamento, tendo falado na sepultura inúmeros oradores, inclusive Adriano Augusto de Araújo Jorge, presidente da A.A.L.

LIVROS E TRABALHOS PUBLICADOS

por ARAÚJO FILHO

1 — **Ação de Reivindicação** "The Manaus Markets" — Livraria Clássica — 1908 — 129 páginas. Êsse trabalho teve grandes elogios de Ruy Barbosa, em face das riquezas de citações e do fascinante espírito de jurista do autor.

2 — **História dos Povos Antigos** — Conferência feita na Escola Universitária — Publicada nos "Arquivos da Escola Universitária" — 1911.

3 — **Discurso de Colação de Grau da 1ª turma de bacharéis do Amazonas,** como seu paraninfo, em 1914. "Imprensa Oficial" 15 páginas onde ressaltam a cultura histórica, filosófica e jurídica.

4 — Parecer apresentado à Loja Maçônica Rio Negro — aprovado em sessão de 26-11-1915, sôbre autonomia de lojas maçônicas do Rio Grande do Sul — Livraria Velho Lino — 1915 — 11 páginas.

5 — **Conferência,** como lente de Direito Civil, sôbre História das Civilizações Antigas. Publicada nos "Arquivos da Escola Universitária Livre de Manaus", nº 5, Ano I, — 12 páginas grandes. 1915.

6 — **Conferência sôbre Pinheiro Machado** — na sessão cívica promovida pelo Prefeito Dorval Porto — em 8 de outubro de 1915. Publicada em Poliantéia, pela Prefeitura de Manaus. Conferência profundamente filosófica, algo pitagórica.

7 — **Razões Finais** — Cel. José da Costa Crespo — 1915 — Tipografia Palais Royal — 21 páginas.

8 — **Manutenção de Direitos** — Livraria Renaud — 1915 — 39 páginas.

9 — **Razões Finais sôbre mandatário** — 1915.

10 — **Defesa do Cel. Raul de Azevedo** — 1916 — Livraria Clássica — 374 páginas. Grande estudo sobre Peculato, onde se discutem Tude, Lilienfield e as grandes doutrinas sobre o assunto.

11 — **Defesa do Tte. José Calazans Pereira Parahiba** — 1916 — Tip. Palais Royal — 68 páginas.

12 — **Embargos ao Acórdão** — Constantino de Quadros de Carvalho — Tipografia Livraria Renaud — 1916 — 30 páginas.

13 — **A Poesia do Direito** — Conferência feita na Academia Amazonense de Letras. Maravilhosa síntese da Historia do Direito — 1916 —

14 — **Parecer sobre Enfiteuse,** dado como jurista em casos da Prefeitura de Manaus, publicado em jornais de Manaus, com os maiores encômios. 1916.

15 — **Estudo sobre Prescrição de Hipole com obrigação principal** (1916).

16 — **Razões de Defesa do Municipio de Manaus** — 1916 —

17 — **Razões sobre Depositário Transitório** — 1917 —

18 — **Estudo sobre História Antiga** — 1919 —

19 — **Filosofia da História** — 1919 —

20 — **Discurso à musicista Pátria Ramos** — 17-8-1919.

21 — **Ação Ordinária** — Luiz Melo versus Antonio Rodrigues da Cunha — 1919 — Tipografia do "Cá e Lá" — 6 páginas.

22 — **Apelação Civel** — Razões Finais pelo Dr. Henrique Eduardo Weaner — Imprensa Pública — 1919.

23 — **Estudo sôbre Parentesco e Afinidades** — 1920 —

24 — **Discurso a Nilo Peçanha,** candidato à Presidência da República — 4-10-1921.

25 — **Projeto de Distribuição de materias do curso de Direito** — 1921.

26 — **Discurso Ad Memoriam** — Pronunciado no 17º aniversário de falecimento de José Isidoro Martins Junior — Tipografia "Cá e Lá" — 1922 — 29 páginas.

27 — **Discurso à memoria de Heliodoro Balbi** a 26-12-1922.

28 — **Ensaio sôbre as excelências do Direito Romano** — 1922 —

29 — **Ruy Barbosa** — Conferência na Academia Amazonense de Letras, feita em abril de 1923. Tipografia "Cá e Lá" — 27 páginas — Extraordinária e monumental síntese da vida e obra de Ruy Barbosa.

30 — **Interdicto Proibitório** — em favor de Chaves Com. — 1923 — 70 páginas. Aqui ressaltam o romanista, o civilista, o latinista.

31 — **Conferência sobre Pedagogia** — 1923.

32 — **Sôbre a Técnica de Requerer em Juízo** — 1923.

33 — **Discurso ao Dr. Alfredo Sá,** interventor Federal — publicado no jornal "Liberdade" — em 3-12-1924.

34 — **Interdicto Proibitório** — em favor de D. Felicidade A. R. de Melo e o Dr. Adelino Costa — Livraria Clássica — 1925 — 21 páginas.

35 — **Origens e Formação do Idioma Latino** — Tese inacabada — escrita para o concurso da cadeira de Latim do Ginásio Amazonense — 1925 —

36 — **Defesa dos heróis da revolta Amazonense** — 1924 —

37 — **Razões Finais sobre mandatário** — 1915 —

ORIGEM E FORMAÇÃO DO IDIOMA LATINO

(obra inacabada)

F. P. D'ARAÚJO FILHO

Desde que os primeiros princípios gerais, o pensamento e a idéia se foram formando e aperfeiçoando, — tendência incoercível foi no espírito do homem a indagação perscrutadora das origens e modalidades intercorrentes e evolutivas dos fenômenos, qualquer que fora a categoria ou o departamento da manifestação deles.

A linguagem, — ou melhor, o fenômeno glossógico, — não poderá perfazer uma situação excepcional, sendo como é, a linha que extrema a mais elevada espécie natural de tôdas as demais, que compõem os infinitos domínios da Zoologia, hoje dilatada até a esfera do "infinitamente pequeno".

Nos primeiros estádios da Mente Humana, a palavra fora um divino dom, dádiva sagrada: — a velha Índia assim o entendia, entendia-o assim todo o antigo Oriente.

Sócrates e Platão já começaram a desvendar menos longe essas origens, humanizando-as, porquanto já no "Cratylo", — segundo o depoimento de um eminente investigador se comparava os etimólogos que filiavam as primeiras palavras do homem a uma ascenção sobrenatural, aqueles trágicos, que, embaraçados e indecisos, recorriam a um "Deus ex-máquina", — ZABOROWSKI, — Orig. du Langage, p. 5.

Dessa intuição oriental, recebera e transmitira o Evangelista o versículo: — "In principio erat verbum, et verbum erat apud Deum, et Deus erat verbum. Hoc erat in princípio apud Deum". — SANCTUM IESU CHRISTI EVANGELIUM, SECUNDUM IOANNEM, — Prol. 1, 1. BÍBLIA SACRA. Vulgatae edt. SIXTI V PONT. MAX. ROMAE, MCMWIV.

Era mais ou menos modificada mais adaptada pelo espírito estreito e formalista do Hebreu, a intuição dos Vedas, — intuição pela qual a palavra e, pois, a linguagem, era uma perfeita divindade categorizada, etiquetada no rol infinito dos deuses, e a ela dirigiam hinos, exalçavam-se preces, celebravam-se flocos de incensos, nos altares, olorosos da mirra dos sacrifícios divinos.

E a magia da palavra como não poderá deixar de impressionar assim os primeiros e ingênuos espíritos, cheios de fé e misticismo, se não podia ainda o homem penetrar no complicado, e na inextricável tessitura de sua formação psíquica e de sua produção fisiológica?...

O mistério veio, em breve lapso, dar à palavra (e, quando se diz aqui "palavra" emprega-se o vocábulo pelo de "linguagem" por uma metonimia, perfeitamente justificável) — a pompa interna e externa, que, ainda hoje, por fôrça de resquícios estratificados nas camadas remotas e insondáveis do sub-consciente, se encontram no prestígio mirabolante de certos vocábulos, "abracadabrantes", que fizeram os deliciosos terrores da magia negra, em plena Idade Medieval.

Quando, em plena florescência da Grécia, o fenômeno começou a preocupar os seus extraordinários filósofos, na opinião de Max Muller e de Hertmann, duas correntes se deixaram nítidas e opostas, bem que, apesar da pouquidade do pobre engenho do Autor dêste trabalho possam antes ser caracterizadas três.

Na Hellade imortal, a primeira e mais radicada opinião é que a linguagem, a palavra, era uma criação divina, um dom que os deuses outorgavam e sonegavam a seu talante, retirando ao homem, convertendo o ser humano em animaes, em pedras, em rochedos, em fontes, em bosques sagrados, segundo a exuberância de uma teoria excepcional e profundamente poética, — que veio a formar, segundo a opinião das mais excelsas e notáveis autoridades, o mais formoso, rico, dúctil e nobre idioma que o homem já falou no Planeta.

Entretanto, apesar dessa opinião de alguns investigadores e pensadores gregos, uma outra corrente, dissidente, entendia que a palavra ou a linguagem humana, era uma produção ou um artefato puramente humano e convencional, criado ou determinado pelas exigências prementes da vida em sociedade.

Serpeando por entre essas duas correntes contrapostas, uma terceira surgira, atribuindo a essência e a origem da linguagem ao trabalho insano, diuturno e misterioso da natureza inconsciente.

Vê-se que as disputas que ainda hoje se ventilam nada mais são que reedições das disputas e contendas dos velhos sofistas do Pórtico ou da Academia.

Foi a destinação da velha Grécia: ser o arauto e predescessor de tôdas as múltiplas e miríficas manifestações da especulação espiritual do ser pensante.

O Grego, investigador e sobretudo especulador, nos domínios todos da fenomenologia universal, teve de, em breve, de deixar a concepção de que a palavra era uma criação divina, por causa do prestígio e eficácia de certas palavras exorcistas e cabalísticas, e, fazendo tábua raza de tais intuições, convocou outras concepções.

As grandes escolas filosóficas post-aristotelianas superposeram a observação positiva às concepções puramente subjetivas e foram os predecessores ou, melhor, os profetas das idéias positivas, apresentando teses mais consentâneas e coerentes com a razão humana.

Heráclito chamava as palavras as sombras das coisas, isto é, as suas imagens vocais **(agalmata fonêenta)** — Zaborowski p. 8).

Demócrito, assevera o mesmo autor, em ponto de vista oposto ao de Heráclito, denominava as palavras de "estátuas vocais" — emprestando-lhes assim um certo caráter de artificialidade, embora como em tôdas houvesse o homem de obedecer a certas regras e determinados processos e fórmulas.

Reproduzia o grego pelos seus grandes filósofos a mesma intuição dualística que em tôdas as investigações humanas há sempre tantalizado o espírito do Homem.

Para Demócrito, a sombra projetada naturalmente pela concepção da coisa em si, denominando-se por um processo de espontâneidade inconsciente e impensada, ou melhor, impremeditada: a sombra de uma coisa projetando-se no espírito, sugerindo uma imagem e provando um vocábulo, isto é, um conjunto de sons musicais e representativos, como se fora a imagem trémula de uma árvore à margem de um ribeiro corrente.

Demócrito, ao contrário, sonega êsse carater de espontaneidade natural e modela o vocábulo como modelara antes, no espírito, a imagem.

O vocábulo surge-lhe então como se fôra estátua, criada e conformada segundo certas leis de uma estatuária ou princípios de proporção e medida, tal como os grandes artistas de Atenas cinzelavam no mármore ou debuchavam na tela.

Epicuro, certamente mais amadurecido na observação e mais saturado do naturalismo crescente nas escolas filosóficas da Grécia, — começou de ver que o vocábulo, — na formação primitiva da linguagem, — que a manifestação dos primeiros urros de dor, de raiva, de fome, de sêde, de amor e que os primeiros se vieram articular pela própria espontâneidade da natureza: — assim como os pássaros cantavam, ganiam e berravam animais pelos montes, zurravam outros pelas pradarias, sibilavam alguns pelas furnas, — assim veio através de larga e temerosa evolução, a articular-se a palavra, de um composto, de um agregado de sons, inconsciente e evoluindo aglutinados, para as múltiplas e intrincadas permutas da vida de relação que o homem iniciara ao rebate da primeira fome e à solicitação do primeiro amor.

Heráclito, Demócrito e Epícuro representam, destarte, as mais remotas e longínquas tentativas de generalização das origens e formação do fenômeno glossolônico a que nos referimos acima, — como sendo, se me permitem, a linguagem o pro-fenômeno da evolução da Humanidade.

Estava fundada pelo gênio grego a intuição naturalística da origem da linguagem: faltava-lhe apenas que, informe e imprecisa, fosse êsse sincretismo inicial, perpetuado, desde logo, na mais elevada das linguagens, qual a Poesia.

Fê-lo **Lucrécio,** de que se diz que fora o primeiro gênio de que se poderá orgulhar a Humanidade, por ser o seu estupendo Poema "a mais alta glorificação da Razão Humana".

O Poeta discerne a necessidade imperiosa das coisas criando-lhes os nomes, variando-lhes os sons, modificando-lhes os acentos: o homem fazendo, como criança, mostrando com o dedo o objeto presente e suprindo pelo gesto instintivo para suprir com o "gesto presente a palavra ausente".

De forma que quando a palavra foi presente, tanto século empós, outro poeta maravilhado pudesse dizer:

Pronaque cum spectent animalia cetera terram,
os homini sublime dedit, coelumque videre
Jussit, er erectos ad sidera tollere vultus.
Sic, modo quae fuerat rudis er sine imagine, tellus
Induit ignotas hominum conversa figuras.

OVIDIO METAMORFOSES. Liv I.

II

Devera de ser a analogia a primeira e a mais remota fonte ou antes o primitivo óvulo, que, depositado na imensa madre da inteligência humana, haveria de determinar, a princípio, simples feto informe: e, logo, após, o processo mais complexo de uma comparação desenvolvida, mais lógica e complicada.

Daí o ter-se depreendido quatro ordens de elementos interpretativos e lógicos daquela primeira síntese poética de Lucrécio.

Primeiramente êle reconhece uma remota analogia fundamental dos meios de expressão ingênitos ao Homem e aos demais animais.

Em segundo lugar, êle proclama a natureza expressiva ou, por melhor dizer, eloqüente dos primeiros sons articulados.

Em terceiro lugar, deduz experimentalmente a aquisição e o desenvolvimento lento e gradual dos esforços espontâneos e individuaes do homem.

E ainda em quarto lugar, enfim, a elaboração coletiva das gerações sucessivas e initerruptas e crescentes, que formaram as camadas primevas da humanidade em formação.

Nada mais, nada menos que uma origem tetralógica ou antes uma verdadeira tetralógica dos elementos iniciais formadores da linguagem articulada, — que, escusado fôra dizer, constitui uma característica da generalidade de tôdas as línguas, quer faladas, quer, hoje, puramente sábias e relegadas ao domínio da pura erudição, como se atribui ser a Latina.

A síntese dessa tetralogia é a seguinte, não é demais repetir:

1 — A analogia fundamental e inicial, procurando a expressão do pensamento bruxuleante, imitar os sons rudes da Natureza e a voz inarticulada das feras e animais coévos à aparição do homem;

2 — A aquisição gradual, lenta e ampliativa dêsses sons, obedecendo já a uma formação, simultâneamente, espontânea e, inconscientemente, lógica;

3 — A elaboração comparativa superior oriunda da permuta entre vários agrupamentos e núcleos primitivos e, porventura, encontrados em comunicação determinada pelas necessidades de ordem econômica, talvez;

4 — A elaboração inconsciente e lenta de várias sucessivas e vagarosamente aprimoradas pelo surto contínuo e constante de novas necessidades sempre initerruptas e urgentes.

A essa intuição, exclusivamente experimental, se bem com alguns ressaibos longínquos de hipótese, é de mister juntar, desde logo, outros fatores que, são incontestavelmente de altíssima relevância.

Primeiramente, o fator lógico, que cêdo veio a fazer-se sentir por meio de processos, pela reunião ou agrupamento de caráteres comuns, para, da espécie, ir desde logo criando os gêneros.

Empós o fator metafísico, ampliando a noção do gênero para deduzir as entidades abstratas e nomeá-las, classificando-as e enumerando-as.

Enfim, o fator poético, criando as onomatopéias, os tropos, as comparações e as imagens, em geral, o fabulário infinito da linguagem.

Esse fatorf poético foi por João Batista Vico denominado a "Lógica Poética" ou a **"Lógica Mistica"** da linguagem, fazendo-a derivar de "logos", — donde vem Lógica, que quer dizer, no seu sentido pró-

prio, fábula, — como Mitos, significa mudo, isto é, "idéia, palavra muda" — a significação integralmente lógica daquela conceituosa expressão.

Êsse fator poético manifestou-se apenas pela forma primitiva dos sons rudes, que visavam traduzir a idéia nascente e informe, titubeante ou indecisa no cérebro primitivo do ancestral remoto.

O pensamento, oriundo dessa sensação informe, teria de provocar reações mecânicas, espontâneas e reflexas.

A rudeza dêsses sons acompanhavam-se e asseriavam-se de gestos e sinais, que outro meio não deveria ter havido das possibilidades naturais.

O pensamento, no dizer de um escritor, de mérito, era um fenômeno interno que, paulatinamente, vai avolumando-se, radicando a manifestações sensíveis, até que adquire uma existência independente e, com essa existência independente, um valor de troca ou uma capacidade de permuta, que, acrescentamo-nos, se transforma num extraordinário poder de circulação (1).

Essa capacidade inerente e intrínseca de circulação determinou simultâneamente o surto de dois fenômenos geminados e inseparáveis.

A LÓGICA E A LINGUAGEM, emparelhadas e irradicavelmente adstritas, uma a outra, como perfumavam a ação do pensamento.

Duas ordens de linguagem então se manifestam: a linguagem da ação ou emocional, comum a todos os animais e a linguagem oral ou racional, própria do homem. A primeira interpreta as idéias objetivas; a segunda manifesta as idéias subjetivas.

E continúa o ilustre escritor:

"A linguagem animal abranje, de uma parte, o gesto, em correlação com os estados de organismo e a emoção, já de natureza mais íntima, assinalando as relações de tais estados; — de outra parte, o grito, pelo qual se traduzem ou se traem os sentimentos vivos e fortes e o canto que modula as modalidades mais delicadas e suaves dos afetos. Êsses meios de comunicação provêem das condições em que se opera a percepção, dos sentimentos que ela faz nascer e dos movimentos que ela determina.

Após a linguagem animal, composta de gritos, de murmúrios informes, de cantos, ou sinal, após, anteriormente ou paralelamente, vem a linguagem de ação composta de gestos e atitudes muito mais restritas e cujo raio não atinge senão o espaço limitado em que os organismos se encontram em situação de agir uns sôbre os outros, por intermédio de vários sentidos, de modo que curto intervalo determine ou provoque atos e gestos correlativos. (id. ibidem).

As idéias subjetivas ou, mais ou menos abstratas, teriam de escapar à gesticulação e à mímica mais minudente, e assim, a chamada

linguagem de ação teve de conformar-se, após lenta e dificultosa evolução, em sinais que insensivelmente se foram tornando convencionais.

Os filósofos da Enciclopédia, DIDEROT à frente, tiveram de apelar para uma convenção, e um falso sentido dêsse vocábulo deu a perceber que essa convenção tinha alguma coisa de um tratado expresso e ratificado pelos primeiros especimens da animalidade humana. Por isso articulava o autor célebre da "Carta sôbre os cegos para uso dos que vêem": sem a dupla convenção que liga as idéias às vozes e as vozes aos caracteres, — tudo ficaria fora do homem e aí se extinguiria".

Já o filósofo **Hobbes** não fazia da linguagem um puro artefato de inventiva humana e entendia que a inteligência humana descendia ao contrário da linguagem, como se pode deduzir dêsse apotema que se tornou célebre e adquiriu na Escola, até os foros do postulado lógico inatacável: "Homo animal rationale quia rationale" (id. Ibid., pags. 154 — 155).

Hobbes era de doutrina diametralmente oposta e nutria-se de intuição grega, já do tempo de Homero, para quem o uso da palavra já era a característica do homem "MEROPES ANTHROPOI". Isso fez com que os padres da Igreja podessem sustentar que "sormo soparat nos a grego brutorum".

A observação científica, todavia nos vem demonstrar a tôda evidência que a linguagem foi, pois, nos primeiros momentos, um produto de dois fatores perfeitamente naturais, científicos e lógicos, o instinto, em primeiro lugar, e, a razão, em segundo.

Êsses dois fatores, se deviam ter conjugado em período imemorial da existência da espécie humana.

O grito, como ação reflexa, condicionada por determinado estado sensorial e mental, fora fatalmente o primeiro ponto de partida.

Êsse grito teve, de pouco a pouco, ir-se modulando, refletindo, flexionando-se por assim dizer, de forma que as primeiras exclamações se foram transformando, por um processo de complexidade crescente, em onomatopéias, em interjeção, em exclamações, que traduziam as idéias sumariamente, as idéias iniciais e rudimentares.

Comparando êsse processo com o que ainda podemos observar na marcha ascencional da linguagem na crença dadas as diferenças do meio e da hereditariedade, poderemos, sem grande risco de uma afeita generalização, poderemos, dizia, quase, afirmar que, talvez as interjeições servissem mais, para traduzir as emoções primitivas e as onomatopéias, para exprimir antes as sensações.

As sensações, como fenômenos que se produzem e se experimentam, quando um excitando, vem agir sôbre os nossos sentidos, — por sua vez produziram uma série imensurável de estados afetivos, — prazeres, dores, alegrias, tristezas, espantos, pavores, sentimentos, paixões.

A interjeição rápida, fugaz, interpretaria assim uma emoção: e a onomatopéia traduziria de preferência uma sensação mais duradoura e permanente.

"As imitações dos ruidos da natureza teve nesse instante de representarem um papel importante, tal como nas tentativas vocais da criança, porquanto era natural dirigindo-se ao ouvido, — despertar nesse sentido impressões anteriores a fim de evocar a recordação das idéias que ali deveria permanecer, mais ou menos recentemente. Formaram-se assim combinações de sons, gritos, balbúcio, que talvez não fôssem mais do que subsídios acessórios da gesticulação e da mímica.

Êsses gritos, rudes e primitivos, essas aglutinações ainda informes vieram com o tempo pelo trabalho constante da lógica inconsciente e quase instintiva, de tão remotas eras primevas, a constituir as raízes, ou pretos-tipos fonéticos primitivos, — dos quais — Max Muller conseguiu contar apenas uns quinhentos para o Hebreu, uns outros quinhentos para o Sanscrito e uns quatrocentos e cinquenta par o Chinês.

E assim continua o Autor citado que vemos acompanhando:

"A origem da linguagem verdadeira, data do momento em que as idéias puderam ser analisadas e traduzidas minuciosa e detalhadamente por apropriação e adaptação de vozes. Transportou-se então o espírito humano, de um vocabulário limitadíssimo e informe, no qual prevalecia ainda fortemente o instinto, para as articulações cada vez mais variadas e menos explícitas, que foram pouco se afastando e cada vez mais de sua significação natural e vieram terminar, por um valor de uso, a prevalecer a convenção".

No citado Louis Bordeau, — cujos trabalhos o tornam incontestàvelmente, um dos maiores vultos entre os escritores e pensadores das duas últimas décadas do século passado, se sente, entretanto, a cada passo, essa idéia preconcebida de um espírito convencionista preponderante na formação da língua.

A convenção, ou antes o elemento volitvo, artístico, só ingressa na formação das línguas, num período ou estágio superior de sua evolução.

Mas na sua idade de formação, ou na sua infância (Perdôe-se-nos a aparente contradição de uma infância das línguas, dada a significação gramatical do vocábulo) os fatores ou elementos geradores principais são a imitação, a analogia gerando as interjeições e as onomatopéias.

III

Procurando categorizar as causas gerais de diferenciação que afinal veio mostrar a causa primária e remota, chegaremos à conclusão definitva de Max Muller que, essa causas são duas:

1 — a alteração fonética, produzida por uma série e um conjunto multíplice de fatores e determinada pela alteração, aumento, gradação, modalização, ou variação das vogais, e, mesmo dos sons consonantais;

2 — a renovação dialectal, que, por uma espécie de processo de disparidade, foi produzindo novas línguas pelo desmembramento dos dialetos.

Daí a variedade quase incontável das línguas, desde as monossilábicas, como o Chinês, o Anamita, o Siames, o Birmana, o Thibetano, o Pegú e o Kassia, falados na Ásia Oriental, até as aglutinantes, compreendendo as Oravidianas, as mongólicas, as turcas ou tártaras, as samouédas, as finezas, as boreais, as africanas, as oceânicas, as americanas, a vasca, a japonêsa e a coreana, segundo a classificação de **Max Muller,** adotada por **Abel Hovelcque.**

Abordando as línguas indo-européas, deparamos e convém desde logo determinar, os dois grandes grupos em que elas se partilham.

Essa classe, é certamente originária daquela celebrada **Bactriana,** donde deveriam ter partido, num dia remotíssimo da História, os povos que vieram, primeiro acampar pelas margens do Indo e do Ganges, antes de seguir a sua marcha tormentosa e ascencional, no rumo do Ocidente.

No grupo indiano, são classificadas como línguas mortas, o Sanscrito e o Prákrito, — a primeira língua sagrada e de elevada forma literária, na qual foram escritos o Rig Veda e múltiplos poemas literários, épicos, religiosos e morais; — o segundo, abrangendo os idiomas populares e poucos cultos dos velhos Indús, tendo entretanto sobrexistentes vários monumentos literários, sobretudo no gênero dramático, — monumentos que serviram para a propaganda popular do Budismo triunfante.

Entre as línguas vivas há uma infinidade extraordinária de idiomas, mais ou menos aproximadamente aparentados, desde o bengali e o hindustani até a linguagem mesclada dos Tzigani ou boêmicos, povo nômade, de incontestável origem indiana.

Entre as línguas mortas, lá figuram, o Zend, o Persa antigo, o Armênio, o Parsi, e o Pohlvi; e entre as vivas o néo-persa, o Belutche, o Afghan, o Ossete e o Kurdo.

Após êsses dois grupos, vem o Céltico, falado pelos antigos Celtas, que se atribui haverem sido os primeiros Arianos, que se estabeleceram em terras da Europa.

Êsse grupo se compõe de dois sub-grupos, que são o Gadhelico, Gaolico ou Hibernio e o Bretão, também chamado Kymrico. O Galico ou Gadhelico, ou Hibernio compreende o Irlandes, o Erso ou escossês e o Manx, que é falada por uma certa porção dos habitantes da ilha de Man, situada no mar de Irlanda.

O Bretão ou Kymrico compreende o Americano ou Bretão, o Gaules ou Welch que teve um certo brilho literário durante a idade média; e o Córmico, falado na Cornwalls, que parece ter-se extinguido muito recentemente, talvez no século 18. Surge, então, na classificação, que vimos seguindo, o grupo helênico, perpetuado pelo Grego antigo e pelo Grego moderno.

Naquela, trabalhou o gênio do homem, a mais nobre e rica literatura que já foi criada.

O grego antigo, subdividido em os quatro dialetos principais, — o Eólico, o Dérico, o Jénico e o Ático.

O Eólico se tripartia no Lesbico, no Thessálico e no Beócio. O Dérico, falado na Poloponese, na ilha de Creta e nas colônias gregas da Sicília, da Itália Meridional e nela cantou Píndaro os seus poemas imortais. O Jénico foi ilustrado e imortalizado por Homero e Hesiodo, no seu primeiro período e por Heródoto, na sua segunda fase evolutiva.

O dialeto ático, aliás pouco divergente do jónico, é a língua de Atenas imortal, e nela escreveram Sófocles, Eschylo, Eurípedes e Thucydides.

O dialeto, na idade moderna, se constitui no Bisantino, que veiu, pouco a pouco, transformar-se no grego moderno.

IV

Chegamos enfim às terras da Itália, onde vamos encontrar, entre os escombros da mais forte civilização antiga, os despojos de três línguas propriamente peninsulares.

No sul da velha Itália, pela antiga Campanha, pelo Samnium e circunvisinhanças, falava-se o **Osco,** sobrevivente em inscrições e, sobretudo em algumas tábuas de bronze como as de Bantia e Agneno; próximo de **Osco** era o dialeto **Sabelico.**

Ao nordeste da Península, o idioma era **Ombrio,** parente próximo de **Osco** e de **Latim,** cujo monumento principal são aquelas célebres tábuas **Eugubinas,** encontradas em número de sete (7) em Gubio ou Eugubio, na Itália e contendo cinco inscrições em língua **Ombrica,** e já duas, em caracteres latinos.

O Latim falado no centro e sudoeste foi esta formidável placenta, de que vieram a surgir a língua **d'Oil,** a célula mater do idioma francês, — a língua **d'Oc** que teve uma riquíssima literatura popular e lírica, com os trovadores, e, hoje, sobrevive, no idioma da **Provença,** nos dialetos de **Limosin,** de **Auverno,** de certa porção do Dolfinado e no Langnedoc que lhe perpetua o nome, bem como, provavelmente, por êsse **catalão rude** e forte, que se fala ao nordeste da velha Espanha.

O **Provençal,** as circunstâncias políticas mataram, segundo afirma Em. Littré, e seu grande brilho, a idade média, e poude salvar.

É mister, neste passo de nosso trabalho, para melhor interpretarmos ou aprendermos a sua orientação científica ou metodológica, assentarmos com Albert DAUZAT, — "La langue Française d'aujord'hui" — dois princípios conexos que hoje presidem a tôda ciência da linguagem, principios que devem reger a função e o papel do estudioso.

Êsses princípios são os seguintes:

1 — "O papel do linguista é assinalar os fatos, — não apreciá-los e tão pouco pretender influir e desnaturá-los".

2 — "Uma língua está sempre em perpétua evolução; ela varia constantemente e não se fixa em momento algum de sua história".

O primeiro princípio é uma norma de conduta; mas o segundo é uma grande verdade incontrastável.

Obedecendo a norma de conduta e observando os fatos chegaremos à conclusão de que a língua latina não podia fugir ou escapar a irretratabilidade daquela lei, e assim havia de ter perenemente atravessado uma perpétua evolução, desde que se desprendeu e se o conformou com as características próprias, dentro dos dialetos espalhados pelas costas orientais do Mediterrâneo, se êsse período embrionário de gestação podesse ser destacado dessa própria evolução e lhe não constituisse fase inequívoca, própria e orgânica de sua existência.

Essa perpétua e constante evolução que está sempre trabalhando por uma espécie de inconsciente nas línguas, criando-lhe novas formas, já por analogia, já por imitação, já pela necessidade de traduzir novas idéias e novas modalidades lógicas do espírito, — representa inconfundível papel, irrefreável predominância, aquilo que, por uma intuição fatal se convencionou de chamar em Latim **"accebtus"** e que o Grego chamara **"ténos"** — expressão pela qual os seus gramaticos pediram à Música o vocábulo-suplente ou substituto capaz de traduzir a idéia de uma maior tensão, na escala da gama e que literalmente significava a tensão nas cordas da lira, por uma metáfora perfeitamente explicável.

A mesma, diz um Autor, tiveram no sanscrito, no qual se chama **"udata"** que era equivalente do nosso acento agudo.

O acento nada mais foi do que fórmula convencional de representar uma variante na tonalidade da palavra. Essa tonalidade, porèm, tivera seu surto de duas correntes.

O instinto musical da palavra humana, ascendendo as suas origens mais remotas, procurando pela voz, traduzir a infinita gama dos sentimentos, das paixões e das idéias; — e, simultaneamente, a ten-

dência lógica de coordenar, num todo coerente e homogêneo, o vocabulário crescente e sonoro da língua.

Perfeitamente equivalente ao tenor grego, está o acentus latino, oriundo como êste do verbo "Cano, is cocini, cantum, canoro" — que significa cantar.

Ora, o acento representando a eufonia, a melodia ou a harmonia quer dos vocábulos, quer da frase que eles tinham de compôr, teve de adaptar-se às exigências variadas e múltiplas de espaço, como às contingentes transmutações determinadas pelo elemento tempo — espaço e tempo, que performam as duas maiores condições de todos os fenômenos, tanto de ordem exclusivamente sociológica, quer dos que demoram também pelas raízes e lindos da fisio-psicologia.

Essa perpétua evolução e transmutação das línguas, dentro sempre dos moldes e das leis, que não mais escapam às investigações da ciência, traria ou emprestaria à sua formação lenta e secular, uma **polygênesis** complexa e trabalhosa.

Foi pela fonética, ou pelo sistema fônico, pela vibração lenta e constante através dos tempos e dos lugares, que se veio, transformando a insinuante forma que determina por fatores de tôdas as ordens e vieram constituir e firmar as modalidades autonômicas e emancipadas, que fundaram o nôvo idioma.

As maneiras **idosyneraticas** do sanscrito, traslado lentamente das vastas e amplas religiões da Bactrian, vieram formar o sanscrito e a infinidade de dialetos seus, para as bandas do Ocidente Asiático.

Atravessando os passos estreitos que separam ainda a Ásia do antigo território grego, constituiram aí os formosos e sonoros dialetos que falaram os povos do Oriente Europeu, na sua mais remota antiguidade civilizada.

Disseminando-se pelas ilhas, modalizando-se, infiltrando-se de várias e múltiplas formas, foram paulatinamente, à proporção que se distendiam pelas costas do Sul e do sudoeste, ao contrário de outros, dando nascimento aos dialetos que já referimos o que me vieram à generação poderosa e expansiva, dilatada e triunfante.

A fonética representava êsse principal papel de individualizar e autonomizar a linguagem plásmica e, certamente popular e grosseira, que as migrações repetidas e diurnas talvez, ou temporárias, como também pode ser, daquelas gentes amigas.

Se é uma verdade inconteste da História que as migrações foram em antiquíssimas idades as causas geradoras da diferenciação das raças e dos povos, que se foram modificando e diferenciando a preparação que se afastavam de seu primitivo habitat, através do decurso dos tempos não há como regar também, como principal fator da diversidade e da formação das línguas, precípuo fator das migrações, fenômeno essencial e preponderante na História das Civilizações.

SEGUNDA PARTE

V

Ou por necessidade científica, puramente de natureza lógica, ou por constatação perfeitamente realizada, — é hoje ponto definitivamente aceito e incontroverso que, na cidade pré-histórica, foi uma vasta região da Ásia, ocupando o planalto central, habitado por um povo, denominado Arias, ou Arianos, que se distendeu e se propagou intensamente não sòmente pela própria Ásia, como também por tôda Europa, através séculos e séculos, que se não podem determinar nem avaliar com possibilidade cronológica.

As migrações dos Arias constituem hoje verdadeiro postulado científico.

A Índia, a Pérsia e outros países asiáticos consignam a sua existência, sobretudo assinalada por elementos indiscutíveis da moderna ciência glossológica.

O Norte, o Oeste, o Sudeste, o Centro e o Norte da Europa certificam ainda essas colossais migrações, — essas invasões e estabelecimentos.

Constituem tais migrações talvez a mais extraordinária e estupenda jornada da Humanidade, tanto quanto pode a mente humana, avaliar quer quanto ao tempo, quer quanto ao espaço.

E, hoje raro será o problema de antiguidade que não vá buscar nessas deslocações estupendas, a causa de origem de múltiplas instituições.

A variedade dos idiomas, como das religiões, institutos jurídicos, — como o domínio quiritário, institutos morais, como a hospedagem, institutos religiosos, como a sagração d'água e do fogo, e quantos outros, ascendem séculos e séculos a essa raça imortal e mirífica.

Êsse povo falou o sanscrito e as línguas procríficas e os vários dialetos indianos; o zend ou avestico; o persa, e ainda os dialetos iranianos; o armênio, o grego, o italico primitivo e o céltico; o lituano-slavo, o germânico com os seus dialetos góticos, anglosaxão, etc.

É de um dos grupos glossológicos arianos, — aquêle que se tem chamado o GREGO-ITALO-CELTICO, — que foi pouco a pouco brotando o antigo italico, — que, ainda assim, não seja mais do que realmente mais entidade lógica, do que realmente um dialeto, no preciso e rigoroso sentido do têrmo.

Os primitivos dialetos italicos, — por sem dúvida de evidente origem ariana, — deveram todos de ter emergido de uma unidade glótica anterior, espalhada e falada em tôda península, — sendo êsses dialetos como que a fermentação de uma primitiva nebulosa glóssica.

Ouçamos a respeito um autor de grande valia no assunto:

"— Da uno dei gruppi glottici ariani, il greco italo-celtico, si avolse, a poco a poco, l'antico italico, nalla cui vita bisogna distinguero dus periodi.

In un primo periodo, i dialetti antichi italici si presentano ancora indistinti e assorbiti, por dir cosí, nella grande unitá glottica dell italico primitivo; in secundo período, i medessimi dialetti, per lenta evoluzione dello stato sociale delle primo genti italiche, si distinguono sempre più l'uno dall altro, e ciascuno, gradatamente, assume fisionomia e caratteri propri, senza peró perdere quella impronta carateristica che a tutti proveniva dall'origino comune. E, in tal modo, sorsero i dialerri umbro, volsco, sabellico, latino, falisco, prenestino, equo, marso, osco (sannitico) eco, prevalenti mell'Italia di mezo ed in una parte dell'Italia meridionale; e quali dialeti por ciò, si debbono considerare como divisione specifiche dell'Italico fondamentale e non son da confordersi con la lingua degli Etruschi, né con quella de Messapii, né coi parlari dell'Italia settentrionale, scaturitti diretamente da fonte celtica".
(FONOLOGIA LATINA — S. Consolo p. 3-4).

Entre os vários dialetos, ou sub-dialetos dêsse primitivo e antiquíssimo itálico, veiu com o decurso dos tempos, que como em todos os demais fenômenos e sempre um grande e poderoso fator a prevalecer um que era usado pelas gentes que demoravam pela planície, que demoravam entre o Tibre, os Apeninos, os Montes Albanos e Mar Tyrrheneo.

A planície do Latim, dentro de pouco tempo, situada um pouco menos que no centro da península Itálica, veiu com o decurso dos tempos a ter o seu falar próprio e o seu dialeto, caracterizado e individualizado por caracteres fonéticos e morfológicos e sintáticos teve de superar os demais que se falavam em derredor, pelos vários povos que ocupavam a península.

Assim, êsse dialeto, superando aos poucos, os demais, não se sabe donde tinha vindo, como por alí se estabelecera, como surgira, como se caracterizaram os seus primeiros momentos que não pode isso constituir um problema positivamente científico, de querer dar à palavra, origem e intuição do primeiro instante da formação de uma coisa, de um fenômeno ou de uma instituição.

O que se constata, històricamente, é quase insondável o que, na península italiana, houve, na antiguidade prehistórica, uma infinidade de línguas ou dialetos, mais ou menos autonômicos, que as várias gentes por ela disseminadas falavam e, dêsses vários dialetos ou línguas mesmo, uma sobrelevou as demais, apesar de rudeza e guturalidade que lhe devera ser característica, própria, naquelas épocas remotíssimas.

Iapygios, etroscos, italiotas, ombrios, volescos, samunitas, sabelicos, ombro-sabelicos, Tyrrhenos ou torrebios, eram povos que formavam o confuso e complexo amalgama de gentes, de tradições, de ritos, de instituições, de costumes, de crenças, de usos que não podiam deixar, nesse sincretismo, quase caótico, de determinar formas, modalidades, divergências, antinomias e conflitos, cruzamentos e convergências, separações e consórcios, antíteses, e sínteses, — cada qual mais interessante ao pensamento, que apenas imagina, por indução, tão escassos são elementos para uma verdadeira ressurreição de tão alongada era inicial.

Em todo caso a região do Latium tinha o seu falar próprio, e que é incontestável.

As antigas migrações dos povos orientais da Ásia deviam de ter por ali transitado em remotíssima idade prehistórica e esparzido a semente de uma língua aryana, de que fora portadora qualquer povo, que baixou dos planaltos da antiquíssima Bactriana.

Os monumentos e escassas inscrições bem poucos elementos podem fornecer e têm fornecido, — mas o suficiente para que se possa fazer, a ressurreição possível, dessa origens, — hipotèticamente científicas.

A êsse período, rigorosamente pré-histórico, sucede-se o outro, que se pode denominar de arcaico, no qual já abundam inscrições e monumentos, mais ou menos autênticos.

Nesse período arcaico, que alguns escritores dilatam até o século sétimo de Roma, a datar das suas remotas e obscuras origens, vai a linguagem se tornando própria e característica, se modalizando e se autonomizando, — sucede-se o outro, de inteira formação, que os escritores levam até o século segundo da Era Cristã, — já no império de Trajano.

O terceiro período, que se caracteriza já pela manifesta decadência prorroga-se até a queda do império do Ocidente, no ano de 476 depois de Cristo, isto é, pelo ano de 1229 da fundação de Roma.

Êste último período, é o da gestação das línguas românicas ou néo-latinas se notabilizam pelo desenvolvimento extraordinário do "sermo rusticus", e do "sermo castrensis", que se contrapõem ao "sermo nobilis"..

É o período original e culminante de profunda ebulição da linguagem latina.

Quem conhece a formação, a eterna e perene fermentação em que jaz sempre a língua falada por um povo, — quem lhe sabe o constante e perseverante transformar já eliminado paulatinamente formas velhas e modismos antigos, que já não correspondem às necessidades da vida, em perpétua agitação, — já assimilando formas e maneiras novas para corresponder as idéias novas e temporâneas, — já transformando e transmutando a significação e a forma externa dos vocá-

bulos, para traduzir novas necessidades, novas categorias do pensamento, — pode imaginar como não foi tormenta a gestação, e a formação, a desenvolução de uma língua que era falada por um povo que se espalhou por todo o mundo conhecido, através de raças inteiramente diversas e espalhadas pelos vários climas e regiões do antigo continente.

No primeiro período, acima delineado, contido dentro das orgulhosas muralhas da antiga urbs, — a língua era nobre e sacerdotal, — rude e áspera, como rudes e ásperas eram as instituições e o povo que falava, contrito dentro de um orgulho indomável de um egoismo quase fero.

Mas, já neste período, de completa predominância do "sermo nobilis", encontra-se paralelamente, surgindo e moldando o "sermo rusticus ou plebeius", — que talvez, — atrevo-me eu a pensar, — representassem, um e outro, correntes e modalidades diferentes.

Importa aqui, estabelecer logo um princípio essencial da diferenciação, que os escritores não assinalam positivamente, mas que se observa, na leitura e meditação dos grandes autores latinos, num princípio criado por êle.

O "sermo nobilis" — na sua qualidade de linguagem das classes superiores das gentes romanas, dos nobres e letrados, reagiria, certamente, mais contra as invasões e as modificações inconscientes e latentes que iam trabalhando a língua grave dos primitivos e austeros fundadores e originadores da Urbs Romana — mas essa reação não foi, nem será tão profunda, como a primeira vista se pode supor.

Se os nobres e patrícios falavam a língua hierática dos seus avós, não é de esquecer que deles mesmos deveria surgir as primeiras modificações e alterações inevitáveis no primitivo dialeto que se formara no Latium sob a influência dos demais dialetos que se espalhavam pela península italiana, — incorporada em pouco século ao domínio dos Romanos, e porque trazendo consigo a contribuição glóssica, inevitável, pela assimilação dos costumes, das crenças, das instituições, dos hábitos próprios de cada uma das gentes que se vieram amalgamar e conformar o romano.

Os ritos e as solenidades religiosas, as leis e instituições sociais e jurídicas, comerciais, industriais, traziam certamente formas e vocábulos, construções, idiotismos, regionalismos e peregrinismos, — que não podiam deixar de influenciar a rigidês, o esoterismo (permita-se-me a expressão) daquelas primeiras épocas.

O "sermo nobilis", por mais fechado que estivesse, por mais trancado que estivesse a essas influências, — teve de suportá-las, subsconsciente e insensivelmente, por um processo a que as línguas, de verdadeira intuição, estão sujeitas.

As formas e as construções vão, nas línguas, se cristalizando, de modo que um dia encontramô-las acasaladas e aforadas, sem que nos

tenhamos dado conta e consciência, de como, por êsse modo, se insinuaram e se instalaram.

Ao lado dessa formação, que bem se poderia chamar inconsciente, vem uma outra forma, que no Latim, teve influência preminente.

Ao dealbar do gênio latino, começaram os seus homens sentir irresistível atração pela cultura superior e notabilíssima dos gregos, que, por aquelas, iam atingindo as primeiras gradações de sua estupenda cultura.

Subjugado ou atraído já pela superioridade da cultura e do gênio universalista e, mesmo humanista dela, ou talvez pelas resultantes de uma origem comum, relegada, para traz, muitos séculos, os oradores, escritores e poetas, só se julgavam aptos para a vida política ou forense (e ambas eram visceralmente inseparáveis) quando faziam longo estádio em terras de Grécia, ouviam os seus sábios e filósofos, seus poetas e moralistas.

Era, pois, fatalmente inevitável que o idioma grego se infiltrasse, não sòmente no tocante ao seu vocabulário, mas também quanto à sua sintaxe.

O "sermo nobilis" inçava-se, pois, de novos elementos de origem e formação erudita, que muitas vêzes encontramos ainda revivescente até na grafia, lardeando os escritores, dos melhores autores.

Por sua vez o "sermo rusticus", "plebeius" ou "castrensis' tomava modalidades e formas próprias, e, diferenciações tão acentuadas, mesmo entre si, que fôra êrro confudir ou estabelecer sinonimia, entre essas três modalidades.

O "sermo rusticus" era constituído pròpriamente pelas formas e modismos de linguagem própria do campo e trazidas pelas correntes campesinas que afluiam à cidade, atraídas pelo enorme centro, que, em Roma, se ia formando, — fenômeno que se encontra constatado pelos poetas, principalmente por uma das éclogas de Virgílio.

Dava-se o fenômeno mais de uma vez, repetido na história das migrações das gentes do campo para as cidades.

Assim, o "sermo rusticus", incrustava-se lentamente na velha língua patrícia que se falava no fôro e no senado.

Os ofícios e místeres do proletariado também, concorrentemente, expandiam-se para a satisfação das exigências econômicas e suntuárias da cidade que se dilatava.

A língua, por consequência, fatalmente, se afeiçoava e moldava-se, trabalhada por essa infinita série de fatores que influiam profundamente, a mirifica evolução de um povo.

Nessa época, apenas se vão esboçando afixando as formas, que, atentas ao gênio conservador e formalístico do Romano, tendiam a fixar-se mais forte, e, espontâneamente, do que em qualquer outro. As leis, os costumes e escritos insculpidos no bronze e nos livros sa-

grados, sob a guarda de sacerdotes propiciavam o trabalho dessa fixação, — talvez mais do que a natureza severa e rude que iam fundindo as primitivas "gentes".

Dessa forma, enquanto a convergência dessas três linguagens, faladas pelo mesmo em épocas simultâneas, através apenas as mutações próprias da História e as influições, cada vez mais complexas, relativas aos estádios de sua desenvolução, ocorria, ao mesmo tempo, o fenômeno já hoje incontestado da perpétua e diuturna modificação, insensível e inconsciente da linguagem.

Tanto mais agitada e intensa era a vida política, jurídica e social do Romano, quanto mais intensas eram as transformações da língua que falavam amo-grado o gênio conservador que les foi próprio e o caráter hierático e esotérico que forravam, por assim dizer, as suas instituições.

A língua severa, que era um privilégio das castas sacerdotais, dos magistrados, do senado, do forum e do templo acastelava-se nos seus intransponíveis redutos, enquanto, lá embaixo, nas últimas camadas da plebe, que se agitava já para comparticipar da vida social do "Populus Quiritium Romanorum", nascia e se conformava, dentro do mesmo organismo, — ocorria a gestação profunda da nova língua.

Ao lado dessa língua nobre e rígida, que era o "sermo nobilis" Hierático, sacerdotal e jurídico, o povo inoculava o "sermo plebeius", o camponês, o egresso e recem-chegado, enxertava-lhe vocábulos e idiosicrasias do falar dos campos; e o soldado que regressava dos campos de batalha, semeados já em todos os sentidos no continente, era também portador das novas formas que tiveram de empregar pelos acampamentos, ao contato de novas gentes e novas línguas: formavam assim uma outra modalidade, que era o "sermos castrensis".

Assim temos elementos em ebulição, nos primeiros momentos da história evolutiva da língua falada pelo Romano, — após a fusão dos primitivos dialetos peninsulares, que nela se tiveram de fundir e da influição do dialeto grego que lhes advinham das correntes gregas que se espalharam por todo o Mediterrâneo, — as próprias correntes, que se poderiam chamar ontogenéticas, — que se concretizam nas linguagens — "sermonis nobilis", "plebeius", "rusticus" e "castrensis", estabelecendo-se, assim, as diferenças que escaparam aos mais eminentes escritores do assunto, — como o prof. S. Consoli.

VI

A concorrência dos três modos de falar do "sermo nobilis", do "sermo rusticus", do "sermo plebeius" e do "sermo castrensis" — dadas as diferenças autonômicas, — que nelas se determinar como a reação gramatical, iniciada primeiramente.

BIBLIOGRAFIA

La Ciencia del Lenguaje — Max Muller.
Les Indo-Europsens — R. Vam Jhering
La Langage — J. Vendryes
Essai sur la origine des langues — J. J. Rosseau
Notion d'etymologie classique — P. D. Bernier
Grammaire comparée du grec et du latin — Paul Regnaud
Dictionaire Etymologique latino — Michel Breal
Grammaire de la langue greoque — A. F. Maumoury
Nouveau Larousse Ilustré — 8 vols.
New International Dictionary — Webster's
Dictionaire Grec-Français — A. Bailly
Dictionaire de la langue Français — E. Littré
Grammaire des Langues Romanes — F. Diez — 3 vols.
Grammaire des langues Indo-Européennes — P. Bopp
Comparatine Grammar of Greck and Latin — Victor Henry
Grammaire Latine — H. Brelit
Grammaire comparée des langues blassiques (sanscrito, grego e latim)
Etude comparative des langues Indo-Europennes — Meéllet
Principes d'analyse et de composition — Ch. Lebaigne
Gramaire Litteraire — P. Larousse
Les Amours — Ovide
Les heroides — Ovide
Les Fast es — Ovide
Oeuvres completes de M. V. Martial
Oeuvres completes de Apulée
Oeuvres completes — Cesar
Oeuvres completes — Catulle
P. Virgili — Opera

Quinet i Haratii Flacci
Oeuvres completes — Salvestre
Ttiti Livii Patarkini — Les Memoralites
Oreide — Metamorphoses
Anthologie des Paetes Latins — A. Waltz
M. T. Ciceronis Orationes
M. T. Cicero — O
M. T. Cícero — Los oficios
M. T. Cícero — Los dialogues
M. T. Cícero — De Republica
M. Fábio Quintiliano — Instituições oratorias
Tacito — Annais
Petronio — Sataricon
Juvenal — Sátiras completas
Pedro — Fábulas
Obras — Xenofonte
Obras — Isocrates
Líricas gregas
Bucolicos gregos
Oeuvres completes de Plutarco
Oeuvres completas de Aristofanes
Oeuvres completes de Tucidedes
Oeuvres completes de Euripes
Oeuvres completes de Polibio
Oeuvres completes de Luciano
Oeuvres completes de Flavio José
Homero — Odisséa
Homero — Ilíada
Júlio César — Comentários

DIREITO CIVIL — PROGRAMA DO CURSO

(3ª Cadeira do 4º Ano)

Araújo FILHO

Das obrigações

I — Do dever moral e do dever juridico: das obrigações na sua acepção jurídica. da Conceito da obrigação: seu fundamento psicologico. Evolução historica da obrigação.

II — Do sujeito e do objeto das obrigações; em que consiste a indeterminação do sujeito das obrigações. Como se dividem as obrigações.

III — Das modalidades das obrigações: das obrigações naturais; das obrigações de dar coisa certa; das obrigações de fazer e não fazer.

IV — Das obrigações alternativas: das obrigações condicionais, das obrigações a termo.

V — Das obrigações divisiveis e das obrigações indivisiveis. Divisibilidade e solidariedade das obrigações: diferenças e similitudes.

VI — Credores e devedores de obrigações: suas posições recíprocas. Pluralidade de credores e devedores.

VII — Obrigações com cláusula penal. Diferença da cláusula penal da obrigação alternativa. Remissão da cláusula penal: quando é possível.

VIII — Efeitos das obrigações causa da extinção das obrigações em Direito Romano e no Direito Moderno.

IX — Do pagamento: quem deve fazer e a quem deve ser feito, onde e quando deve ser feito, do pagamento indebito.

X — Da consignação; da subrogação e da imputação: formas e efeitos.

XI — Da dação em pagamentos; da novação; da compensação; da transação.

XII — Da confusão; da remissão; da prescrição libertadora: condições da prescrição: suspensão e interrupção da prescrição: Da imprescritibilidade.

XIII — Efeitos da inexecução das obrigações: da culpa, do caso fortuito e da força maior.

XIV — Da transmissão das obrigações. Da sessão de créditos: espécies jurídicas que se não devem confundir com a sessão. Realidade da sessão de dívida.

XV — Fontes das obrigações: dos contratos e sua classificação.

XVI — Da doação: sua constituição, formas espécies e efeitos.

XVII — Do depósito: sua constituição, formas, espécies e efeitos.

XVIII — Do mandato e da gestão de negócios: sua constituição, diferenças, formas, espécies e efeitos.

XIX — Da compra e venda: sua constituição, forma, espécies e efeitos.

XX — Da permuta: sua consittuição, forma, espécies e feitos.

XXI — Da locação: sua constituição, forma, espécie e efeitos.

XXII — Da edição: natureza desse contrato. Direitos do autor; direitos do editor. Resolução e recisão do contrato.

XXIII — Da sociedade: natureza do contrato. Da sociedade civil e da sociedade comercial. Da parceria agrícola a pecuária. Forma e modos de administração. Da dissolução da sociedade.

XXIV — Do contrato de seguros: espécies e formas. Da apólice, dos seus requisitos e das suas espécies. Obrigações recíprocas do segurado e do segurador.

XXV — Da constituição da renda: origens, fontes e formas do contrato.

XXVI — Das cauções em geral. Da fiança e sua natureza jurídica; objeto, formas, espécies e efeitos do contrato.

XXVII — Dos contratos aleatórios, do jôgo e da aposta; suas diferenças.

XXVIII — Das obrigações extra-contratuais: obrigações ex-delitos, das condiciones. Da actil Pauliana.

XXIX — Síntese geral do Direito das obrigações: Sua posição e importância no Direito Internacional Privado.

LATIM

(PROGRAMA DE CULTURA LATINA)

F. P. DE ARAÚJO FILHO

1 — Vantagens do ensino das línguas clássicas: o grego e o latim. Rápido escorço da história comparada das suas línguas.

2 — Noções elementares — do alfabeto latino. Prosódia elementar: quantidade das sílabas.

3 — Dos nomes e das flexões: gênero, número e caso. Declinação dos substantivos.

4 — Declinação dos adjetivos qualificativos e determinativos.

5 — Declinação dos pronomes. Classificações e flexões pronominais.

6 — Flexão verbal: das conjugações latinas. Formas propriamente verbais e nominais do verbo.

7 — Das palavras invariáveis.

8 — Da sintaxe latina comparada com a sintaxe portuguesa, noções elementares da sintaxe, do nome, do verbo.

9 — Tradução gradativa dos clássicos: Virgílio, Tito Lívio, Tácito e Horácio.

CELEBRANDO O CENTENÁRIO

ASPECTOS POLÍTICOS DA VIDA DE ARAÚJO FILHO

André ARAÚJO

Araújo Filho sempre foi um pensador político.

Sua vida foi uma ação humilde e reflexiva da consciência que êle incorporava, representativa de sua personalidade.

Moralista, sincero, pobre, abolicionista, republicano, jurista, filósofo, amigo da pobreza. Tôdas essas armas aplicou ao bem comum, pôs ao serviço da honestidade, balizando sua vida, no esfôrço de ser exemplo de dignidade, lealdade ao direito, à justiça social, ao ideal de amor ao próximo, aos pobres, aos infelizes.

Não se rastejava aos pés dos mandões de sua época. Reagia sempre, desde que fôsse necessário. Teve grandes lutas com o oficialismo e as conveniências político-sociais dos tempos em que viveu.

Seus grandes instrumentos de ação eram o poder da oratória assombrosa e a palavra miraculosa.

Seu verbo satirizava, embalava, seduzia, tinha poderes extraordinários.

Suas qualidades de artista, sua cultura, sua formação, tudo nele fascinava: a bela dicção, a gesticulação nobre e espetacular, a simpatia humana, a adjetivação soberba e eloqüente, irresitível.

Na tribuna pública, nos dias de festas patrióticas, na tribuna do juri, na tribuna da Assembléia Legislativa, nas comemorações cívicas, nos improvisos, nas lutas políticas, na defesa dos humildes, dos acusados, dos pequenos, das viúvas, era sempre o homem extraordinário.

Na sua vida, para se conhecer êsse homem, basta citar as seguintes causas que abraçou: a abolição ao lado de José Mariano, Joaquim Nabuco,

o ideal republicano, ao lado de Martins Junior,
a luta contra Barbosa Lima e Rosa e Silva, em Pernambuco,
a luta contra a reforma da Constituição do Amazonas, em 1 917,
a luta contra as injustiças sociais que golpeiam a pobreza em geral.

Era um verdadeiro democrata. Sua individualidade terminava, onde começavam o direito e a liberdade dos outros.

A abolição, viveu-a na própria carne como mulato que era.

Tinha a consciência filosófica do problema, com sua formação cultural européia, francêsa, italiana, face a certos autores que eram leituras constantes: Dante, Gianbatista, Vico, Lucrécio, Carlyle, Montesquieu, Cícero, Virgílio, Pitágoras, Jhering, Martins Junior, Laurindo Leão, Ruy Barbosa, Andrade Filgueira, Pontes de Miranda, Tobias Barreto, Sylvio Romero.

Suas lutas pela educação se enquadravam através de Parecer de Ruy Barbosa, sôbre o ensino no Brasil.

Com Ruy, foi apologista da eleição direta, através da chamada Lei Saraiva de 1 881.

Na questão religiosa, manteve-se ao lado de Dom Vital, o martir da Igreja, pois achava Dom Vital um vulto espartano das convicções livres que cada homem pode adotar.

Admirava Floriano Peixoto, como caboclo da linha de introversão de Euclides da Cunha.

Nas campanhas políticas, mais acirradas, algumas dezenas de habeas-corpus requereu em favor da liberdade de seus partidários silveristas.

Uma vez, certa noite, em casa de Geraldo Rocha, à rua Ramos Ferreira, esquina da rua Tapajoz, foi preso, conduzido a pé, em paletó de pijama, até a Chefia de Polícia do Dr. Ricardo Amorim, chefe de polícia, a êsse tempo.

Nas suas rodas de amigos com os moços, os estudantes, os colegas bacharéis, pontificava, educando, politizando nas palestras, nas conversas, nos diálogos sôbre filosofia, história, direito, liberdade, democracia, civilismo, povo.

Orador de fôlego, esteve com Ruy Barbosa, na campanha civilista contra a candidatura do Marechal Hermes da Fonseca, apesar de **"pinheirista"**.

Nas campanhas eleitorais, preferia os diálogos com os homens inteligentes pelos cafés "Itatiaia", "Riche", a "Bolsa Universal", a "Bohêmia", o "Quintas", a "Confeitaria Bijou", o "Grande Hotel", o

"Cassino", o "Rendez-vous Forense", clubes como os "Terríveis", o "Pavilhão".

Tomou parte ativa na revolução do Tenente Ribeiro Junior, a cujo movimento se incorporaram Adriano Jorge, Waldemar Pedrosa, Alvaro Maia, Marciano Armond, Coriolano Durand, Carlos Mesquita, Francisco das Chagas de Aguiar, Crisanto Jobim, Paulino de Brito Filho, Salvador Carlos de Oliveira e todo o povo do Amazonas, que explodia como uma necessidade social.

Araújo Filho era um campeão do Direito e da Justiça.

Foi, com Waldemar Pedrosa e Alvaro Maia, advogado dos revoltosos, dos oficiais do Exército e da Marinha, como Ribeiro Junior, Simas, Magalhães Barata, Azamor, Lins e outros que deram tudo do seu idealismo e do seu patriotismo.

Era a luta suprema contra a tirania que vinha de longe.

Regia o povo a ardência dos discursos proféticos de Ribeiro Junior, Araújo Filho, Alvaro Maia, Coriolano Durand, Crisanto Jobim.

Essa revolução de 1 924, teve, para Araújo Filho a função de reabilitar a Liberdade, o moto livre, da reeducação política, do restabelecimento da ordem, da honestidade, da honra da pátria vilipendiada.

Araújo Filho era uma bandeira. Na vida foi um missionário do bem social.

Numa de suas campanhas para Presidente da República tomou o partido de Ruy contra o Marechal Hermes. Noutra, seguiu Nilo Peçanha e J. J. Seabra. Foi êle quem saudou Nilo ao pizar no Amazonas, em nome do comité amazonense, em 4 de outubro de 1 921.

Entendia Araújo Filho que "a ciência, as letras e a política, — no verdadeiro e nobre sentido do vocábulo, andaram sempre, em todos os tempos e em tôdas as partes, em esplenderoso — conúbio". Êsse trecho de discurso é uma síntese esplêndida de como compreendia a política, e está êle publicado no "Manaus Jornal" de 5 de outubro de 1 921.

Elegeu-se deputado estadual, e, nessa função rompeu com o Governador Jônatas Pedrosa, porque êste entendia querer reformar a Constituição Estadual. Tudo se fez para que Araújo Filho não combatesse, da Tribuna Legislativa, essa reforma.

De outra feita, pretendeu eleger-se Deputado Federal. Seu sonho morreu porque o seu pior adversário fôra Dorval Pires Porto, que se fez seu inimigo, visto entender que Araújo Filho iria prejudicar-lhe na votação que tivesse na campanha. Não se elegeu, porque já nesse tempo a política era feita à base de conchavos e de dinheiro.

A política agitada em Pernambuco, vivida através das agitações de homens da capangada marianista, — sempre preocupou o espírito equilibrado de Araújo Filho.

Os escuros das margens do Beberibe, dos sombrios sobrados esguios do Recife, nas ruas "Imperial", "Augusta", da "Praia", e praças como a do "Conde d'Eu", tristes, — são algo fantástico, tudo dava ao Recife um aspecto de insegurança.

Nos fins do século passado, tudo assombrava ali.

A bexiga, a peste bubônica, a febre amarela, a colerina, pintavam de espectral, a vida social de Pernambuco.

Os fidalgos, os valentes, tinham representantes em tipos como Barbosa Lima, Rosa e Silva, nos Cavalcanti, nos Rego Barros, nos Nascimento Grande, nos "praieiros", nos "Chico Macho".

Pernambuco de Barbosa Lima; do populismo de José Mariano, da violência de José Maria, da filosofia de Martins Junior, entrava em choque, em certos pontos com o jurisdicismo de Araújo Filho e de Martins Junior.

A agressão, o chicote, a capoeira, a faca, o rabo de arraia, êsse Recife bárbaro dos fins do século XIX, repugnava ao espírito de meu pai.

Araujo Filho era um democrata, um jurista, — condenava a fôrça, a ilegalidade, o assassinato.

A faca, a cabroeira, bem como a cartola, o croisé, a bengala de volta, a botina de botões dourados, tudo isso também era hostilidade ao espírito simples, democrata de Araújo Filho.

Disso tudo, meu pai só teve um hábito que manteve: — o uso do desassombro moral, da coragem de homem íntegro.

Republicano por índole, abolicionista visceral como Castro Alves, Joaquim Nabuco e Martins Junior, era o defensor dos oprimidos, dos pobres. O pensador, o latinista, o helenista, o orador consagrado, o discípulo amado de Martins Junior, espantavam quando falava, ou discursava.

Teve sua formação moral vinda dos exemplos de Nunes Machado, na mentalidade "Praeira", dos "Chimangos", dos "liberais", dos "progressistas".

O Desembargador Joaquim Nunes Machado, chefe do partido liberal, foi, ao tempo da revolução praieira, a figura mais extraordinária de Pernambuco, e um dos vultos que meu pai mais admirava.

Araújo Filho soube viver fatos que aconteceram fora de seu tempo, mas no seu século.

Tôda a opressão de uma política do passado, refletia nele, quando resolveu abandonar Recife, em busca de ambiente mais humano: imigrava do meio hostil.

Quando falava de José Mariano Carneiro da Cunha, sempre citava a têmpera dêsse velho político, um certo espaldeiramento que sofrera no Campo das Princesas.

Admirava Dom Vital na sua luta pela pureza da fé.

Foi êsse temperamento pela independência e pela liberdade, pelo direito e pela Justiça que levou Araújo Filho a certas contendas, ao ostracismo em que sempre viveu, ao combate que sempre lhe fizeram, na surdina, de certas infâmias e calúnias.

Só teve um chefe político verdadeiro em sua vida: José Isidorc Martins Junior, jurista, filósofo, poeta, historiador, professor de gerações pernambucans, orador, escritor, político.

Em 1 894 soube de uma prisão de caráter político que sofreu José Mariano Carneiro da Cunha. Isso o indignou.

O Brasil fervia no auge de uma política desastrada.

Perseguições nos Estados, guerra civil no Rio Grande do Sul; o bombardeio de Custódio José de Mello, no Rio; Barbosa Lima, em Recife comete violências; Martins Junior rompe com José Mariano, tudo lhe produz incompreensão. A Fortaleza do Brum é depósito de presos políticos. Nela também é preso Barbosa Lima.

Uma vida agitada pelo talento e pela angústia do tempo e da idade em que vivia, — como em protesto contra uma época de inseguranças nos direitos do homem, — em princípios dêste século, — parte da Cambôa do Carmo, num navio do Loide Brasileiro, o homem livre, o cidadão Francisco Pedro d'Araújo Filho, para o Amazonas, em 23 de junho de 1 904, trazendo formado um nobre caráter, uma cultura humanística respeitável e uma certidão de bacharel em direito pela Faculdade do Recife.

A influência político-social do meio pernambucano, levou, pelo seu temperamento, a ligar-se, em Manaus, ao caudilhismo de Pinheiro Machado e a Silvério José Nery, engenheiro inteligente que se cercava de um grupo notável de homens cultos: Julio Nogueira, Porphyrio Nogueira, Geraldo Rocha, Paulino Jucá, Telesphoro de Almeida, Estévão de Sá Cavalcanti de Albuquerque e tantos outros.

A aventura amazônica o seduziu. Aqui encontrou um outro ambiente humano.

Aqui encontrou nova vida como nordestino. Transferiu-se com a gente da terra, embora, depois não fosse bem compreendido.

Manaus era uma clareira, ante o negror da política pernambucana.

Manaus, com a sua gente, sua cultura, seu cosmopolitismo, cheia de portuguêses, italianos, inglêses, alemães, francêses, polacos, barbadianos, hespanhóis, marroquinos, judeus, árabes, aqui, meu pai se sentiu a caminho de uma plenitude de vida intelectual.

Para cá vinham levas de pernambucanos: Estévão de Sá Cavalcanti de Albuquerque, Bonifácio de Almeida, Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro, Paulino de Melo, João Luna e seus irmãos, Gandra, Narzeu, João de Albuquerque Maranhão, Alcedo Marrocos, Paulino Jucá,

Gaspar Guimarães, Carlos Dias Fernandes, Gonçalves Maia, João Barreto de Menezes, Trajano Chacon, etc.

Nesse tempo Manaus era a terra da boemia. Bebia-se muito. Havia mulheres de fama extraordinária. As companhias portuguêsas e italianas que estiveram no famoso Teatro Amazonas foram portadoras da fama dos homens e do dinheiro do Amzonas.

Num grande mundo intelectual, pontificavam as figuras pernambucanas, atrás referidas e mais homens como Anibal Theophilo, Carlos Dias Fernandes, Euclydes da Cunha, Alberto Rangel, Quintino Cunha, Firmo Dutra, José Veríssimo, Inglês de Souza, Adriano Jorge, Gilberto Saboia, Mello Rezende, Caio Valadares, Alcides Bahia, Marciano Armond, Ribeiro da Cunha, Plácido Serrano, Agnelo Bittencourt, Coriolano Durand, Araujo Lima, Heliodoro Balbi, Paulino de Brito, José Chevalier, Adelino Costa, Anísio Jobim, Benjamim Lima, Lopes Gonçalves, Generino Maciel, Maranhão Sobrinho, Bertino Miranda, Miranda Simões, Monteiro de Souza, Jorge de Moraes, Julio Nogueira, Nunes Pereira, Salvador Correia de Oliveira, Vivaldo Lima, Astrolábio Passos, Waldemar Pedrosa, Vicente Reis, Rocha dos Santos, George Hubner, Theodoro Rodrigues, Henrique Rubim, Sá Peixoto, Sant'Ana Nery, Otávio Sarmento, J. B. Faria e Souza, Péricles Morais, João Leda, Bernardino de Paiva, Aristides Rocha, Jonas da Silva, João Barafunda, Veiga Simões, Ferreira de Castro, Bernardo Ramos, Ermano Stradelli, Pedro Simpson, Estelita Tapajós, Torquato Tapajós, Anibal Theophilo, Thaumaturgo Vaz, Aurélio Pinheiro.

Um século antes, ou muitos anos antes, aqui estiveram homens como La Condamine, Alexandre Rodrigues Ferreira, Wallace, Bates, Chandless, Hartt, Agassis, Koch Grunberg, Coudreau, Barbosa Rodrigues, Tavares Bastos.

Êsse homem, Araújo Filho, era de uma inquebrantibilidade de caráter, era de uma envergadura moral que se tornou em Manaus, quasi lendária.

Sua pobreza era uma auréola; sua simplicidade, seu desprendimento pelo dinheiro, pelas cousas da vida, tinham um sentido de alta espiritualidade. O que ganhava distribuia com os que nada tinham. Há testemunhos insuspeitos dêsse lado de sua vida. Homens como Sadoc Pereira, Nuno Alvares Cardoso, Benevolo da Luz, em São Paulo, Euclides de Almeida, irmão de Eduardo de Almeida, Venâncio Igrejas Lopes, Raymundo Gomes Nogueira, Hildebrando Marinho, Comendador Agesiláo Araujo, Jacob Benoliel, Brígido Marques, podem dar um testemunho a êsse respeito.

São conhecidas atitudes como a que usou, quando em 1 913, por ocasião da reforma da Constituição, contra a vontade do Governador.

O Jornal do Comércio daquele tempo estampou o seguinte comentário que vale a pena transcrever:

"Quando da reforma da Constituição do Estado, em 1 913, o "Jornal do Comércio" publicou várias opiniões e, uma delas, dentre as que foram publicadas, salientaram-se as de Heliodoro Balbi, Elviro Dantas e outros, a do Dr. Araújo Filho àquele tempo, Deputado Estadual: —

"E oxalá que o suicídio dêste poder não seja o suicídio também do Poder Executivo. Oxalá que ao crime de suicídio, se não alie um assasinato, o deste agonizante Estado, que se verá colocado fóra da lei fóra das normas constitucionais nesta época que tem sido uma das mais aflitivas de nossa História econômica.

É lamentável que queiramos ressucitar as mais negras páginas de nossa História. É lamentável e triste, que queiramos reviver as discórdias oriundas das ilegalidades.

— É triste que se assista em pleno Século XX, esta retrogradação à anarquia, esta submissão às normas mais anárquicas que precederam a todo regime colonial.

Vai enviar à mesa, os seus dois requerimentos escritos, vai submeter à deliberação da Casa em um dêles uma questão de ordem fundamental e importante, e que lhe parece deve ser decidida antes da leitura na Mesa, do projeto de Reforma.

Em certeza de que a Lei será cumprida. Os seus dois requerimentos na forma do Regimento serão submetidos à Câmara.

Os requerimentos foram os seguintes: 1º — Requeiro que a Mesa submeta à Casa, se a mesa pode receber proposta da reforma da Constituição, em flagrante desacôrdo com o Art. 68, da atual Constituição: "a atual Constituição só poderá ser reformada de vinte em vinte anos, pela forma seguinte: — 2º — Requeiro votação nominal para a formalidade do Art. 50 do Regimento. "Auguro de más consequências à reforma", disse o Dr. Araújo Filho".

Começou recordando um verso do seu querido poeta mantuano: "Vem perto o incêndio... O projeto da reforma constitucional, faz-lhe pressentir o incêndio terrível, funesto e fatal, que se há de manifestar em pavorosas lutas partidárias provocadas pelas alterações que se querem introduzir em nossa carta política, com o fim único e criminoso de amoldá-la às conveniências de determinada pessoa, adaptando-a a interesses de ordem exclusivamente pessoal. É presente os sintomas dêsse incêndio, porque foi assim, por uma reforma constitucional que começaram a suceder no quatriênio transato os fatos deploráveis perpetrados pela politicagem que foi ao auge, produzindo flagelos do jaêz do BOMBARDEIO.

Nessa parte de seu memorável discurso, foi o Dr. Araújo Filho, interrompido por uma saraivada de apartes, que choviam de todos os lados. Chamavam-se aos gritos, protestava-se aos brados, gesticulava-se estabanadamente, tôda a bancada vibrava. Os tímpanos soavam en-

surdecedoramente. Alteraram-se os ânimos e o eminente jurista continuou sem dar ouvido à gritaria..."

Conhecia os defeitos, as absurdidades da atual Constituição amazonense. Os aleijões, ou melhor, o seu espírito de conveniência, ressaltáva-se palpável. Mas era lei. "Dura Lex Sed Lex". E citou, em longa digressão, constituições de diversos países, que jamais haviam sido reformadas, em virtude do espírito do regime. Demonstrou a desnecessidade da reforma, em consequência de se poder aplicar com bom êxito, más leis — contanto, que se saiba aplicá-las, e a sua inviabilidade, em virtude do Art. 68, da própria Constituição. Reconhecendo no atual Governador (Dr. Jonatas Pedrosa), qualidades elevadas de homem patriota e bem intencionado, cria não carecer êle de tal desrespeito à Lei, para levar avante a obra de salvação do Estado.

Aparteou-o neste momento o Dr. Aristides Rocha, que disse ser a reforma de iniciativa exclusiva do Poder Legislativo, nada, portanto, influindo nela, o Chefe do Executivo, porquanto nem o aparteante nem os seus companheiros, haviam sequer consultado sôbre tal assunto, o Dr. Jônatas Pedrosa.

Meus senhores, disse então o Dr. Araújo Filho, se alguém disser lá fóra, que eu nesta Camara, quebrei um dever de cavalheiro, acrescente logo que a isso fui arrastado, que disso foi culpado o Dr. Aristides Rocha. Contou então que, há dias recebera naquêle próprio recinto, um cartão do Dr. Jônatas Pedrosa, Governador do Estado convidando-o para uma conferência em palácio. Fôra; e lá chegando soube pela boca de sua Excelência, que o motivo daquele chamado, era pedir-lhe sua assinatura do projeto de reforma da Constituição. Negára-a, entretanto, lealmente, explicando-lhe as causas de sua inaquiescência. Referiu-se ainda à autonomia dos Municípios que fica cerceada pela nova Constituição. O Dr. Araújo Filho terminou, fazendo um apêlo ao Governador do Estado para que sustasse a consumação dêsse inominável desrespeito à Lei e ao Direito.

Mais tarde, tendo o Dr. Dorval Pires Pôrto procurado defender o projeto de reforma, dizendo que ela representava o desejo do PRC., o Dr. Araújo Filho declarou que, se lhe mostrasse alguém, um telegrama do Senador Pinheiro Machado aprovando a reforma se comprometia a renunciar o mandato de que está investido...

Homens de fibra e orgulhosa idoneidade moral, da têmpera daquêles, que compunham aquelas Assembléias no passado, tornam-se hoje, raríssimos... e quantas Constituições estaduais já foram reformadas.

Eis aqui, senhores, mais uma página política do passado..."

HOMENAGEM A ARAÚJO FILHO

Sadoc PEREIRA

(Esta oração foi escrita para a comemoração do centenário do confrade Francisco Pedro de Araújo Filho, cuja sessão, embora programada, não se realizou).

Nos dias de minha adolescência me vinha frequentemente às mãos um jornal daquela época, em cuja primeira página, ao alto e junto ao cabeçalho, se lia sempre, em todas as edições, como justificativa talvez de sua atuação na imprensa, este pensamento de Victor Hugo: "II est toujours permis, même ax plus faibles, d'avoir une bonne idée et de la dire."

Sucederam-se os anos e aquela gazeta desapareceu da circulação. Foi-se-me a mocidade. Homem feito, continuei a palmilhar a estrada do meu destino, tropeçando por seixos e calháus, até atingir o alto da montanha.

Hoje, passado o píncaro da existência, quando os cabelos brancos me advertem, a todos os instantes da próxima e ingreme descida, eis que de súbito me acodem à lembrança aquelas palavras, outróra lidas, do excelso cantor da "Legenda dos Séculos".

E surgem-me à memória, emergindo do subconsciente, para estimularem-me, induzirem-me e arrastarem-me a uma atitude que talvez surpreenda de muito os que me ouvem neste instante, por contrária à minha índole e ao revés de meu natural retraimento.

Comparecendo à festa desta noite, eu me associa de alma e coração à homenágem que aqui se presta à memória de Araújo Filho.

Não me contentaria com uma demonstração tácita desse propósito apenas com a minha presença. Vejo-me animado e movido por um impulso íntimo a externar em público e de viva voz a minha adesão a esta solenidade, louvando e exaltando a feliz idéia que hoje se concretiza na justa consagração de um dos vultos mais eminentes que

perlustraram o fôro deste Estado e do Brasil.

Era eu muito jovem (e lá se vão muitos e muitos anos), quando c o n h e c i Araujo Filho. Vi-o pela primeira vez, recem-chegado de Pernambuco, sua terra natal, ao fazer uma conferência no Teatro Amazonas, sobre a personalidade de Martins Junior, sendo interrompido, a cada passo em sua oração pelos aplausos frementes e calorosos da assistencia, fascinada, enlevada pela sua palavra fulgurante e arrebatadora.

Mais ou menos por esse tempo tiveram o Estado e o Municipio de sustentar um importante pleito judicial contra a emprêsa "Manaus Markets" que pretendia anular um ato do governo, a fim de manter-se na exploração, que antes vinha fazendo, do Mercado e Matadouro em prejuizo do povo.

A demanda era, — não há dúvida, — da máxima relevância, já pelos interesses coletivos em fóco, já pelas multiplas questões de direito que teriam de ser agitadas em juizo.

Era mister que os poderes públicos tivessem um patrono na altura da causa e capaz de arcar com as responsabilidades dela decorrentes. E nessas condições logo se impôs o nome de Araújo Filho, a quem foi confiada a defesa do Estado e da Prefeitura.

Na ocasião em que o grande causídico patrocinava esse pleito, fui eu, então um rapazola, bater à sua porta.

Ao ser recebido, fizeram-me entrar para o escritório de Araujo Filho, onde estava instalada a sua biblioteca. Enquanto esperava o dono da casa não pude dominar a curiosidade de observar os livros nas estantes.

Ali estavam as obras dos autores nacionais e portugueses, ao lado de tratados de escritores franceses, italianos, espanhois, ingleses e alemães, todos em suas linguas originais. Adiante, junto ao Código Filipino, e em latim, o Corpus Juris e as Institutas.

Tornara eu a lêr a lombada de algumas obras, que me haviam despertado particular atenção, pelo número de seus volumes, quando um rumor de passos me anunciou a presença de alguem.

Voltei-me — e ví à minha frente a figura do grande tribuno. Senti-me abalado e confuso. Achei-me pequeno diante daquele homem que, se não era grande pela estatura, o era, incontestavelmente, pelo saber.

Não sei dizer se me afigurava, naquele momento, um liliputiano em frente de Guliver, ou o próprio Guliver em face de um daqueles gigantes de Brobdignac.

Araujo Filho falou-me. Exprimia-se com brandura e simplicidade, em linguagem muito diferente daquela que eu lhe ouvira nos seus discursos.

Pareceu-me até que empregava expressões corriqueiras, — e isso me alentou, diminuindo a emoção do primeiro instante. É que êle fôra

professor, havia dirigido um colégio em Pernambuco e sabia falar aos jovens e adolescentes.

No decorrer da conversa, vieram-lhe algumas perguntas a meu respeito. É estudante? — interrogou-me.

Já o havia sido. Estivera no Ginásio Estadual e havia estudado com professores particulares, fazendo exame de humanidades (os chamados exames preparatórios naquela época) para o curso juridico, que até então não pudera seguir, por ser ministrado no Recife.

Morrera meu pai; e, como filho mais velho, tivera de procurar uma colocação, para manter a família. Trabalhava na Prefeitura. Ocupava-me em lavrar portarias, fazer informações e redigir ofícios, naquele estilo por demais conhecido e trivial, que é de todos e não é de ninguem.

Comparecia ali à residencia de meu interlocutor, com uma carta, por determinação do chefe de minha repartição, — Domingos de Andrade, — para missão que eu ignorava até aquele momento, porque ele sobre isso não me havia elucidado.

Foi Araujo Filho quem ma explicou, pois, sem conhecer-me, já me esperava e sabia o fim de minha visita.

Dentro de poucos instantes estava eu sentado diante de uma mesa, sobre a qual havia papel, caneta e tinteiro. Ia escrever.

Araujo Filho, folheando um grosso volume de autos, — uma questão da "Manaus Markets" contra o Estado e o Municipio, — começou, de pé, a ditar-me umas razões, indo e vindo de um extremo a outro da sala.

Iniciou o trabalho formulando o conceito de monopólio, e expondo as suas consequências. Apezar da aridez do assunto, eu me sentia encantado pela sua exposição, feita em uma linguagem límpida e elegante.

As frases, ditas de improviso, eram fluentes, cadenciadas e harmoniosas, soando, por vezes, aos meus ouvidos, no arrematar dos periodos tersos, ora como redondilhas ou decassilabos, ora como perfeitos versos alexandrinos.

Quando Araujo Filho entrou propriamente na discussão da causa, maior foi a minha surpreza. Analizando as alegações do advogado adverso, ia ele destruindo-as uma a uma, com uma argumentação admiravel e tremenda.

Houve um momento em que Araujo Filho, defendendo uma tése formulou uma objeção. Aludia a uma proposição feita pelo antagonista. E começou a explana-la.

Tive, a principio, a impressão de que o patrono do Estado e do Municipio havia oferecido por suas proprias mãos, um elemento formidavel para a vitória da parte contrária.

Como se compreende, — indagava eu no meu íntimo, com a minha inexperiencia, — que viesse ele combater e aniquilar daquela maneira a pretensão de seus constituintes?

Nisto, Araujo Filho ditou-me uma frase curta e incisiva: "Mas não é assim". E começou de novo a examinar o caso, desenvolvendo novos raciocinios.

Em breve, a conclusão que ele apontara da primeira vez e que me havia parecido evidente e irrefutavel, estava por terra, totalmente destruida, reduzida a frangalhos.

Era assim a sua lógica.

Duas cousas sempre me impressionaram nos trabalhos de Araujo Filho, desde aquele momento: o estilo claro, vibrante, cheio de harmonia, e a sua dialética, que era irretorquivel e esmagadora.

Quando aqui se fundou a Faculdade de Direito, foi Araujo Filho nomeado para reger uma das suas cadeiras. Quasi sempre, entretanto, lecionava três ou mais disciplinas, revelando em todas elas os seus profundos conhecimentos, ao tempo em que os professores não tinham remuneração.

Tornou-se o mestre querido das gerações de jovens que por ali passaram.

Fui dos primeiros que de inicio se matricularam naquele estabelecimento de ensino, e antes de terminar o curso fui levado pelas mãos de Araujo Filho, que me ministrara um curso, para obter, como obtive, uma provisão de solicitador. Passei a labutar com o mestre, como auxiliar de seu escritório.

Ainda depois de alcançar o diploma de bacharel em direito, permaneci a seu lado, com êle trabalhando no patrocinio de numerosas demandas.

Foi, — preso-me em dize-lo, — no convivio de Araujo Filho, recebendo os seus sábios ensinamentos, que consegui formar grande parte do meu pequeno e diminuto cabedal juridico. À sua assistência diuturna devo o ter desvendado as primeiras noções de Hermenêutica e da Tecnica Judiciária, para os embates da advocacia, bem como para o exercício da magistratura, e para o desempenho do magistério, sem brilho sim, mas, mercê de Deus, com eficiência e sobretudo com dignidade.

Disse alguém, cujo nome não me ocorre, que — "quem possui o bem, não o pode guardar para si só e tem de difundi-lo".

Era, precisamente, o caso de Araujo Filho, como semeador de bondade e de beleza.

Muitos foram os seus discípulos, pois muitos foram aqueles a quem mitigou a sêde de saber.

Se eu tivesse de estabelecer um paralelo entre o homenageado de hoje e um dos grandes vultos da história, iria encontrá-lo, sem esfôrço, lá Grécia antiga, na figura simpática de Sócrates.

Como disse, tive, durante largos anos, a suprema ventura de gosar de sua convivência; e nesse interregno sem conta foram os gestos nobres que lhe presenciei, — muitos deles capazes de demonstrar por si e iso-

ladamente, a intangibilidade de um caráter peregrino e a excelsitude de um coração magnânimo.

Não me é possível, neste momento, falar dêsses episódios de vida de Araujo Filho, que Pericles Morais, em um trabalho que é uma jóia literária, já qualificou de "luminosa".

Não conheci orador que o pudesse exceder ou igualar na tribuna judiciária, quer pela eloquência, quer pela cultura e erudição.

Não há ramo das ciências jurídicas em que não revelasse vastos e profundos conhecimentos. Existem nos cartórios do Palácio da Justiça, no bojo de numerosos autos, razões de sua lavra, que são obras de valor incontestável.

Exerceu a advocacia como se desempenhasse um sacerdócio, colocando sempre acima de qualquer interesse pessoal a causa do Direito e da Justiça.

Encontrava-me, certo dia, no salão do Júri, no Palácio da Justiça, quando Araujo Filho, já enfermo e combalido, ali compareceu, pela última vez, para defender um acusado desprotegido e pobre, que, como tantos outros, invocara o seu patrocínio, apelando para o seu grande coração.

E recordo, ainda hoje, com intensa emoção o instante em que ele, — orador incomparável, — descia da tribuna, afogado em soluços, os olhos marejados de lágrimas, por vêr que a garganta atingida do mal que o levaria ao túmulo, já não podia exprimir com a ressonância e as vibrações de outrora, os pensamentos generosos, as idéias sublimes e fagulhantes que lhe turbilhonavam no cérebro fecundo e privilegiado.

Cercado de discípulos e amigos, que procuravam confortá-lo, se retirava Araujo Filho daquela sala, em cujos ângulos e arestas jamais haveria de ressoar o éco de sua voz, como sempre antes ressoara, em torrentes de beleza e em cascatas de luz.

Minhas senhoras e meus senhores:

Nascido e criado na Religião Católica; orientado, por isso mesmo, pela filosofia espiritualista, eu creio que a consciencia dos justos não se aniquila, não perece com a morte, antes se eleva e purifica, se sublima e aprimora, para alcançar a suma perfeição.

Se, por uma graça divina (ou um fenômeno extranatural) pudesse êle descer em espírito até nós e pairar neste ambiente, para receber esta consagração — eu me sentiria feliz, em vez da oração incolor que me ouvis agora, pudesse falar apenas ao homenageado, para dizer-lhe, em breves palavras na singeleza de uma prece:

Mestre amado, — o teu discípulo, — aquêle que acolheste um dia, num gesto paternal, para levares por tuas mãos benfazejas ao altar de Têmis, como sacerdote magno que eras no Templo da Justiça; —

aquele que, por longos anos, sempre a teu lado acompanhou os teus passos, no caminho do pretório; para a defesa das mesmas causas, no amparo dos mesmos direitos; — aquele que exultava nos teus dias de glória e de triunfo, e compartilhava também de teu infortúnio e de tuas dores, nas horas amargas de desilusão; — o teu discipulo aqui está, para, bendizendo o teu nome, manifestar-te um sentimento nobre e elevado, porque elevado e nobre é o sentimento da gratidão.

ARAÚJO FILHO

Agnello BITTENCOURT

Francisco Pedro d'Araujo Filho pertenceu à plêiade do espíritos mais brilhantes que, de toda parte do país, principalmente do Nordeste, partiram para a Terra da Borracha, a Amazônia, a fim de trabalhar e conseguir as benesses econômicas do progresso, localizando-se em Manaus. Filho de um cidadão de igual nome e Cândida Marreiros de Araujo, de uma honrada família de Goiania (Pernambuco), nasceu a 9 de setembro de 1870.

Araujo Filho, como geralmente era conhecido, fez seus estudos primários naquela cidade, formando-se em Direito na Faculdade do Recife, lá deixando um nome aureolado pelo esplendor do seu talento e aplicação aos estudos. Casou-se com Francelina Barbosa de Araujo. Do enlace do casal, nasceram os seguintes filhos:

Cândida Francisca de Araujo, solteira, enfermeira, professôra de artes industriais, falecida em 1959; André Vidal de Araujo, magistrado aposentado na qualidade de Desembargador do Superior Tribunal de Justiça do Amazonas, Professor de Sociologia é, no momento (1966), Secretário de Educação e Cultura do Estado, autor de várias obras de Sociologia e Assistência Social; Ruy Araujo, bacharel em Direito, funcionário federal, Vice-Governador do Estado do Amazonas; Gertrudes Gervásia de Araujo, farmacêutica; Consuelo Segunda de Araujo Avelino, viúva; Isabel Amazonina de Araujo Mendes, casada; e Martim Francisco de Araujo, funcionário federal.

Araújo Filho era um estudioso. Fez-se polimata, cuja cultura se baseava no latinismo e no helenismo. Persuadem-nos a forma e o fundo de seus discursos, o "élan" dos seus trabalhos literários e os livros abundantes na sua biblioteca.

Se tivesse procurado, não a Terra da Borracha, o que seria uma grande falta para o Amazonas, mas a Terra do Café, teria certamente voejado a montanha, onde pontificam os deuses do pensamento e das glórias da erudição.

Araujo Filho deu, no tirocínio da advocacia e no magistério superior, provas de que era profundo conhecedor do Direito Romano: As "Institutas" não lhe passavam de coisas triviais, como um lastro de erudição jurídica.

Na Tribuna do Júri, que frequentemente galgava, sentia-se em posição familiar. Parecia que a altura lhe descerrava a inspiração das imagens ilustrativas dos argumentos. Quando a sala do areópago era abrilhantada com a presença do jurista, no papel da defesa, uma seleta assistência a enchia, não para escutar a sentença, mas para colher, uma a uma, as frases do tribuno, imagem do ateniense coevo de Péricles.

Araujo Filho, em Recife, sentia-se mal, em 1904, indisposto com a política facciosa e feudal de Rosa e Silva. Partiu para o Amazonas, já um homem marcante pela sua ação social e partidária, ao lado daquele fulgurante espírito que foi Martins Júnior, deixando em Goiania, sua terra natal, fundadas diversas casas de ensino.

Em Manaus, encontrou uma notável "colônia pernambucana", assim numerosos os seus coestaduanos ali radicados, que logo o fizeram relacionar-se com a elite da sociedade manauense. Foi o ponto de partida de uma nova era, na vida de um rapaz que "chegou, viu e venceu", pois ali aportara consagrado pelo talento, pela cultura, pela honradez e disposto a trabalhar por uma terra que o recebia tão fidalgamente. Não visava à política. Sua terra o fizera um descrente. Preferiu os entreveros forenses, as questões sociais, num País de grandes surtos democráticos.

nografias que fêz publicar, algumas em alentados volumes. Como com-

Não faltaram constituintes, o que se patenteia nas múltiplas moprovação da assertiva, lembro o trabalho sob o título "Em defesa", a favor do saudoso Raul de Azevedo, antigo Administrador dos Correios do Amazonas, questão em que foi absolvido, defesa essa contendo mais de trezentas páginas. Vale por um tratado de criminologia.

Veja-se ainda um fato comprovante da inteligência e denodo com que Araujo Filho desempenhava as funções que lhe eram confiadas. Em Manaus corria a primeira metade de fevereiro de 1910. O talentoso causídico era advogado da Municipalidade de Manaus, tendo como seu auxiliar o Profesor Virgílio Barbosa. Deu-se um acontecimento

desagradável embora sem consequências funestas: realizava a Emprêsa "Manaus Improvements Ltd." a grande obra do lançamento da rêde de esgotos da cidade. Extensas e profunda valas acompanhavam os eixos das ruas. Uma delas achava-se ao lado Sul do Palácio do Govêrno do Estado, edifício de propriedade da Prefeitura. O oitão do prédio mostrava várias rachaduras e ameaçava ruir, exatamente no salão em que estava instalada a Secretaria Geral. Foi um corre-corre, pelo perigo iminente de um desabamento. Araújo Filho recebe ordem de, imediatamente, tomar as providências cabíveis no caso de um protesto, pois a origem daquele dano não podia ser outra senão a vala aberta em frente à parede, por aquela Emprêsa.

O Advogado da Municipalidade agiu com rapidez e sabedoria. Antes de anoitecer, tôdas as providências, de exame, pericia e protesto, estavam tomadas. A Emprêsa pagou quarenta contos por sua inadvertência.

Escreveu também. "Ação de Reivindicação na defesa do Município de Manaus", na tumultuosa questão com a Emprêsa "Manaus Markets", livro que mereceu o elogio de Rui Barbosa, pelo primor da forma e do conteúdo jurídico e histórico.

Disse-me o Desembargador André Araújo que seu pai escreveu para mais de quinhentos trabalhos menores, dos quais muitos chegaram a ser publicados.

Na imprensa da Capital, foi sempre um colaborador constante na "Imprensa", no "O Amazonas", na "Gazeta da Tarde", no "O Tempo", na Revista "Redenção", etc. Eram seus companheiros Virgílio Barbosa, Aquiles Bevilaqua, Alcides Bahia, Esmeraldo Coelho, João Barafunda, Heliodoro Balbi, Elviro Dantas, Araújo Lima, Regalado Batista, Benjamin Lima, Adelino Costa, etc.

Araújo Filho possuía uma das maiores e selecionadas bibliotecas de Manaus, dentro de cujas estantes refazia-se e aumentava a erudição do intelectual. Nela, encontrava-se um mundo enciclipédico armazenado, pouco e pouco durante décadas. Lá estavam clássicos latinos e gregos, como juristas nacionais.

Todos os episódios de sua vida social caracterizavam-se por um profundo desprendimento das coisas materiais. Não temia os potentados da política.

Segundo pesquisas, influiram no espírito de Araújo Filho, entreoutros tratadistas, no campo do Direito, Bovio, Lioy, Michelet, Fouilet, Carle, Pontes de Miranda, Del Vechio, Radbanon, Soumer,

Maine, Coglioto, Joufroy Benthan, Pedro Lessa, Martins Júnior, Salisoan Belen, Acarias, etc.

Da tribuna do Júri, que tantas vêzes ocupou e que era a oportunidade dos seus dias de glória, gostava de ironizar os atacantes, sem perder aquela compostura de que jamais se despojava.

Trato de um homem que foi um dos maiores amigos do Amazonas. Repetia constantemente que sua terra adotiva era uma das melhores do mundo, sem deixar de ter também seu pensamento voltado para Goiania, de onde saira em 1904. Em Manaus criou a família e faleceu a 18 de maio de 1931, sendo sepultado no Cemitério de S. João Batista.

(Do livro "DICIONÁRIO AMAZONENSE DE BIBLIOGRAFIAS: VULTOS DO PASSADO", a imprimir.

ÁGUIA-REAL DO PENSAMENTO

Genesino BRAGA

Agora, que o século o fixou melhor em nossa admiração e em si mesmo, o que se agiganta de Francisco Pedro de Araújo Filho, diante dêste conflito de idéias estéreis e enervantes que está a atingir as fibras profundas da mocidade, é o testamento de saber severo que êle, como um cânon do pensamento helenista, nos deixou. O homem que êle o fôra, luz da Sabedoria, flama imortal da Ciência do Direito e da Lei, iluminara com o seu gênio as três primeiras décadas deste século, as quais êle enchera, entre nós, da sua personalidade de riqueza humana inexcedível. A lâmpada, que, muito de fúlgure, radial, emitira as cintilas do seu espírito, ficou depois como uma estrêla a palpitar, para a contemporaneidade, no Olimpo glorioso dos pró-homens da Humanidade.

Só pela admiração, profunda e ilimitada, podemos nós daqui evocar a figura extraordinária dêsse apóstolo primaz do Direito e da Justiça, que o fôra em vida Araújo Filho, pois que dêle nos separava a altura da montanha, de cujo píncaro êle alçava os grandes vôos de águia-real do pensamento e da erudição. Adolescentes, escutávamos os ecos e a fama de seu saber, líamos as suas páginas soberbas, ouvíamo-lo, fascinados, na tribuna do Júri. Mas, nunca nos fôra dada a dita de chegar à presença excelsa do Mestre, para apertar-lhe as mãos gloriosas do tribuno, mãos que, em verdade, mais gostaríamos de beijar e de tê-las, um minuto que fôsse, protetoras e amigas, sôbre a nossa cabeça de jovem sonhador.

Agora, que cem anos decorrem de seu nascimento, agora, que seu centenário no-lo devolve à reverência, o homem-luz, que êle foi, ficou mais vívido entre nós no seu rastro luminoso, com lampejos para tôdas as épocas nas páginas que êle nos deixou, assinalando a plenitu-

de de sua cultura clássica, de seu profundo humanismo, de seu pensamento estético. Tôda a sua existência — e que existência tão curta para um gênio! — constituiu-se de um só apostolado para a conquista do aspecto formoso da vida, — o seu ambicionado Santo Graal: a Justiça. Com o seu labor, semeou benefícios até a podêres públicos, sem se preocupar com a colheita. Com o seu coração, espargiu contentamentos em volta de si, sem se ater a seus próprios cuidados. Com o seu talento, juncou de loiros o chão para a passagem do talento alheio, sem se arrecear das sombras. Minorou, com o calor do seu afeto, tanta dolorosa contingência humana. E, com a sua palavra, derramou lindezas no seu rumo, visando a aformosear os dias da Humanidade. Era o enamorado da eurritmia integral.

O Grande Imortal (assim o chamamos, porque assim a Ruy, seu mestre, êle o chamara) tivera na biografia traçada por Pericles Moraes o seu panegírico soberbo. "A Vida Luminosa de Araújo Filho" é a fonte prodigiosa de onde emanam os mais belos, justos e precisos conceitos sôbre o Mestre. Leiamos êstes trechos, destacados, aqui e ali, das páginas dêsse livro: "Aquela celsa mentalidade de escritor, de sociólogo, de historiador, de filósofo, de jurista, de animador de consciências e de multidões e, sobretudo, de advogado, ardoroso e veemente nos seus debates e nas suas pugnas judiciárias — Araújo Filho, pelos recursos de sua dialética irrivalizável, conquistara os loiros de primaz da tribuna criminal no Amazonas, o advogado das grandes causas difíceis e perigosas". "Era um acumulador de energias morais e intelectuais", "um homem raro, que foi um poderoso organizador de disciplina mental e que viveu exclusivamente para as idéias, imprimindo-lhes tôda a vibração e incorporando-as à sua própria sensibilidade, um homem esquisito, com a hipertrofia da bondade, que foi, em suma, um mestre de tolerância, que sofreu muito".

O homem de extremo saber, o helenista, o humanista, que fôra Araújo Filho, Pericles no-lo apresenta sob êstes ângulos, lá em sua obra muito bem fundamentados: "Tendo dominado, simultâneamente, a língua grega (. . .), leu no texto a "Ilíada" e a "Odisséia". "Latinista apaixonado e profundo, dos raros que neste país se arriscam a falar fluente e escorreitamente a língua latina, atesta-lhe o saber a tese "Orígens e Formação do Idioma Latino", ainda inédito". "Amou Sócrates. Eurípides foi um êxtase prolongado na inquietude de suas emoções estéticas". "Não lhe passou despercebida a transcendência do gênio de Goethe". "A análise dos sentimentos humanos (. . .) êle a sentiu nas inquietações de Pascal". "Carlyle foi um dos seus refúgios de solidão e silêncio". "Renan e Taine foram os seus mestres".

Das muitas obras deixadas impressas por Araújo Filho, duas se propagaram, entre os seus contemporâneos, como mensagens altas e transbordantes do seu intelectualismo: "A Poesia do Direito", conferência proferida na antiga Escola Universitária de Manaus; e "Ruy

Barbosa", conferência pronunciada na sessão cívica promovida pela Academia Amazonense de Letras, de que era êle membro proeminente. Na primeira diz Pericles Moraes estar o eixo central de sua cultura, esclarecendo-lhe o humus da nutrição jurídica e filosófica. Com efeito, as zonas de beleza, que ali se sucedem, intensas e multiformes, como polos de uma vibração laudatória de rapsodo grego, sublimam na poesia a evolução das conquistas de justiça e liberdade do homem, pelos tempos. Sôbre a magistral conferência de Ruy, assim se expressou o saudoso cinzelador de "Legendas e Águas Fortes": Dos seus trabalhos de maior vulto, pode-se dizer que é êsse um dos que mais lhe afirmam a solidez do preparo mental. Aí se erigem os fundamentos da cultura clássica de Araújo Filho, que transparece na invejável beleza de cada torneio evocativo, fixado, esmaltado sôbre a contextura daqueles períodos radiosos e plásticos, de extraordinária flexibilidade, desdobrados e desenvolvidos com insólita mestria".

Para que nestes dias se devote, com o orgulho de nós todos e os estos da cultura amazonense, a devida reverência ao gênio que há cem anos nascera, leiamos alto êste trecho soberbo de louvor à Águia de Haia, pronunciado por êle, Araújo Filho, que também hoje integra, — como êle dissera de Ruy, — "nimbado de diademas luzentes e siderais", a luminosa coorte dos Grandes Imortais:

. . . . . .

"É que o gênio gravita para a luz; banha-se de sóis; ilumina-se de tôdas as claridades; eleva-se; ascende às fotosferas luminosas e incandescentes, onde a Eternidade apaga as linhas do Tempo e Deus acende os lampadários inexauríveis da Imortalidade! (. . .)".

"Cabem os gênios na história, como cabem os prometeus nas lendas!

Não cabem. . . sobram; não sobram. . . transbordam; não transbordam. . . inflam, avultam, rebentam as craveiras, crescem e crescem tanto que vão imergir as frontes rutilantes nas rutilâncias da Via-Lactea! . . .

Descartes, afirmava que o gênio era a perfeição da criatura imperfeita. E Leibenitz acrescentava: "ex-vi genii homo ad perfectionem venire posse".

Desgraçadas as raças, malditos os povos, infelizes as gentes que não têm, ou não tiveram, dessa gloriosa jerarquia de indivíduos aos quais o espírito reto e ponderado de Maucalay chamou de "Homens-Píncaros", por isso que recebem a luz antes que o sol transmonte acima do horizonte.

Tivemo-lo, Senhores, em verdade, vos digo!

Tivemos aquêle que excelso espírito de poeta chamou o Homem-Trigo, e que o vosso humílimo intérprete, neste momento, preferiria apelidar de Homem-Hóstia!

Hóstia... porque encarnou muitas vêzes as oblações e sacrifícios que a sua terra e a sua gente lhe requeriam!

Hóstia... porque, nas aras da Pátria, eleva-se, perenemente luminoso e branco, irradiando gênio e bondade!

Hóstia... porque, verdadeira constelação, como a homônima do signo do Sagitário, iluminou das alturas, não um povo jovem, mas os povos e as nações de sua época!

Tivemo-lo, compatrícios! Tivemos Aquêle que, há trinta sóis passados, precisamente, restituía às mãos do Criador o precioso fideicomisso que lhe confiara o Criador, para que honrasse, engrandecesse, exalçasse, dignificasse, nobilitasse, não uma raça e uma pátria, mas, sim, a espécie e a Humanidade!"

.....

Para coroar a glória de Araújo Filho, em vida, faltaram-lhe sem dúvida os andrajos de Homero, os hospitais de Verlaine e a crucificação de Oscar Wilde. Mas, o Destino quis suprir-lhe êsses martírios da redenção espiritual. E a êle, que tinha o sofrimento das incertezas da luta, do ideal inatingido, do anseio de quem ama e sonha, ofereceu-lhe, cedo, o holocausto da própria vida, que é ainda a Vida.

ARAÚJO FILHO — um caráter e uma cultura

João Chrysostomo de OLIVEIRA

Há homens e há caminhos. Há caminhos para os homens e há homens para caminhos. Os homens que encontram os seus caminhos feitos e os seguem tranqüila e submissamente são aqueles que, tímidos, encetam as suas pisadas vacilantes em vias já rasgadas, já palmilhadas, já trilhadas.

Os homens para os caminhos são os pioneiros e desbravadores que, assestando o teodolito dos seus sonhos e idéias, sobre o desconhecido, rasgam clareiras, rompem barreiras, cortam o ignoto com esteiras de rastros de gigantes.

Francisco Pedro de Araujo Filho, que adotou o nome de guerra Araújo Filho simplesmente, foi um destes pioneiros abridores de caminhos.

Filho de Francisco Pedro de Araújo e de D. Cândida Marreiros Araújo, nascido em Goiana, Pernambuco, a 9 de setembro de 1870, lutando com a pobreza de um lar de alfaiate de interior, arrostou todos os sacrifícios e carências até conquistar o diploma de Bacharel em Direito pela famosa Faculdade de Recife, em 1892.

No início do 7º ano dêste século, já com numerosa família, fixa residência em Manaus, com um escritório de advocacia que lhe dá grande projeção sobretudo como criminalista e tribuno forense.

Foi um dos fundadores da Escola Universitária Livre de Manaus, célula da Primeira Universidade do Brasil, ao lado de Eulálio Chaves Astrolábio Passos, lecionando Direito Romano, Direito das Obrigações, Direito Penal, Direito das Cousas e Filosofia do Direito, na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais.

Deputado Estadual, Procurador da Fazenda Municipal, membro fundador da Academia Amazonense de Letras, tribuno de grande prestígio e fama, Araújo Filho encheu o Amazonas com o seu nome de sumidade no humanismo e nas letras clássicas em que pontificava como mestre pesquisador, para o qual o grego e o latim não tinham segredos.

Contou-me meu velho e saudoso mestre Alberto Corrêa, pontificador do ensino de Matemática que encontrara em um dos seus tratados, em uma demonstração de teorema, no final, a expressão latina REGULA CAECI. Recorreu aos latinistas da cidade, tanto religiosos quanto seculares. E só recebeu a promessa de pesquisar nos alfarrábios. Espera de uma semana, um mês. Nova consulta às autoridades do idioma de Cícero. Nova evasiva e nova promessa de buscas e pesquisas com suposições inaceitáveis. Faltava procurar Araújo Filho que não foi encontrado na consulta inicial.

— Dr. Araujo Filho, eu preciso fazer-lhe uma consulta sobre uma expressão latina — declarou, ao encontrá-lo na Avenida Eduardo Ribeiro.

— Paga primeiro um chope e venha depois a consulta — respondeu o mestre que nas explosões do seu talento entregava-se à boêmia. Alberto, esta expressão é muito encontradiça nas demonstrações de teoremas de matemática dos tratadistas. Pode ser traduzida como REGRA DE CEGO para exprimir a clareza e a simplicidade da demonstração que até um cego pode compreender.

Foi a lição do mestre, na singeleza de uma conversa de banca da antiga Casa de chope, singeleza muito característica daquele gênio de Goiana.

Em suas Razões Finais de defesa da Intendência Municipal de Manaus contra "The Manaos Markets", companhia Inglêsa que explorava o mercado e o Matadouro, Araújo Filho como Procurador Fiscal e Advogado, finaliza com o brilho de sua dialética:

"Pensamos que, por todas as suas faces e modalidades, a presente demanda está encarada e discutida, quer debaixo do ponto de vista exclusivamente de fato, quer debaixo do ponto de vista rigorosamente jurídico.

Nada, pois, é mister acrescentar.

Ao Poder Judiciário, — guarda e intérprete soberano das leis, — O Município de Manaus entrega ainda uma vez o julgamento desta causa, — que é uma das múltiplas manifestações, que há muito vem tendo a **A** no intuito de emprestar ao seu contrato faculdades, que, nem sempre, podem e devem ser tutelados por uma ação.

A ação, no dizer de Windscheid, é o meio auxiliar de pedir à autoridade judiciária a manutenção de um direito preexistente em cujo exercício se foi turbado ou lesado.

Ora a R. Apelada é que no caso exercitou um direito subjetivo consagrado por leis objetivas de Direito Público, as quais não podiam ser derrogadas pela cláusula de um contrato de Direito Privado.

Graças ao brilho da defesa, os direitos da Comuna de Manaus foram salvaguardados da investida ardilosa da poderosa Companhia Inglêsa.

Em discurso de paraninfo aos bacharéis de 1914, deixa gizado em lampejos históricos as raizes de nossa Universidade de hoje.

"A fantasia de um homem de grande talento incompreendido, possessa dêsse delírio que irrompe pela alma dos bons e os leva muitas vêzes até às rais do ridículo inconoclastas dos maus e dos egoistas; a dedicação impessoal, a coragem pacífica e constante, de todos os dias de todos os lugares, durante largo trato de tempo, conseguiu que êsse homem vencesse a indiferença de alguns e ficassem lançados os fundamentos desta instituição, cuja florecência ora se consagra.

É justo, é necessário que, neste instante, nesta solenidade, em que se armam cavaleiros da Justiça e do Direito os noveis bacharéis, seja a nossa primeira evocação um ato de justiça, um preito de gratidão àquele que, em terras distantes, ignora, talvez, que aqui fazemos a esta hora a mais bela e a maior de todas as consagrações.

Já compreendestes que eu quero evocar-vos o nome de Eulálio Chaves, o esforçado batalhador, que andou por muito tempo a propagar a obra futura e promissora da Instituição, cujos destinos e consolidação teria de ser, em hora feliz, confiada àquele que, para nós, para todos os homens de bem, representa o modêlo da coragem e da bondade, o tipo forte, honesto bravo e bom, que é êste nosso, muito nosso Astrolábio Passos, — o venerando Reitor, mais do que Reitor, o verdadeiro organizador desta Escola.

A justiça, que o excelso poeta de Florença achava que da mesma forma que o amor, move o sol e das demais estrêlas; a justiça que é já, a esta hora para nós outros os bacharelandos, a destinação final da vossa carreira, a meta suprema da vossa láurea; a justiça que é a caridade dos fortes, como a caridade é justiça dos fracos, manda que passemos adiante sem deixar insculpido o nome do verdadeiro iniciador da nossa Universidade, no dia em que ela afirma a exuberância da sua vida, a certeza de seu futuro".

Estas manifestações lapidares do grande mestre Araújo Filho devem figurar nas páginas da História da Universidade do Amazonas, em que êle figurar como um dos notáveis protagonistas.

Em abril de 1923, em sessão promovida pela Academia Amazonense de Letras, realizada no salão nobre do Ideal Clube, no mesmo ano em que Álvaro Maia produziu a "CANÇÃO DE FÉ E ESPERANÇA", o grande tribuno beletrista proferiu a magistral conferência sôbre Rui Barbosa, que sôbre ser um justo panegírico ao grande morto daquele primeiro trimestre (1.º de março) de melancolia e saudade, é um repositório de filosofia, sociologia, política história e estatologia.

> O gênio, para êle, nestas páginas lapidares.
> "gravita para a luz; banha-se de sócios; ilumina-se de todas as claridades; eleva-se; ascende às fotosferas luminosas e incandescentes, onde a Eternidade apaga as linhas do tempo e Deus acende os lanpadários inexauríveis da Imortalidade". ... "essência pura e trescalante, luz que deslumbra, verbo que canta, chora, prega e enerbria... O gênio é a emanação direta da Divinidade" Cabem os gênios na história como cabem os prometeus nas lendas".

Cantrastando as assembléias provinciais antigas com as hodíerinas, o grande orador declara com os efeitos do ferro em brasa:

"E, em verdade, pelo menos de ouvida vaga, deveis saber que as assembléias de antanho não eram as pobres escrofulosas, deprimidas e deprimentes confrarias de clientes subalternizados, que, desde o primeiro dia da investidura, só aprenderam duas coisas a que consagram cordialmente o melhor da sua capacidade moral e intelectual: o caminho que leva ao beija-mão de quem detem a cornucópia das graças, dos favores, ou, seja, das gorjetas; e a estrada argentina onde demora o Tesouro Público, para aí mendigar a miséria humilhante de um naco exíguo de broa bolorenta do subsídio, mal pago, mas também, em geral mal ganho!"

"Eram as assembléias provinciais os seminários dos estadistas: ali se aplumavam as águias generosas que escalariam, de futuro, os postos nobres da administração e da política".

Quanto ao Direito e à Justiça.

"Fôra-lhe Rui o pregoeiro e o defensor, o sumo sacerdote, ainda pregava a guerra pela restauração do Direito e da Justiça, oxigênio imponderável, elementos vitais eternos e inconsúteis sem os quais, bramam as civilizações, estarrecem e enfezam os povos, periclita e definha a humanidade".

Através destas pequenas, résteas de luz fulgurante do cérebro privilegiado de Araújo Filho, podemos vislumbrar a fôrça do seu talento que tanto serviu ao Amazonas e que tanto serviu ao Brasil. Honra à sua memória!

ARAÚJO FILHO E A POESIA DO DIREITO

Mário Ypiranga MONTEIRO

Francisco Pedro de Araújo Filho possuía uma auréola de genialidade que continuou esplendendo depois da morte. Exímio latinista, só encontrava um adversário nessa esfera de conhecimento: João Coelho Cavalcante, o "João Barafunda". A diferença entre os dois é que o foliculário João Barafunda, poeta e tradutor esporádico de Catulo, não levava a sério a sua cultura, esbanjando-a em artigos curtos de ataque à mediocridade ou à política de então. Araújo Filho escrevia para ensinar. Não sòmente lidava com a história do Direito mas fazia do Direito sua cátedra na Universidade e na tribuna, no jornal e na conversa erudita. Era um homem profundamente vinculado à cultura geral do seu tempo. Pelos seus trabalhos publicados compreende-se até que ponto levava a sério a função do Direito na sociedade, como se fôra êle, ainda, a mesma antiquada poesia generativa. Não perdeu aquela noção exata da justiça como fórmula de expressão divina, de que o homem era apenas sacerdote e juiz inspirado. Um verdadeiro sacerdote, do tipo do "file" irlandês, juiz e oficiante que julgava em nome de Deus e se expressava em fórmulas metrificadas, segundo a noção válida da origem divina da Poesia. Pelo menos até ao crepúsculo da Idade Média o juízo de Deus dispensava o código escrito, valendo-se pelas normas consuetudinárias em certas circunstâncias, verbi-grácia: "et nullus accipiat ad alterum ad pissam neque at coiones".

No discurso de paraninfado (Manaus, 1914) da turma da Universidade, diz êle que "(A) Religião, a Poesia e o Direito, irmanadas na mesma distinção humana de firmar a coexistência harmônica do ser humano e povoar-lhe de sonhos consoladores o cérebro prescrutador, estiveram, por êsses tempos e por aquelas estâncias, tão unificados que

impossível fôra separá-los. O romano chama ao seu Direito, cujo embrião bem desenvolvido era já, de "Carmen Sacrum"; as Leis das Doze Tábuas foram provàvelmente insculpidas no bronze, em verso rude e austero, que o povo cantaria, nas grandes solenidades do Forum. Ao mesmo tempo o Magistrado era o Sacerdote; o Sacerdote era também o Poeta, as solenidades externas da aplicação do Direito realizavam-se nos Templos; e o Rito dessa realização tinha os encantos das velhas cerimônias poéticas que os povos sempre amaram inspirar nas suas instituições".

Aí está em causa um esboceto da Poesia do Direito. Essa Poesia não sòmente era constituída em regras metrificadas (a métrica sempre possuiu um critério metafísico) como diluída em fórmulas judicativas, por inspiração divina. Tem-se encontrado delas — sentenças e regras — abertas no bronze e no ouro, em versos.

O sacerdote, nas sociedades primitivas (não bárbaras) de ontem e de hoje, julga como juiz togado, mas sem código escrito, recebendo, em recesso puro, o fluxo das suas divindades. O chefe de família, o patriarca, era sacerdote e juiz, na Grécia antiga, antes da Roma cesárea. Invocava "themistes", espíritos que ditavam as sentenças, de onde vem a deusa Têmis, a justiça de olhos vendados, um símbolo, atributo do pai Zeus. O "nomus", de que fala Araújo Filho, é a lei que procede da Religião.

Na Irlanda o juiz julgava em lugar público, apelando para o canto, as visões oníricas, tal como entre os nossos selvagens o mago-juiz, o pajé, julga os ilícitos contra as leis de Iurupari apelando para as visões provocadas pela consumação do caapi. Seria interessante ou ocioso saber por que motivo Pilatos lavou as mãos (êle foi juiz, como autoridade) no ato da condenação de Cristo. Evidentemente a tradição jurídica é uma e a tradição popular outra. A verdade, porém, está no fato de que o juiz, no ato de julgar, purificava-se lavando as mãos.

Eis aí o que é a poesia do Direito, que está na tradição de velhas civilizações e culturas, que herdamos de cambulhada com certas leis orais e escritas. O jurista Araújo Filho as conhecia e a elas reporta-se no seu breve discurso. Não admiro nem invejo aquêle que sabe de cor e salteado os artigos e parágrafos de um código escrito, mesmo famoso como o napoleônico. Admiro e invejo um autor que escreve "A Poesia do Direito e os Forais" (Teófilo Braga) ou "Quadro das Instituições Primitivas" (Oliveira Martins), ou ainda um simples discurso ilustrativo dessa poesia como o é o do dr. Araújo Filho. Admiro e invejo aquêle que souber responder-me a questões tais e quais, scl. por que razão o noivo arrebata nos nossos dias a noiva nos braços ou por que certos noivos desaparecem no melhor da festa, deixando os convidados a ver navios. Admiro e invejo aquêle que me respondesse por que o juiz ainda usa um martelo de pau nas sessões do júri e que não era para manter silêncio. Essas questões que são fontes do Direito

é que me despertam curiosidade, pela poesia que encerram, pela nebulosidade de suas tradições. São poucas as sociedades primitivas que possuem códigos, mas pode-se julgar do fato de Moisés haver estado em reclusão para receber as Tábuas da Lei, das mãos de Deus.

Se há um direito histórico realmente poético (não em versos) é o Direito Romano, mas a História está replexa de informações curiosas a respeito dêsse apaixonante assunto e não é sem motivo que o dr. Pedro de Araújo Filho, os invoca no seu breve discurso. Isto porque o Direito — sem ser Religião normativa, é dela um derivado não ocasional mas funcional, no passado. Julga-se em nome de Deus, e julgando, o homem despoja-se de responsabilidade. Intervém, nesse julgamento, a Providência, que também se chama Acaso. Prêtas e brancas refletem um juízo formulado. O romano religioso mais do que supersticioso assinalava os dias bons e funestos com pedras brancas e prêtas, uma tradição que o tempo cristalizou.

O jurista profundo e amável, dadivoso e humano empós de quem os discípulos sedentos iam às vêzes perturbar na sua banca de advogado à rua de Enrique Martins, nunca se recusou a oficiar. Dava a mancheias lições que eram, no dizer de muitos, verdadeiras peças de oratória e de ilustração, de energia moral e de cultura. Lê-se Araújo Filho não como se lê uma tese erudita de Direito. Lê-se o jurista na sua humana simpatia pela cultura geral, e lendo-o, nos assombramos do seu vasto conhecimento de História da Civilização, de Literatura Greco-romana, de Filosofia, de Retórica, de Línguas. Sabia manejar a língua vernácula portuguêsa e já então praticava a frase curta de efeito expositvo convincente, parágrafos condensados, orações sincopadas. Às vêzes, porém, no enfático do giro retórico, desprende-se e se esquece da terra. Não é sempre assim, compreende-se, pois o ponto-e-vírgula ainda merecia atenção. Hoje perdeu o prestígio hermafrodita. Como êle vincula o pastor, o poeta e o sacerdote num curto parágrafo: "Já era pastor, faz-se, ao mesmo tempo, poeta e sacerdote!" E arremata, noutro curto parágrafo: "Pastor, sacerdote, poeta, edita as primeiras leis; fêz-se juiz, foi legislador!" (discurso citado). O estilo lembra de perto Oliveira Martins e lembraria também o velho Hugo se houvesse antinomias. Mas Araújo Filho é impositivo, dogmático na sua afirmação que vem de um profundo processo de assimilação histórica. Acredito piamente que fôsse, naquela altura, o maior devorador de Oncken.

O dr. Araújo Filho era um enamorado do Direito. E para sê-lo e confirmar essa paixão intelectual cultivou o Latim e a Filosofia, mas não esqueceu a História. Aí está uma lição de perspectiva cultural de que se alheiam certas críticas individualistas. É na história dos povos primitivos que está a fonte do Direito, todos sabem disto, à maravilha, pois a Lei vem do costume e torna-se costume. Mas o que muitos ignoram é a perpetuidade do costume em certas leis modernas, é a sa-

bedoria do sacerdote-juiz, é a tradição não transformada em Lei mas subjacente a ela ou aparentemente, e em muitos casos popularizados certos costumes e até certas manifestações orais em versos.

Tenho acompanhado quanto posso a ilustração do Direito e da Justiça nas ciências do homem, desde a Etnografia Jurídica à Antrapologia Cultural. Nesses contributos amaveis é que se concentram as melhores informações sôbre a origem, função social e normativa do Direito. É nêles que se humaniza a Poesia ou se detecta o conteúdo poético, êsse conteúdo que transborda, verbigrácia, em Manzoni ou em Rafaele Corso. E que aparece também com elegância nas palavras de Araújo Filho. Só a cultura geral (e não um raquítico tratado de Direito) poderia ensinar-nos a compreender os ritos de passagem, a teoria do clã, os postes totêmicos, e descortinar na Lei codificada tradicional ou não, a essência mesma da Poesia. Quem já discutiu entre nós, por exemplo, o significativo fato de haver o heroi cultural Iurupari dado aos homens um código oral de oito princípios, de que as lendas explanatórias são a larga e sugestiva socialização? Quem, entre nós, discutiu o simbolismo expresso no ritual moderno do casamento, com aliança, grinaldas de flôres e padrinhos? Quem, entre nós, pensou investigar a razão, bem justificada, do ritual do casamento nas igrejas? Quem, entre nós, discreteou sôbre o símbolo da vara de São José carpinteiro no ato do vínculo matrimonial?

Cada vez mais nos distanciamos da tradição, e essa tradição que se arrincona nos milênios é que transfere aos fatos essa auréola de poesia. Não mais a Poesia como veículo métrico e ritmico das fórmulas verbais consagradoras, que esta os séculos devoraram, a necessária evolução despojou de significados, conservando todavia o mistério.

Francisco Pedro de Araújo Filho é ainda um dos derradeiros homens a quem o Direito comove nos seus diversos estágios de evolução porque, sem julgarmos da sua sensibilidade, compreendia o quanto de estético ê de harmônico há singularmente na história das primitivas manifestações jurídicas. Os tempos mudaram, mas na verdade estamos dormindo em cima de um vulcão naquele 1914. O Direito supremo e humano que Rui Barbosa advoga no caso Dreifus e durante a guerra, ainda era um Direito imposto pelos canhões como o fôra pelas legiões romanas. Mas o dr. Araújo Filho preferia esquecer o lado negativo e trágico da fôrça. Invés disso, encimeirava para os bacharéis de 1914 um hino de louvor à Pátria. São belas e atuais as suas ardentes palavras. Deveriam figurar numa antologia escolar amazonense, se houvesse essa antologia, ou melhor, se não houvesse tanta alienação e tanto desamor pelos altos predicados morais e intelectuais.

Não importa que o tom declamatório de suas palavras possua vinculações estéticas desatuais. Ao revés, elas se recomendam justamente porque imantadas de entusiasmo poético e impositivo, porque transferem lições de civismo, alertas contra a vida exterior. Ainda nestas últimas palavras a Poesia antecede o Direito mas não se desunha dêle, pois que lhe serve bem de continente. Essa Poesia é como um gral misterioso que incentiva a busca da justiça. E o mestre parece haver sido realmente um dos seus últimos cavaleiros.

O GENIAL ARAÚJO FILHO

Mendonça de SOUZA

PELO ASPECTO AUGUSTO DO ESTILO, beleza ideativa, A POESIA DO DIREITO, ainda em nossos dias, sobrepõe-se ao tempo a mostrar-nos o pensamento arejado e límpido do inesquecível mestre FRANCISCO PEDRO DE ARAÚJO FILHO. Fundamenta-se num vasto ciclo de notáveis evocações.

Dêste erudito preceitor, ano transato, festejamos, com imenso carinho, o centenário de nascimento. Lembramo-lo na opulenta inteligência, humaníssima ternura, lições eternas e sempre novas que nos legou.

Em imagens conceituosas, descreveu-nos vistas esplêndidas da clásica e antiga civilização greco-romana. Deslumbrou-nos, impressionou-nos em virtude das múltiplas e poderosas faculdades criadoras de escritor.

Nascido em Goiana, Município de Pernambuco, a 9 de setembro de 1870, ARAÚJO FILHO, em razão da sensibilidade excepcional, fez-se conselheiro de extraordinária impressão de vida épica e vibrante. Defensor do fortalecimento de nossa civilização em face do mundo e da vida.

Em A POESIA DO DIREITO teve oportunidade excelente de se revelar nos cânticos admiráveis que, de maneira aguda e ampla, lhe caracterizaram o heróico sentido de existência. Sem dúvida, a estranha sutileza, o gênio.

Nas culminâncias do talento, sólida energia, visão harmoniosa e cimeira, o saudoso e eminente ANÍSIO JOBIM, em A INTELECTUALIDADE NO EXTREMO-NORTE, no-lo deu nestas palavras justas e consagradoras:

— "Peregrina cerebração, forrada de classicismo. Tribuno fogoso e jurisconsulto, havendo sustentado prélios memoráveis. Tinha a linguagem rigorosamente vernácula, enroupando pensamentos profundos. Sempre desprezou a riqueza, e manteve-se, em todos os lances dramáticos de sua vida, altivo como um semi-deus".

Não sem justo motivo, por isso, nosso fulgurante e inesquecível PERICLES MORAES assim o retratou neste suntuoso excerto de A VIDA LUMINOSA DE ARAÚJO FILHO:

— "Recordo, cheio de emoção, essas horas hipnotizantes em que Araújo Filho, professor de história, com o verdadeiro sentido da história, que dominou discricionàriamente, despòticamente, seis línguas vivas e duas mortas, para poder comunicar-se com os mestres da história, os homens de gênio que ressuscitaram o passado, levantava os roteiros perdidos das civilizações desaparecidas, explicando-nos o esplendor e o declínio, os altos e os baixos das épocas históricas, delineando com escrupulosa minúcia as diversidades e os imprevistos dos seus aspectos. A excelsitude de uma obra de arte, as preciosidades de um museu, o relêvo impressivo de uma tela e o segrêdo da emoção psicológica de suas côres, a harmonia linear de uma escultura ou as irregularidades de uma arquitetura gótica, a tradição de um castelo, as inscrições de um vitral, as zonas hieroglíficas de um vaso de coríntio, os baixos-relevos de um sarcófago alexandrino, a decoração de uma igreja, o enigma de um polimpsesto, o mistério de uma alegoria, a estrutura anatômica e muscular de uma estátua, o acento épico de uma epopéia e os lances supremos de uma tragédia, — todo o espetáculo singular das concepções humanas, contornado pela consciência estética do historiógrafo, que lhe traduzia, num minuto de êxtase, as configurações superiores".

Inegàvelmente, ARAÚJO FILHO nos deixou uma obra extraordinária. Os contemporâneos falam-lhe da genialidade avultada no conhecimento do Latim, do Grego, do Italiano, do Francês.

Leiamos-lhe os belos trabalhos — MANUTENÇÃO DE DIREITOS; RAZÕES FINAIS; RUI BARBOSA; e DISCURSOS DE PARANINFO, e observemos que, na verdade, os fez na intenção de querê-los assim perenes a transportar os períodos do tempo.

Vejamos, por exemplo, que A POESIA DO DIREITO, publicada na Revista da ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, nº 1, vol. I, julho de 1920, nestes cinquenta anos decorridos, permanece em alto sólio a nos oferecer perfeição de estilo e de lindas imagens.

Para nós, nossa sensibilidade, sempre que a lemos, surge-nos inédita, clara, nobre, cristalina, puríssima. Verdadeiro colar de viva espiritualidade. Melhor diríamos: genial.

Perfeição! Perfeição de portentosa inteligência! Lucidez, força, graça, entusiasmo em lições eternas. Admirável no modo épico, na imagem sincera, verídica de impressionante e forte beleza.

Observamos, sim, nos mais puros e nobres anseios que, em A POESIA DO DIREITO, de FRANCISCO PEDRO DE ARAÚJO FILHO, pranteado mestre de Direito Civil e Romano de nossa Faculdade de Direito e sócio-fundador da Academia Amazonense de Letras, se contém um segrêdo de eternidade.

ARAÚJO FILHO, realmente teve destino triunfal. Alegria e Paz. O triunfo de uma perfeição conquistada. Ficou. Imortalizou-se em nosso profundo respeito e consideração.

PERFIL BIOGRÁFICO DE ARAÚJO FILHO

por Newton Sabbá GUIMARÃES

"Dit is nie net vrugte aan die boom wat ryp word nie, ook die mens word ryp".

Dr. J. A. Heyns in "GEDATES VIR DIE WEEK".

"... he is a writer for whom — above all writers perhaps — I feel something akin to affection".

Arland Ussher in "Three Great Irishmen", com referência a Joyce.

Sempre ouvi falar de Araújo Filho com dobrada admiração. Pessoas que lhe foram coetâneas, outras encantadas pelo brilho de sua inteligência, outras, finalmente, por tradição.

O Desembargador Arthur Gabriel Gonçalves, do nosso Tribunal de Justiça, quando falávamos, uma tarde, sobre o orador, lembrou-se ouvira a um amigo mais velho, conhecido do orador, e assíduo ao Tribunal do Júri, que, quando subia Araújo Filho à tribuna para tomar

a defesa de algum cliente, a sala ficava mergulhada no mais profundo silêncio e, naquele momento, podia-se ouvir o zunir de mosca a voar.

São, porém, raros já os que viram e ouviram em sua infância êsse homem singular que encheu toda uma época na história da cultura amazonense.

Vivo ainda para cultuar-lhe a memória está Sadoc Pereira, também desembargador e professor de Direito Processual Civil, que privou com Araújo Filho e chegou a ser-lhe auxiliar na próspera banca de advocacia. Numas páginas de "Reminiscências", publicadas na "Revista da Academia Amazonense de Letras", Sadoc Pereira conta, emotivamente como viu aquele que seria o seu mestre muito amado na Faculdade de Direito:

"Eu era muito jovem quando conheci Araújo Filho. Vi-o pela primeira vez quando, recém-vindo de Pernambuco, sua terra natal, ao fazer uma conferência, no Teatro Amazonas, sobre a personalidade de Martins Júnior, era interrompido, a cada passo, na sua brilhante oração, pelos aplausos frementes e calorosos da assistência, enlevada, fascinada pela sua palavra fulgurante e arrebatadora".

Linhas mais abaixo conta-nos como, ao ir a serviço, a casa do tribuno, teve o primeiro contacto pessoal com o evocado:

"Lia eu (na biblioteca de Araújo Filho, enquanto o esperava) a lombada de alguns livros que me haviam despertado particular atenção, quando um rumor de passos me anunciou a presença de alguém. Voltei-me e vi à minha frente a figura do grande tribuno.

Senti-me abalado e confuso. Achei-me pequeno diante daquele homem que, senão era grande pela estatura, o era incontestàvelmente pelo saber. Não sei dizer se me afigurava, naquele momento, um liliputiano em frente de Gulliver, ou era o próprio Gulliver em face de um daqueles gigantes de Brobdingnac.

Araújo Filho falou-me. Exprimia-se com brandura e simplicidade, em uma linguagem muito diferente daquela que eu lhe ouvira antes nos seus discursos. Pareceu-me até que empregava expressões corriqueiras, — e isso me encorajou, diminuindo a emoção do primeiro instante. É que ele fôra professor, havia dirigido um colégio em Pernambuco e sabia falar aos moços e adolescentes!"

E assim começou aquela depois sólida amizade, que permitiu, morto o professor, ficasse a cultuar-lhe a memória o aluno e amigo.

Desaparecido há muitos anos atrás, Araújo Filho, caiu num olvido injustificável. Nem a família, nem a Academia Amazonense, da qual fez parte, se preocuparam nunca em lhe recolher a vasta e esparsa colaboração nos jornais de Manaus, ou as celebradas peças jurídicas, ou os discursos primorosos que, em várias ocasiões, pronunciou, porque, como frisou Luiz Machado em artigo sôbre Araújo Filho, foi êle "um perdulário em várias províncias do saber humano, jamais preocupado em bibliografar o que produzia a coruscante inteligência".

E foi, contudo, das mais ilustres figuras que já passaram por esta nossa Manaus.

Não era amazonense de nascimento, mas nordestino, natural de Pernambuco, onde viu a luz do dia a 9 de setembro de 1870.

Desde muito novo demonstrou acentuados pendores para os estudos e, pacientemente, foi adquirindo sólida cultura filosófico-jurídica, secundada por igualmente sólido preparo humanístico. Estudou no Recife, em cuja Faculdade de Direito colou graus de bacharel em ciências jurídicas e sociais.

O Dr. Francisco Pedro de Araújo Filho, fazia da antiguidade greco-latina a sua diuturna fonte de inspiração, seja para os trabalhos estilísticos e literários, seja para os de cunho jurídico.

Era, também, uma vocação inata para o estudo das línguas. Sabia regularmente o francês, o italiano, o espanhol. Era forte em grego, e poucos lhe levavam a palma em latim. Leitor incansável, parece que leu tudo: obras de história e de filosofia, os grandes tratadistas do direito, incluindo os francêses, os italianos, os inglêses, os alemães, os espanhóis. Lera o "Corpus Juris" e as "Institutas". A Bíblia e Rui Barbosa. Os clássicos portuguêses e os latinos. Homero e Camões, Virgílio e Machado de Assis.

Homem culto e estudioso, poderia sair vitorioso em qualquer parte do Brasil e, no próprio torrão natal, teria ficado célebre. Mas sentia-se atraído pelo Amazonas, cuja fama de prosperidade e exotismo o arrastaram. Em boa hora aqui aportou a 23 de junho de 1 904.

Irrequieto e desejoso de conhecer ainda outras terras, parte para o sul do Brasil, que percorre de lés a lés, infatigàvelmente. Vai a Europa, onde se demora pouco, mas o bastante para admirar-lhe a civilização, a cultura e as belezas.

No correr do ano de 1 906 resolve fixar-se, definitvamente, em Manaus onde já tinha conseguido largo círculo de amizades, e muitos admiradores. Dedica-se ao magistério, à advocacia e milita na imprensa de Manaus.

Em 1 909 figura Araújo Filho no rol dos fundadores da "Escola Universitária Livre de Manaus", ficando, desde logo, a fazer parte ativa e proficientemente do corpo docente da Faculdade de Direito, cabendo-lhe no quadro construtivo de 13 de novembro de 1909, a 3ª cadeira do 4º ano, — Direito Criminal, 2ª parte — (cfr. Aderson de Menezes: "História da Faculdade de Direito do Amazonas", Manaus, 1959), passando já em 26 de julho de 1910, para a cadeira de Direito Civil, 1ª parte, por proposta do Diretor, Prof. Dr. Simplício Coêlho de Rezende.

Tinha a veia do professor nato: em Pernanbuco ensinara e até dirigira um colégio. Vindo para o Amazonas, lança-se outra vez no magistério. Dir-se-ia que, como Tobias Barreto, de quem Hermes Lima

dissera ter encontrado no magistério "profissão compátivel com a dignidade de um homem livre, embora pobre", parecia Araújo Filho só se encontrar contente entre os estudantes. Depois, tinha o dom da palavra e eletrizava com magníficas preleções os alunos. Em nossa Faculdade ensinou sempre três ou mais disciplinas "revelando em tôdas elas amplo e perfeito conhecimento das matérias que ministrava aos alunos. Tornou-se o mestre querido das gerações que por ali passaram", ajunta Sadoc Pereira.

Brilhava concomitantemente na advocacia, onde alcança retumbantes sucessos, tornando-se célebres as suas alocuções jurídicas, como advogado dos mais brilhantes, procurados e acatados da cidade. Exercitou muita vez causas que, pecuniàriamente, nada lhe rendiam a não ser o engrandecimento do nome. Era como se fôsse um sacerdote da justiça. Fez, com todo o interêsse e persistência, **a poesia do direito,** de que com tanto enternecimento fala numa de suas mais belas e antológicas páginas. Funcionu em causas que punham em jôgo a própria situação do Estado, como a havida entre o Estado e o Município de uma parte, e a "Manaus Markets" de outra, saindo-se vitorioso. Os arrazoados eram escritos em estilo claro e correto, usando sempre de poderosa e convincente dialética.

Fez-se conhecer, também, como orador arrebatado e eloqüente, e culto conferencista. Tornaram-se famosas e comentadas as conferências proferidas na Universidade do Amazonas. Não é sem certa admiração que o renomado Aderson de Menezes, assim se refere a elas, como a pronunciada em 1 912:

"... tendo já a palavra majestosa de saber do dr. Araújo Filho, ressoado eloqüentemente em uma das salas da Escola, com a sua conferência sôbre o importante tema: "Tártaros e Mongóis. China, México e Peru precolombianos. Egito. Turanianos e Semitas. Árias e Indo-Europeus" (vide op. cit., págs. 58).

Era à ocasião das figuras mais conhecidas de Manaus pela sua cultura imensa.

Amado dos alunos, o Dr. Araújo Filho foi escolhido a paraninfar a primeira turma saída da Faculdade de Direito, em 1 914, em cuja ocasião pronuncia uma das suas mais felizes e belas peças oratórias, a 21 de dezembro de 1914. Ficou célebre êsse discurso memorável.

Em 1 915, vêmo-lo na elevada posição de vice-diretor da Faculdade de Ciências Jurídicas e Socias, ao lado do Des. Gaspar Antônio Vieira Guimarães, diretor por morte de Simplício Coêlho de Rezende, vindo então Araújo Filho a assumir a direção por afastamento daquêle. Por anos a fio seria Araújo Filho vice-diretor da nossa cinqüentenária Casa de Estudos.

Ali ensinou até a morte, "quando se abre um claro imenso na Congregação da Escola", comenta Aderson de Menezes.

Araújo Filho não foi apenas grande mestre do Direito, professor universitário de talento e advogado vencedor, mas era também um jornalista de pulso, combativo e respeitado. Colaborava abundantemente com belos artigos sôbre temas variados na imprensa amazonense. Em quase todos os periódicos amazonenses do tempo deixou artigos, trabalhos literários e jurídicos onde se reflete a sua vasta e onímoda cultura. É pena, pois, repito, que todo êsse rico acervo cultural permaneça encoberto pela poeira do tempo e do esquecimento.

A vida de Araújo Filho me faz lembrar o que, de Benjamin Constant, disse, anos atrás, e guardadas as devidas proporções, é claro, o ensaista francês Aury:

> "S'il est un homme dont on peut dire qu'il n'a pas manqué sa vie, c'est Benjamin Constant. Ce qu'il voulait faire, il l'a fait, ce qu'il voulait être, il l'est devenu, toute la gloire qu'il desirait, il l'a obtenue" (vide "Lecture pour tous", págs. 219).

Tal foi o nosso Araújo Filho, amazonense, de escolha e coração. Foi jurista, advogado, orador, jornalista, professor e literato. Membro da Academia Amazonense de Letras, formou, ao lado de Péricles de Moraes, a dupla mais celebrada daquele grêmio cultural. Em tudo saiu-se vencedor, em todos os ramos do saber fez-se admirado.

Preferindo viver para sempre em Manaus, aqui criou profundas raízes, quando o seu talento lhe proporcionaria, como disse antes, glórias e aplausos mais duradouros noutros centros mais adiantados.

Por isso mesmo, comentado êsse apêgo de Araújo Filho à pacatez de Manaus, Leopoldo Péres escreveu:

> "... Araújo Filho, que se extinguira, quase desconhecido, na montonia estéril, no silêncio e no obscurantismo da província, embora a faúla lampejante de genialidade e os tesouros inexauríveis de sabedoria, que lhe teriam assegurado, noutras circunstâncias e noutro meio, a mais poderosa ascendência sôbre as energias cívicas e espirituais do Brasil" (in "Revista da Academia", nº 6, de agôsto de 1 956).

Ganhou muito dinheiro com o exercício da advocacia, mas era como as cigarras despreocupadas. Viveu sempre modestamente, acompanhado de sua bondosa mulher, d. Francelina Barbosa de Araújo. Terminou seus dias pobre, mas cercado da admiração de todos. Tinha 61 anos. Deixou três filhos, figuras por demais conhecidas nos meios políticos e intelectuais de nossa terra e que souberam honrar o nome paterno, seja pelo saber como pela integridade de caráter.

Diz-se que, até pouco antes do seu falecimento, teve Araújo Filho intensa vida intelectual. A oratória amou-a estremecidamente e até quase perto de morrer, pronunciou magníficos discursos. A sua despe-

dida do Tribunal do Júri, que ele frequentou desde os primeiros momentos da sua chegada a Manuas, foi melancólica e dolorosa. Deixemo-la contar a Sadoc Pereira, na referida crônica de reminiscências:

"Achava-me no Tribunal do Júri quando Araújo Filho, já enfêrmo e combalido, compareceu ali pela última vez, para defender um acusado desprotegido e pobre, que como tantos outros, invocara o seu patrocínio, apelando para o seu grande coração. E recordo, ainda hoje, com intensa emoção, o instante em que ele, o orador incomparável, descia da tribuna, afogado em soluços, os olhos marejados de lágrimas, por ver que a garganta, atingida do mal que o arrastaria ao túmulo, já não podia exprimir com a ressonância e as vibrações de outrora, os pensamentos generosos, as idéias sublimes e fagulhantes que lhe turbilhonavam no cérebro fecundo e privilegiado.

Cercado de discípulos e amigos, que procuravam confortá-lo, retirou-se Araújo Filho daquela sala, em cujos ângulos e arestas jamais haveria de ressoar o eco da sua voz, como sempre antes ressoara, em torrentes de belezas e cataratas de luz'".

No ano da sua morte, Péricles Moraes, o amigo inseparável e leal, escreveu-lhe a biografia, publicada em pequena tiragem pela livraria Clássica: "A Vida Luminosa de Araújo Filho", hoje consagrada na literatura do nosso Estado.

Foi um trabalho de pesquisa e devoção, paciente e cuidadoso, escrito entretanto em apenas "duas semanas, se tanto, febrilmente, numa tão comovida expressão de saudade e admiração pelo amigo, que a morte roubou para sempre", elucida o amazonólogo Anísio Jobim.

Havia nesta atitude meritória, o desejo de preservar do olvido o polígrafo, como acentua o mesmo acima referido articulista:

"Certamente que, com o transcorrer do tempo o vulto radioso do acatado jurisperito, que deixou valiosos trabalhos esparsos, muitos dêles perdidos no pó dos arquivos judiciários, apagar-se-ia lentamente, para só perdurar na lembrança dos seus afeiçoados e dos que lhe conheceram a vida agitada".

Infelizmente o que Anísio Jobim temia está acontecendo: Araújo Filho está caindo, repito, num injusto esquecimento. É preciso evitemos isso. As pouquíssimas obras que publicou (um ensaio sobre "Rui Barbosa", um "Discurso de Paraninfo" e um trabalho jurídico sobre "Manutenção de Direitos"), ninguém mais as consegue: estão de há muito esgotadas. A biografia que dêle traçou o estilista de "Legendas & Águas Fortes" é também verdadeira raridade bibliográfica, que raros possuem. Tem havido, forçoso é dizê-lo, **et cum permissa venia,** certo descaso dos parentes e familiares para com a memória do notável tribuno.

Só recentemente o meu colega Luiz Augusto Santa Cruz Machado, em artigo bastante emotivo, como soe ser tudo o que da pena lhe sai, e cintilante de admiração por aquela figura respeitável das letras

amazonenses, tentou espancar a camada de pó que cobre o nome de Araújo Filho.

São lá 36 anos da sua morte e da biografia escrita por Péricles de Moraes e nada mais apareceu. Só o silêncio.

Francisco Pedro d'Araujo Filho não pode, de maneira alguma, ficar sem ser lembrado pelas gerações vindouras: nascido humilde numa cidade apagada de Pernambuco — Goiana —; despreocupado e boêmio incorrigível como o genial sergipano; senhor de sólida cultura a que, como ao filósofo de "Um discurso em mangas de camisa", "a auréola do talento envolvia-o e o próprio meio não lhe regateava estímulos", para aproveitarmos as palvras de Hermes Lima sôbre Tobias Barreto e que se assentam como luvas em Araújo Filho; pelo muito que lutou, viveu, e sofreu; pela contribuição valiosíssima às letras amazonenses; polígrafo e combativo, como o celebérrimo autor dos "Estudos alemães", representa êle para o Amazonas uma das mais valiosas jóias e uma das mais lídimas glórias!

17 de novembro de 1967.

RECORDAÇÕES NA TRILHA DOS MORTOS...

Ramayana de CHEVALIER

Recordar é uma forma de ressucitar. Todos os dias, como a luz, o homem revive de novo, nascendo dentre as suas lembranças.

Foi ao tempo de minha meninice, ideólogo dos folguedos puerís, quando Manaus era um safarí de ciganos loiros. A "belle époque".

Uma onda de arrivismo barrôco varria, ao jeito de hoje, as suas ruas crepitantes de sol. Só que, hoje, é uma vaga inconstante de aventureiros e comerciantes ávidos pela "zona franca".

Na outra época, reinava uma sombra de Elizabeth 1ª

A elegância britânica, a engenharia britânica, a doce aspiração da sensualidade francêsa.

Eu estudava, entre outras coisas, piano. Havia um Maestro Joaquim Franco, cuja austera fisionomia introvertida lembrava um Beethoven calvo e recurvo. Um dia, ele, com a sua autoridade artística, fez tremer a grande pianista russa Luba D'Alexandrowska, interrompendo-lhe uma nota errada de interpretação, num concêrto de Bach, com um acésso proposital de tosse... Mais tarde, se explicaram, Luba disse-lhe que era aquela uma passagem que, pelo mundo, ela sempre escorregava irremediavelmente e, só ali, na recôndita Manaus, alguém notou o deslise. Agradeceu ao Maestro pela agudeza do seu sentido crítico e da sua cultura.

Manaus era assim. A revoada do dinheiro sangrento da hevea, chamava artistas e sábios de todos os quatro cantos do mundo.

Eu, menino, acompanhava o meu pai por entre os estouros de champanhe nos terraços das confeitarias de luxo, ouvindo o ronco dos carros importados, o "Darrac" de dois cilindros de Mr. Mourgoois,

o "Mercedes Benz" do dr. Lavandeyra, a serviço de Manaus Harbour, o "Hotchkiss" do Senador Silvério Nery, importado de Paris, ou o "Renaud" do dr. Jorge de Moraes, um dos maiores médicos do Brasil!

E o desfile dos fraques e dos chapéus de côco, debaixo da soalheira, com a elegância de um Agnélo Bittencourt e de um Araújo Filho.

Enquanto isso, no alto da Avenida Eduardo Ribeiro travava-se o duélo da eloquência jurídica. O Palácio da Justiça, que é um monumento romano na arquitetura manauára, esfusiava nos seus combates de talento e de cultura.

Themis, do alto da fachada, baixara a venda dos olhos, para enxergar melhor quais os heróis que se batiam no prélio do Direito.

Entre êsses formava, com a sua catadura sorridente e míope, o gigante da advocacia que era Francisco Pedro d'Araújo Filho.

Hoje dir-se-ia na linguagem dos "hippies": — meu pai era "amarrado" na sua oratória.

Quando assomava à tribuna do "Fórum", era como se tivesse "baixado" Demóstenes no "terreiro" da Justiça. A sua habilidade, os seus argumentos, o fulgor de sua explicação jurídica, o manejo de sua lógica, o vigor das suas provas, o ilusionismo provocado pelo seu talento clássico entre os jurados boquiabertos, tudo isso arrastava multidões para a Casa da Justiça, a ouvir uma explosão de inteligência!

E a sua fama se espalhava pela cidade, seduzindo os que transgrediam a Lei, que lhe pagavam a peso de ouro as suas defesas. Possuía um amor violento pelo espírito de Baco. Também, egresso de Pernambuco distante, e sob um clima de solitude e de degrêdo, o que restaria ao seu coração, fóra do amor à cultura e ao Direito?

Dois homens foram assim, um em Manaus, êle, e outro no Acre, o dr. Amanajós Araujo, um dos mais cintilantes espíritos jurídicos e um dos maiores oradores deste país.

Araujo Filho muita vez subiu à tribuna, de olhar longinquo, vidrado, depois de uma libação generosa. E, nesses momentos, como se exumasse o esplendor romano de Catão e de Cícero, êle elevava o auditório à altura de um ritual, empolgando-o, estripando o móvel do crime, ressuscitando cadáveres legais, defendendo as vítimas da sociedade, assombrando uma terra de catedrais da sabedoria com o fragor do seu verbo, privilegiado e fecundo!

Não era um demagôgo do Direito, representava a figura de um pró-consul da oratória jurídica, semeando luzes e sentimentos onde sô havia o ódio e a insânia julgadora!

De uma cultura humanística larga e vitoriosa, feita sob os docéis da velha Faculdade de Direito do Recife, Araújo Filho deixou um rastro profundo na saudade dos amazonenses.

Seu "pince-nez" francês cobria um olhar vulturino e esmiuçador. Por esse tempo, estava ele cercado de valores entre os juízes do Tribunal, homens de conspícua e ilibada contextura moral, e de saber

translúcido, onde ponteava, iluminando o Amazonas, o Desembargador Zózimo de Leiros, figura européia com o seu cavanhaque bem aparado e seu pendor pelo classicismo, de quem sorvia conhecimentos e conceitos altos.

Era um latinista. Notabilizou-se por falar sempre aos seus interlocutores na segunda pessoa do plural.

O quilo de pão custava em Manaus, duzentos réis ou um décimo de dois centavos atuais. Uma ninharia. Mesmo assim, o nosso desembargador já devia ao seu fornecedor português, cerca de tres contos de réis. Tímido, o lusitano bateu-lhe um dia, à janela, manhã cedinho. O desembargador perguntou, com a elevação de um dono da judicatura, de sua cadeira de balanço, onde devorava Ulpiano: — "Quem sois e o que quereis?"

O lusitano, humilde e trêmulo, balbuciou: — "Sou o padeiro de Vossa Excelência!". E Zózimo, imperativo: — "Apropinquai-vos!".

O padeiro empurrou a porta devagarinho e, entrando na sala, murmurou hesitante: — "Senhor Desembargador! A conta de Vossa Excelência está muito alta! Eu venho apelar-lhe à sensibilidade, com o fito d'abiscoitar algo por conta! Vossa Excelência sabe: — os tempos estão bicudos!".

Zózimo levantou a vista de Ulpiano, espapaçado nos seus joelhos, e perguntou autoritário e soberbo: — "A quanto me vendeis o pão que me alimenta à matina?". O portugues sussurrou: — "Duzentos réis, Excelência!". E o desembargador, solene, como se resolvesse uma questão forense: — "Passarei a pagar-vos trezentos réis o quilo! Idevos!". E o padeiro, humilde e solícito, saiu sem receber nada, agradecendo-lhe tanta generosidade...

Zózimo recaiu em Ulpiano, esquecido do amassador de trigo...

Eram homens desta intangibilidade, que comandavam a Justiça áquêle tempo.

Francisco Pedro d'Araujo Filho também era um latinista profundo. Suas citações fagulhavam num latim puro e limpo. Não manuseava os autores romanos senão no original.

Foi uma das fases mais luminosas da eloquência jurídica do Amazonas. Era preciso ser um grande promotor, e os havia em Manaus com frequência para bater-se com ele numa justa tribunícia.

Teve dois filhos que lhe honraram o renome. Um deles, uma grande figura de político, cujo caráter garantiu-lhe a nomeada de que desfrutou, ocupando os mais altos postos da administração pública: — Ruy Araujo.

O outro, êsse admirável e culto André Araujo, tantas vezes professor emérito e Diretor da Faculdade de Filosofia, Desembargador dos mais brilhantes, cujos filhos lhe honram a esteira: — um o médico profícuo e competente, otorino-laringologista dos mais probos e sábios; o

outro, o psicólogo clínico de rara inteligência, que eu conheci de perto ao convívio de minha família, no Rio de Janeiro, hoje uma das maiores figuras de sua especialidade em Manaus.

Essa a sequência deixada por esse luminar do Direito, manejador exímio da lógica, campeão da habilidade eloquente e profunda, que foi Francisco Pedro d'Araujo Filho.

O seu centenário, comemorado agora, sacudiu-me a memória tão acutilada pelo jogo das vibrações modernas e tão continuamente fustigada pelo Amor.

Manaus me surge, bela e encantadora na sua compleição atual, cortada de asfalto e de estudantes, como se fôra naquele tempo em que eu, menino, contemplava os seus romances como um tímido e distante testemunho infantil.

Sobretudo guardava, na lembrança, essas figuras egrégias, tão cheias de talento, cujo conhecimento encheu uma época, transbordou da taça amazônica para o comentário do Brasil, iluminou o zimbório do Teatro Amazonas com as fulgurações que jorravam do Fórum, bem defronte, argamassando em nossa alma de crianças, sempre mais fundo, o amor pela nossa terra e pela nossa gente!

O CENTENÁRIO DE ARAÚJO FILHO

Padre Nonato PINHEIRO

Passou o centenário de Francisco Pedro d'Araújo Filho, condignamente comemorado, tendo ficado à frente dos festejos comemorativos o próprio filho desembargador André Vidal de Araújo, seu sucessor na cadeira de Martins Júnior, que hoje lhe detém o aureolado nome. Verdade seja que a maior concentração ainda não se fez a publicação do grande livro que o filho tem pronto ou em preparo, obra já anunciada por Anísio Jobim, em 1934: "Seu filho, Dr. André Vidal de Araújo, pensa reunir a bagagem científica e literária do latinista e professor de direito, as suas conferências e artigos de jornais, para que não fique no pó do esquecimento tão rútilo engenho". ("A INTELECTUALIDADE NO EXTEMO NORTE", Livraria Classica, Manaus, 1934, pág. 59).

Tenho em mãos alguns apontamentos, colhidos nas minhas horas feriadas, que ora dou a lume, fruto de minhas pesquisas e de meu afervorado culto à memória dos varões ilustres de minha terra, ou que para aqui vieram, como é seu caso, integrando-se definitivamente em nossa vida pública, social e cultural.

Araújo Filho nasceu na cidade de Goiana, em Pernambuco. A fundação de Goiana é anterior a 1570 e o município possui uma glória inauferível: foi o primeiro município de Pernambuco em que foi extinto o elemento servil. A padroeira é Nossa Senhora do Rosário. O convento de Nossa Senhora da Soledade e outros templos demonstram a religiosidade do povo de Goiana, que, além de Araújo Filho, foi berço de uma das maiores figuras do episcopado brasileiro: Dom Severino Vieira, primeiro Arcebispo de Terezina, a quem tive a felicidade de conhecer de perto, em São Luiz do Maranhão, a cujo Seminário de

Santo Antonio ia de quando em quando, em visitas paternais a seus seminaristas, entre os quais dois de minha turma, tendo sido um deles ordenado sacerdote juntamente comigo, a 27 de outubro de 1946, o Padre Francisco das Chagas Vasconcelos.

O eminente pernambucano cursou a famosa Faculdade de Direito do Recife, que deu a este país tantas plêiades de consagrados juristas. Transferindo-se para o Amazonas, cuja abastança atraiu para cá inúmeros brasileiros de outras unidades federativas, aqui iniciou sua brilhante carreira jurídica, como professor da velha e primitiva Universidade (ESCOLA UNIVERSITÁRIA DE MANAUS) e fulgurante advogado, em cuja banca afamada a aceitação da causa se confundia com a própria vitória nos tribunais.

Andei pesquisando, no IGHA, a coleção dos ARQUIVOS da Universidade de Manaus, bem como da REVISTA ACADÊMICA da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, e encontrei as traças fulgurantes de sua passagem no corpo docente, iluminando os jovens com as claridades intensas de seu saber jurídico, humanístico e enciclopédico. Lente de Direito Civil, proferiu de uma feita uma notabilíssima conferência em tôrno do programa que lhe foi entregue, para um curso propedêutico de História das Civilizações. O trabalho é obra de enchemão, e figura nos ARQUIVOS da citada ESCOLA UNIVERSITÁRIA LIVRE DE MANAUS, número 5, ano I, setembro e outubro de 1911, págs. 81-96. São 16 páginas suculentas, que li com grande admiração e empolgante enlevo. Eis o sumário da conferência: "Tártaros e Mongóis. — China. — México e Peru pré-colombianos. — Egito. — Turianos e Semitas. — Árias e Indo-europeus". Tratava-se de um programa de reforma de ensino, e o conferencista aproveitou a oportunidade para observar com certa ironia: "este país tem sempre uma novíssima reforma a respeito de tudo..."

Discorrendo acerca da importância da História das Civilizações numa Faculadde de Direito, frisou o soberbo orador: "A História das Civilizações é, numa Faculdade de Direito, meus senhores, necessária e indispensável disciplina; ela serve como que de pórtico monumental à entrada dessa grande e estupenda Catedral, que um poeta, que foi também um Jurista de raça, imaginou ser o domínio da Ciência Jurídica, porque, há um ritual na prática diurna do Direito, há uma liturgia, rodeada de símbolos poéticos, de que o mais trivial é o ramilhete que ainda hoje se outorga, nas hastas públicas, ao dono da coisa arrematada. Se as religiões têm dentro das suas normas um direito público, que lhes regula as funções externas e um direito privado, que lhes regula as relações normais aos seus membros, o Direito tem a sua existência assegurada por uma variedade de fórmulas, de sacramentos, na verdadeira significação do vocábulo, que asseguram e garantem com mais energia e maior eficácia a regra editada no texto frio dos Códigos". (pág. 82).

Despertou-me grande interesse, nessa conferência magistral, a parte relativa à civilização pré-colombiana do Peru, que é antiquíssima. Refere Araújo Filho que já 1.500 anos antes de Cristo, no tempo de Inti-Kapak, o ano solar era de 365 dias, e que o rei Aguay Manko fizera uma reforma no calendário, consagrando um dia suplementar, denominado "Alla-kaukis" (dia excepcional), cousa que o Ocidente civilizado só viria a conhecer em 1582.

Após um magistral estudo acerca das civilizações antigas, replenas de mistérios, de símbolos e de lendas douradas, o conferencista rematou sua preleção com o maravilhoso verso de Dante:

"L'amor che mouve il sole ed altre stelle".

Lente de Direito Civil, Araújo Filho compunha com outros mestres notáveis (Simplício Coelho de Resende, Achilles Bevilaqua e Henrique da Costa Fernandes) as bancas examinadoras de Direito Civil, Direito Constitucional e Direito Internacional. Coube-lhe a honra, "par droit de conquête!" de ser o paraninfo laureado da primeira turma de bacharelandos, em 1914. A solenidade foi brilhante, presidida pelo Dr. Astrolábio Passos. Representou o Governador Jonatas Pedrosa, o Dr. Osman Pedrosa, Secretário Geral do Estado. O maestro João Donizetti, professor do Conservatório Carlos Gomes, dirigiu a orquestra, tendo sido entoado o hino acadêmico por um grupo de 50 alunas do Instituto Benjamim Constant. Lamentavelmente não vi publicada a oração do paraninfo, tendo encontrado, entretanto, o seguinte registro: "Teve a palavra, a seguir, o professor Araújo Filho, lente de Direito Civil da Faculdade de Direito que, como paraninfo dos bacharelandos de 1914, ia proferir o discurso oficial da solenidade de colação. O que foi a peça do festejado tribuno poderá muito bem ajuizar o nosso público. Araújo Filho é um dos nossos mais queridos oradores e, sempre aplaudido, a sua palavra é ouvida com muito acatamento por todos os auditórios". (ARQUIVOS, ano IV, volume IV, número III, pág. 93).

Na REVISTA ACADÊMICA da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais de Manaus, número I, ano de 1922, dei com estas notas biográficas de Araújo Filho:

"Vice-DIRETOR — Francisco Pedro de Araújo Filho — natural do Estado de Pernambuco, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife. Lente catedrático de Direito Civil, que leciona desde 1910 (30 de julho). Procurador dos Feitos da Fazenda Municipal e advogado no fôro da capital. Membro da Academia Amazonense de Letras. Ex-Deputado à Câmara dos Deputados do Estado. Eleito vice-diretor para o quinquênio de 1915-1919, foi reeleito para o atual triênio, de 1920-1922, prorrogado pelos novos Estatutos até 17 de janeiro de 1923. Obra publicada — ESBÔÇO PARA O ESTUDO DA FILOSOFIA DO DIREITO (conferência, 1912).

Deixemos o jurista, para considerar um pouco o ilustre acadêmico, que além de conhecedor profundo do vernáculo, lia no original os autores greco-latinos, façanha ainda reproduzida hoje por um ou outro dos últimos abencerragens, que forçosamente cederão o lugar à nova mentalidade dos que já mandaram às urtigas essas velharias insulsas de latim, do grego e de português asseado, impondo a nova ordem ou a era nova das culturas improvisadas, que externam o que lhes vai no bestunto em caçanje da lei...

Araújo Filho foi sócio fundador da Sociedade Amazonense de Homens de Letras, criada em 1918, e cuja denominação foi alterada, dois anos após, 1920, para Academia Amazonense de Letras. Tomou para patrono Martins Júnior, cadeira hoje de Araújo Filho, ocupada por seu filho desembargador André Araújo. O primeiro número da revista da Academia, que é de julho de 1920, estampa sua conferência A POESIA DO DIREITO, na qual desposou o conceito de que o Direito foi sempre irmão gêmeo da Poesia. Na Academia foi amigo dileto de Péricles Moraes, que o retratou magistralmente em seu livro A VIDA LUMINOSA DE ARAÚJO FILHO, que possuo com dedicatória do autor (Péricles ofereceu-me tôdas as suas obras, quando ingressei na Academia, a 1º de janeiro de 1950). Acêrca dêsse livro meu eminente confrade e mestre desembargador Manuel Anísio Jobim, em cuja presidência luminosa ingressei no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, em 1948, faz colorida recensão em seu livro ASPECTOS SÓCIO-GEOGRÁFICOS DO AMAZONAS, da qual extraio êste tópico: "A morte do Dr. Francisco Pedro D'Araújo Filho, seu velho amigo, despertou-lhe o desejo de não deixar esmorecer no esquecimento tão nobre e valoroso espírito, resolvndo-se a escrever-lhe a biografia. Era êsse um dever impôsto pela amizade, nunca diminuida, de tirar-lhe do olvido o nome, a reputação, o talento, a energia moral, o desassombro, a bondade, a filantropia. Certamente, com o decorrer do tempo, o vulto radioso do acatado jurisperito, que deixou valiosos trabalhos esparsos, muitos deles perdidos no pó dos arquivos judiciários, apagar-se-ia lentamente, para se perdurar na lembrança dos seus afeiçoados e dos que lhe conheceram a vida agitada." (págs. 350-351).

O acadêmico Araújo Filho não ficou só na prosa e na oratória, aquela genuinamente vernácula e esta triunfantemente demostênica. Também bebeu as águas de Hipocrene. A NOTÍCIA, jornal que circulou em Manaus na década de 1900, dirigida pelo Dr. Santa Cruz Oliveira, em sua edição de 21 de fevereiro de 1914, publicou-lhe o sonêto PAPHNUCE, que merece uma introdução para os novos. Diz a lenda que a famosa cortesã egípcia TAÍS, supinamente devassa, foi convertida pelo anacoreta São Pafúncio. Isso foi objeto de

um romance de Anatólio France e de um drama lírico de L. Gallet, musicado por Massenet. Transcreverei o alexandrino, atualizando apenas a grafia:

Taís: — Servo de Deus, por um influxo divino
Sonhei que a tua alma errava às tontas, triste e só!
— Era mister opor barreira ao teu destino
E afastar-te da Treva e elevar-te do Pó!

Foi assim que, cedendo ao celestial ensino,
Corri em teu auxílio a estudar de mágoa e dó!...
Cheio de fé, entoei, ardendo em febre, o alto hino
Que foi à tua dor a Escada de Jacó

Fui ao Inferno arrancar-te! e arranquei-te, em verdade,
Puro, aos céus, entreguei teu coração! No entanto,
Um anseio de amor queima-me o coração!

Monstro! A carne venceu-me à espiritualidade!
Meu desejo foi tanto! e o Pecado foi tanto!
Que é até mesmo humilhante aceitar o Perdão!...

Araújo Filho

Caibam ainda êstes humildes goivos em sua sepultura, anosa de trinta e nove anos, que deposito no ano de seu centenário, em nome de meu pai, seu grande amigo e admirador!

A PALAVRA DOS CONTEMPORÂNEOS

ARAÚJO FILHO

Adriano JORGE

O esplendor solar desse formoso e nobre espírito, que foi Araújo Filho, crepusculou numa apoteose.

Imergiu na suprema pacificação da Morte brandindo nas mãos lívidas a mesma doce Alma infantil, com que andou através da vida, olhos cerrados para as realidades consternadoras a vaporar do incensário do coração, nas espirais perfumosas turibuladas das recônditas magias do seu extasiante sonho de Justiça, tôda a sua grande e transcendente Beleza.

Cultor apaixonado do Direito, suas razões de advogado, suas defesas àqueles que lhe confiavam o patrocínio de suas causas, eram magníficas lições cristalinamente diáfana, em que reverberava, de envolta com os surtos inigualáveis de seu talento, que era imenso, a móle formidável de sua cultura, que era deslumbradora.

Humanista eminente, revelava em sua formação intelectual, aquele carinho zeloso, aquele permanente cuidado, com que requintam na vida os verdadeiros aristocratas mentais.

Assim, todos lhe chamavam, sem ironias nem acrimonias: — Mestre!

Mestre, sim; porém, muito mais do que um simples transmissor de conhecimentos humanos purificados através do filtro de seu espírito, porque Ele foi sobretudo um grande, um surpreendente, um maravilhoso Professor de Bondade.

Na hora em que depunham o seu despojo exânime no seio da suave gleba acolhedora do Amazonas, que Ele tanto amou, havia, no céu escampo daquela tarde radiosa, pairando alto, como uma grande benção, um cirrus que o sol — pôr irisava todo. . .

Repousa em paz, meu grande, meu bom, meu querido Araujo Filho.

O GÊNIO DE ARAÚJO FILHO ATRAVÉS DO ENSAIO DE PERICLES MORAES

Raul de AZEVEDO

A biografia como outrora se fazia era monótona e insulsa. Era apenas a consagração exagerada, o elogio transbordante, o derramamento de uma adjetivação desmoralizada. Não se fazia o estudo do homem e do "meio" não se ambientava o indivíduo". Trabalhava-se o livro com displicencia, visando-se apenas aureolar, merecida ou imerecidamente o alvejado, muita vez a grande vítima imbele da orgia intelectual.

Os processo foram se modificando, evoluindo, passo a passo. E enfim, chegamos à perfeição — não está em demasia o emprego do vocábulo — do ensaio moderno, do de hoje, análise da época e estudo psicológico do homem. A reconstrução biográfica só pode ser feita, pelo menos aceita pelos métodos de Zweig, Maurois, Ludovic, sob pena de um fracasso ruidoso.

Quando da morte desse complexo Araújo Filho em Maio de 1931, no mês das rosas e de Nossa Senhora, nesse recanto querido e incompreendido do Brasil que é a Cidade Risonha de Manaus, embora esperada para breve a tragédia, ela me deixou conturbado e extático. Era um amigo fiel — de tres decadas — que se ia; era uma genialidade que partia para o além misterioso de onde não se volta nunca! E, por momentos parado, o espírito golpeado pela dor, eu invocava depois a figura inconfundível desse intelectual dos mais puros que o Brasil já teve, e cuja bondade era uma infindável irradiação de sol!

E, mais tarde, quando a calma, a controlagem de mim mesmo, foi feita, comecei, de vagar, com retalhos de lembranças e a alma cheia de

recordações a escrever, não uma obra excepcional e profunda, mas um caderno de apontamentos e notas, de sugestões, de observações à margem, e de saudade cheio, sobre esse Araújo Filho, escritor e jornalista, professor e advogado, latinista e poliglota. Enfim, uma figura singular, que se estivesse em meio outro, que não o provinciano, e que se escrevessem em lingua outra que não a portuguesa — brasileira — em francês, inglês, espanhol, italiano ou alemão exemplificando — seria um nome universal sem fronteiras.

É esse caderno, já com alguns capítulos, que acabo de rasgar. Surpreende-me, carinhosamente a publicação de um livro que é um gesto da mais alta justiça, de psicologia a mais penetrante de Pericles Moraes. A vida luminosa de Araújo Filho é o seu titulo, cheio de claridades.

E eu não conheço quem com maior autoridade de escritor e de analista, no número dos seus amigos, pudesse fazer melhor e com perfeição maior, o estudo, o ensaio da genialidade do pernambucano que foi o companheiro dileto de Martins Junior.

Está à Maurois. Simples, como a profundeza do sábio, dentro dos processos modernos, esse livro é a par do seguimento de uma vida inconfundível, nos seus lances mais salientes de intelectualidade e bondade, de uma rara observação e de uma penetrante psicologia, que vão até ao ámago do cérebro e do coração.

Eu disse ai acima que Araújo Filho era complexo. Acrescentarei singular e paradoxal. Desconcertante às vêzes.

Os livros, melhor que os homens, ensinaram ao pernambucano de atitudes definidas, a ser imensamente bom. Não conheci ainda, nesta minha vida que tem sido um turbilhão, coração maior.

Obra de uma vasta documentação, pontilhada de testemunhos leais, Pericles Moraes fez ressaltar os retratos moral e físico de Araújo Filho com uma proficiência e um carinho inexcedíveis, a injustiça com que muitas vezes foi golpeado — e nisto se confundem muitas vezes biografado e biografo, pois o recorte de Pericles Moraes para o público é um cheio de vontades, pessimista, navalhante no conceito e na frase, e para os seus íntimos, talento, cultura, uma certa displicência e bondade.

O autor de Figuras & Sensações ao traçar, em largas pinceladas, o retrato em foco escreve este período: "Araújo Filho foi um arquetipo de energias, uma consciência em ação, uma alma que se cristalizou nas mais puras indulgências, uma sensibilidade que se requintou no carinho de todos os sofrimentos, um homem, em suma, na acepção nobre do vocábulo". E acrescenta que tudo o que era seu denotava um temperamento ultra nervoso.

Fidelino de Figueiredo tem no estudo vivido de Luiz E. Cotter as suas melhores páginas. E Pericles Moraes sumula, como o escritor portugues, o tipo esplendente do morto brasileiro, com as palavras

sobre aquele outro incompreendido — "morreu de tédio de inadaptação ao meio, imcompatível como era com a mediocridade provinciana, as querelas locais, o dominio da injustiça e seleção invertida, o horror das superioridades, a leviandade julgadora, a incultura, quase bárbara.

É bem um gesto de reindicação.

Araújo Filho não deixou a obra que poderia escrever. Conhecedor profundo do latim e do grego, lendo os originais, familiarizado com seis línguas vivas, mestre quando queria da brasileira — portuguesa, no convívio diário dos clássicos, ele era uma cultura das mais raras e apuradas do país, forte por uma inteligência, dádiva dos deuses. Mas o que deixou escrito vinca-o um estilo soberbo e um saber inconfundível. O que ele era cima de tudo, orador — dos mais raros do Brasil, entre os cinco ou seis maiores da tribuna. Era aí, o gênio em todo o seu esplendor, — e essa obra estupenda perde-se no espaço, o vento leva...

Quando da visita de Nilo Peçanha ao Amazonas, nós os da Academia Amazonense de Letras, fizemos-lhe uma carinhosa recepção. Houve momentos de silencio inteiro. O salão transbordava de homens e senhoras em natural seleção. Erguera-se Araújo Filho, e as galerias reboavam. O seu discurso, a sua conferência, a sua oração... Algo maravilhoso, de excepcional. A voz, sonora, cheia ou suave e doce, empolgava, sugestionava, deslumbrava... Os conceitos eram tão altos, e a erudição tão vasta que nos lembrava Ruy. E após o grande e apertado abraço que Nilo Peçanha deu ao orador, disse-me ainda emocionado:

— É um gênio!

Era modesto, simples como é a verdade. Pairando alto como as aguias.

Professor de história dos mais notáveis, bacharel em direito de destaque inconfundível, advogado como poucos neste pais, jornalista e escritor, orador raro, poliglota, latinista, apurado, amando o seu Dante, traduzindo-o e interpretando-o, e a par disso duma bondade infinita. Araújo Filho que se fez amazonense merece, e a sua memória reclama-o da gratidão da dignidade do povo, o bronze na praça pública.

Não será possível acompanhar, pela estreiteza do espaço de que disponho neste jornal capítulo a capítulo o livro sereno de Pericles de Moraes. Este já se fizera mestre com o volume **Coelho Neto e sua obra** Agora, com **a vida luminosa de Araújo Filho** fica nasletras pátrias como o nosso Maurois. Não conheço quem, no gênero delicado, lhe seja superior.

Taine e Renan, mais êste do que aquêle foram de fato os mestres maiores de Araújo Filho. E essa influência diz da superioridade da sua obra. Ela se reflete página a página. E os gregos e os latinos formaram a base primordial desta cerebração que sem exagero, tinha

as facetas da genialidade de Ruy Barbosa. No Norte era a grande figura de relevo, e ninguem lhe era maior em inteligência, cultura e oratoria. Na tribuna era um deus.

Temperamento revoltado, insubmisso, ele estava sempre com a razão, o direito e a justiça. Por mim o digo e afirmo. Seu amigo fraternal, seu companheiro de tres décadas, por duas vezes em transes decisivos da minha vida, golpeada pela calúnia, pela dor que viverá eterna, Araújo Filho foi o meu guião, o meu mestre, advogado vitorioso e triunfador. Amigo como ninguém, irmão como poucos... E daí, eu comovidamente, ler, reler as páginas calmas do biógrafo, vendo a verdade ressaltar de casos, de incidentes, de acontecimentos, de gestos, de atitudes, à memória alerta e o coração dorido...

Rui tinha em Araújo Filho uma consagração permanente, vivida. O seu estudo sobre o mestre supremo é todo um deslumbramento. Em a **Poesia do Direito** ensaios de jurista e de filósofo, onde paira uma cultura que assombra há a influência marcada de Ruy. Assim como em dezenas de conferências, em centenas de discursos, em milhares de páginas, há aquela afeição — tal a claridade de pensamento, a alta feição espiritual, a vastidão do saber, a comunhão de ideias e finalidades de Araújo Filho e Rui Barbosa.

Eu estou com Pericles Moraes quando afirma que por um erro de exegese êsse sábio que glorificou os nossos dias, foi um homem deslocado de sua época. As ideias modernizadas, as inovações atrevidas, a vertigem alucinante do momento, deixaram-no indiferente — com aquele sorriso seu, único e indescritível mixto de ironia e de comiseração...

Numa feita por noites seguidas, trabalhamos juntos até o sol irromper... Ele amava a noite, este espírito claro! Era o sossego, a tranquilidade, a hora do convivio dos clássicos... A sua memória prodigiosa! Duma vez, ele ditou oito horas seguidas e eu escrevia. Passeava pelo gabinete, cortando-o em meio. Fazia citações de Horácio, de Virgílio, de Dante, Carlyle, Rui...

Citava os originais sem compulsá-los palavra por palavra. Latim, grego, ingles, italiano, alemão, espanhol, frances, tudo esse homem sabia! E, vendo o meu assombro, dizia-me — livro tal, deve ser à página tal, ali naquela estante, consulta. Levantei-me por tres ou quatro vezes, não de duvidoso mas para dar maior satisfação a ele abria os volumes e, página a mais página menos, lá estavam os versos latinos e gregos, os conceitos em prosa, certos, certíssimos! O gênio ilimitado de Araújo Filho...

Depois ao fim, sacudido pela inveja, deslealdade e ingratidão dos homens maus, golpeado pela desgraça e pela moléstia, uma doença terrível que arrancou a voz ao maior orador do Norte, o Mestre, abandonou-se. Ficou no aconchego do seu lar santo — uma companheira que

Deus lhe deu, e que tem muito de Nossa Senhora, uns filhos nobres de inteligência e altivez — e com a fidelidade fraternal de uns amigos restritos, poucos, que ficamos ao seu lado nos dias maus como estivemos na época gloriosa de luz e ouro, com a mesma sinceridade e o mesmo deslumbramento!

O livro formidável de Pericles Moraes é digno da genialidade de Araújo Filho. Que maior elogio lhe poderia ser feito do que esse? Biógrafo e biografado confundem-se muitas vezes. Simples e sinceros.

O morto que vive no nosso espírito foi o companheiro bem amado de Martins Junior. Terçara armas, na imprensa e na tribuna ao lado de Arthur Orlando, Carlos Porto Carreiro, Faelante da Câmara, Carneiro da Cunha, Gervásio Fioravante, Vicente Ferrer, na época áurea de Pernambuco, quando pontificava o sábio Laurindo Leão, de quem ele gizou um perfil estupendo.

Os seus ardores e entusiasmos de mocidade foram dados à sua terra natal e ao Amazonas. O amadurecimento, o saber, a bondade infinita, ele os reservou como um nababo do talento que era, para o Estado magnifico encravado e esquecido nos confins do Brasil, nas faixas limítrofes com o estrangeiro. Araújo Filho tudo fez tudo, por um Amazonas maior! E sem o viso de recompensa tilitante. Viveu pobre, morreu pobre, — ele que fora a maior banca, em certa época áurea de advogado! Mas aquele coração era infindo como o mar!

Fecha o livro magnífico de Pericles Moraes uma página de Arte, sobre a obra em foco, de Leopoldo Peres — que encara a mocidade gloriosa do Amazonas. Ele escreve sobre os seus dois Mestres, um que vive rútilo, ambos nomes inapagáveis, um capítulo onde se confundem biografado e biografo, naquele estilo vivo e terso que faz do moço mais brilhante do Amazonas a sua maior e mais justificada Esperança.

E de Araújo Filho, da sua vida cheia de lances à Bayard, à Rui, romanceada, convulsionada, com lampejos de sol e trevas de noite, mas nesta ainda com esplendores de estrelas e relampagos, diz com Maurois, que ele teve uma filosofia de Heroismo, de piedade e de renuncia.

Fecho o livro comovido, emocionado. Araújo Filho foi um expoente de talento, cultura, carater e bondade. Ele era um grego de antanho vivendo os dias apressados de hoje, com a mentalidade sábia de outrora. Era um genio encravado e perdido na infinita floresta amazonica...

E agora fica, morando comigo, mais esta saudade profunda e imensa.

"Jornal do Brasil" 2 de Janeiro de 1932

RAUL DE AZEVEDO

BOA NOITE, MESTRE!

Genesio CAVALCANTE

A última vez que nos vimos! Linda tarde aquela de sábado...

— Araújo Filho

— Poeta amigo!

Abraçamo-nos com o mesmo desprendimento e afetuosidade de outros tempos. Foi num bar da rua João Alfredo. Lá fora, uma apoteose de maio, toda de esplendores e alegria de viver.

Inteiramente à margem da Belém trepidante de hoje, abraçamo-nos a um canto e pedimos café. Ao começo, hesitante, aventurei qualquer cousa sensaborona sôbre a Revolução, sôbre o espírito renovador de Oswaldo Aranha, a diretriz do Governo Provisório e sobretudo, o seu papel como presidente da Junta de Sindicancia no Amazonas.

— Ai vens com este disco roufenho da Revolução. Isto é bom para vocês moços que ainda sonham com um regime de maravilhas. Deem-se por felizes, seguindo as pegadas do velho Ruy, e não há melhor padrão de sabedoria que os seus ensinamentos. Mirem-se nos atos, decretos, regulamentos e, principalmente, na Constituição da velha República. Que mentalidades as de 89! Havia altruismo e abnegação. Mormente cultura. Onde, porém, iremos assim? Cochichando-me decepções e casos amargos:

— Não, mudemos de assunto. A alegria é a maior dádiva que os deuses nos legaram. Como vai a musa?

— Musa nestes tempos de libra a oitenta? Eh! garçon, um vermutesinho frances com italiano. Olha, e charutos! Para este senhor, outra dose de café. Pobre musa... É assim, seu Araújo, só tolero o estrangeiro em liquido e com muito gelo.

— Vejo que estás um derrotista, ou cousa que o valha.

Preso mais a existência que um deus pagão. Sim, mas a poesia só a entendo e suporto à luz dos princípios revolucionários dominantes, nos embates da luta com o destino, no arrojo, na dor e na glória do homem contemporâneo da eletricidade, dos arranha-ceus, dos submarinos, dos aeroplanos, dos rádios, das fábricas, dos transatlânticos — cidadés das locomotivas, dos autos e do bolchevismo, do homem-peixe e do homem-pássaro que com seu titanismo ideal, afronta a fatalidade exterior. Aí estão Emile Verhaér, Walt-Whitman, Chocano, Rubem Dário e este D'Annunzio que, no último quartel da vida compreenderam a significação do idealismo contemporâneo sob o esforço, energia, audácia e capacidade criadora do homem dinâmico.

— Dize, então alguns versos teus.

— Eu, como a maioria dos que se dizem poetas nacionais, ainda oscilo entre as choramingas de Casimiro, os bigodes postiços de Alberto de Oliveira e os ignobeis sacis-pererês de uma caricata brasilidade. Deus me livre!

— Tens razão. De todos os momentos de intensa atividade prática é que têm saído as obras do verdadeiro mérito, porque estas traduzem um alto cunho de humanidade, não se restringindo ao egoismo, à fraqueza de uma fantasia sem repercussão... ou pior ainda, de uma fantasia avinhada que se travestiu imbecilmente de boemia para ir morrendo à mingua... esquecida de tudo... sem consolo... como tú... eu... e tantos outros...

Olhei-o, com sobressalto. Pela primeira vez notei a voz surda e estertorante, e atentei, suspenso, para aquela fisionomia escaveirada, estranha, de tons verde-negro, onde através da luneta dois olhos se revolviam febris, numa inquietação de quem vai ter uma dispnéa. E as mãos lívidas, trêmulas, enclavinhadas em garras, desvairadamente como a arrancar do peito, ofegante outras mãos invisíveis que o estrangulavam...

— Araújo! Araújo! Então, meu velho, que é isto? Olha já pedi um automóvel e telefonei ao médico. Vamos embora.

Pálido enxugando ora os lábios, ora o suor do rosto!:

— Você parece uma criança. Que automóvel!... Não, não valia a pena. Era uma crise de momento. Já havia passado e, demais estava muito bem ali. O médico aconselhara-lhe repouso, mas ele não era para apodrecer sosinho entre quatro paredes de hotel. E estendendo-me o pulso: — Veja, poeta. É verdade que isto aqui por dentro está desandando como relógio doido. Bem disse o Adriano!... E depois de algum tempo: Sabes? volto ao Amazonas. É pressentimento que me leva. Além disso sempre gostei daquela terra... Nos últimos tempos com a crise, a revolução e o despovoamento, tinho a impressão de que

Manaus era como uma grande casa onde houvesse morrido alguém e a gente andasse na ponta dos pés, tal o silêncio, o abandono, a tristeza...

— Manaus, — já o disse o grande Euclides, há uma onomatopéia complicada e sinistra nesta palavra feita de toar melancólico dos barés e da tristeza incrível do Bárbaro.

— Pois olha, para mim este nome, caro entre os mais caros, como um símbolo de ouro, evocará sempre uma mocidade imperecível, ávida de beleza, pródiga de fortunas e acolhedoras de todos os desprotegidos da sorte. Manaus!... E depois de alguns minutos, atentando-me: Estás mudado, poeta.

Mostrei-lhe a minha cabeça encanecida e o rosto vincado de rugas. Diabo era a algibeira das Danaidas...

— Então, que era deste juizado?...

— Um sonho de uma noite de verão, como na peça de Shakespeare. Acendi o charuto. Em torno de nós, nas bancas visinhas, mulheres elegantes e rapazes bebiam rindo, contando histórias num tilintar de copos. De súbito, no meio daquela algazarra, dominando a atmosfera carregada de perfumes perversos e tóxicos, vibrou a eletrola numa rapsódia húngara. O mais nostálgico canto de amor, de tristeza, e de volúpia que se pode ouvir. Tudo isso como se desprendesse de corações mui repletos para conter tanta pena. Na nossa mesa de bar, por momentos, como que toda a nostalgia do mundo se debruçou, recolhida naqueles dois frangalhos da vida, que eramos nós, quedos, mudos, extaticos...

Prestígio da música! Bem possível um reflexo de estado morbido.

Tempo em que o Amazonas, região do ouro-negro, atraente como o Eldorado das lendas. Repleta de forasteiros de todos os quadrantes do universo, fácil de negociantes e de ouropéis, atordoante de diversões, voragem de crimes e de loucuras, antro de batotas e de amores inconfessáveis, magnífica de orgias babilônicas, Manaus sob o governo dos irmãos Nery, do cel. Afonso e do velho Bittencourt, ali está noite e dia resplandecendo como faustosa Bagdad ou Damasco das mil e uma noites. Quantos terão a felicidade de uma lampada maravilhosa? Ei-las as cortezãs esplêndidas acendendo cigarrilhas com pelegas de quinhentos e paroaras broncos que ainda há pouco aportaram do Sul em 3ª classe, ostentando boladas gordas e brilhantes de cincoenta contos! Os caucheiros têm a elegância de um José Duarte, de um Porfírio Nogueira ou de um Teixeirinha, como dantes autênticos do Picadly ou dos Boulevards parisienses, e arruinaram-se no pano verde ou por um capricho de amante com o desembaraço de grãos senhores. Coelho Cavalcante — o Barafunda, assassina com epigramas — Shooltz constrói o palácio Rio Negro para noitadas de esturdias. Todas essas caras que ali passam eu as conheço e falam-me com intimidade. Um vulto de rapaz desempenado, moreno, dá realce aquela intelectua-

lidade de bacharéis, médicos e homens de letras, onde brilham os nomes de Heliodoro Balbi, Adriano Jorge, Manoel de Bittencourt, José Maria, Maranhão Sobrinho, Th. Vaz, Theodoro Rodrigues, Alberto Rangel, Carlos de Vasconcelos, Jorge de Moraes, Carlos D. Fernandes, Gilberto Saboya, Pericles, Abel Garcia, Câmara, Gaspar Guimarães, Sá Peixoto, João Barreto de Menezes, Lopes Gonçalves, Paulo de Lacerda, Mangabeira, Anibal Teófilo e outros. É o dr. Francisco Pedro de Araújo Filho. Vieira do Recife. Depois do juri Saldanha — Bentevi, firma-se a aureola do seu talento. Ao escritório afluem as causas mais diversas e rendosas. É o triunfo. Dinheiro a jorros. Tôdas as portas se lhe abrem até a política. Filósofo a criminalista, é um versado em todos os ramos do pensamento. Ao trato afável junta a sutileza do esteta. Ama a eloquência. Envolto na béca do causidico e pelos gestos comedidos acentuando as ideais claras, dá a impressão que em outras idades frequentou o recinto de Agora ou contemporâneo de Cícero, pleiteou no Forum... Mendaz fortuna! Sucedem-se os governos de Bacelar, Rego Monteiro, a intervenção, Efigênio Sales, Dorval... Outros tempos, outra gente. Desapareceram as grandes firmas. Crise da borracha. Amazonas, na debacle. Ramalho Junior reduzido a revisor de um jornal, e Regalado Batista, para não morrer de fome vende os livros... Ingratidões e amarugens da vida dão-lhe, também, outra expressão à fronte embaciada. Pobre Araújo! Qualquer cousa enigmática daquela máscara do velho fauno que Miguel Angelo, adolescente, reproduziu nos jardins de Lourenço — o magnífico. Suas palavras ressumbram ironia e piedade, à maneira de um epicurista decrepito. Indiferença pelos homens e paixões. Sob estimulos constantes, ora de Pericles Moraes, ora de Waldemar Pedrosa, por vezes retorna-lhe a eloquencia dos dias aureos, e ei-lo de novo, na campanha civilista, na recepção ao interventor Alfredo Sá ou na defesa dos revoltosos de 24! Um braseiro que logo se extingue. Ainda assim ao longo do XPTO, no Pavilhão e na Bolsa, dá consultas ou ditações a advogados madraços, que o exploram com rodadas de chopps e farras em Flôres. Mas aproxima-se o fim. Sobrevêm-lhe pesadelos com intervalos de neurastenia. A propria voz amortece. Solidão, velhice, desespero...

— Acorda homem! Estavas, mesmo, dormindo?

— Que, eu? Que horas são? Fez-me mal essa rapsodia...

— Sabes poeta, embarco hoje mesmo, no Santos, para Manaus.

Erguemo-nos. Anoitecia. Por muito tempo abracei-o em silêncio e afinal, como quem se debruça sobre um tumulo querido: — Bôa-noite, Mestre!

"Diario do Povo"

GENESIO CAVALCANTE
Belem — 1-7-31

EM LOUVOR DE UMA GRANDE VIDA

Leopoldo PERES

A biografia carlyleana de Araújo Filho, em todos os lances de uma grande existencia, que foi sempre da arraiada ao crepúsculo, um poeta heroico, um ato de fé, uma exortação de energia e, sobretudo uma síntese de beleza moral, de pugna, cidade e altruismo, devemo-la, já hoje, breves meses volvidos do seu melancólico trespasse, a um compromisso de inteligência e de sensibilidade. Escreveu-a Pericles Moraes e, só com o escrevê-la, erigiu à memória gloriosa e onímoda do Preliador a mais resplandescente das colunas votivas.

Convocando-nos, faz poucos dias, a alguns raros amigos, ungidos, fraternizados na mesma altíssima devoção para essa severa mas encantadora "cidade de livros" da rua de S. Vicente — onde a força de sua fecunda radiação intelectual se nos afigura tamanha como a de Stephane Mallarmé aos habituados da rue de Rome, teóres e turibulários do "poete extaique" cujo refulgente esoterismo estético Camille Mauclair trasladou às páginas magistrais de "Servitude et grandeur litèrraires", — levou-nos o eminente biógrafo, na mais extasiante e comovida das peregrinações espirituais, através dos alcantilados panoramas, dos altibaixos vertiginosos das perspectivas empolgantes, das iluminadas paisagens daquela imensa vida.

E o homem que nós conheceramos e amáramos nos dias de ontem, ao claror de uma glória sem contraste, de uma cromveliada lampejante, rumorosa e deslumbradora, apenas lamentavelmente, confinada à angustura do ambiente a que se imolara, sacrificando as irremessíveis contingências provincianas, incoercivelmente aniquiladoras, uma das mais poderosas cerebrações do Brasil; o gigante das pugnas judiciárias,

gladiador inflexo de mil combates generosos e ultrizes; o beluário da palavra em ação — verbo feito rajada e catadupa, eloquência de fluidos magnéticos raptos siderantes e estelares fulgurações, a qual como a de Patrocinio na imagem de Batista Pereira era a Eloquencia mesma, "arancada às raizes da vida como a chama de Zeus à raiz dos carvalhos de Dòdona" — Araújo Filho, jurisconsulto e evangelista — "vir probus, dicendi peritus" — advogado e tribuno, filósofo e pensador, exsurgiu-nos, um instante, transfigurado e redivivo, sob o irresistível condão do prestigioso evocador.

'A vida luminosa de Araújo Filho", — que bem poderia ser, integrando uma galeria de ínclitas existências romanceadas — "gloriosa" como a de Victor Hugo, "procelosa e fagulhante como a de Mirabeau, "reflexiva" e profunda como a de Descartes, "prodigiosa" como a de Balzac, amargurada e "dolorosa" como a de Charles Baudelaire — eis o fúlgido ensaio, em que se desdobrará dentro em pouco, na cadencia de suas linhas harmoniosas, de suas "constantes" fundamentais, de suas tonalidades e intrinsecos valores, ascendendo às culminancias definitivas do conhecimento e da expressão, a obra cívica de Pericles Moraes.

Os dons incomparáveis de investigação e de análise, que muito lhe grangearam ao insigne prosador brasileiro, as láureas com que se destaca e avulta entre os mais notandos, indiscutidos orientadores do criticismo nacional destes dias, como todos os atributos preexcelentes do artista literário, grande entre os maiores de seu tempo e de sua raça, do escritor rútilo e opulento, cuja inexauriveis faculdades criadoras só à extensão latitudinária dos seus recursos culturais se ajustam e correspondem — todos eles ali se nos deparam a píno, evolvidos, aprimorados, assim na transparência da elocução, peregrina e diserta, como no vigor ideativo dos conceitos, na penetrante agudeza dos raciocínios, nos alcandores do pensamento puro, aberto, a todos os horizontes da meditação. E observa-se que o seu estilo,, faiscante de resplandores como o de Barbey d'Aurevilly, perde neste último ensaio, em intensidade e eloquencia, o que adquire em plasticidade, musicalidade e euritmia. O colorista de largas pinceladas à Holbein, o "prestidigitador da expressão verbal" — aplicando-se-lhe, ainda uma vez, a frase com que designa a Mauclair, — que em 1924, nos deu aquela estonteadora teória de "Figuras & Sensações" e, logo depois, em maiores planejamentos "Coelho Neto e sua Obra", liberta-se agora a si mesmo, refugindo à sugestão numerosa e obsidente do verbo, na plenitude das mais secretas interiorizações; transubstancia-se na sua própria criação, na mesma realidade artística de sua obra, e atinge, no equilíbrio ideal da representação e da idéia, da essência e da forma, a unidade suprema do artista — criador. Mas, sobretudo, domina a experiência das análises

profundas, que a estética proustiana instaurou no "processus" da pesquisa psicologica, buscando, sobre os "dados imediatos" da observação superficial, a imanencia mesma da vida e das coisas: o método "d'exploration en profondeur" transportando, vitoriosamente, à exègese literária, às aproximações criticas, à história natural dos espíritos.

Só assim, de resto, se teria completado, como em definitiva se completou, a articulação absoluta da individualidade do crítico na obra do escritor, a exprimem, ambas de duas, o "fiat" animador do artista que as assimila e intégra, de vez que, consoante nos ensinou Remy de Gourmont, sans la faculté critique il nóy a point de création possible". Operando uma na ordem das sensibilidades, outra na esféra das inteligências, Saint Beuve criou, talvez, muito mais que Balzac: não há um capítulo dos "Lundis", asserta o mestre das "Promenades littéraires", que não seja em todos os sentidos uma magnificente floração de belezas e de valôres estéticos. E é o que se pode afirmar de Pericles Moraes maximé neste ensaio, onde o dinamismo cinemático das idéias reflete a flama coruscante de uma permanente, infatigável, inexcedível criação. Vasado numa alta, nobílima interção reivindicadora, porque, "morto Araújo Filho, extinta a sua grande voz, persuasiva e eloquente, apagado o fulgor daquele verbo rumorejante que descrevia em parabolas luminosas as vibrações de um espírito oracular, estaria irreparavelmente encerrado o ciclo vertiginoso de sua gloria" — nem por isso o delimitam ou desbordam, as configurações exaltativas do panegírico, o louvor imoderado, as hiperboles e metáforas extenuantes das méras apologias. Bem ao revés, sendo um retrato literário à grande maneira de Saint Beuve, é também, e principalmente, uma perfeita biografia d'arte, à feição sensacional do Strachey ou de Nicolson. E biografista moderno, segundo o definia Andre Maurois, não se diz apenas do gravador sibaritico de legendas, ou de anotador pontilhoso de cronologias: é o sincronizador de uma existência "in fieri", nos seus aspectos mais expressivamente significativos, nas suas tendências, nas suas idiosincrasias, no seus tumultos, na sua obscura ou radiosa destinação. Preocupa-o o traço estrutural da fisionomia, a arquitetura subjetiva da personalidade, agindo, expandindo-se "realizando-se", à influência inexorável do universo em que a vida a situou — "le sens de la complexité et de la mobilité des êtres, et moins qu'éux le sens de leur unité".

Diante do espetáculo de uma vida da tragédia de uma existência que mereça perpetuada no monumento lapidar de uma biografia, o dever do memorialista não se poderá mais reduzir à transposição objetiva dos episódios que a envolveram, dos cenários e circunstâncias, em que se conduziu a ação, nem muito menos, a seriação esquemática dos temperamentos, dos complexos afetivos, dos sistemas psicológicos. Esses eram os métodos da psicologia clássica, que as sinteses da psica-

nálise e do intuicionismo bergsoniano relegaram à congérie dos anacronismos inaturáveis. Na biografia contemporânea, bem ao contrário disso, há que atender, precipuamente à multiplicidade na unidade à heterogeneidade no todo homogeneo; há que perquerir à margem da noção simplista dos caractéres paradigmários, o índice oculto dos fenômenos, a vida misteriosa dos sêres, nos subterrâneos, já hoje não de todo inescrutáveis, da consciência psíquica e moral — o movimento insondável das almas em contínuos e indefinidos avatares. Examinar o "documento humano", não como uma peça rigida e indesmontável a qualquer esforço de análise senão também como uma atordoante colmeia de sentimentos, pendores e inquietudes "um polipeiro de personalidades diversas" e, não raro, contraditorias e adversas. Mas examiná-lo, sempre, sob o critério ético de veracidade e da certeza, — "la recherche hardie de la verité", que denuncia conforme a Maurois, o requisito primacial nessa ordem de cogitações, a saber — reconstituir os acontecimentos e os homens sem lhes omitir o substrato ideologico, mas, antes de tudo, sem os despojar dos elementos de beleza moral, da "vis" heroica que os transcendentaliza e exalta.

Foi com esse sentimento da verdade e essa intuição exata dos valôres humanos, ainda que na mais dignificadora e enternecida das atitudes de simpatia — tão fortes e indesatáveis as reciprocas afinidades do biografado e do biografo — que Pericles Moraes perlustrou, de longo a longo a vida luminosa de Araújo Filho — estudando-a em todos os relevos da trajetória demarcada de relampagos e de surtos, descortinando-lhe os cimos da cultura universalizada, devassando-lhe as categorias do saber polimático e multimodo, surpreendendo-lhe o genio no turbilhão de uma obra desordenada, que apenas logrou eternizar "os impetos, as convulsões, as ansiedades de uma vida tumultuaria", adivinhando-lhe e perscrutando-lhe "o espírito desencantado com o espetáculo da mediocridade contemporanea — numa época dolorosamente insensibilizada, em que os mediocres — no cético conceito anatoleano — são para logo aplaudidos e endeusados pelas mediocridades, circundantes, que deles se ufanam e gloriam, enquanto a inteligência e o talento se expõem irritando-os os odios surdos e às calunias envilecedoras e obnoxias dos apedeutas...

Todavia não termina aí a maravilhosa evocação. O oráculo de novo se revela sob a estela funerária. O campeador ressucita, animado de uma estranha vida além da morte. Desta feita, porém já lhe rodeia a cabeça, trasiluminada o estema do inexprimível martírio... É que a esse perfil de trágica e impressionante beleza, nem siquer escapou a máscara dos últimos dias — espelho de vicissitudes e triunfos de escaladas e reveses — máscara atormentada dos dias terríveis em que o drama epilogou. Mas a vida de Araújo Filho para revestir depois da morte, o sentido trágico que a sobredoira e exalça, deveria de findar

assim, tristemente "Une vie pour être belle — disse uma vez Oscar Wilde — doit se terminer par un èchec". E se é certo, por outro lado, como nos assevera ainda Maurois, que uma grande vida bem episodiada sugere sempre uma filosofia da vida — a de Araujo Filho, fulgurantemente visionada pelo maior dos biografos que a poderiam restaurar — desprende no olor balsamico do seu sacrificio, para edificação dos homens a mais doce, sábia e consoladora das filosofias — uma filosofia do heroismo, da piedade e da renuncia...

"O Jornal"

11 de setembro de 1931

PALAVRAS DE SAUDADE

Benjamin de SOUZA

Quando, na noite fria e silenciosa de há quinze dias, um transeunte retardário, ao passar-me pela porta, atirou-me para a varanda a pungente notícia da morte de Araújo Filho, os meus ouvidos, surpresos, rejeitavam aceitar a dolorosa verdade! Sabia-o gravemente enfermo e ainda mais combalido pelo excesso desumano de zelo do médico do navio em que quase acabara de regressar de Belém — o qual cometera a ultrajante irreverencia de maltrata-lo. Mas, recusava crer no seu acabamento, tão próximo. Porque, da última vez que nos defrontámos, reparei que se conservava forte, como se aquele organismo privilegiado, rebelde aos arcanos do Destino, procurasse reagir ao mal terrível que o aniquilava, em marcha progressiva. Salteado por ligeiro resfriamento, não pude sair no momento. E pela manhã, o jornal do dia trazia-me, e ao público, a amargurante confirmação da cruciante notícia que, por algumas horas inquietantes, me forçára a penosa vigilia, tão viva foi a consternação de minha alma pelo trespasse do meu ilustre Mestre e dileto Amigo...

A morte — eu o disse, alhures, — é a consequencia final da vida. Mas, quando nos morre um ente querido não há quem se conforme com a lancinante desdita: e o espírito se revolta, impréca, blasfema, impotente e vencido...

E sob a tarde, nevoenta e triste, os seus amigos, os que o admiravamos e o benqueríamos, fomos, compungidos e consternados, levarlhe o corpo inanimado à merencoria necropole da cidade, para o repasto iconoclasta dos vermes... Todos os automóveis da praça formaram no cortejo funebre, conduzindo magistrados, médicos, advogados, comerciantes, auxiliares do fôro, industriais, artistas e operários, repre-

sentantes de todas as classes da sociedade. E os homens, descobertos trajados de luto, de fisionomias magoadas, punham, pelas ruas por onde o prestito deslizava, um tom de infinita tristeza, sob o ceu fechado, de onde o sol sumira-se como para não assistir ao funeral do grande orador extinto, que trouxera no cérebro, durante a existência, um outro sol, rutilo e deslumbrante: — a radiosa eloquencia com que pontificára na catedra de professor e na tribuna forense e com que arrebatára as multidões na praça pública.

Não faltou a essa ultima homenagem ao luminoso espirito abatido a gente anônima chorando o desaparecimento de quem tanto a beneficiou com uma esmola oculta, sem ruido, ou com a palavra fulgurante, em sua defesa. É que Araújo Filho, no evolver-se de sua vida e no nobre oficio de pedir justiça, adorava a volupia de fazer bem aos humildes...

Aquela grande voz, porém maravilhosa e encantadora que tantas vezes enchera de sonoridades, deslumbramentos e beleza as arcadas da Academia, as abobodas dos tribunais, o ambito dos ceus, emudecera, agora, para sempre, estrangulada naquela garganta de oiro! Eu recomponho, na minha infinita saudade, os momentos finais do insigne jurista. A molestia prostara-o no leito, ao redor do qual, perenemente, se ouviram soluços e preces. O enfermo procurava debalde, esconder os irreparáveis danos que lhe vinha causando para evitar o sofrimento dos seus. Mas, o mal avançava, cada vez com mais impetuosidade, vencendo a ciência que o vigiava com carinhoso desvelo. Até que naquela noite fatídica, chegou ao seu termo! A boca se lhe abriu, pela última vez, para dizer as derradeiras palavras de adeus à esposa e aos filhos amantíssimos, enquanto uma lágrima lhe desceu das palpebras, muda e silenciosa, para lhe cair sobre o peito, dentro do qual o coração vibrava as suas palpitações extremas... Depois, num minuto a mais, um estertor: os olhos fecharam-se-lhe; o coração parou! Estava tudo acabado! A morte completára a sua obra de destruição: Araújo Filho deixara de existir!...

A imortalidade — disse-o um dos oradores, à beira da tua sepultura — é a recordação dos atos e dos feitos que deixam os que tombam no tumulo. Se assim é, Grande Mestre! tu não morreste, não podes ter morrido: porque, para recordar-te, sempre e sempre, ficaram, além da santa consorte, dos filhos queridos da tua larga e imensa bondade, a memoria da tua honradez inexpurcável e os testemunhos gráficos do teu alcandorado saber e da tua formosa inteligência.

SIGNO

Jorge TUFIC

peixes de
Aquário ao
final dos
signos.

Eu vos
soletro o
mergulho e
as caudas
leves de
astro
nautas.

Sob a
luz vária
de Cronos,
eu colho a
expessura
(inviolável)
da vossa
trans
parência;
a fôrça
clara
dos vossos
domínios; e
o líquido
poder da
vossa
memória.

SIGNO 2

a dor
viola os
sons do
corpo

2

a dor
educa as
unhas
(curvas (()))
do ócio

3

a dor
AmorOdio
— mono
    córdio —
e visco
    fundo de
ar e
    GUME

SIGNO 3

ter na
fonte a
    pedra
dos ex-
tupros:
flor mine
ral
ESTA
de caule
exposto
aos graus
de
    graus
de
    chuva
    azul

CINCO CANÇÕES

Elson FARIAS

1

A casa de palha
além de minha imagem,
agora eu canto a aurora
do tempo que me sobra.

Minha canção refeita,
minha palavra alerta,
boa noite, meu amigo,
meu companheiro.

Quando as tardes cairem
sôbre as águas,
todos os dias,
estaremos alerta.

Bom dia, companheiro,
muito bom dia!

2. UMA CANÇÃO DE BEM-DIZER

Minha canção amarga sôbre as águas,
minha aflição de pedra destruída,
desejo ver-te próxima
minha amiga.

Peixe livre no rio, correnteza
de penas sôbre nuvens infinita,
desejo ver-te próxima
minha amiga.

Tua voz de estranhíssima ternura,
— desenho a imagem doce como a vida —
desejo ver-te próxima
minha amiga.

Gosto das coisas simples que te exortam,
sinto morrer por ti, desejo ver-te
infinito repouso
minha amiga.

3. CANÇÃO URBANA

Uiva o vento nos fios
a chuva cai,
as ruas são rios
por onde vai

minha paz,
minha paz.

Tenho mêdo dos raios
dêsses rios,
minha paz se espalma,
minha paz.

Corta rente o corisco
a noite intensa,
minhas trevas serenam
alma suspensa.

Toda a rara alegria
recobra a mágoa
que se perde na chuva
como um fio dágua.

4. CONTEMPORÂNEA

Canto o meu tempo,
o quanto alcance
minha cantiga,
com voz antiga.

Meu mestre disse-me:
povo dos sonhos
no peito aberto,
eis o que é certo.

Não o passado,
nem o presente,
me somo ao mundo
nas coisas simples.

5. CANTO MENOR

Pronta a voz,
tua boca de canção,
tua pele tenra e doce,
— não profiras pragas, não!

A noite cai,
a tarde morna se esvai,
escuto o pranto das águas
entre as pedras.

Amiga minha,
constrúo o que me destrói,
e não sabes que me custa
saber o quanto me dói.

do livro inédito

"A CIDADE QUE FOI"

ARTIGOS ORIGINAIS

VIDA SOCIAL DO RIO DE JANEIRO NO SÉCULO XVI

Arthur Cézar Ferreira REIS

A história social de uma unidade qualquer principia pela verificação de quais são os elementos humanos que lhe dão ser e lhe fazem a movimentação para explicá-la e realizá-la. No caso do Rio de Janeiro, por isso mesmo, deveremos começar pela verificação de quais foram êsses elementos e de como se coordenaram e viveram promovendo a elaboração da sociedade carioca e fazendo-a funcionar através das idades e no exercício de tôdas aquelas imensas ações criadoras que as caracterizam e definem, no tempo e no espaço.

Sendo assim, êsse princípio terá de ser aquêle do exame de quem, realmente, era o senhor da terra à altura do conflito que portuguêses e francêses mantiveram na disputa do espaço, visando ambos ao exercício de uma soberania e à fundação de um poder político que seria a raiz do poder econômico que, em última instância, era o motor de tôda a façanha expansionista e colonial.

Ora, êsse elemento inicial foi o gentio, o Tamoyo, que se aliou ao francês e criou a primeira dificuldade na grande disputa militar. Os cronistas franceses falam deles com certa simpatia — o padre Andre de Thevet e Jean de Lery. Ambos nô-lo descrevem nos ardores guerreiros que os distinguem e de que deram excelente demonstração no fragor da luta em que se empenharam servindo aos seus aliados de França, mas nô-lo descrevem, também, nos vários motivos culturais, que lhes davam as características fundamentais — seus usos e costu-

mes, a língua que falavam, suas instituições, sua dieta alimentar, suas atividades ordinárias no particular da criação dos bens de uso imediato, sua posse efetiva do meio físico, com que estava identificado e de que se valia penetrantemente, como dominador que não encontrava embaraço e sabia da terra nos seus variados segredos.

Vivendo pelas ilhas da Guanabara, ou na terra firme do continente, espalhando-se pelo sertão interior, os Tamoyos não apresentavam, no entanto, qualquer particularidade cultural que os fizesse com relêvo maior que os outros grupos indígenas que se distribuiam ao longo da vasta costa brasileira. Eram, como aqueles, tribais. Não haviam, também, construído impérios. Suas instituições políticas, simplíssimas. Suas tendências de vida não lhes tinham assegurado uma superioridade nem lhes haviam permitido singularizarem-se em manifestações artísticas, espirituais, como ocorreria com grupos no Marajó, pela Amazônia interior ou mesmo em outros trechos do Brasil que nascia para o mundo do mercantilismo.

Vieram depois os franceses. Protestantes e católicos. Homens que se atiravam sem mêdo, à emprêsa da formação de um império no período em que ainda não se fortificára a idéia imperial entre os seus conacionais. Participavam de uma aventura. Como eram e o que os distinguia dos outros povos da Europa? Um historiador canadense, Leonel Groiul, em livro admirável, que intitulou "La maissance d'une race", utilizando materiais recolhidos por Sulte e por Salone, entre outros, procedeu ao levantamento da contribuição francêsa nos primórdios de sua patria, identificando-a no quantitativo, provincias francesas de onde havia imigrado, nas técnicas de vida que as distinguia na França para explicar-lhe os procedimentos na emprêsa da colonização de São Lourenço. Será possível fazer o mesmo no tocante aos franceses que vieram para a emprêsa do Rio de Janeiro?

O historiador da façanha foi Paulo Gaffarel, em "Histoire de Bresil Français". O historiador era uma das mais autorizadas autoridades no particular do empreendimento colonial francês nos séculos XVI e XVII. Sua obra se não é das mais copiosas vale porque cheia de autenticidade, porque elaborada à vista das melhores fontes arquivais. Cabe aqui a pergunta — que nos dirá êle a respeito?

Será conveniente recordar que a colônia a fundar-se seria uma espécie de refúgio dos protestantes, que se sentiam frustrados em suas atividades religiosas, o que lhes dava, ademais, a condição de meio marginais na sociedade francesa de então. Lembro-me que, uma feita, com minha mulher, visitei em Genebra, o parque da cidade. Logo à entrada, deparou-se-nos, num paredão de pedra branca, um grupo de figuras que marcaram o calvinismo naquela cidade — todos em tamanho natural. Calvino era a figura central. Ao seu lado, figurava Villegaignon, o "Rei da América", como lhe chamavam, o que importava em reconhecer-lhe aquela qualidade religiosa e atribuir-lhe o pensa-

mento ou o propósito de fazer o Rio de Janeiro na base da imigração dos protestantes francêses. Certo?

O pensamento oficial foi, evidentemente, êste. O Chefe da operação estaria porém, fiel a êsse desígnio? E teria sido possível executá-la como projetada? Não é do propósito desta aula o exame do tema que estará atribuindo a outra. O que cabe aqui recordar é que, na emprêsa marítima, comercial à distância e nas tentativas, meio medrosas, de estabelecer os primeiros núcleos político-econômicos na África e nas Américas, os franceses que tinham a iniciativa eram normandos e bretões. Êstes é que mantinham a tradição, a que se viriam juntar os marselheses. Villegaignon iria buscar, entre êles, os companheiros para a aventura perigosa, distante, rodeada de incertezas? Para a navegação atlântica, êles foram mobilizados. Para o empreendimento colonial, não.

Não dispomos de documentação que permita o conhecimento das regiões que nos deram a primeira contribuição européa no Rio de Janeiro que despontaria em breve. Sabemos, todavia, que, sem ter conseguido, entre protestantes e católicos, a ressonância que imaginara, Villegaignon viu-se forçado a aceitar a participação de elementos desclassificados, aventureiros, gente de má qualidade, que cansara de suas desventuras na pátria e se dispunha a tentar êxito noutros pedaços do mundo desconhecido. Mas nem êsses mesmos eram quantitativamente expressivos. O Almirante obteve de Henrique II a autorização para abastecer-se nas prisões de Paris e Ruão. E foi o que fêz. Quando se dirigiu à Guanabara, nos dois barcos em que viria fazer a conquista, o número dos que o acompanhavam não ia além das seiscentas pessoas, se é que os algarismos de Gaffarel estão exatos. Diz êle textualmente. "Pres de sixcents personnes étiaient à bordo des deux navires". E dêstes, duzentos eram tripulantes. Não vinham casais. O quadro, portanto, não parecia saudável, tendo em vista o plano de colonização. A estes pioneiros, viriam juntar-se, posteriormente, novos contigentes, trazidos por Bois Le Conte e do qual constavam já mulheres, cinco moças, apenas aquelas, as primeiras que chegavam para compôr o primeiro estoque étnico, que daria os passos iniciais para a elaboração de uma sociedade de estrutura francêsa como era o desejo de Villegaignon.

Desta vez, ano de 1556, os colonos e marujos das três embarcações da expedição somavam 290. Não haviam sido recrutados nas prisões. As instruções visavam à obtenção de pessoal com qualificação técnica, para os afazeres mais imediatos da organização da colônia. Figuravam no contigente quatorze genebrinos que haviam cedido à divulgação entusiástica que se fizéra visando-se à conquista de mão de obra mais rentável. Entre êles, um futuro cronista da aventura, o nosso muito conhecido e estimado Jean de Lery, que nos daria, com o descritivo da Guanabara, a história da emprêsa e nos faria o primeiro

retrato da sociedade francesa e mestiça que pretendera, um dia, criar, nestas bandas do Atlântico, uma nova França, como se fazia no São Lourenço e nas Antilhas.

A história dessa experiência social francesa acaba aqui. Porque, pouco depois, êsses franceses seriam vencidos pelas fôrças luso-brasileiras, pondo-se fim à tentativa da França Antártica. Que dela teria resultado, do ponto de vista social? Recordemos que os colonos eram solteiros. Teriam de ligar-se a mulheres da terra, com elas procriando e dando origem a um primeiro contigente de mestiços de que, no entanto, não se aperceberam quantos vêm estudando a constituição da sociedade brasileira nas suas raizes, portanto, nesses momentos iniciais de sua elaboração quase subterrânea. Tal como sucederia em outros pontos do litoral brasileiro, nesses contactos fugidios entre franceses, inglêses e mesmo portuguêses, que não vinham para permanecer, pois que estavam de passagem ou em tráfico mercantil rápido e quase clandestino.

A presença portuguêsa, com novos contigentes indígenas, que não eram Tupinambás, mas Temiminós, trazidos do Espírito Santo, ou Carijós, trazidos da costa paulista, a presença portuguêsa, juntamente com mestiços do processo amoroso verificado no Nordeste, essa é que iria consolidar um domínio político e, com êle, alicerçar-se na base de uma vida social intensa, que é o fundamento mais distante e mais autêntico da sociedade carioca.

A presença portuguêsa principiou em 1660, com os companheiros de Mem de Sá e revigorou-se com as demais expedições que vieram, ora diretamente de Portugal, ora foram constituídas na própria colônia brasileira. A princípio eram soldados que desembarcaram para as refregas militares visando à expulsão do intruso francês. Os contingentes que chegaram do próprio Brasil vinham do Nordeste, insista-se. A essas levas iniciais seguir-se-iam as que, com o espaçar do tempo, estabeleceriam o relacionamento da nova unidade que se construia no Rio e permitiria, desde o início, a consolidação do domínio soberano, uma vez que o hiato que existia entre sul e norte desapareceria, passando o Rio, mesmo no nascedouro, a exercer o grande papel de elemento essencial na argamassagem do sistema de unidade que explica o Brasil nas suas características continentais.

A história social do Rio de Janeiro tem, assim, suas páginas mais permanentes desde então. Será momento para lembrar que, com os que comandaram a campanha contra os franceses, estavam homens de prol, com vida e experiência de outras Capitanias. O ambiente físico do Rio e possivelmente a novidade da conquista, levaram muitos dêsses elementos de prol a se radicarem na Guanabara, obtendo as sesmarias que seriam o elo de fortificação da permanência e da estabilidade. Os engenhos e as demais culturas de menor porte, mas essenciais à segurança alimentar local, serviram a essa estabilidade.

Cada barco que chegava, trazendo a mercadoria para o tráfico à distância, deve trazer também novos povoadores. São unidades mínimas, seguramente, mas nem por isso devem ser ignoradas como contribuição demográfica, mão de obra, decisão para vencer, fôrça nova para a conquista efetiva do solo e êxito humano sôbre a natureza paradisíaca que todos, enfeitiçados, por ela, não se cansam de admirar, embevecidos, dominados pelo vigor de uma paisagem infinitamente bela. As notícias sôbre essas entradas ou contigentes demográficos são escassas. Pelas sesmarias que se vão concedendo, tem-se uma idéia de que o Rio desperta interêsse, é provocante.

Ainda há pouco, no retrato cheio de substância que nos deu Joaquim Veríssimo Serrão, que examinou todo o material disponível para sabermos dos primeiros tempos do Rio de Janeiro, há a confissão de que os subsídios, para uma notícia mais pormenorizada, mais cheia, mais rica em particularidades ou detalhes, minúcias, são escassíssimos. Em nenhum historiador carioca ou que se tenha ocupado dos primeiros dias desta maravilhosa cidade de São Sebastião, encontramos elementos que nos elucidem. Temos de permanecer adstritos a dados parcos, que, no entanto, autorizam afirmar que o Rio exercia já, um papel ponderável na vida do ultramar sulamericano. A geográfica e a nova, a terra bem às experiências de sua utilização agrícola, constituiam motivação para êsse papel de que nunca se despojou.

Leiam-se as informações jesuíticas, os descritivos de Pero de Magalhães Gandavo, de Fernão Cardim, de Gabriel Soares de Souza e em todos êles o que se pode colher como certeza é essa importância que o Rio vai adquirindo. Até fins do século XVI, em trinta e cinco anos de vida, portanto, já estão instalados na cidade e cercânias, na área pròpriamente urbana e na rural, que não seria distante do que era o centro urbano, mais de 150 vizinhos, o que, pelo número de integrantes de qualquer família ao tempo, autoriza a conclusão simplista de que êsses 150 vizinhos equivaleriam a mais de 500 habitantes. As Capitanias vizinhas não apresentam o mesmo crescimento, vegetativo ou não. A mão de obra escrava africana não parece, no entanto, ter existência numerosa. Os engenhos ainda não se contavam em número de modo a exigir o braço negro abundante.

Elysio de Oliveira Belchior e Carlos Reingantz, nos livros admiráveis de pesquisa que são "Conquistadores e Povoadores do Rio de Janeiro" e "Primeiras Famílias do Rio de Janeiro", proporcionam um inventário minucioso sôbre a existência e as características da sociedade carioca em formação. Há portuguêses do Reino, portuguêses já nascidos no Brasil, mestiços, estrangeiros, em particular espanhois. Já cariocas-meninos aqui nascidos. O primeiro dêles, com registro oficial, é uma menina.

Povoadores, conquistadores e primeiras famílias que se constituem no lar carioca representam o stock étnico que dá lastro e assegurará a continuidade do meio social, conformando-lhe a estrutura e autorizando a elaboração de uma história que será a grande história da vida brasileira pelo papel relevante que o Rio de Janeiro vai desempenhar incessantemente. Êsses conquistadores povoadores e primeiras famílias, compõem a expressão inicial de uma dramática, representada no esfôrço por criar uma cidade, realizar uma façanha política de domínio, e não apenas de posse passageira, e vencer o meio físico, sôbrepondo-se a êle sem deixar de admirá-lo como paisagem paradisíaca que é realmente, mas dêle retirando todo aquêle imenso subsídio que permitirá, com a vitória, a criação de um nôvo ambiente, aquêle em que a fôrça de execução humana se efetiva pela decisão de criar e pela energia com que cria. Porque, efetivamente, desde os primeiros momentos, o Rio de Janeiro vai ser uma emprêsa difícil, mas de que a sociedade que nele se organiza não sente temores, antes enfrenta com ímpeto. O homem carioca, com a cooperação dos outros homens da colônia em evolução rápida, vai domar o espaço — sôbre o pântano, sôbre a montanha, sôbre o mar, vai construir o seu centro de comando de um vasto hinterland que conquista e incorpora ao espaço imperial português.

Ao findar o século XVI, o Rio não é mais uma orla de mar, ponto de refresco de armadas que demandem o sul ou ponto de apoio para a operação de resguardo do ultramar sulamericano de cepa portuguêsa. O Rio já começa a possuir ou a escrever o seu destino como centro político — a organização administrativa que se lhe vai dando, a preferência para que seja, provisòriamente embora, a séde do govêrno do sul, o crescimento menos vagaroso que reflete a existência de motivos atraentes, que não eram apenas os da paisagem física. A cidade cresce pela várzea, descendo do morro inicial; o sertão próximo cede aos canaviais que darão a matéria prima para o primeiro comércio mais ativo nas relações com o Reino. Como área demográfica, os algarismos, tão dificilmente conseguidos na pobreza da documentação da época, falam por si — são moradores em número maior de um milhar. Das Capitanias vizinhas haviam chegado, para integrar-se na sociedade que se forma, cêrca de 40 a 50 chefes de clans, registra Veríssimo Serrão, aquinhoados com datas de terra que utilizam prontamente face a dispositivo que impunha êsse aproveitamento no prazo de um ano, findo o qual perderia o sesmeiro a concessão autorizada. As chácaras abriam-se aqui e ali, apurou Vieira Fazenda, o benemérito historiador das Antiqualhas e do Rio de Janeiro. Os nomes das ruas que se vão abrindo são os nomes dos moradores mais importantes ou que chegaram primeiro. É êsse costume velho que se encontra espalhado e respeitado por todo êsse continente Brasil no período da soberania de Portu-

gal. Foi assim, por exemplo, na minha minúscula Manaus nos seus dias iniciais.

O comércio que o Rio efetua com as Capitanias do Norte, do Sul, com o Rio da Prata, com Angola e com o Reino toma vulto. Há intensa atividade econômica que significa capacidade e ação dinâmica dos moradores — frutas européas, além das frutas regionais, peixes, madeiras, óleo de peixe, farinhas, de grande fama na África, constituem pequena amostragem do que se produzia e confirmava os crédi tos que todos haviam aberto ao Rio. Um comércio autorizado e um comércio clandestino, com estrangeiros, já entrava nos hábitos locais. As rendas estimam-se em 2.005$000, com despesa atribuída à defesa, fisco e clero.

A população não se constitui apenas de sesmeiros e servidores do Estado. Há, igualmente, artesãos, pequenos comerciantes, sitiantes de menor porte, pescadores, trabalhadores que são profissionais de pequena monta, tôda, enfim a gama humana que dá vitalidade a qualquer centro urbano, por minúsculo que seja. Um médico, e enfermaria mantida pelos religiosos, são garantia à saúde, embora não se registrem epidemias ou enfermidades que ponham em perigo a estabilidade do contingente habitacional. As Religiões estão representadas não apenas em igrejas, ermidas, mas em pequenos conventos que agasalham e onde se recolhem as experiências sociais de então. Festividades religiosas começam a dar uma vida menos agreste ao burgo. O Rio cresce. Civiliza-se? É êsse o panorama da cidade que todos amamos, ao encerar-se a décima sexta centúria.

Não cessa, no século XVII, o caminhar do Rio de Janeiro. Sua sociedade vai assumir papel de maior relêvo, afirmando-se como conduta altiva e como decisão para crescer, multiplicar-se e realizar-se. Seu ímpeto, nesse particular, é decisivo e reflete a existência de uma consciência poderosa a importar em manifestação de independência e de ambição, necessária em tôda emprêsa progressista.

Recordemos, inicialmente, que nessa centúria o Rio, aos olhos do poder central, representado na autoridade que decide de Lisboa, seja o Conselho Ultramarino, seja o Monarca, assume proporções especiais. E tanto assim que, logo em 1608, passa a ter govêrno distinto do govêrno da Bahia. Não lhe é subordinado. Em 1619, no Regimento expedido ao Governador, dão-se-lhe poderes mais amplos que nos atribuídos aos seus antecessores e, como tal, nesses poderes concedendo-se-lhe mais a capacidade de decisão e maiores competência. Em 1641, êsses poderes e competência são ampliados pela decisão de que administre o sul da colônia, que se amplia na sua base física e exige atenções particulares para que, nessa ampliação de espaço, não se comprometam as relações entre as Coroas Ibéricas mas também não se perturbem, negativamente, os interêsses da própria colônia no par-

ticular de seu crescimento físico e, portanto, político, social e econômico. Ao Ouvidor, em 1647 concedem-se poderes maiores. Em 1648, o Governador, que no momento é Salvador Correia de Sá, recebe a incumbência ainda maior-exercício de administração sôbre Angola, que vai reconquistar, com a contribuição humana do Rio. Nesse mesmo ano de 1648, o Rio recebe a comprovação de sua importância com a criação de Bispado e designação de primeiro Bispado. É certo que em 1669 houvera uma diminuição da importância político-administrativa com uma passageira subordinação à Bahia. Já, porém, em 1689, essa sujeição deixava de existir, inclusive com poderes especiais ao governante do Rio.

Outras ocorrências asseguram ao Rio a projeção que vai alcançando e são elementos a apreciar quando se procura compreender o processo de evolução social da cidade. É que não se restringindo a sua ação criadora à área natural de sua sede, alcança os territórios vizinhos, levando-lhes seiva ou dando-lhes o próprio ser através de fundações e fixação de novos núcleos que enriquecem a região — Cabo Frio, Angra dos Reis, Magé, Macacú, Inhomerim, Meriti, Tinguá, lagoa de Maricá, Paquetá. O litoral da Capitania recebe a contribuição de povoadores que assegurarão a soberania em exercício, defendendo a costa das incursões de estrangeiros ousados, como sejam franceses, que não se conformam com a perda da batalha, e holandeses que tenham também não apenas comércio clandestino, mas a montagem de feitorias clandestinas.

A seiva carioca estua na ajuda militar para a expulsão dos holandeses do Espírito Santo e na contribuição para as jornadas de recuperação da Bahia, luta em Pernambuco. Mas é-lhe ordenada, e essa ordem recebe cumprimento imediato, a fundação de um núcleo no Prata, para fixação mais distante da fronteira, a Colônia do Sacramento. A operação, da mais alta significação política, resulta um sucesso imediato, seguido do início de conflito de que ainda hoje, a certos aspectos, sentimos os efeitos, e que vai levar à ocupação do Rio Grande de São Pedro, o Continente, para onde o Rio exportava soldados, colonos e mulheres como contribuição para o povoamento do extremo-sul.

É nesse fase que o Rio principia a sua gigantesca função de porta do sertão interior, justamente aquêle sertão onde se descobre o ouro. Como porta do sertão, seu pôrto será frequentado incessante, progressiva e intensamente pelas frotas de um comércio de proporções ponderáveis para o abastecimento da nova área econômica, que se incorpora e sôbre que também vai exercer jurisdição. A chegada de imigrantes de Portugal, que se instalam na cidade, vai intensificar-se. Pelo caminho das minas, haverá corrida ao mundo maravilhoso do metal cobiçado. A cidade crescerá. O comércio tomará proporções jamais imaginadas para tanta rapidez. Do morro inicial, a cidade espraiar-se-á

pela várzea, cobrindo uma área sempre em crescente, que já vai à Lagoa Rodrigo de Freitas, passando pelo Flamengo, por Botafogo, pelo Catete em direção a Tijuca e Jacarepaguá, ou toma a do interior e atingirá, ainda, nessa centúaria, o Andaraí, Irajá, Inhauma, São Cristovão, Engenho Velho e o Engenho de Dentro. A caminhada em direção à montanha, será outra faixa de atração.

Numa sociedade em rápida transformação ou em enriquecimento quantitativo e qualitativo como a do Rio de Janeiro, será natural a constatação das irregularidades criadas pela novidade de seu crescimento e de uma conjuntura, meio revolucionária por tantas razões. As denúncias que se comunicam às autoridades locais ou do Reino são constantes e envolvem pessoas de pról. As devassas repetem-se. O escândalo do contrato das baleias é um dos mais comentados. Os incidentes entre as autoridades, a propósito das respectivas jurisdições, amiudam-se. Qualquer providência mais enérgica provoca reações. Os Prelados não conseguem o aplauso da coletividade que deve organizar e governar como autoridades religiosas de maior escalação. Quase todos exerceram suas obrigações provocando a exaltação popular. Dois dêles morrem envenenados. Três tiveram de fugir à violência de seus jurisdicionados. Um outro teve a residência incendiada. A Câmara, com quase todos êles, manteve questões. A mesma Câmara enfrentou desmandos de Governadores e de autoridades inferiores. A soldadesca, expedida da Europa para a guarnição da cidade, mais de uma vez provocou a censura pública e a reclamação à autoridade superior pelo comportamento irregular que exibia à imposição de impostos mais elevados, ocorria o protesto coletivo, de que se infere a existência de um grau de emotividade pública e um estado de espírito sensível na defesa dos interêsses considerados no seu aspecto mais geral de interêsse coletivo. A própria justiça não esteve ausente dessa nervosidade que tanto marcou a psicologia do Rio de Janeiro nessa centúria de formação e de estabilização social e não pode ser considerada como própria de uma sociedade sem freios. Um Ouvidor, em 16 anos aos choques com o Governador, foi por êle mandado encarcerar, o que motivou protesto e providência para a libertação do magistrado.

É possível que em tudo isso, que tanta característica assegura à psicologia carioca, a se elaborar com certa velocidade, numa sociedade que não se eternizava em atitudes estatísticas, mas, por efeito de seu intenso enriquecimento dada a incorporação constante de elementos extranhos, que valiam como um subsídio ético e étnico constante, dinamiza-se em cessar, é possível que em tudo isso, diziámos já houvesse o despontar de um dos traços mais vivos do carioca, que, insiste-se, não compunha ainda sociedade integrada totalmente, mas sociedade

que se elaborara nervosa, agitada e intensamente, justamente aquêle traço vivíssimo e permanente de seu amor a uma liberdade sem limitações. E tanto assim, que foi no mesmo Rio de Janeiro, em 1660, o povo em tumulto, em distúrbios, falam assim os relatos contemporâneos, depôs seu primeiro magistrado, o Governador Salvador Corrêa de Sá e Benevides, do clã dos Sás, que tanto se havia distinguido desde os primeiros dias da terra carioca, e, de certo modo, constituia patrimônio local. Depôs o seu primeiro magistrado e aclamou condutor ou administrador da coisa pública um dos que estavam à frente dos sucessos e era figura de projeção no meio social e político regional.

Para encerrar êsse capítulo da insurgência ou do fervor cívico do Rio, será de todo propósito registrar que, em 16, completando sua decisão de afirmar-se, a Câmara nomeou Procurador no Reino para defesa do que seriam a sua causa legítima, isto é, tôda aquela soma de assuntos que diziam respeito à coletividade.

Ora, uma coletividade que em menos de duzentos anos de vida sabia decidir de seus destinos com tanta altivez e tanta dignidade, como crescera e como se distinguia das demais coletividades decompunham a paisagem social do Brasil colonial? A sociedade carioca, que realiza uma atividade de tamanhas proporções, muito além de suas próprias energias, de que se compunha a essa altura?

Os índios Tamoios, Temiminós, Carijós, como outros grupos dispersos pelo interior, eram agora uma contribuição mínima. Já não pesavam, para o cômputo da população, não tendo participação no quadro demográfico da cidade. A contribuição africana, representada pelos escravos que chegavam para os empreendimentos econômicos, em particular a cultura canavieira e a fabricação de açucar, essa era já expressiva. O mercado de mão de obra funcionava em crescente e no século seguinte iria ter maior importância pela necessidade de braços para o negócio das minas. As guarnições que chegavam do Reino valiam como contribuição poderosa. Porque, na generalidade, a soberania, findo o prazo do serviço na tropa, permanecia na terra, enfeitiçado por ela ou seduzido pelas possibilidades de enriquecimento ou de melhoria considerável de vida sôbre a que vivera anteriormente no Reino. Ilhéus, madeirenses e açorianos, seja na condição de soldados, seja na de colonos, migrados desde os primeiros momentos como trabalhadores especializados para as técnicas da produção de açucar ou simples colonos desejosos de um pedaço para o exercício de sua capacidade, também estavam aportando no Rio.

Os algarismos que representam tôda essa contribuição não são algarismos muito elevados, nem de fácil exame, pela exiguidade de dados

que nos permitam conhecê-los devidamente. Quantos seriam? E o processo de mestiçagem, como ocorreria? Não temos elementos para a resposta. O que se pode afirmar é que a cidade crescia no demográfico, intensamente.

A passagem ao Brasil não era fácil. Exigia-se passaporte autorizativo. Em especial, para os emigrantes de Viana e Minho, justamente os que mais procuravam o Rio para nele fixarem-se. Por isso mesmo, já fôra solicitado, pelo Bispo, providência às autoridades reinóis, visando a evitar que se dificultasse a imigração e autorizando-se ou garantindo-se aos que deixavam a tropa, o direito de ficar no Rio.

A sociedade carioca, assim realizada ou integrada, sobressaltava-se de quando em vez pelos crimes que a abalavam. Os assassínios eram constantes. A documentação existente é mais ou menos abundante e nos indica um quadro muito desagradável nesse particular. Como nos fala também das devassas costumeiras, que deixavam sob reservas homens respeitáveis, autoridades, simples colonos de menor categoria.

Pelo rendimento da Fazenda Real, em 1 700, poder-se-á ter um retrato da riqueza da cidade: 57.304$769. A despesa era esta: de caráter geral, 26:168$670; com a guarnição, 39:308$800 num total, portanto, de 65:477$470. Em 1686, o rendimento somára 16:876$666 para uma despesa de 10:074$180. Vencia o Governador pelos gráficos relativos a 1693, de ordenado, 400:000, mais outras contribuições que totalizavam 1:800$000; o Alcaide-mór, 126$000; o Secretário do Govêrno, 100$000 de emolumentos; o Alcaide-mor da cidade, 880$000; o Ouvidor, 550$000, os Vereadores da Câmara, 16$000: o Provedor e Juiz da Alfandega, 800$000. Em 1700, no entanto, a situação era precária. Alegavam os moradores, com o aplauso das autoridades, que em nenhum momento se haviam escusado de contribuir para atender às necessidades do Estado, inclusive aqueles que decorriam de obrigações assumidas no terreno internacional. Enquanto, exemplificavam, a propósito da paz com a Holanda, as demais Capitanias deixavam de pagar a sua contribuição em dia; o Rio assumira o compromisso e o executava, mesmo com a imposição de dízimas de alfandega, de que estava isenta mas que sugerira lhe fôsse cobrada. E com enrgia diziam ao Monarca — "por cujas circunstâncias se fazem dignos de maior atenção para não serem mais oprimidos". E pleiteavam tratamento mais de acôrdo com seu procedimento tão efetivo e tão digno.

Já havia, então, médico do Estado. A misericórdia atendia aos enfermos e recebia favôres oficiais para que vivesse sem atropelos. As Ordens Religiosas, representadas pelos Jesuitas, Carmelitas, Franciscanos, Beneditinos, possuíam os seus hospícios. Irmandades das várias igrejas e capelas recrutavam, na sociedade, os seus integrantes. Eram poderosas e defendiam valentemente os privilégios e mercês de

que se haviam beneficiado, ainda integrantes das três Ordens Militares do Reino. Pretendiam tratamento especial, inclusive isenção de impostos para o que produzissem em suas propriedades agrícolas. Os recolhimentos também funcionavam. Um destinado às mulheres honestas da cidade, fôra iniciativa coroada de sucesso, em 1694, proposta pela Câmara Municipal. S. Majestade autorizara, condicionando o estabelecimento a que "nele se não recebam mais que até trinta pessoas órfãs e não as que tiverem pai, que sejão honestas e que as raparigas que ficarem desamparadas e tiverem dote para casarem-se possam aceitar no recolhimento e estar nele até a idade de 25 anos e que quando não vivam honestamente ou sejam inquietas sejam logo despedidas".

A Mesa do Espírito Santo dos Homens de Negócio do Rio, em atividade esclarecedora e na defesa dos interêsses de seus componentes, coordenava os profissionais que faziam o comércio. Defendia-lhe as causas. Fazia as vezes dos sindicatos patronais de nosso dias. Era, dêsse modo, uma peça atuante no contexto social da época. Falava linguagem clara, positiva, argumentando com segurança na defesa do que podia representar o negócio de seus associados e eram muitas vezes autênticos privilégios.

E por falar em privilégios, êsses eram alegados ou eram pleiteados continuadamente. Desejava-se, assim, criar e manter uma sociedade de classes, cheia de reservas que importavam em compôr-se de elementos que se distanciavam e distinguiam entre si num arremedo de nobreza, senão profissional, pelo menos com uma feição pessoal específica. Os que recebiam hábitos das Ordens Militares compunham uma espécie de casta. Não permitiam sequer que seus bens fôssem penhorados do tipo do que fôra concedido aos cidadãos do Pôrto. Mais: os oficiais de Ordenanças, a 7 de Setembro de 1697, haviam conseguido receber os privilégios concedidos aos Auxiliares do Reino. A Santa Casa de Misericórdia gozava dos privilégios atribuídos, por lei à congênere de Lisboa.

O grande privilégio no entanto, já fôra outorgado a todos os cidadãos da grande cidade da Guanabara. A 14 de Outubro de 1670, D. Pedro de Portugal reconhecia aos habitantes do Rio de Janeiro os privilégios centenários, datando de 1490, atribuídos aos cidadãos da velha cidade do Pôrto. Êstes privilégios haviam sido expedidos por D. João IV, em sinal de reconhecimento pela lealdade do comportamento dos moradores do Rio na conjuntura muito grave da Restauração. Concedidos a 10 de Fevereiro de 1642, seriam confirmados, nos princípios do século seguinte, a 7 de Janeiro de 1709 pelo Rei D. João V.

De que constavam tais privilégios? Por êles: não poderiam ser submetidos a tormentos, podiam usar armas, seus criados e mais subor-

dinados ficavam isentos do serviço militar, não sofriam penhor nos próprios bens, assegurados, ademais em liberdades amplas, semelhantes às de que gozavam os "infanções" e ricos homens.

Outro privilégio veio, ainda neste século XVII, pela carta régia de 6 de Junho de 1647, dando ao Rio o título de **Leal** e determinando que a Câmara da cidade substituisse o Governador da Capitania em suas ausências e impedimentos. Tais Governadores, em 1697, passaram a chamar-se Capitãs-Generais, o que importava em categoria muito maior e portanto reconhecendo-se ao Rio a importação que lhe assegurara por toda sua vida tão intensa e no bem comum.

A importância do Rio de Janeiro, no decorrer do século XVII, não decorre apenas de sua situação geográfica. Tôda uma história de ação construtiva e de alta manifestação cívica fôra escrita por seus habitantes. O credenciamento perante os homens do poder em Lisboa vinha dêsse conjunto de gestos e de atitudes. O Rio sagrará-se, não ùnicamente uma cidade-centro político, ativo, mas um centro social em plena ebulição.

A história do Rio de Janeiro tem encontrado, em alguns distritos de sua existência, historiadores e cronistas cheios do calor humano, necessário para compreendermos sua posição no quadro da vida nacional. Quero referir-me, para as duas centúrias e mesmo para as demais, a dois nomes que bem devem ser estimados pela interpretação saudável que deram a acontecimentos dessa natureza — Vivaldo Coaracy e Miran de Barros Latif, aquêle com o "Rio de Janeiro no século XVII", e êste com "Uma Cidade nos Trópicos". Em ambos, a interpretação do fenômeno carioca como fenômeno está admiràvelmente proposto. Se é certo que Coaracy fêz um registro cronológico de fatos, sendo de recordar que anteriormente havia examinado, em artigos em O Estado de São Paulo, o assunto, não na forma cronológica, mas pelo ângulo dos temas e dos lances característicos, nem por isso pode ser inferiorizado. Porque realmente, na cronologia carioca do século XVII, há igualmente uma análise dos sucessos valendo como explêndida contribuição para o entendimento do que caracterizava o Rio, nos seus variados ângulos, como integrante da pátria em formação. Na "Cidade nos Trópicos", seguramente o interpretativo é mais evidente, mais sensível, permitindo ràpidamente a conscientização do fenômeno carioca como energia e como substância social.

Em ambos, como em Baltazar da Silva Lisboa, Monsenhor Pizarro, Noronha Santos, Vieira Fazenda e Felisbelo Freire, o Rio desperta para a vida naquela admirável atuação que lhe assegura, no quadro das unidades que integram a colônia, uma distinção. No arquipélago brasileiro, seja no de natureza cultural, seja no de natureza simplesmente psicológico, o Rio representa unidade distinta que só em nossos dias começamos a compreender no papel admirável que exerceu para

construirmos a nação: sua expansão como cidade, como área de desenvolvimento em função de um espaço maior, a que leva a sua contribuição, ajudando a criá-lo na disputa imperial ou na disputa contra a natureza difícil, hostil, como fôrça e energia que assegura a integração interior de vasto sertão, que civiliza com sua diretiva política ou sua participação social, humana, cultural, como mundo de convergência dos vários Brasis que se formavam no continente que Portugal defendera para seu império ultramarino marcando-lhe a personalidade, projetando-o para o futuro. O pensamento de Nóbrega sôbre o que o Rio representaria estava certo.

EUCLIDES DA CUNHA: Engenheiro, Geógrafo, Explorador

Firmo DUTRA

Minha presença aqui, só se justifica pelo fato de que, quase ainda na adolescência, aos vinte anos, encontrei Euclides da Cunha em Manaus, no alvorecer do século, em 1904, quando ia o grande escritor desvendar o mistério que cercava o problema de limites do Brasil com o Peru lá pelas bandas dos grandes rios que descem dos manadeiros dos Andes e se tornam formadores dos maiores caudais do planeta.

Comemorar Euclides como geógrafo e explorador, é reviver uma página histórica, que se tornou lendária.

A Revolução do Acre gerara para o Brasil grave dissídio com os países limítrofes, que se sentiam ameaçados pela indiscriminação de limites reinantes e por isso mesmo mobilizavam tropas e caucheiros para se apoderar de áreas em dúvida e disputadas desde o período colonial, quer português, quer espanhol.

O ano de 1903 marcou o clímax do dissídio na bacia amazônica: com a Bolívia que não se conformava com a conquista do Acre pelos patriotas de Plácido de Castro e com o Peru, que se aproveitando de nosso desentendimento com a vizinha cisandina, invadia territórios pacificamente brasileiros, esgueirando-se pelas suas reivindicações de limites, velhas de mais de três séculos.

Rio Branco, o gênio tutelar, que depois dos bandeirantes do século XVII, foi o maior dilatador de nossas fronteiras, conseguira assinar modus-vivendi, depois transformado no Tratado de Petrópolis, para impedir a luta que perturbaria a paz na América e que se ia tra-

var nos rios misteriosos e sombrios, que formam o dédalo majestoso do Acre. Ali já tínhamos gasto muito dinheiro; o Govêrno do Amazonas cheio de preocupações por uma terra que é o prolongamento de seu solo, tinha mais de uma vez auxiliado as expedições bravias e temerárias; muitas vidas tinham sido sacrificadas e já dormiam à sombra dos seringais, entre outros Francisco Mangabeira, o poeta magnífico, legítima esperança das letras nacionais e Pery Delamare, o comandante do "Solimões" barco da Amazon River, sempre designado para as perigosas empreitadas.

A Bolívia armara-se sèriamente e mandara para o Território Oriental de Colônias, seu mais famoso general e homem de Estado, D. José Manuel Pando, que iria enfrentar não apenas os civis de Plácido de Castro ou os batalhadores da célebre "expedição dos poetas de Orlando Lopes, Gentil Norberto, Efigênio Sales, José Maria dos Santos, João Barreto de Menezes, Trajano Chacon, Francisco Mangabeira, para só falar nos mais conhecidos que se tornaram depois personagens nacionais, mas sim o exército nacional, ali representado pelo forte destacamento do general Olímpio da Silveira.

Foi justamente quando essa fôrça concentrada no Acre tomava seus dispositivos de marcha para o sul, que chegou a notícia do modus-vivendi, que suspendia as operações de guerra. O major Agostinho Gomes de Castro e o tenente João Álvares de Azevedo Costa, foram designados para notificar o general Pando do acôrdo diplomático que terminaria a luta armada, que por mais de cinco anos ensanguentou o solo longínquo e quase desconhecido, que o Brasil reclamava como parte integrante da conquista de Raposo Tavares, que com sua bandeira chegara ao sopé dos Andes.

O general boliviano estava com seu exército forte de mais de dois mil homens sitiando Plácido de Castro, em Pôrto Rico, na confluência dos rios Tahuamano e Manuripe. Extremamente distante de suas bases de abastecimentos e muito longe do terreno de operações, a campanha ser-lhe-ia terrível provação. Os acreanos sob Plácido de Castro, caudilho ousado e inteligente, conhecedor da região, já o atacavam há vários dias, cortando-lhe a marcha para oeste, em busca do território disputado. Foi em tais circunstâncias que o modus-vivendi salvou o exército boliviano, que seria aniquilado pelo destacamento Olímpio da Silveira.

À tregua seguia-se o Tratado de Petrópolis, assinado a 17 de novembro daquele ano, e assim aclaram-se os horizontes num setor que tanto pertubara o Brasil e dava nosso Govêrno, à Bolívia e a tôda a América prova irrefutável de seus sentimentos pacíficos e de fraternidade continental. Afastava o perigo de uma soberania estranha à sua porta, como era o "Bolivian Syndicato"; concedia à Bolívia compensações territoriais; melhor definia sua fronteira e iniciava, com o com-

promisso da construção da estrada de ferro Madeira — Mamoré, a política de cooperação que teve depois seus fechos notáveis nos tratados de exploração e transporte do petróleo boliviano e na construção da Brasil — Bolívia, prolongamento da Estrada de Ferro Nordeste do Brasil.

Liquidado o caso do Acre, restava a ocupação agressiva por parte do Peru de tratos do território nacional no alto Purús, no Rio Chandless e no alto Juruá, na fóz do Amônea, um dos mais longíquos afluentes daquêle grande rio. Tinha-se a impressão que o país andino julgava definitiva tal ocupação, de vez que suas tropas se tinham aboletado em quartéis de inverno.

Assim entrava o ano de 1904 ainda com êsse pesadelo para a paz sul-americana.

Velava, porém, o chanceler que o bom senso patriótico do grande Presidente, Conselheiro Rodrigues Alves, fôra buscar no exílio, para dirigir nossa política externa e dirimir questões que anos pesados traziam o Brasil inquieto. Rio Branco decidiu que antes de qualquer tentativa de negociações, era necessário que o território nacional estivesse limpo de estrangeiros e assegurada essa soberania que é a consciência dos povos fortes.

Dêsse conjunto de fatores nasceram as duas expedições militares, que deviam estabelecer nossa posse nas zonas ocupadas nos altos rios Purus e Juruá. Isso só se deu depois de um combate mais ou menos sangrento na foz do Amônea, de onde afinal foram expulsos os invasores.

Barrado o território nacional à gente estranha, então o Itamarati voltou à sua misão de concórdia, que se traduzia pelo conhecimento geográfico exato das regiões dos conflitos. Surgiu o Acôrdo de 12 de Julho de 1904, que dava nascimento às duas comissões de reconhecimento dos grandes afluentes do Amazonas, em cujas cabeceiras, nos seus esgalhados mais meridionais, permaneciam as dúvidas e equívocos, geográficos e geodésicos, que tinham gerado as crises de inquietação e algum sangue nos últimos anos.

Organizadas as duas comissões, foi Euclides da Cunha nomeado chefe e primeiro Comissário para o reconhecimento e exploração do Purus.

Iniciava então o homem que antevia com os "SERTÕES" todos os problemas raciais e orgânicos do Brasil, sua nova orientação científica para a qual se prepara desde os tempos da Escola Militar, quando decifrara os segredos da astronomia ou empunhara o sextante e o teodolito, nas aulas práticas recebidas no Observatório do Morro do Castelo.

Voltava sua atividade para o campo maior de sua inteligência, para êsse fascinante mistério que é o determinar rumos e coordenadas, fixar pontos desconhecidos, dar-lhe vida certa e projeção segura nas cartas que surgem.

Euclides sente-se tomado de viva satisfação e entrega-se com aquela paixão que o levaria aos últimos assomos, ao preparo da missão que daria ao Brasil, com sua capacidade de saber a sua bravura de homem blindado pelo trabalho, o domínio regular e perfeito de terras interminantemente disputadas. Colabora nas instruções que deviam guiar as comissões e basta ler o conjunto de detalhes que cerca essa incumbência, para que se meça como ela foi estudada e meditada. Não há uma frincha, não se permitiu que ficasse ao arbítrio, mesmo dos incidentes de tempo e espaço, interpretações de que dependiam as boas relações entre o Brasil e o Peru.

Parte então para Manaus onde chega nos últimos dias daquele ano de 1904, que tão cheio de altos e baixos fôra para os destinos do Brasil. Foi então que o conheci.

Regressara eu da expedição militar ao alto Juruá, onde se deu o único encontro sério com as tropas peruanas e fôra morar com Alberto Rangel, o grande inconfundível escritor das histórias amazônicas, num chalet rústico e romântico perdido na Vila Municipal, nos limites da cidade, onde ainda se encontrava a mais extraordinária flora da Grande Planície, que é um Paraíso Perdido, na frase lapidar de Euclides, que ali fôra hospedar-se, amigo desde os tempos da Escola Militar, de Rangel.

Minha amizade com Alberto Rangel vinha da Escola Militar da Praia Vermelha, onde cinco anos antes eu entrara menino saido do Colégio Militar e se tornara mais íntima e chegada, quando em Junho de 1904, um grande acaso nos defrontou na boca do rio Môa, já nos extremos limites do Brasil, beirando os contrafortes andinos; uma das mais longínquas e desconhecidas regiões. Rangel descia doente do Juruá-Mirim onde estivera em trabalhos de medição e demarcação de seringais, que se situavam para os lados do lendário Urubamba e onde ainda chegam as rajadas frias dos Andes, que matam os peixes de tôda região. Eu ali estava fazendo parte da expedição militar que teve seu remate final no combate do Amônea.

O último capítulo do "INFERNO VERDE", o livro tão discutido, relata o encontro do engenheiro Souto, aliás Rangel, com o jovem alferes aluno, que no caso era o conferencista cacête deste momento.

No primeiro período de sua estada na terra dos Barés, Euclides ora residia no escritório da Comissão, em preparo da marcha para o desconhecido, até então afrontado apenas pelo heróico caboclo Manuel Urbano, o guia célebre de tôdas as expedições científicas, que cruzaram o Grande Vale, ora permanecia na "Vila Glicínia" em busca de repouso para seu espírito, já trabalhado por visível sofrimento íntimo.

Os amigos que o acompanharam por êsse tempo, puderam avaliar a extrema energia daquêle homem de imaginação e sensibilidade, para recalcar dôres imensas e organizar uma expedição de caráter científico e diplomático, que se anunciava prenhe de dificuldades e acidentes. Era evidente sua preocupação pelo resultado da grave incumbência, que poderia tomar rumo ameaçador ante qualquer desentendimento das comissões mistas enviadas pelos dois govêrnos para os pontos cruciais das questões.

Quando em Abril de 1905 Euclides terminou os trabalhos preliminares de troca de poderes, das cópias autênticas das instruções e da mobilização de material de tôda espécie, para a singradura alongadíssima de mais de três mil quilômetros, estava exausto e impressionado por ter de iniciar a marcha em estação desaconselhável, com a vasante dos rios quase à porta. Seu memorável Relatório, publicado em 1906, e sua correspondência de então, delatam essa contingência no homem de saber e de observação, que de tudo perquiria e se informava.

Os três meses passados em Manaus deram a Euclides um manancial opulento de conhecimentos da região que ia desbravar e ilustrar com sua presença. Os documentos preciosos encontrados na Biblioteca do Estado, os arquivos do Palácio do Govêrno, os mapas, desenhos e roteiros que particulares e estudiosos guardavam como prova da intrepidez dos exploradores, que desvendaram êsse mundo nôvo; êsse quase continente que é a Amazônia, da margem direita do Solimões até o sopé dos Andes, foram deletrados com paciência e tenacidade de beneditino e arquivados em seu cérebro poderoso. Data daí sua comovida admiração pela obra de conquista de Manuel Urbano, o verdadeiro desbravador do alto Purus, e sua veneração por William Chandless, o geógrafo inglês que varou o "rio divagante" consoante sua expressão bizarra.

Encerrada essa fase delicada de organização, que naquela época exigia cuidados e preocupações de todo gênero, rumou o grande escritor, com sua expedição para as paragens quase ignotas no extremo limite das nascentes que formam o Purus, pelo desgalhamento meridional do Urubamba e do Madre de Dios.

Quatro meses de perseverança e sofrimento, foram consumidos pela Comissão brasileira para atingir seu objetivo, pisando terra só então palmilhada por alguns caucheiros, cujas proezas ainda pairam no silêncio de decadência daqueles ermos, como a rememorar o período heróico da riqueza e das arrancadas contra o deserto fascinante.

Foi nessa exploração tormentosa e cheia de riscos, que a insídia de uma navegação precária oferece ao conquistador destemeroso, que Euclides compreendeu melhor a Amazônia agressiva e misteriosa, cujos dias se dilatam ao sol causticante e cujas noites atroadas pelo tumul-

tuar da vida multiforme, despertam ânsia e pavor. Vencendo o grande rio e dando ao Brasil sua posse definitiva, assentada pela sua capacidade de geógrafo e explorador, o autor dos "SERTÕES" escreveu o terceiro capítulo de sua vida gloriosa de cientista e patriota. A campanha do Purus, na temível tragédia silenciosa de cada dia, marcada pelo declinar nas águas que deixavam a mostra as cachoeiras eriçadas de rochedos e cernes traiçoeiros, assemelha-se muito ao cêrco de Canudos, quando faltava alimentos e a tropa se sentia combalida pela fome e pelo arremesso indômito dos jagunços. Não recuou, porém, não "afrouxou o garrão" no grito bravio de chefe militar.

Na derradeira investida, quando chegava ao varadouro que define a mais meridional das nascentes do Purus, foi a expedição, já esgotada de suas últimas reservas de energia, assaltada pela falta absoluta de víveres, o que deixaria inexplorado o último rincão escondido à curiosidade patriótica do grande brasileiro. Era uma situação dramática e angustiosa desenrolando-se no seio da mais remota e assustadora floresta, que cerca de sagrado recato o berço dêsses caudais famosos, que enchem páginas de nossa história nas questões de limites com alguns vizinhos: Purus, Juruá, Javari. Tal como assistira e depois narrara, apresentava-se a Euclides o momento decisivo: avançar e talvez sacrificar-se, mas vencer e sustentar bem alto o nome brasileiro; ou recuar, certo de salvar-se e aos companheiros, mas deixar sem o último arremate a missão honrosa e difícil que o Brasil lhe cometera. Não hesitou o homem que com os "SERTÕES" afrontara o sentimentalismo nacional: marchou para a frente e lá deixou no varadouro do Cujar, só antes batidos pelos índios de um truculento caucheiro, assinalada, para sempre, a passagem do pequeno pugilo de homens guiados pelo estoicismo e pela constância de uma fé inamolgável. Ganhara a expedição brasileira a longa e difícil batalha; dominara o rio irriquieto; conhecera seus meandros e estirões, seus furos e paranás e fechava com o último episódio o ciclo lendário de sua história. Dava ao Brasil, naquele setor, limites certos, posse definida e definitiva de seu território, concorrendo assim para uma nova era de amizade e confiança, de paz e fraternidade do nosso continente.

É êsse talvez, o mais nobre lance da grande vida heróica dêsse homem singular, que sombranceia o panorama brasileiro, como aquelas figuras aureoladas de que fala Paul Saint Victor em "Les Deux Masques". Enfilerou-se Euclides entre os nossos maiores geógrafos e exploradores e reviveu, lá nos últimos recantos onde soa o verbo da nacionalidade, o perfil lendário do bandeirante. Nas horas amargas, em face dos peruanos bem providos e prestes para o avanço final, Euclides plasmou-se na alma daquele Raposo Tavares, conquistador, descobridor e vanguardeiro do Brasil no oriente amazônico.

Realizado o objetivo, que era segundo as instruções, fazer o reco-

nhecimento do Purus até o Catai e daí para cima levantamento expedito e determinação das coordenadas de seus afluentes, incluindo os varadouros do Ucaiale, nada mais restava à comissão brasileira senão regressar a Manaus, onde completaria os trabalhos de escritório.

A dura tenacidade do Comissário brasileiro, sua indomável energia para arrostar os azares do desconhecido, não agradaram seu colega peruano, que via êsse vasto trato de terra cisandina, até então misterioso e estranho, tocado sòmente pelos escravisadores de índios Piros e devastadores da castilla elástica, desvendado à civilização e às autoridades do país vizinho, rival na posse da área explorada.

As cartas de Euclides ao amigo que ficara em Manaus e suas confidências pessoais, avivam os incidentes, graves, alguns, que marcaram o desgôsto e a irritação do chefe peruano, que imaginou que aquêle homem meão, filho do sul, inapto para suportar o clima deprimente do Amazonas e célebre apenas como grande escritor, fôsse a um tempo, lutador temível, astrônomo, geógrafo e explorador porfiado e cauteloso.

Regressando a Manaus, Euclides passou a residir em nossa casa e durante mais de dois meses convivemos com o homem discutido, que se mostrava em tôda plenitude de sua natureza tímida, contemplativa e às vêzes sacudida por bruscas rajadas de imenso sofrimento. Nesse fim de 1905, Alberto Rangel acha-se na Europa em delicada missão do govêrno do Estado e a "Vila Glicínia" não mais abrigou dois dos maiores e mais estranhos escritores da raça.

Foram meses de relativa tranquilidade, que permitiram Euclides preparar a estrutura de seu livro sôbre o Amazonas, que denominara inicialmente "Um Paraíso Perdido", título mudado mais tarde para a "À MARGEM DA HISTÓRIA". No amplo caramanchão do jardim, emoldurado de glicínias e ipoméas rubras, foram traçadas as primeiras páginas dêsse livro, ainda sob a emoção do espetáculo esmagador e martirizante dessa natureza única e monòtonamente formidável que é a amazônica. A morte trágica não lhe permitiu rever sua última obra, resultado da admiração profunda e da admiração quase explosiva, tão de seu temperamento, pela Hiléia prodigiosa.

Dai, ao certo, a razão de não se encontrar no livro um capítulo que foi esboçado e que se intitulava — Brutalidade Antiga — e era a pintura, com as fortes tintas que sabia usar Euclides, da entrada dos povoadores para os altos rios, deixando atrás de si a devastação dos caucháis e o sulco sangrento das caçadas aos índios. As cartas tão intimamente ligadas àquele período de uma vida augusta, cartas guardadas durante mais de meio século, como documentos preciosos, que pertencem menos ao destinatário do que à história do servidor máximo do nosso pensamento, mostram uma das faces menos conhecidas da personalidade de Euclides. Relendo alguns de seus trechos quero pres-

tar comovida homenagem de saudade ao amigo boníssimo, à alma feita de luz, afogada na dor e desaparecido na mais injusta das tragédias.

Volvia Euclides ao Rio de Janeiro, onde durante quase quatro anos se ia defrontar nem só com suas dôres íntimas, como ainda com a permanente instabilidade em que materialmente vivia, desde que abandonara a farda, dentro da qual fôra soldado, engenheiro e pensador. A mão do Barão do Rio Branco, porém, da qual fala êle com exemplar carinho, amparou o escritor vigoroso que se vinha de forrar cavalheiro com esporas de ouro, na áspérrima campanha da comissão de reconhecimento do Purus, cujo sucesso repercutia fundamente na admiração do grande Chanceler. Ao lado do Barão, Euclides volta a ser, de nôvo, geógrafo e explorador.

A primeira incumbência que recebe, se bem que de ordem técnica, toca de perto à exploração e ao conhecimento de uma região até então maldita, onde o Brasil ia lançar a mais ousada estrada de ferro do continente, estrada que em mãos de estrangeiros, tinha por duas vezes fracassado. O autor dos "SERTÕES" aparece como engenheiro, incumbido de organizar as instruções para a execução e a fiscalização da construção da Estrada de Ferro Madeira — Mamoré, onde um dia eu também me perdi. Em carta de 30 de setembro de 1906, lamenta o ilustre escritor que por motivo íntimo não lhe permitia aceitar a missão honrosa de ir para aquelas paragens, mas que se guarda para uma outra, que lhe seria mais útil: a demarcação de limites com a Venezuela.

É o explorador que fala, é o geógrafo despertado pelo fascínio de volver ao contato diário dos seus instrumentos amigos; confidentes mudos, que só lhe comunicam a beleza rara com que fazem surgir latitudes e longitudes, alturas e declinações, que traduzidas mais tarde em nossa prosaica linguagem de viventes da planície, se fazem as cartas os pontos certos de desembocadura dos rios, as linhas que se amarram pelas suas coordenadas e os marcos que plantam pelas suas definições nos pontos de interseção de dois planos horizontal e vertical.

Fica Euclides entregue aos trabalhos que mais lhe absorvem o cérebro poderoso e lhe castigam de fadiga, tão necessàriamente a uma vida que só tem encanto num meio em que a imaginação não lhe permite ater-se às coisas suaves e doces que constituem o encanto do lar. De fins de 1905 até a véspera de seu sacrifício, produz para o Itamarati um volumoso contingente cartográfico, em que se traduzem seus conhecimentos da geografia nacional, que êle dizia "que ainda estava em marcha, em plena idade heróica das explorações ou longínquas batidas no deserto".

Veja-se esta lista verdadeiramente esmagadora de trabalhos que lhe foram cometidos e realizados com a mais honesta probidade científica.

1) Mapa da República dos Estados Unidos do Brasil (1903), prova litográfica com as correções indicadas pelo engenheiro Euclides da Cunha;
2) Mapa da região abrangida pelo litigio do Acre. Êste mapa é o primeiro instrumento que lhe vai guiar na comisão exploradora do Purus;
3) Esbôço geográfico comprendendo o departamento do alto Juruá, e o contôrno da fronteira com o Perú — 10 de Abril de 1907;
4) Região comprendida entre os rios Acre e Abunã, ao norte e Tahuamano e Orton, ao sul. Outubro de 1907;
5) Carta do alto Acre segundo os recentes levantamentos do major Fawcet. 19 de julho de 1909;
6) Carta de uma parte da Lagoa Mirim, desde a barra do arroio São Miguel até a ponta do Juncal, pelo ocidente e até a ponta dos Latinos, pelo oriente. Calçada na planta levantada em 1853 pela comisão sob o marechal Soares Andréa. Organizada para nova linha de limites com o Uruguai. Maio de 1908;
7) Departamento do alto Juruá-varadouro Saboeira-Chacara; êste do rio Tamaio. Nota de Euclides: "a diferença de longitude do traçado do Juruá desta planta para a do general Belarmino, é aproximadamente de 16", cerca de 30 quilômetros. O erro deve ser meu". Humildade de cientista.
8) Esboço da região litigiosa Peru-Boliviana. Rio Julho de 1909. Êste mapa tem por fim estudar a região reivindicada pelo Peru, envolvida na solução do litígio do Acre e interessa tanto aos limites com a Bolívia, como a uma parte dos referentes ao Peru.

Como é longa essa enumeração e como ela faz reviver no Itamarati que guarda todos êsses documentos, a figura do homem que se servindo do instrumento maravilhoso que era seu cérebro, prestou tão assinalada colaboração;

A carta da Lagoa Mirim, tão certa e segura nos seus assinalamentos materiais foi o imã para o Tratado de 30 de Outubro de 1909, já assinado depois do drama que quinze dias antes tinha eliminado a vida ilustre e atormentada. Tratado que é um dos marcos mais sensíveis da consolidação da paz do nosso continente.

O mapa da região litigiosa Peru-Bolívia foi por sua vez a arma acerada que nas mãos de Rio Branco serviu para aquietar definitivamente as tentativas irregulares dos dois rivais na alta bacia amazônica.

Essa a obra visível, palpável se assim se pode dizer, ao alcance de todos os olhos, à beira de tôdas as vontades que se queiram dobrar à contemplação de uma vida dedicada exclusivamente a dignificar e tor-

nar cada vez mais sedutor êste nosso país pela beleza com que o descrevia, asegurando-lhe a posse de seu território e afastando as tentações dos vizinhos, que se iludiam na decifração de limites imaginários.

Não ficou sòmente nos arquivos do Itamarati a vocação primordial incisiva e emotiva de Euclides da Cunha para a alegria espiritual de seu pensamento sempre enobrecido na contemplação de nossa natureza, o conjunto de trabalhos que o definiu como geógrafo e explorador.

Suas obras, desde os "SERTÕES", o livro máximo do pensamento brasileiro, até "À MARGEM DA HISTÓRIA", livro póstumo que não lhe apanhou tôda a emoção que trouxera da Amazônia, todos são consagrados a um Brasil forte e líder do continente. Nos "SERTÕES" tôda sua admiração, tôda sua estima, sua única admiração, entre os humanos que ali se matam, é o coronel Siqueira de Menezes. Pesquisador incansável, geógrafo que decifra a natureza torturada que é o vasto semi-círculo que vai da Serra do Lopes à várzea da Ema, aonde Canudos se encurrala", aquêle jagunço alourado, de aspeto frágil, física e moralmente brunido pela cultura moderna, a um tempo impávido e atilado" era o verdadeiro explorador que despertava em Euclides respeito pelos seus pendores naturais. Siqueira de Menezes era o pombeiro que percorria as caatingas, vasava os meandros dos leitos torrados dos rios que somem na terra sedenta, para surgir entre o pipocar das caçadeiras dos jagunços e o estrondar da matadeira, que o filho de Macambira tenta destruir no ataque de 1o. de Julho.

Os "SERTÕES" já mostram que o homem que passara três anos em São José do Rio Prado, nesse oeste paulista o primeiro desvendado à lavoura, então arrojada e arrogante do café, continuava geógrafo e explorador. Sob sua orientação técnica de profissional, que trouxera da Praia Vermelha, constrói a nova ponte no local da que ruira no rio ainda semi-desconhecido. Essa ponte lá está; é uma obra de arte e é para uma de suas cabeceiras que todos os anos ocorrem os discípulos e adoradores da memória sagrada do homem que mostrara sua invejável capacidade de engenheiro. Nas suas linhas discretas, que revelavam resistência e segurança, sente-se a alma do artista que lhe dera vigor e beleza. Constrói a ponte com alma de artista, mas ao lançá-la fala o pensamento elevado do homem de ciência que antevê o futuro; explode a concepção do conquistador que ressona em seu cérebro. É o geógrafo, é o explorador, é o semeador que manda para além do passo vingado, pelo seu saber de engenheiro, a semente da nova civilização herdada dos varões lendários, que dois séculos antes tinham varado aquêle rio.

É nesse cenário, tornado a seus olhos querido pela obra que ali ficava para perpetuar-lhe a técnica benfazeja e à assinalar sua fé nos destinos da terra, que surge o mais formoso livro, assunto de debate de crítica candente e de admiração memorável, os "SERTÕES", his-

toria o drama de uma longa época de sofrimentos e de bravura malbaratada. Ali estive, penetrei na barraca humilde, feita de sarrafos e coberta de zinco, onde por dois maciços anos Euclides sonhou, alinhou fatos, construiu o monumento do drama terrível do abandono do Nordeste, abandono que só agora começa a ser atendido.

Passaram-se setenta anos antes que o Brasil fôsse deveras acordado pelos rumores que os "SERTÕES" ainda espalham para que sejam ouvidos pelos governos. Agora tudo faz crer que a semente plantada pelo livro ímpar, está sendo cultivada pelos homens que hoje respondem pelo Brasil. No mundo misterioso das sombras, Euclides se deve envaidecer de sua obra.

Parece afirmativa temerária de que mal balbucia as letras nacionais, dizer que êsse livro belicoso veio revolucionar e demolir a concepção até então existente da forma de escrever; é menos uma expressão literária do que síntese sócio-científica dêsse Nordeste bravio. Quem antes de Euclides se pusera em contato com a terra com aquele amor de sábio e de cientista, que lhe buscava todos os segredos e dela contava tôdas as lendas? Quem escreveria um capítulo mais empolgante de verdade e de sofrimento do que aquêle — TERRA — que é o rosto mesmo dos "SERTÕES"?

Como o homem do sul, habituado ao deslumbramento de uma natureza, que diàriamente se abre num imenso amplexo de hospitalidade e carinho, soube enfrentar a terra comburida, esturricada, agreste e melancólica das caatingas?

Euclides compreende todos os segredos, vai ao fundo dos problemas que lhe são o flagelo e a desventura, esboça em linhas mestras que refletem seu saber de engenheiro, seu real conhecimento dessa ciência nova e já velha no Egito e no norte da África, que é a hidráulica da açudagem e das irrigações, a solução que sòmente vinte anos depois se faz início no govêrno de um nordestino.

Depois dessa intimidade com a terra, depois que o geógrafo e explorador lhe definiram a essência física e as características estruturais, é que aparece o historiador e sociólogo para enfrentar e delatar o drama que foi Canudos. Fechemos esta página como fêz o grande escritor... Canudos já não mais existe e sim a esperança que hoje espalha a SUDENE, que na terra ressequida da caatinga, no antigo ermo, túmulo de heróis broncos, mas heróis, tenta erguer os murais de uma civilização salvadora.

Deixando os "SERTÕES" para sua vida heróica, que transportará no tempo e no espaço todo o curso da história do Brasil, Euclides afunda-se, de nôvo, na sua vocação irresistível e escreve êsse outro livro, manuseado apenas pelos que tenham a apreensão da luta para se estabilizar os contornos da nacionalidade nessa vasta região, bati-

da durante mais de três séculos pelas rivalidades, ambições e sêde de posse das duas coroas de Portugal e Espanha; o grande oriente amazônico até o contraforte ocidental dos Andes. Êsse livro é: "PERU" versus "BOLIVIA".

Em suas páginas, que defluiram de uma alta concepção de justiça a serviço de um espírito armado do senso da equidade, surgem os restos históricos e científicos que materializam em limites definitivamente seguros o enovelar de linhas que vem desde o Tratado de 1750, modificado e estruturado em 1777, para tornar possível a delimitação da posse que portugueses e espanhóis disputavam nos vales do Guaporé, do Mamoré, do Beni e dos altos afluentes do Amazonas.

Euclides revive a marcha para o Oriente dos bandeirantes de Raposo Tavares, que a cada passo deslocavam o meridiano de Tordesilas, que entrava pelo Pará e ia sair em Santa Catarina, dilatando a soberania espanhola sôbre quatro quintos do novo mundo. Por essa época a carta do Brasil como as outras pinturescamente simbolizadas pelos seus produtos, era representada por quatro caboclos desfibrados e tinha como a definir-lhe o nome, apenas êste epigrama: Psitacorum regio: Reino dos papagaios. . .

Para caracterizar êsse recuo do meridiano, que tanto ia influir na formação do Brasil de hoje, Euclides criou esta maravilhosa síntese de admiração pela bravura dos bandeirantes: "Os paulistas desarranjaram tôda a geografia política sul-americana". Não é de hoje que São Paulo serve o Brasil: no passado fêz sua integração; no presente é seu máximo orgulho.

"PERU versus BOLIVIA" transformou-se numa espécie de bíblia de consulta para a liquidação final dessa herança mal partilhada pelo Tratado de 27 de março de 1867 entre o Brasil e a Bolívia e pelo Tratado de 23 de Outubro de 1851, entre nosso país e o Peru.

Nesse livro, obra de astrônomo, geógrafo e explorador, desfilam as grandes figuras de Lacerda e Almeida e Silva Pontes; Ricardo Franco de Almeida Serra, o engenheiro ilustre, construtor dessa obra prima de arquitetura militar do século 17, que é o Forte do Príncipe da Beira e Luiz D'Alincourt, demarcadores e defensores da grande extrema do Brasil nas terras ambicionadas pela coroa espanhola. A cada um dêles Euclides dedica uma expressão de calorosa estima, mas para quem vai tôda incontida admiração é para D. Mateo Paz Soldan, astrônomo e naturalista, humanista profundo e escritor brilhante, cuja obra se tornou clássica no traduzir verdades sôbre as nossas questões de limites na região eternamente disputada do vasto triângulo Javary-Madeira e a linha Javari-Beni.

Afora seu Relatório que tão fundamente pesou para solucionar nosso desentendimento com o Peru, relatório que ao lado das verdades científicas levanta uma ponta do véu que encobre as nossas im-

perfeições, é "PERU" versus "BOLIVIA" a obra afirmativa por excelência do alto valor de Euclides como geógrafo e explorador e a definição, sem contradita, de que êsse sempre foi o rumo de seu espírito.

Tôdas as outras obras de Euclides, aquelas que correm mundo e são manuseadas com o respeito e o prazer com que a gente se depara e soletra as grandes belezas, os eternos monumentos que só os gênios sabem criar e corporificar, não negam que mesmo escrevendo, para traduzir suas emoções ancoradas e extensas, Euclides não deixa de ser engenheiro, geógrafo e explorador.

"CONTRASTES E CONFRONTOS" é um livro que para nós marca uma espécie de síncope patriótica, pois foi editado em Portugal e ali recebeu de um estranho à intimidade de nossa vida, prefácio que está degradado em face do emocionante depoimento que quer apresentar ao público.

Os capítulos ilustres: "Contra os caucheiros"; "Entre o Madeira e o Javari"; "Ao longo de uma estrada", são o borbulhar da vocação permanente do autor.

Todos, sobretudo a evocação histórica da Estrada do Taboado, que foi por decênios a mais importante e a mais trilhada das nossas estradas de penetração, apenas decalcam o pensamento imutável de quem só se fazia escritor para melhor traduzir sua obra de grande êle dizia: "Escritor por acidente eu habituei-me a andar terra à terra, abreviando o espírito à contemplação dos fatos de órdem física adstritos às leis mais simples e gerais".

"A MARGEM DA HISTÓRIA" é o livro poderoso, gerado nos dias de incontida prece ante a grandeza bruta e esmagadora da natureza amazônica com a qual Euclides comungara num ato de fé, era a penitência de suas primeiras impressões. Tôdas aquelas páginas traçadas na vertigem de quem trazia nos olhos e no pensamento como negativo de uma placa fotográfica os panoramas e cenários que se afogam ainda na primitividade da terra, panorama e cenários povoados por um fauna e uma flora atrasados do período contemporâneo, tôdas as suas páginas traduzem as pulpitações de geógrafo e do explorador, do cientista e do sociólogo diante de um mundo que apenas emerge do dilúvio milenar que avassala a Amazônia.

Euclides torna-se íntimo; faz-se amigo e companheiro de quantos perlustraram aquelas terras e vingaram seus grandes rios; dobra-se em êxtase, ungido de veneração incontida pelos audazes desbravadores que se chamaram Manuel Urbano da Encarnação, caboclo valente de alma brasileira; Bates, Wallace, William Chandless, os ingleses fraternais e colaboradores da obra de descoberta dos quase silenciosos afluentes da margem direita do Amazonas.

É tôda essa enorme e longa fila de nomes lendários, de homens que se projetam na História, de tipos que ultrapassam o padrão comum da Humanidade e vencem o tempo, como desbravadores do deserto, vanguardeiros da civilização, formadores de países, criadores de cidades, artífices de nacionalidades, que se encontram na obra eterna e imortal de Euclides da Cunha.

Tem-se a impressão de que êsse homem tímido, cujas cartas para amigos que êle sabia manter e guardar com carinho de um justo e bondade de um santo, escondem um cunho de pudor em tudo que se refere à sua pessoa, para deixar aureoladas essas vidas famosas que o antecederam no caminho das perigosas e muitas vezes dramáticas explorações e que como êle foram grandes geógrafos, ousados e exploradores, atrevidos destruidores de fronteiras, como o gigantesco Raposo Tavares, o maior artífice da estrutura da nacionalidade.

É esse o Euclides novo para muita gente; um Euclides cuja obra é quase toda ela expressão de cólera e de dor de um gênio que se revoltara contra todas as injustiças; glória maior da raça e a mais nobre e dignificante manifestação de amor por um Brasil grande e unido.

Essa obra há de vingar o tempo e perpetuar-se no esfôrço das gerações vindouras em bem compreender o quanto devemos de amor, de trabalho e de renúncia, pelo nosso país, pelo qual tanto fêz o homem que se apagou numa manhã funesta, atraído pela fatalidade do infortúnio e da desgraça, que há muito lhe rondavam a alma martirizada feita de luz envolta em suavidade.

Até hoje o Brasil não simbolizou num monumento digno de ser admirado pelas gerações futuras êsse servidor máximo de suas glórias; êsse gênio que se estendeu a quase todos os domínios de beleza literária, da sabedoria científica e do patriotismo de soldado, num dos períodos mais cruciantes da nacionalidade.

Os Estados Unidos, êsse País que a mentalidade estreita classifica de terra do Deus dolar, terra do materialismo conquistador, são talvez um dos povos de maior espírito público de justiça aos seus grandes cidadãos.

Todo mundo conhece os Estados Unidos apenas pelos seus homens de negócios, pela potência formidável de sua riqueza e pela febre indomável de sua energia. Poucos imaginam que essa raça admirável, nascida de uma fusão sem paralelo na História da Humanidade, seja ao mesmo tempo bela e profundamente idealista. Como consagração para sempre, para todos os tempos, para que nem os homens, nem os elementos desencadeados pela Natureza possam destruir a legenda e a glória, fizeram esculpir num dos canions do Colorado, em figuras gigantescas, os varões ilustres, os Presidentes e sábios, que construiram a Nação líder do mundo.

Há tempos um jornalista, que sob o pseudônimo de João Paraguassú tanto escrevia sôbre as coisas do interior do Brasil, clamava para que, lám num mundo que é nosso, mas tão longínquo e misterioso hoje, como era há mais de meio século, que se erigisse ali, o monumento a Euclides, que teria a vida da eternidade, que descansaria sôbre a terra ainda imatura, e batido pelas águas sagradas dos desaguaderos que descem dos Andes, onde deixarem a civilização incaica, que dêles sabia a história e o destino, de perpetuar a bravura, a sensibilidade patriótica de quem os fizera retornar ao Brasil numa arrancada que talvez jamais seja repetida.

EM TORNO DA LIBERDADE

Oyama César ITUASSÚ

Depois de tantos séculos de lutas pela liberdade, parece estranho que ainda se cuide de escrever a respeito. Porque parece algo cristalizado na mente da humanidade, a significar a vitoria do homem sôbre a opressão e a tirania. Puro engano, pois a liberdade sofre, ainda hoje, as mesmas coerções e os mesmos impactos negativos que tanto revoltaram o homem, antes e depois da Revolução Francêsa e pouco tem adiantado dizer que ela é a essência da sociedade politica e que sem ela o homem nada é.

Os tempos modernos se incumbiram de criar clima antagônico à sua existência e desenvolvimento, pois a liberdade não é só um dom da natureza e que somente tem esse carater quando examinada sob prisma dos direitos tipicamente naturais. Há que observar as condições existenciais para sua presença no mundo contemporâneo: não é um sentido isolado, único, despido da colaboração de outros elementos mas ,ao invés, um conceito socio-politico-economico, formando um todo integrado por varios componentes.

Não é facil ser livre. A sociedade se incumbe de limitar a atuação desembaraçada do homem, criando-lhe restrições as mais variadas e que, se de um lado atende ás necessidades coletivas cujos integrantes se beneficiam com os limites estabelcidos a prol do conjunto, de outro desvirtuam-lhe a finalidade, pelo cerceamento do livre querer. O fato, porém, é que a liberdade não é simplesmente um conceito, mas uma forma de ser do próprio homem. Rege a sua conduta, condiciona-lhe o procedimento e o comportamento sociais. Não é rigida, mas elástica, para poder atender aos reclamos da comunidade a que se destina. Tem de certo modo um sentido universal, mas difere em seu conteudo

segundo o temperamento de cada povo. O que para uns significa um direito, para outros exprime uma atuação necessária de ordenamento politico.

Nasceu com o homem, mas a sociedade civilizada alterou-lhe o sentido natural, modificando seu teor puro para melhor atender a circunstancias decorrentes da evolução dos povos. Quando o direito à liberdade é violado por um ato arbitrário de quem quer que seja — e tem êsse caráter tudo quanto não se ajusta ao critério jurídico —, nenhum poder politico tem autoridade para desconhecer a forma de defesa que lhe é inerente — o habeas-corpus, por exemplo —, não mais como uma simples instituição, mas patrimônio coletivo como forma de resguardar o homem das violências que lhe foram feitas e expressas vedatoriamente na Declaração Universal de 1948.

Por isso, as restrições ao seu exercicio pleno, dentro das limitações juridicas, importam em deixar com a autoridade uma soma potencial de poderes capaz de tornar inócua a expressão mais eloquente da liberdade que é o pensamento livre, praticado sob forma de interiorização ou de exteriorização, no sentido do bem comum. A civilização, tal como a vemos, não conhece limites e dá ao Estado um sentido monopolista que se traduz em uma renúncia comunitária a seu favor. Mas na alma humana existe um fermento de liberdade que não morre nunca, liberdade que tem sua vida na tradição dos povos, que é a memória das gerações.

O que dificulta sobremaneira o sentido da liberdade é a visivel nitidês de compreensão peculiar do Estado, que se tem dedicado a esquematizar o que se deve ou não fazer. Perceptivel é que poucos conservam o tonus libertário como um fenômeno ecológico, decorrente do ambiente em que se situa. Em Londres, tudo se pode fazer no Hyde Park, exceto ofender a Rainha, símbolo da nacionalidade. Nos Estados Unidos a liberdade de expressão é ampla, permitida a crítica aos homens públicos e até mesmo das instituições. Pode-se ser lá um comunista, vedado porém seu acesso a cargos públicos. Na Russia ,ao contrário, a critica é sinônimo de criminosidade e mesmo as obras culturais que apreciam aspectos particulares da aplicação ideológica, são colocadas no indice e seus autores punidos por ofensa ao Estado. Parece, assim, que a liberdade se equaciona com o que se entende por civilização, condicionada ao sistema de vida adotado. Daí a problemática de sua interpretação, profundamente eivada de termos políticos, impregnada de muito que supera a noção comumente adotada.

É um dogma constitucional de todas as nações ditas civilizadas e mesmo daquelas que ainda estão nos estagios iniciais do progresso interior, o reconhecimento do direito à liberdade. Mas sua aplicação sofre as contingências já indicadas e que se entrelaçam formando um contexto dificil de separar. Não ha uma liberdade única e sim um conjunto de liberdades, fundindo-se em um sentido de ação, de exer-

cicio interligado à obtenção de outras messes. A formação secular do ser transformou-se no dever ser. O **mussen** em **Zollen**. O que se pode fazer segundo as inclinações individuais, naquilo que se deve fazer de conformidade com as deliberações estatais.

O homem precisa da liberdade para o desenvolvimento de sua personalidade. É o oxigênio de sua vida exterior e nela baseia as aspirações, porque sem ela práticamente inexiste como sêr e se torna um instrumento, em cousa manuseavel. Mas o sentido social da liberdade condiciona o seu teor ao interêsse comum e o homem é livre para agir desde que não lesione outrem, ou não interfira no setor particular dos demais. Por conseguinte, tal aspecto modifica aquele quadro ideal, que não o é justamente por que a noção do dever público, que não é só do Estado mas tambem do cidadão, supera as exigências particulares.

A liberdade politica tem uma fisionomia econômica. De que vale o realce da liberdade se não se desfruta de segurança, ou de alguma estabilidade em termos de pecunia? Ninguém é pobre ou tem carências por livre vontade, mas sim por pressões as mais diversas e que vêm desde a precariedade ou indigência culturais e intelectuais, até à face das impossibilidades materiais na aquisição dos bens indispensáveis. O pão válido para a liberdade, é o que autoriza a livre vontade apoiada na garantia de uma vida produtiva e util.

Mas esse próprio aspecto econômico-financeiro se tem deslocado, e muito, do campo individual para o campo do Estado. Anteriormente, a livre iniciativa era um direito amplo, portas abertas para quantos desejassem realizar alguma cousa. O **laisser faire** da liberal democracia, foi substituido pelo **pouvoir faire** da democracia condicionada dos tempos atuais. O Estado se reserva, dia a dia, áreas extensas do que considera inerente á própria vida ,retirando do mercado das concorrências comerciais ou industriais atividades até então entregues á atuação privada. Ora cria proibições no setor da pesquisa, ora vincula as iniciativas à autorização do poder público e isso ocorre tanto no dominio econômico como na esfera ampla da liberdade, qualquer que seja o seu modo de expressão.

A liberdade do cidadão está para êste como a soberania para o Estado, na sua representação interior. Com a função de firmar a autoridade do poder público sôbre os seus integrantes nacionais, no sentido de orientar, controlar, prestar assistência e programar esforços pelo corpo coletivo, tem por outro lado o escopo de determinar direitos e deveres, sempre procurando fazer sobrepairar o poder da nação. Forma de império politico, a liberdade não é um privilégio do homem, mas tambem do Estado, que lhe delimita a amplitude, e nela percebe Rousseau um aspecto positivo e outro negativo, ou seja, o poder de dar ordens incondicionais e direito de não as receber de ninguem. Mas essa

qualidade se relaciona com a definição do direito público externo, nas relações com os demais Estados e essa incondicionalidade não se coaduna com o espirito da liberdade humana.

O Estado, livre perante os demais de sua categoria deve, ao mesmo passo, respeitar o mesmo direito no tocante ao homem. Daí Burdeau dizer que o poder do Estado, no interrelacionamento com os cidadãos, não dispõe de prerrogativas absolutas. E tanto assim que o mandado de segurança e o habeas-corpus são formas de controle da atuação excessiva do poder público, na defesa dos direitos individuais, assim como a ação popular é uma forma de proteção dos direitos da comunidade.

Estado e individuo devem coexistir em termos de liberdade, que tanto é para um como para outro. Sem excessos, sem absurdidades, sem prepotências economico-politico-financeiras. Sem paternalismos desmedidos. O Estado cria o direito formal e através dêle disciplina a vida de sua sociedade. O homem, recebendo êsses direitos e os que lhe são atribuidos, deve usá-los na medida de suas necessidades públicas e particulares, sem abusos e penetrações indevidas. Não se pode conceber um Estado que estabelece garantias constitucionais para mais tarde, alicerçado na mesma lei, violar flagrantemente o seu conteudo básico.

Os interêsses do Estado e do homem se completam e podem, e devem, ser livremente exercitados, desde que se movimentem, com liberdade, nos limites fixados pelo Direito.

DIVÓRCIO: Poligamia sucessiva.
POLIGAMIA: Divórcio concomitente.
Institutos familiares rejeitados pelos mais nobres sentimentos humanos, desde épocas imemoriais.

Côn. Walter G. NOGUEIRA

Não fôra um certo mal-estar provocado por meu silêncio; não fôra o estímulo da solicitação SUA OPINIÃO É NECESSÁRIA, que edições da revista O CRUZEIRO vêm trazendo ao tratar do divórcio, eu não me atreveria a entrar em tão ardiloso quão discutido assunto. Esforçar-me-ei por ser sumário, dispensando inclusive as numerosas remissões às fontes aludidas, quer de doutrina ,quer de história, e que serviram de arrimo a êste trabalho.

A LONGA HISTÓRIA — A história da instituição da familia se identifica com a história da própria humanidade. E os triunfos e desatinos que sempre acompanharam de perto o instituto familiar são antigos e constantes, como antigos e constantes são as derrotas e reabilitações do homem e da mulher, inseridos na vida comum. É de propósito que procurarei sair da periferia da problemática para aguçar-me dentro da questão. Para isso impus-me o recurso à reflexão e à história, História da Humanidade, contida em pormenores na BIBLIA, que na falta de documento mais válido, prevalece. Tomo êsse documentario da literatura universal, porque não sei de outro que se tenha acreditado mais diante de inimigos e desafetos durante todos os séculos. E, hoje, não é lícito ignorar que a ciência histórica não encontra razões para duvidar de sua veracidade. Isto posto, busquemos o fio da remota história do matrimônio.

FORMA PRIMITIVA A MAIS PERFEITA — Saida das mãos do Criador a forma MONÔGAMA do casamento (e não havia outra possibilidade, pois existiam apenas um homem e uma mulher — Adão e Eva), por coincidência escatológica, seria esta também a forma mais perfeita, embora, logo em seguida, o instituto tenha entrado em crise aguda, porém transitória. Do que se deduz, a forma matrimonial INCESTUOSA, acolhida por contingência inelutável (os filhos de Adão e Eva deveram casar-se com suas irmãs), foi abandonada na primeira ocasião. O casamento entre parentes próximos repugnou à convivência, foi desaconselhado e proibido nas sociedades mais rudes.

Os dois polos do processo afincavam raizes num binômio de alegrias e decepções, que haveriam de acompanhar a sociedade conjugal em todas as idades. Se o matrimônio incestuoso foi a primeira decepção do convívio humano, sua repulsa imediata foi também a primeira prevalência da virtude e da dignidade — fontes geratrizes da civilização e da cultura.

E vem dai a exaustiva caminhada do instituto matrimonial nos quadrantes da terra, assumindo variadíssimas formulações, destacando-se umas, perdendo-se outras na vertigem dos tempos. Não lhe faltou sequer o banimento pela devassidão dos costumes, sendo logo readmitido como terapêutica única para evitar apodrecesse de vez o grupo humano na voragem das orgias alucinantes.

2. Em têrmos de dinamismo social, são encontradas com bastante frequência as duas formas, da POLIGINIA (um marido para várias mulheres) e a POLIANDRIA (uma mulher para vários maridos); a primeira, ao que parece, de maior repercussão. A forma matrimonial polígina foi admitida pelo mesmo Povo de Deus. A Escritura relata que o rei Salomão foi marido legítimo e ao mesmo tempo de SETECENTAS mulheres, "que eram como rainhas", além disso, possuia TREZENTAS concubinas, "mulheres secundárias" (III Reis, XI, 3).

Pesquisadores encontraram nas ilhas da Polinésia, na Oceania, a forma poliândrica, de uso frequente nas tribos indígenas.

Como resulta evidente, foram formas secundárias da sociedade conjugal, concebidas e praticadas por imperativos de situações locais e de mentalidade, e que aos poucos, porém, foram extintas em vista de seus efeitos nocivos e mortuários às aspirações mais legítimas do coração humano. Não será dificil ao estudioso da antropologia descobrir que o concubinato funcionou sempre por tolerância da lei, e que o adultério foi a sombra e o tormento do casamento bem constituído. Foi, é, e será a praga da fidelidade conjugal. Mais: nêste ou naquele momento histórico, nunca faltaram os insatisfeitos e infelizes em busca de novas formas de casamento para resolver situações evidentemente de valor individual, pretendendo que a sociedade incorporasse como seus, os próprios desvarios, infortúnios e mazelas. Os bem intencionados e afeitos ao realismo intrigante da vida em comum, viram sempre

na forma original, saida das mãos de Deus, de carater monôgamo e de vínculo indissoluvel, a única em condições de responder à maior soma de anseios do homem e da mulher. A felicidade plena sempre foi esquiva dentro do lar.

3. A forma matrimonial da POLIGINIA foi desprezada por causa de seus efeitos penosos. A espôsa querida de hoje, poderia ser chicoteada amanhã, poderia ser repudiada e vendida como escrava, tal o poder marital dessa fase.

A forma da POLIANDRIA foi igualmente abandonada em vista de seus resultados de crueldade. Maridos desavindos dentro do lar, seriam eliminados sumariamente pela própria espôsa. Já nesta altura se prestava atenção aos preceitos da psicologia: briga de homem é briga perigosa, e não era prudente dar ocasião à represália e à vingança. Deviam morrer.

4. Assim, a humanidade, depois de muito penar e de sofrer os impactos de seus desatinos, abandona, enfim, pelo menos em virtude de convicções irrecusáveis, as formas imperfeitas do matrimonio e se decide pelo retôrno à forma inicial, acreditada ao cabo de fartas lágrimas e de amarguras. Sob o ponto de vista sociológico, a forma readotada da monogamia, garantida pelo vínculo indissoluvel que é a sua natural exigência, não foi sequer conquista do Cristianismo. Cristo, ao que tudo indica, já a encontra ufana de ter atravessado mil peripécias, nunca porém imune ao ardil sempre fecundo dos desastres morais que sempre perseguiram todas as sociedades, é o que se infere do diálogo capcioso que se trava entre Jesus e os Judeus, que postulavam privilégios mosáicos para novas e insidiosas experiências voltando à lei do repúdio e do divórcio (vejam como êste tem sua idade e não significa evolução, mas retrocesso social). Portanto, em Caná da Galileia, Jesus Cristo eleva apenas o matrimônio à dignidade de Sacramento, conferindo aos cônjuges graças necessárias ao sucesso nos embates contra as próprias maldades e deslises.

Dêste modo, tendo o casamento recebido a sacralidade do Cristianismo, o carater Monôgamo, a indissolubilidade do vínculo, tanto como a rejeição à POLIGINIA e à POLIANDRIA (divórcio suconcomitante) e ao DIVÓRCIO (poliginia e poliandria sucessivas), são conquistas DA HUMANIDADE. O Cristianismo, por conseguinte, contribui com porção específica dos elementos característicos do matrimônio na sua fase de reabilitação, essa contribuição é de indole espiritual e de aplicação no mundo cristão, tão somente.

5. É tempo de concluir:

a) Considero parcialmente improcedente responsabilizar a Igreja Católica pelo insucesso da campanha divorcista, vez por outra, desencadeada no Brasil. Sabe-se muito bem que os cristãos brasileiros não sendo suficientemente esclarecidos sôbre a beleza e importância da própria religião não seriam capazes de façanha tão relevante. Se fôsse

verdadeira tal imputação longe de ser um desdoiro, seria uma honra para a Igreja, no Brasil. Desculpem-me as numerosíssimas exceções de bons católicos e de bons brasileiros. Seria também elegante não injuriar os Padres e os Bispos. Eles "são inocentes do sangue dêsse justo". Nem por isso se negue ao Clero o direito de vigilância da doutrina através de esclarecimentos oportunos aos que ainda os ouvem.

b) A análise especializada do instituto matrimonial ao correr das épocas traz elucidações valiosas ao momentoso assunto. Revelações comprovadas científica e historicamente põem em crise afirmativas peremptórias de sociólogos, professôres, juristas, padres e literatos, salvo melhor juizo impressionados pelas contingências quotidianas e transitórias. A filosofia existencial é responsável por êsse apêgo distorcivo de uma realidade secular e pelo confinamento de muitos "sabios" às dimensões estreitas desta ou daquela geração com perda da visão global da problemática, imperiosamente articulada ao passado, ao presente e ao porvir, visão esta só transmitida pela metodologia da sensatez e do respeito à idéia alheia. Oxalá houvesse, em certos casos, a lealdade para declarar: "desculpe, não me considero suficientemente preparado a emitir opiniões..."

c) Quanto ao impressionante entusiasmo da juventude pelo divórcio, sem desconhecer o deslumbramento agressivo pela contestação marcusiana, tão do gôsto da mocidade atual, posso estar enganado, mas algo me diz que a tendência divorcista entre os jovens não é sincera. Ela atenta contra a generosidade que lhe é um ornamento singular, e de igual maneira violenta o que há de mais puro e real na juventude que sempre buscou no amor a dois altos sentidos de realização. De fato, nada mais empolgante do que as juras de amor que os namorados trocam contra as incertezas do futuro e as desconfianças do ciume. Ouçamo-los: "Eu serei tua, tua para sempre", e "eu serei teu, só teu, por tôda vida". "Poesia! Ilusões!" gritarão os adultos vividos e sofridos. Sim, não se nega que em tais manifestações dos adolescentes possa haver perfídia, deslealdade e mentira, estas, porém, aparecem só depois, e serão sempre deturpações de sentimentos autênticos que brotaram legítimos e imaculados do íntimo da natureza. A idéia divorcista entre os jovens para as pessoas de bem não passa de contaminação provinda dos adultos, vítimas de infortúnios ou de malabaristas da devassidão. É esnobismo dos que se dizem "pra frente" crendo-se se oporem a um formalismo tradicional, quando, na verdade se revelam "pra trás" defendendo uma velharia. Estou certo de que a juventude ao se dar conta que está fazendo o jôgo dos frustrados, dos envelhecidos pela idade ou pelos insucessos sentimentais, abandonará imediatamente a causa inglória. É próprio dos jovens gostar de correr o risco das conquistas, atirar-se às incertezas. Afinal, se os adultos não crêem mais em si mesmos, respeitem os adolescentes acreditando nêles.

d) E, por fim, embora conflitando com a opinião de muita gente, ouso afirmar que a não adoção do divórcio no Brasil deve ser tomada como prova de inteligência do legislador brasileiro, não incorrendo no êrro de outros países, onde os resultados da instituição do divórcio continuam polêmicos, pois as calamidades conjugais persistem ou se agravam. Se a felicidade e a dignidade dependessem de leis humanas, não haveria mais ninguém infeliz e não existiriam safados sôbre a terra. Divórcio significa realmente abertura ao aventurismo e à irresponsabilidade, é desmantêlo do lar, é fugida a compromissos, cujo resgate dignifica e enobrece seus agentes e cujo inadimplemento fala de desídia e de covardia.

Para não admitir o divórcio, o Brasil basta ser sensato, recebendo a dura lição dos séculos. Nem precisa ser cristão de verdade. É suficiente ser ou pretender ser evoluido e culto.

CONCLUSÃO FINAL — Sendo analiticamente em sentido de vivência o divórcio a repetição, de modo sucessivo, da poligamia, forma matrimonial fulminada pelos insucessos, não é possivel acreditar seja capaz, só no Brasil, de gerar benéficos efeitos. Ainda: a busca de felicidade plena na vida em comum é uma utopia. Não existe casal plenamente feliz. A felicidade humana está na medida da aceitação do sacrifício e da renúncia — elementos essenciais do amor. Pensar diferentemente é evadir-se da realidade da vida.

Mas, então, o que fazer dos milhares de lares infelizes ou desfeitos? Reconheço que a resposta não vai agradar por ser de uma dureza a tôda a prova. É com pena infinita dos infelizes que sofrem a ausência da felicidade, porque, não nos iludamos, existem os insensíveis. A resposta será formulada mediante duas perguntas devidamente respondidas. Ei-las: o que devem fazer as autoridades com os milhares de delinquentes e os medicos com os milhares de doentes? — Cuidar dêles com o desvêlo merecido. Merecem a compaixão comum. O que, porém, nos parece, não será possivel é legalizar o crime para acabar com os criminosos, e deixar morrer os doentes para eliminar a doença.

OBRAS CONSULTADAS

Pio XI, Enciclica "Casti Connubii"; J. Leclerq, Le mariage chrétien, 1948; Leçon de Droit Naturel, III, La famille, 1950; R. Boigelot, "Du sens et de la fin du mariage"; S. de Lestapis, "Les vraies valeurs de la vie conjugale", Paris, 1953; Th. Von Scheffer, "Philosophie der Ehe", 1947; E. Westermarck, History of Human Marriage", 1891; Washington de Barros Monteiro — "DIREITO DA FAMÍLIA", 2º vol. — ed. Saraiva; 1968; Orlando Gomes — DIREITO DA FAMÍLIA — Forense, 1968; Marcuse "The Ore dimensional Man"; Constituição Pastoral GAUDIUM ET SPES e o Decreto APOSTILICAM AUCTUOSITATEM, do Concílio Vaticano II.

AS BEIRAS

Carlos de Araújo LIMA

Palestra realizada na CASA DAS BEIRAS. Rio GB, aos 19 de novembro de 1970, nos festejos comemorativos do 17.º aniversário de sua fundação. Gravação revista.

Unidade luso brasileira... 19 de novembro, dia da Bandeira... fundação da Casa das Beiras!
A tônica é uma só — **dia da Bandeira.**
Marcha a ré no Tempo. Estamos lá no norte do Brasil, no Amapá. Guiana Francesa e Brasil em choque. 15 de Maio de 1895. Arthur Cezar Ferreira Reis, o nosso Admirado e Prezado Presidente do Conselho Federal de Cultura, no seu livro — **A Amazônia e a Cobiça Internacional** — mostra-nos esta cena. Veio a reação franceza, zona contestada. Organiza-se uma expedição militar francesa. Parte contra os brasileiros o navio francês Bengali. Conta-nos Mestre Arthur Reis:

> "oitenta homens de guarnição desembarcaram "um pouco antes, na enseada do cemitério velho". Planejavam atacar o povo pela retaguarda, enquanto outro destacamento investiria pela frente. O capitão Lunier pôs-se à testa da força que penetrou no burgo pela frente.
>
> Deparou-se-lhe, de logo, uma **bandeira brasileira** hasteada pelo **português Manoel Gomes Branco".**

Meus senhores, um **português,** naquele momento, momento eterno, era o Brasil, porque hasteara a bandeira brasileira! (aplausos).

E, continúa o historiador, prossegue a fuzilaria.
"... os franceses conduziram o Brasileiro
João Lopes e o Português Gomes Branco".
Unidos no mesmo sentimento, unidos no mesmo sofrimento!
Brasil e Portugal, abraçados sempre na História! (aplausos)
Exmo. Snr. Consul Geral, Ministro Francisco
Mendes da Luz, representante de S. Excia. o
Embaixador de Portugal.
Exmo. Snr. Representante do Governador Negrão
de Lima, Governador da Guanabara
Exmo. Snr. Deputado Silbert Sobrinho,
presidente da Assembléia Legislativa Estadual
da Guanabara
Autoridades Militares e Civis, senhores re-
presentantes das associações portuguesas e luso
brasileiras, minhas senhoras, meus senhores.

Como deve ser? Um discurso? Uma conferência? Emocional, cerebral, convencional, sentimental?
Porque não, encaminhar as proprias reações, impondo-lhes uma disciplina previa, já que temos a contingencia de corresponder a esta incumbencia tão honrosa. A solução está nos flashes. É tão simples, é tão bom, a gente recordar a primeira entrada em Portugal, por coincidencia vindos de Salamanca, de automovel, rumo a Guarda. Curioso sentiamos na propria naturesa, na transformação do seu aspecto fisico a aproximação da terra portuguesa. A aridez da paisagem ia ganhando verde. Quanto mais verde mais proximo Portugal! Traziamos a alma em festa! Eramos no carro, Lavinia Machado, então secretaria da nossa Embaixada em Paris, seu filho, minha mulher, Ruth, e eu. Eu fizera tal propaganda de Portugal a Lavinia que esta como que me ironisava considerando-me em flagrante exagero. Tive a alegria de ouvir de Lavinia, amiga das mais estimadas, pouco tempo depois já secretaria de nossa Embaixada em Lisboa esta declaração — Carlos, foi você que me fez descobrir Portugal!
Eramos todos uma espectativa, eu salivava espiritualmente e o automovel corria e o vento batia em nosso rosto.
Meu Deus! posso hoje aplicar, com precisão, ao nosso estado de espirito, os versos desse extraordinario Antonio Gedeão, poeta dos maiores da lingua portuguesa e que se revelou aos cincoenta anos ,na poesia que tem, coincidentemente, o titulo — **vento no rosto.**

À hora em que as tardes descem,
noite aspergindo nos ares,
as coisas familiares
noutras formas acontecem.

As arestas emudecem.
Abrem-se flores nos olhares.
Em perspectivas lunares
lixo e pedra resplandecem.

Silêncios, perfis de lagos,
escorrem cortinas de afagos
malhas tecidas de engodos.

Apetece acreditar
ter esperanças, confiar,
amar a tudo e a todos.

Era assim que todos nos sentiamos. Vontade de **amar a tudo e a todos!** Vilar Formoso à vista! Mais verde sempre! Rumo a Guarda!

Estava claro ainda apesar das oito horas da noite. Numa curva da estrada serpenteando o morro, uma cena rapida, tão bela, que gritei, pedindo a Lavinia que estacionasse o carro. Um menino, com uns dez anos, cercado de cabras, levava nas mãos flores! Chamei-o. Êle veio, meio espantado. Pedi-lhe as flores. Deu. Então dei-lhe escudos. Que ele não queria aceitar. Depois, ficou, cercado de cabras, fazendo um gesto de adeus, naquele cenario que não podemos esquecer.
Iamos cantando por dentro, porque em volta, na paisagem havia musica, essa musica das coisas que falam, que dizem, que sugerem, em Portugal. A estrada asfaltada, pintava de escuro o verde português. Nisto, tivemos todos um choque, um pressentimento. O asfalto serpenteava em subida. Lá, no alto, uma aglomeração na estrada. Dando a impressão de um desastre, um acidente de automovel, gente provavelmente em volta de vitimas... Ó como esse fato, pelo imprevisto e desagradavel contrastava com tudo aquilo que vinhamos sentindo... Sabem o que era? Simplesmente, jovens, moços e moças, ao som de sanfonas, dançando na pista do asfalto. Nosso carro foi pedindo licença, milimetricamente, e, em volta os casais dançavam e cantavam... Lembro-me bem, que uma linda portuguesa, abraçada ao seu par, dançando e quasi encostada ao carro num sorriso que era um mundo de amor à vida ainda nos dizia sorrindo: **não querem?** Êsses flashes, as aquarelas que nos receberam à entrada em Portugal.

Diz o convite que eu serei o orador oficial desta comemoração. Falará o **jurista**...

Porque não dar a vez ao jurista? Porque não dar a palavra ao Advogado que sempre fui? E, espero, sempre serei? Porque não, neste ins-

tante em que pela generosidade da apresentação tanto esperam de mim, não me dar a contingencia de viver a **defesa** de mim mesmo, tentando corresponder à grandesa desta data e à vossa fraterna confiança? Pois façamos isso. Vamos encontrar a sugestão em Mestre Marcelo Caetano e neste artigo, por nós escrito, e assim desenvolvido. Falamos, inspirados em Marcelo Caetano, na oportunidade da abertura de **frentes juridicas.**

"Essa frente juridica, anseio que tem em Aloysio Maria Teixeira, desembargador ilustre e eficiente elista, uma grande voz, também, de esboçada se amplia em rumos positivos. **Manual de Direito Administrativo,** de Marcelo Caetano, Editora Forense, lançado pelo Embaixador Manuel Fragoso no Real Gabinete Português, fato que Carlos Medeiros da Silva interpretou em discurso lucido, é uma prova do que acima dissemos. Cabe, agora, a nós, juristas, a colaboração que a hora histórica impõe. A nosso ver e isso consta de uma contribuição que trouxemos de Lisboa e que mereceu prefácio de Nelson Hungria — carta de segurança — uma iniciativa imediata poderia ser a introdução, como obrigatória, no curso juridico brasileiro, básica, no primeiro ano, da cadeira de História do Direito Luso Brasileiro. Waldemar Ferreira registra que o Direito português se implantou de galho no Direito Brasileiro, anterior à descoberta, pois decorrente das relações de convivência e sobrevivência entre indigenas, matéria que mereceu atenção, entre outros, de Von Martius e C. Assis Ribeiro. A influência do Direito Português em nosso direito é de tal monta, notadamente no campo criminal e na velocidade com que as soluções de equidade são alcançadas processualmente para os atos humanos ou excessivamente humanos, que não nos atrevemos a classificar o nosso Direito com outro nome se não o de **luso-brasileiro.**

São de Mestre Marcelo Caetano os conceitos oportunissimos, contidos no seu admiravel Manual de Direito Administrativo, na verdade um **Tratado de Direito Administrativo,** que transcrevemos, a seguir, e recomendamos aos juristas brasileiros: "A cultura jurídica não faz excepção. Temos os juristas das duas pátrias, de nos aproximar cada vez mais para nos compenetrarmos dos princípios e das soluções que caracterizam o Direito positivo de cada uma, e podermos entende-los tão facilmente como os dos nossos próprios sistemas.

Agora que está prestes a tornar-se realidade o estatuto que equipara quanto possivel, no território de cada país, a condição de portuguêses e brasileiros, teremos necessàriamente de tender para a constituição de uma **zona de Direito comum,** onde se movam com inteiro à-vontadc os nacionais dos dois paises.

Conhecer e compreender é o primeiro passo para desfazer desconfianças e atritos, é o alicerce mais seguro da amizade perdurável. Porque se os sentimentos são sempre fiéis, mais firmes se tornam quando esclarecidos pela inteligência".

Vamos considerar a materia em termos de objetividade. Tudo aponta uma realidade que se abre. Em crescente compreensão, o que equivale dizer, em crescente integração. Porque não adotar como obrigatoria essa cadeira, a exemplo de tantos paizes, Portugal, França, Inglaterra, até a Russia, em que a historia do direito patria é obrigatoria, basica. No nosso caso o Direito é Luso Brasileiro porque todas as nossas instituições tem suas raizes na formação portuguesa. Há fatos, revelações interessantissimas. E o conhecimento desses fatos proporciona uma visão mais segura, sistematizada e clara das proprias instituições de onde vieram, porque se fizeram! Poderemos sentir que essa cadeira, estudada por milhares de jovens que serão os estadistas de amanhã, sobre reavivar os fatos historicos importaria em carrear o conhecimento da formação de Portugal, tendendo tudo isso a uma integração mais lucida na mentalidade do estudioso. Exemplos rapidos e curiosos, poderiamos fazer desfilar aqui. No Brasil, na Bahia, conta-nos Capistrano de Abreu e, no final do seculo XVIII — quando o poder, a justiça canonica já se encontrava reduzida em posição jamais comparavel à da idade media, vamos encontrar a capital quase revolucionada porque um acusado se asilara num mosteiro e o juiz determinara para cumprimento do mandado de prisão que se procedesse à execução do mesmo. Refere ainda o mesmo historiador que os meirinhos (oficiais de justiça) quando pretendiam cumprir os mandados e proceder às intimações, ao se depararem com aqueles que lhes incumbia, por dever de oficio, intimar, acautelavam-se apalpando o paciente, para verificar se o mesmo não portava tonsura, sinal indicador da sua condição de pertencente ao clero! Pois bem, seculos atrás, isso está nas Ordenações — reparem como é ilustrativo da formação juridica, ou melhor da vocação juridica luso brasileira — quando alguem, clerigo ou leigo, litigando na justiça canonica (portanto fora da **longa manus real)** se temia de que, para impedir a marcha do recurso interposto, sofresse o risco de uma excomunhão, (excomunhão fraudulenta, criminosa), pedia ao representante do Rei uma **carta de seguro,** medida esta que o acobertava da ameaça e, mais ainda, importava em fazer seguir, de qualquer forma, o recurso para o Tribunal de Roma! Vejam como, dadas as circunstâncias, essa instituição valia como uma demonstração que vem de longe, dessa vocação juridica, dessa inconformidade do espirito luso à qualquer forma de injustiça e prepotencia! A carta de seguro é uma instituição autenticamente portuguesa. Equivale a varias ins-

tituições hoje em vigor. Que brotaram dela. Suspensão condicional, livramento condicional, desaforamento, liberdade provisoria para os casos manifestos de inocencia em que não se compadecia com o temperamento nacional cumprir o formalismo que importava em protelar o ato de justiça, mandado de segurança, habeas corpus, e, o que é mais, como espero ter em principio demonstrado, convidando para isso os estudiosos a aprofundar a pesquisa, este ultimo, o Habeas Corpus, sob o nome de carta de seguro, teria medrado em terra portuguesa anteriormente aos ingleses!

Vale aqui um intermezzo. Coimbra é Beira e estivemos em Coimbra. É que fazia eu a minha busca, colhia os elementos para o livro com que pretendia corresponder à bolsa do Ministério dos Negocios Estrangeiros, remexia in folios e visitava bibliotecas e museus. Ah! as noites de inverno, de Lisboa, o inverno de verdade que o caboclo da Amazonia suportava bem porque sob o entusiasmo das madrugadas varadas no estudo. Engraçado, para nós, eu e minha mulher, uma boemia. Eu a estudar, ela a ler e, às tantas, sentíamos fome, olhavamos o relogio — são seis da manhã... não estavamos subordinados às imposições do Tempo! E isso nos parecia uma autentica, deliciosa travessura! Pois bem, lembro-me bem. Estavamos nas buscas da biblioteca da Faculdade de Direito de Lisboa. Queria encontrar um livro, que contivesse critica, jurisprudencia, legislação, sôbre carta de seguro. Havia referencias, comentarios, capitulos, mas não um levantamento especifico. Fomos a Coimbra, por sinal que lá fiz uma provocação a Torga, que me valeu a oportunidade de que com ele me avistar e sentir que o extraordinario escritor português, mestre de humanidade nos tipos que retrata, com que se defende dele mesmo sob a aparente esquivança. Mas voltemos a Coimbra. Faculdade de Direito. Aquela atmosfera que os seculos como que envolvem de inspiração, sugestão. A ternura e a História, de mãos dadas, estão no ar. Faço-me anunciar como um advogado brasileiro que desejava falar ao professor Guilherme Braga da Cruz. Suspendeu, de imediato, tudo. Foi o que sentimos. Mostrou-nos parte da Faculdade, conversamos sôbre os **excedentes,** estudantes brasileiros, que, tomei a iniciativa — mestre, **êsses** não ajudam a boa imagem do Brasil. Concordou. Como nos visse a atacar a frontalizar o problema evocou que havia lecionado em São Paulo, conhecia e admirava o nivel cultural do aluno superior das universidades brasileiras. Mas... O Sr. tem razão, **êsses** não correspondem aos que conheci em São Paulo e para os quais lecionei. São os **turistas** arrematei, pois, na verdade, por uma distorsão do convênio que tambem denunciei em entrevistas aos jornais ,iam para lá não os melhores, os representativos, mas... os excedentes,

isto é, aqueles que não haviam logrado se situar no numero de vagas e... ricos! Portanto... turismo! Faziam do pretexto de estudar a plataforma turistica para Europa. Disse, então, meio constrangido, a que ia. Que estava empolgado com o que me parecia **as raizes** de muitas instituições de Direito em vigor, carta de seguro, ou carta de segurança. Mestre Braga da Cruz fez sugestões. Indicou-nos autores a consultar. Por fim, meio encabulado, a medo mesmo, me permiti esta afirmação — Professor, eu estou atrás de um livro que seja de critica, contenha legislação, jurisprudencia. Um livro sobre a instituição desde as suas origens na bruma da formação portuguesa, elemento de contenção da vingança privada, de aceleração, a nosso ver, da justiça particular para a justiça publica...

— Mas tem, isso tem! disse, peremptório Braga da Cruz.

— Se tem, professor, eu ando atrás e não encontro. Aqui e ali, referencias, comentarios, a proposito. Um capitulo mesmo nas instituições de Direito Criminal Português, de Melo Freire, mas livro, reunindo esses elementos, não achei.

— Bem, vamos ver. O Snr. já procurou na biblioteca da Faculdade de Direito de Lisboa! Não achou. Vamos procurar aqui, então. Depois de vinte minutos em que Braga da Cruz, pessoalmente, a seguir, com um funcionário, compulsou ficharios e remexeu o arquivo, concluiu para espanto meu — o Sr. tem razão! **Não tem.** E por que não tinha, é claro, entreguei-me ainda mais ao esforço de contribuir para um levantamento que pudesse inspirar aos mais capazes o prosseguimento da pesquisa e do estudo.

Ah! quanta curiosidade, quanta surpresa, naquela realidade social do Portugal engatinhando como nação, e realidade dos concelhos que no dizer de Herculano representavam as **republicas unidas** Vida não para. A ossificação é a parada, por isso surgem instituições como o juri, para temperar essa ossificação e sintonizar casos humanos, talvez demasiadamente humanos não com a Lei parada mas com a Justiça, que deve ser dinamica para acompanhar a Vida...

Todas essas considerações, ditas assim, sem pretensão de ensinar, mas na de ilustrar e sugerir, decorrem do que se constituirá como fonte de utilidade e atração cultural uma cadeira como a de Historia do Direito Luso Brasileiro .Tivemos no Brasil o Direito bifurcado, no dizer de Silvio Romero.

"Por mais paradoxal — diz Waldemar Ferreira — que pareça, a história do Direito brasileiro é muito mais antiga do que a história do Brasil. Se esta começa, visto pelo prisma do descobrimento, no século XVI, ou seja em 1500, a história do Direito Brasileiro confunde-se,

nos seus primordios, como em grande parte do seu desenvolvimento, com o direito português. Foi este o que vigorou no Brasil desde que começou a colonizar-se pelos descobridores.
Deu-se o transpasse da civilização europeia para a colonia portuguesa da América. O direito lusitano nela se plantou de galho, aplicando-se no campo do direito privado e adaptando-se, até com alguma originalidade no direito público, como não podia deixar de ser, no entrechoque de duas civilizações, a bem dizer antipodas, no mesmo território imenso, misterioso e selvagem, em que se defrontaram o indio brasileiro, em estado primitivo, e o português já afeito à conquista em terras de Africa e Asia".

A imaginação excitada com Caetano do Amaral, por exemplo, a nos mostrar os lusitanos **armados,** sempre armados, mesmo plantando...
Pedaços de sabedoria juridica, ou melhor, cristais da mais segura experiencia juridica, como êstes que também divulguei na imprensa do Rio:

> "A verdadeira história é aquela que harmoniza êsses três elementos no Tempo (Passado, Presente e Futuro) tornando-os cada vez mais claros e úteis ao conhecimento e à experiência humana. Vejam, por exemplo, nestes dois flashes que divulgamos a seguir, extraidos de **O Processo Criminal Brasileiro,** de João Mendes de Almeida Junior, como se revelam o temperamento e a perspicácia do gênio lusitano em campo juridico. O primeiro, alvará de 5 de março de 1557, da coleção das Leis Extravagantes de Duarte Nunes Leão, nos fala bem do coração e da sensibilidade portuguêsa, tempo de El Rei Dom João III: "ordenou o dito senhor que as doações que tinha feito aos Capitães das terras do Brasil, por que lhes dava alçada em piães cristãos homens livres até morte natural inclusive, se entendessem que, em caso de condenação de morte natural, houvesse sempre appelação".
> Que não se executasse ninguém, em terras brasileiras, sem que, primeiro, subisse o recurso ao conhecimento real...
> Um outro documento nos diz muito sôbre a maturidade juridica do legislador em Portugal. Tinham sido criadas as **Relações** em diversos pontos do Brasil, como o do Rio de Janeiro em 1751. Já antes disso, esclarece João Mendes de Almeida Júnior, no reinado de D. João VI sobressai a Carta Régia de 20 de janeiro de 1745, ao Corregedor do Crime da Côrte. Vejam que profundidade de conceito e que visão realista da relatividade da norma legal: "Sua Magestade me manda advertir a Vossa Mercê que as Leis costumam ser feitas com muito vagar e socego e nunca devem ser executadas com aceleração, e que nos casos crimes sempre ameaçam mais do que na realidade mandam, devendo os minis-

tros executores dellas modifica-las em tudo que lhes fôr possível, porque o Legislador é mais empenhado na conservação dos vassalos do que nos castigos da justiça; e não quer que os ministros procurem achar nas Leis mais rigor do que ellas impõem".
Vejam — que atualidade, que advertencia! Nada de pressa! Devem ameaçar (preventivas) mais do que na realidade mandam.
E que dizer, meus amigos, daquele costume, no começo do tempo iberico e da formação portuguesa, em que se aplicava o **intrare in fustem.** Entrar **nas varas.** Expressão ainda hoje usada — Fulano entrou **nas varas.** Alexandre Herculano, esse extraordinario Herculano, do Portugalia Monumenta Historica, êsse Herculano que é a constante da nossa Historia Luso Brasileira, sobre esse costume tem uma descrição de um pitoresco inexcedivel. Vale, aqui, mostrar o monumento em palavras que Torga levantou a Herculano, nestes versos:

Há um tamanho do homem que se mede
Na sepultura.
Cabe ou não cabe no caixão da morte?

Mas quando o porte
Da criatura
Excede o proprio excesso consentido,
Leva tempo a tornar-se natural
Que uma grandeza tal
Tenha existido.

Paulo Merêa, um notavel jurista e pesquisador da historia do Di-Direito português, em **composição corporal**, informa que "entre os antigos costumes portugueses figura uma forma extremamente curiosa de reação contra certos delitos, a qual, em regra, se designa pelas palavras **intrare in fustem,** ou (nos textos redigidos em romance) "entrar às varas".

Aplicava-se aos cimes de pequena monta. Os equivalentes a brigas de visinho, pequenas injurias decorrentes de visinhança, lesões corporais leves.
O pitoresco e o curioso é que nos casos em que a sentença caia sôbre uma mulher casada, a execução se fazia na casa desta, presente o marido. Ai, nessse detalhe se entremostra o respeito ao poder marital. Respeito esse que, como assinala Hrculano, transcrito no trabalho de Merêa, ia ao ponto da autoridade judiciaria se apresentar levando as varas (de vide) que, na presença do marido, da acusada e testemunhas, experimentava numa batida certa, nem de leve, que seria desrespeitadora da execução ju-

dicial nem forte de mais que atingindo pontos vulneraveis importaria em consequencias previstas nos costumes. Quem "dava as varas" era em principio o queixoso, e aqui reside o interesse fundamental deste tipo de pena no aspecto histórico juridico — assinala Merêa. Bem, mas chamado o marido, em certos concelhos, para aplicar a sentença na propria mulher, executando o castigo, se o fazia frouxamente ,se vibrava frouxamente, nuns concelhos recaia sobre ele, marido, a sanção... Era o marido que entrava nas varas...

Arremata, Mestre Merêa, depois de pesquisar a materia: "Não creio possível pensar em uma origem arabe. Trata-se quiçá duma sobrevivência de usos indigenas, anteriores à dominação romana". E como ver a instituição do juri, tão discutida, tão democratica, tão essencial à nossa formação? Resultou ela, em essencia, também, dos **homens bons** dos concelhos portugueses, buoni homini, os quais, Marcelo Caetano na divulgação que lhe devemos do regimento dos corregedores, nos mostra, como forças atuantes, **homens bons,** os homens de experiencia comum, que refletiam o **homem medio** e portanto se comunicava com todos, no tocante à administração das coisas fundamentais à comunidade...

Todos sabemos que, volta e meia, no juri, advogados, jurados, andamos a esbater os casos de legitima defesa. Aqueles em que no molejo dos motivos, na pressão das circunstâncias, somos obrigados, contingenciados a matar para não morrer. Inutil pretender, a priori, dizer como procederiamos. Dai a operação que o jurado, o **homem bom** dos concelhos portugueses, transplantado para hoje, tem de fazer — tudo fazer para se colocar na posição do acusado, com o seu passado, com o seu temperamento, e viver a situação por ele vivida! Pois bem, como o legislador atual prescreve o instituto da legitima defesa.

Vamos à definição legal do artigo 21 do codigo penal —

> entende-se em legitima defesa quem usando **moderadamente os meios necessários,** repele injusta agressão, atual ou iminente, a direito seu ou de outrem.

Uso **moderado dos meios necessarios.** Isso... é esoterico! Como, em meio a circunstancias terriveis de ter de defender a propria vida, arma-se de tal equilibrio, de tal lucidez, que possa, qual balança de precisão milimetrica, usar com **moderação** o **meio necessario! A Lei,** pelo geito, quer santos não homens! Quer Deuses!

E como os antigos, nas ordenações, definiam essa justificativa? Que tinha o nome de **defensão do seu corpo,** sem quebra de haver tambem, outras modalidades, com a **paz da casa,** a defesa do patrimonio familiar...

Vejam que maravilha de sabedoria e exatidão tecnica, dentro do realismo humano!
Não havia Crime nem Pena, em **defensão de seu corpo,**

> "salvo se nela excedeu, a temperança que **devera** e **pudera** ter, porque, então, será punido segundo a **qualidade do excesso.**

Já não entrou na analise do excesso culposo, do excesso doloso, que aí iriamos gastar tempo e fugiriamos ao ponto central da demonstração.
. . . a temperança . . .
que devera (aspecto moral, fundamento da convivencia social)
que pudera (aspecto pratico, realista, da contingência humana, propria dos homens).

Já aqui podemos recapitular, dentro desta alegria imensa de estar espiritualmente abraçado com os ouvintes, todos comemorando o 17º aniversário desta Casa das Beiras.
Temos, precisamos, da cadeira de Historia do Direito Luso Brasileiro em todo o curso juridico. Milhares de jovens a reviver as noções e amplia-las da historia patria e a compreender melhor porque as instituições estão em vigor, como nasceram no terreno juridico, quais suas raises, suas determinantes!
Na mentalidade do jovem estudante e universitario, Brasil e Portugal, continuariam abraçados. Explicando-se, justificando-se como nações de Direito!

Ao regressar de Portugal de uma aula na Candido Mendes, posteriormente um libreto — **Presença de Portugal no Direito Criminal Brasileiro.** Depois veio Carta de Segurança. Palestras em varias faculdades. Mas. . . a verdade deve ser dita, não obstante o interesse dos alunos, até agora, da parte oficial do Brasil e de Portugal nada! Vamos acordar! Vamos pensar nisso?

Falemos, para terminar, nas Beiras. Economicamente ,sua lavoura, o beirão teimoso, obstinado, arrancando heroicamente de um terreno dificil o suprimento para viver. Mas lá estão duas minas de uranio!

E Aveiro, com sua ceramica que passamos horas a contemplar, a examinar, a sentir a delicadeza de seus traços e amostras! E Vizeu? Ah! com Grão Vasco, pinturas de nossos silvicolas, autenticas, as mais autenticas que se fizeram na epoca. O seminario de Vizeu em que se iniciou culturalmente um Homem que só daqui a cem anos, esfriadas as paixões dos que o combatem e dos que o exaltam terá a sua dimensão, o seu genio politico devidamente situado — Antonio de Oliveira Salasar! (aplausos).

Mas, nas Beiras há uma Tônica de Pedra. Lá está sempre. Acompanhando-nos para todos os lados. É Miguel Torga quem melhor a descreve:

> Como aquelas divindades ociosas, que não consentem a adoração a mais nenhum poder, só fascinado por ela o peregrino é capaz de caminhar e perceber.
> Beira, quer já dizer beira da serra. Mas não contente com essa marca etimologica que lhe submete os dominios, do seu trono de majestade a esfinge de pedra exige a atenção inteira. Alta, imensa, enigmática, a sua presença física é logo uma obcessão. Mas junta-se à perturbante realidade uma certeza ainda mais viva! a de todas as verdades locais emanarem dela...
>
> Há rios na Beira? Descem da Estrela.
> Ha queijo na Beira? Faz-se na Estrela.
> Ha roupa na Beira? Tece-se na Estrela.
> Tudo se cria nela, tudo mergulha as raizes no seu largo
> e materno seio.
> Ela comanda, bafeja, castiga e redime".

E o beirão psicologicamente considerado? no seu traço fundamental a teimosia no trabalho, "incapaz de piedade de ceder ao seu proprio cançaço".

Ainda Torga, o genial autor dos Contos da Montanha, definindo-lhe os traços principais: "mas essa teimosia da-lhe o trunfo e a convicção de que só ele pode e deve conduzir os destinos da patria inteira.
Sem o dizer, sem o afirmar, o beirão sente-se dono de Portugal".

Com que alegria lembro aqui, nesta Casa das Beiras, o que se passou, hoje, precisamente hoje, no almoço convivio do Elos Club. Povina Cavalcanti comunicou a todos os elistas, mobilizando-os em nome da Diretoria para trazer ao Brasil esse universal escritor que é Ferreira de Castro (aplausos), autor traduzido em todas as linguas do mais completo, do mais autentico livro sobre a Amazonia! E Ferreira de Castro virá pelos braços dos elistas e de todas as entidades lusobrasileiras, como homenagem que todos prestaremos àquele que tanto divulgou no mundo inteiro esse mundo imenso que os brasileiros com a garra que herdaram dos portugueses se dispõem a dominar e a integrar!

As Beiras... berço de Viriato, o pastor que de tanto lutar contra os ursos e os lobos, para defender seu rebanho, iria se adestrar como o mais epico guerreiro que dominou e derrotou tantas vezes as legiões romanas!

A alma de Viriato atravessaria os seculos. Porque viria, para momento eterno da Historia, Nuno Alvares Pereira, o guerreiro e o santo, aquele que em meio às batalhas mais dramaticas, e quando a derrota já invadia os espiritos era procurado freneticamente por todos e encontrado ajoelhado a resar!Ressuscitado pela força da vibração espiritual levantava-se e levantava as vitorias que consolidaram a patria portuguesa em palcos definitivos como Aljubarrota! O Nuno que, para mim, está naquela cena que Oliveira Martins descreve como ninguém — os fidalgos, o rei de Castela, o rei de Portugal, Leonor Telles, em banquete. A um canto, dois jovens, o que se tornaria o Mestre d'Avis e Nunalvares Pereira. Este ao ver tanta irresponsabilidade, ao sentir tanta circunstancia negativa no ponto de vista moral, não se contem, aproxima-se da primeira mesa e com baixelas e tudo, faz esta operação, para nós, brasileiros, tão autentica, em certos momentos, a virada da mesa! E o rei de Castela a dizer, como quem se antecipa à historia, mais ou menos estas palavras — quem, tão jovem, esta faz, outras irá fazer...

O Santo e o Heroi que recebendo o arauto, portador de varas (o equivalente simbolico de um desafio, a se fazer entre os comandantes) manda gratificar (com cem dobres) o mensageiro, recebia aos varas e escrevia estas palavras na Historia:

"— Dizei... quanto lhes agradeço os seus desafios... e, mais ainda as varas que mandaram... e com que os surzirei".

Oliveira Martins, arremata a cena, assim:

De pé, com o feixe das varas apertado nas
mãos, fustigava o ar alegremente.
A ironia envolvia-o numa aureola.

Nun'Alvares, que ainda Torga, em Poemas Ibericos, nos mostra, como foi, **como é:**

Pátria — é um palmo de terra defendida.
A lança decidida
Risca no chão
O tamanho do nosso coração,
E todo inimigo que vier
Tem de retroceder
Com a sombra da morte no pendão.

Eu assim fiz,
Surdo às razões da força e da fraqueza.
(A liberdade não discute os meios
de se manter).

Mais dificil era a empresa
Que a seguir comecei.
Já sem conta de malha, combater,
Por outro Reino e por outro Rei!

As Beiras...

Abrem-se flores nos olhares
o jurista, convidado para falar...
História do Direito Luso Brasileiro.
Unidade luso brasileira — dia da Bandeira!

Caeiro da Matta, 1952, Instituto Luso Brasileiro, aludindo ao cepticismo de Gilberto Freire. Tudo por fazer em questão de luso-brasilidade. Dois irmãos, indiferentes...

"De fato assim tem sido — dizia Caeiro —. Mas, repito, tenhamos fé no momento ha pouco iniciado. E lembremo-nos do conselho de Pascal aos indecisos e aos cepticos: agirem como se fossem crentes para acabarem por ser crentes".

Marcelo Caetano, advertindo:

"Conhecer e compreender é o primeiro passo para desfazer desconfianças e atritos, é o alicerce mais seguro da amizade perdurável. Porque se os sentimentos são sempre fieis, mais firmes se tornam quando esclarecidos pela inteligência".

Meus Amigos da Casa das Beiras:

Com que Alegria o proclamo, porque o sinto,
porque o vejo
abrem-se flores nos olhares!

MÁSCARAS OU RETRATOS?

Moacyr ROSAS

A França e todos os núcleos culturais do Ocidente, principalmente, estão, no ano presente, celebrando o centenário de nascimento de MARCELO PROUST (10-VII-1871).

Se a obra de PROUST fôra vasada originalmente no rico idioma em que me expresso neste momento, estaria fadada ao silêncio sepulcral. MARCELO não obteve nenhum lucro material com sua formidável obra! Livros pensados e escritos em francês. Ainda teremos de devorar muitos anos ferindo a tecla — é cadaver a cidade de Paris na roupagem de metrópole do pensamento universal, para descentralizar dalí a cultura ocidental. PROUST ignorou o signo de felicidade que envolveu sua obra. E mais confortador ainda é saber que sua grandeza advém em virtude de ter sido plenamente compreendido, sem se agachar bajulando sordidamente esta ou aquela nauseante teoria política? A obra consagrou-se apenas pela sua legítima expressão de arte.

Só isto! Tudo a mais que se disser além dêste conceito, que parece quiçá dogmático, são atavios florescidos pelo calor artístico.

O que fêz MARCELO, máscaras ou retratos? Os que acham a excelência no fixador do tempo, como êle mesmo nos quer insinuar, é, por isso mesmo, um caricaturista. Mas para os que o consideram um artesão severo e paciente das urdiduras da complexa alma desta criatura bípede sem pena, êle é retratista.

Custou bastante a chegar ao Brasil a influência de MARCELO PROUST. Mas nem por isso tal nota deplorável constitui uma falta, um êrro ou uma desconsideração, que adiante justificarei. O primeiro, ou um dos primeiros escritores a nos transmitir a acidentada silhueta do singular escritor parisiense, foi PERICLES MORAES, o suntuoso

estilista amazonense. Sou tentado aqui a transcrever um trecho palpitante de **Legendas & Águas Fortes** da autoria do vigoroso escritor planiciário. "Em consciência, não me é lícito afirmar, sob pena de incorrer em flagrante escandaloso de inverdade, que já experimentei a glória de haver transposto, de extremo a extremo, as suas paragens impérvias e inextricáveis. Mas foram inumeráveis as tentativas fracassadas que me extraviaram no emaranhado dessa imensa vegetação stendhaliana, para onde fui atraido, insensivelmente, pelo entusiasmo contagioso dos ardentes reveladores de seu gênio, sem que me fôsse outorgada a graça infinita de descobrir-lhe claramente, nitidamente, a beleza e os sortilégios. A despeito do resplandor de sua glória, tudo o que há de grande e admirável nas páginas dêsse singular psicólogo do pecado — a sua faculdade excepcional de pintar os estados d'alma e do esquadrinhar os recantos enublados da vida interior, o seu esfôrço instintivo para harmonizar o inconsciente e a consciência, para coordenar a sensibilidade e o pensamento, para solidarizar o coração e a inteligência, — em suma, todo o aspecto numeroso e genial de sua obra, permanece empanado por essa tendência mórbida para a análise, traduzida na afetação enervante do seu estilo, que lhe foi uma tortura e continua a ser um suplício para os que lhe tentam apreender as idéias, estilo que **fouille et farfouille les travers,** de estafantes e morosas divagações, capazes de fatigar e fazer adormecer o leitor mais prevenido". Pela confissão, neste estilo abrazado, sentimos que PERICLES MORAES não girava na constelação dos admiradores do enervante plasmador de SWANN. Na verdade a proustiana não é obra de se enfiar os olhos e a leitura deslizar-se de cabo a rabo.

PROUST jamais será um escritor popular, — essa virtude que tanto nos enferma, obrigando-nos a sacrificar bens e honras, para sentir o nome chocalhado pelo populacho. Em tempo algum êle será pérola em dente de suíno. Um homem, genuinamente de sociedade, ainda que enfermiço, desde os primeiros anos da infância, jamais se ambientará com o bodum da caótica multidão. Todo escritor, por mais astucioso ou sofisticado que pretenda ser em ocultar a linha medular de sua natureza, não logra êxito a intenção, pois aos olhos daqueles que se arrimam na psicanálise, surge o **Eu,** como ampola de gás neônio.

MARCEL — sendo filho de médico famoso e de mãe riquíssima, criado em ambiente requintadamente fino, onde desfilavam, além de mulheres bonitas e famosas algumas, nomes triunfantes na arte, nas letras, na política, na indústria, — não poderia de modo algum acalentar o sonho de escrever para um público diametralmente opôsto à sua formação.

Foi jornalista, se há chancela que autorize denominar-se com tal têrmo aos escritores de crônica social. Desfrutando dos privilégios de filho de professor da Faculdade de Medicina de Paris e do refiníssimo ambiente da bela época por excelência, anotava em seu **carnet** os nomes

das personalidades, os seus cacoetos, os paradoxos, os ditos recortados de espírito ou de acentuada tolice, o movimento efêmero das praias, dos restaurantes e o encanto das belas mulheres; enfim de tôda a futilidade social "do plano onde as emoções não íam além da ponta das unhas polidas das mulheres nem uma linha a dentro do plastron das gravatas masculinas". E cuidadosamente e sutilmente estampava, logo depois, nos órgãos em que colaborava: **Fígaro** e **Revue blanche.** Tempos depois tais notas foram compor dois volumes com títulos diferentes.

Para seus pais, o médico e a judia, PROUST, ali, estava realizando um duro estágio. Aquêle contato cotidiano com tanta gente fútil, mas que, na verdade, são integrantes da faixa da liderança, viria favorecer-lhe no futuro, quando ingressasse na diplomacia. Mas, não logrou realizar tal sonho. A debilidade física, na proporção em que avançavam os anos, permanentemente o castigava. Daí não lhe surgir ânimo capaz de retirá-lo dali, onde não extraia prazer, mas gastava sem parcimônia o dinheiro materno. A mãe devotava-lhe extremado amor, por isso lançou mão de tudo que possuia a civilização para aliviar as terríveis agitações em que se debatia o filho, nas horas dos acessos asmáticos. No inverno, todo o tempo trancado e através da vidraça olhava a monótona paisagem parada lá fora, como se fôra outro LEOPARDE, o Cisne Negro de Recanati. Mesmo assim, repito, foi um perfeito homem de sociedade e sem nenhuma expressão que o notabilizasse. Não se trajava com requinte, não era nobre e era "até filho de uma judia" como amargamente escreveu STEFAN ZWEIG na convulsiva época do nazismo. Mesmo assim devia sentir-se um homem realizado, com o tão avantajado apôio materno. Cursou normalmente o Liceu Condorcet. Mastigou, sem se lastimar, um ano todo na caserna, e em seguida licenciou-se em letras. Com as bases alí adquiridas foi que alinhavou as crônicas enfeixadas em **Les plaisirs et les jeux,** prefaciado generosamente por ANATOLE FRANCE, que mais tarde foi magistralmente pintado **No Caminho de Swann** com o nome de BERGOTTE. Livro sem nenhuma projeção. Até serviu, no momento em que alguém desejoso de apresentá-lo como homem de letras, para comprovar o seu demérito.

Hoje serve para se deduzir o segrêdo oculto, que êle mesmo ignorava, de querer com retalhos da alma de cada um, compor o sudário da humanidade. Regressava à casa, horas avançadas da noite, de certo exausto e sonolento, todavia êsse estado não lhe perturbava o ritmo a que se habituara de anotar tudo que se estampava na retina e o que o raciocínio deduzira em suas conjeturas de homem amestrado nos fenômenos da vida social. O domínio do assunto credenciou-lhe o justo título de mestre de cerimônias. E além do mais, era estimadíssimo. E quem não o seria procedendo à sua maneira. "O que fazia querido era a generosidade sem par, pois mandava flôres custosas a tôdas as mulheres, enchia todo o mundo de presentes inesperados, convidava todos, atormen-

tava-se em ser amável e simpático até aos insignificantes toleirões da sociedade. No hotel Ritz tinha fama pelos convites e gorgetas fantásticas. Dava dez vêzes mais que os milionários americanos, e quando se apresentava no salão, todos tiravam o boné devotadamente. Seus convites constituiam prodigalidade fantástica, aliada a exquisitice culinária; mandava buscar tôdas especialidades dos mais diversos estabelecimentos da cidade, os cachos de uva vinham de uma casa de **Rive Gauche,** as galinhas vinham do Carlton, os **primeurs** eram enviados de Nice". E a consequência admirável disso está em êle não exigir nada de retribuição. E todos sabem que êstes banquetes, em sua maioria, são anzóis com iscas. Hoje sabemos que aquêle desinteresse estava encapado — aquilo era uma ceva, onde estudava os bonecos humanos, que mais tarde iriam se agigantar nas páginas de sua obra ciclópica. Como foi possível isso a um doente que no espaço de quinze anos "durante o dia ficava languidamente derramado no leito, esgotado e febricitante. À noite vestia a casaca, indo de uma reunião social a outra, dissipando o tempo com convites, cartas e reuniões, tornando-se o homem mais supérfluo nesta dança diária da vaidade, era visto por tôda parte, mas, em verdade, não era reparado em parte alguma, pois pròpriamente se via só uma casaca e uma gravata branca entre muitas outras casacas e gravatas brancas" (Zweig). Ninguém sabe, até hoje, por que motivo êle documentava as suas lembranças. Nós explicamos cada um a sua maneira, todavia estas explicações não passam de meros palpites. Num ou noutro passo de seus livros êle fala numa remota vocação de escritor, pode ser verdade e pode ser também um recurso para justificar a pretenção de cobiçar um lugar ao sol da literatura francesa. Os seus depoimentos historicamente, estão à altura dos de Saint-Simon. As coordenadas precisas da bela época, palpitam ressumadas de vitalidade nos sete volumes de **Em busca do tempo perdido.**

A grandeza da obra de PROUST também está em provir de uma criatura independente, em todos os sérios sentidos. Não estava encabrestado nos ditames encurralados universitários. Sua posição nesta seara, que pragueja hoje como a coqueluche, era tão distante e distinta como fôra a de CAMÕES, CERVANTES, SHAKSPEARE, BALZAC, CAMILO e COELHO NETO.

HENRIQUE COELHO NETO, não é nome bem azado para ser citado neste momento de transição da cultura nacional e desfalcado de potências mentais. E não sabemos até quando sua atlântica figura de escritor vai aborrecer os espíritos de letras do Brasil. O mesmo fenômeno está quase acontecendo com o olímpico estilista PÉRICLES MORAES, na seara amazonense. E a propósito, OSWALDO ORICO, insigne membro da Academia Brasileira de Letras, diante de amazonenses ilustres, afirmara, na augusta Academia, que o primoroso ensaista PÉRICLES MORAES é o maior escritor do

Depois de penetrar a escura e densa floresta proustiana vamos encontrar a multidão humana densamente encharcada da filosofia do Conselheiro ACÁCIO, —a criação incomparável de EÇA o mais universal dos romancistas do nosso idioma. Talvez seja isso o que salva ou intriga o interêsse dos cultos leitores em devastar a obra colossal do francês.

A filosofia acaciana ainda não foi devidamente colocada em sua universal posição, no que diz respeito à natureza humana. Todos nós temos traços leves ou profundos da composição do nobre português. Mas consciente ou inconscientemente fazemos vistas grossa, fingimos-nos incapacitados para realizar um auto-diagnóstico. Mas os outros fàcilmente percebem nossas falsas virtudes, que muitas vêzes não funcionam apenas como apêndice da personalidade, mas surgem acentuadamente compondo a medula do caráter. Daí o interêsse incontestе de que são tomados aquêles que devassam a seara de MARCEL. Divertimo-nos porque todos aquêles indivíduos tanto os emperdenidos, moucos e caolhos, nós os conhecemos, já os vimos ao menos uma vez na vida. Mas PROUST não se contenta apenas em retratá-los. Não. Quebra-lhes a quina, para ficarem marcados. O seu modo de assinalá-los é mais impressionante que o estilo medieval ao cauterizar a fronte do larápio. Um conhecido italiano dissera que o escritor de êxito é aquêle cuja prosa dá impressão ao leitor, que tudo ali decifrado em letras, são suas próprias idéias. É como se disséssemos (estilizando ao jeito de PROUST), as idéias são nossas e os defeitos pertencem aos nossos semelhantes. É, assim, portanto, um autêntico monumento acaciano. Ali estão enumerados todos os incidentes banais do mundo social, amparado pela etiquêta, — e que êle saborosamente vivera, — servindo para alargar os círculos de simples conhecidos, sem nenhuma outra consequência. Simples balões, que se furados soltariam bafo impuro! Para PROUST todos tipos são duais, não porque êle seja bitolado em princípios morais (essas coisas, como sabemos, tão frágeis, que se assemelham à moda de trajar).

Certa vez — fala MARCEL PROUST — que tive de sair no início da refeição, passei, na volta, por diante dêle; saudou-me, mas com extrema frieza, não sei se devida à reserva de quem não se esquece de quem é ou ao desdém que merece um cidadão sem importância. (**À Sombra das Raparigas em Flor,** pág. 210).

É verdade que se essa môça não fôsse uma mulher tão particularmente pouco inteligente (não só era a reputação que tinha, mas eu sabia-o por experiência), aquêle desprendimento poderia passar por um cúmulo de habilidade. E bem sei que a criatura menos inteligente, quando está em jôgo o seu desejo ou o seu interêsse, pode nesse único caso no meio da nulidade da sua vida estúpida, adaptar-se imediatamente às entrosas da engrenagem mais complicada; (ainda aqui é PROUST na pág. 349 de **A Prisioneira).**

Amazonas. Só isso é bastante para emperrar o ânimo dos malévolos e insensíveis conterrâneos que não puderam penetrar à obra do mestre.

PÉRICLES MORAES, no trecho citado anterior, confessou o esfôrço que fizera para atravessar de ponta a ponta a obra de MARCEL PROUST. A leitura das páginas prusteanas é tediosa; e poucas pessoas a realizam. Para isso é necessário armarem-se da determinação de aniquilar todos os obstáculos, inclusive a sonolência. Citado por AUGUSTO MEYER, FERDINANDO VANDEREM percebeu êste fantasma amedrontador, na quinta série de "Le Miroir des Lettres". VANDEREM querendo solucionar a árdua tarefa, aconselha ao leitor a usar o seu método de conquistar o universo de MARCEL. No período lunar de sete dias, cautelosamente, o leitor não deve ultrapassar de vinte páginas diárias. Decorrida esta fase preliminar, acrescentar diária e progressivamente, cinco páginas. Na França os prustianos enfatizam êste problema. Pois o mundo de MARCEL só poderá crescer se fôr conquistado: daí o trabalho árduo da catequese e as divergências dos métodos de tal processo. Muitos, entre êles RENÉ BOYLEVE e LÉON PIERRE-QUINT aconselham a processar a leitura de trechos escolhidos a êsmo, para depois então coordenar as páginas lidas. Se bem que ORTEGA Y GASSET, revelando o grande prazer espiritual que nos dá a prosa de PROUST, afirmara que os trechos da prosa do grande escritor, lembra o desenrolar de celulóide cinematográfica em câmara lenta.

Não me acode à mente um trecho de **Em Busca do Tempo Perdido** em que o autor mencione algo a respeito de LUIZ GONGORA Y ARGOTE. Ele talvez o conhecesse perfeitamente tão bem, como conhecia a obra de ANATOLE FRANCE. A sua análise em torno da obra do ironista sutil é larga e profunda, sem nenhuma aresta capaz de nos permitir o mais mínimo enxêrto. MARCEL PROUST é o maior gongórico do século XX. Se gongorismo é enfermidade da palavra ou da frase, na França foi apodado de "preciosismo". Na prosa de PROUST o preciosismo encrustou-se nos retratos dos seus heróis como as pérolas nas conchas. O gongorismo é literatura falida nas mãos dos escritores bisonhos. Mas nos dedos de PROUST, êle ressoa triunfante como as melodias e as perturbantes partituras de WAGNER. O gongorismo prustiano não é metafórico, mas redundante. E, ao invés de constituir um defeito, é tinta mais forte impressionando-lhe os retratos ou as paisagens, imantadas de vida. O seu panteísmo está revelado em inúmeras páginas revestidas de sensibilidade e beleza. Assim aquela, sacudida, incendiada e repisada, ao jeito de ladaíinha, celebrando os campanários, escrita aos quinze anos e inserida **No Caminho de Swann**.

— Não quero que minha mãe me apresente à Sra. SWANN, — disse-me SAINT-LOUP. — É uma prostituta. Seu marido é judeu e ela nos impinge nacionalismo. (pág. 205 de **O Caminho de Guermantes).**

PROUST, mais do que ninguém, sabia aquilatar a dualidade da raça judáica. Sua mãe era judia. A respeito das criaturas que haviam recorrido à prostituição para viver e, ao se desagararem dali, logo que se lhes oferecia uma chance, teriam e têm de permanecer em permanente vigilância, para esconder a antiga ou esporádica profissão. Êle tinge os quadros com tôdas as nuances, sem perder o sangue frio. Até parece velho anatomista, dissecando um cadaver fresco. Talvez por isso o velho CROCE, no seu fardão de puritano, aparece no **Dicionário bibliográfico** de BOMPIANI, afirmando: "tudo nêle é erotismo doentio, quem nem ao menos consegue depurar em motivo lírico e forma poética". E lembra para o caso de depuração o nome incomparável de MAUPASSANT. AUGUSTO MEYER chamou pereptòriamente, e decerto acumulado de razão, de "juízo crítico inepto..." (Correio da Manhã, 11-11-1961).

Há uns que preferem os **bas-fond,** os antros deteriorados da humanidade, outros ao contrario, deliciam-se com o malabarismo do **grand monde.** LE SAGE curtiu tanto as suas narrações de **Gil Brás de Santillana** nos sórdidos covis dos ladrões, que obrigou a FERDINAND BRUNETIERE a confessar que após a leitura do conhecido romance, era o leitor obrigado a ler a **Ilíada** e a **Odisséia,** para se libertar do ambiente congestionado do qual se fica impregnado. PROUST percebeu isso e examinando o volumoso original, espantou-se com o formidável taquaral que êle mostrava. E confessou o seu receio a RENÉ BLUM: "... um livro perfeitamente composto, mas de uma composição tão complexa que eu temo que ninguém o perceba, e que não venha a aparecer uma série de digressões. Que é justamente o oposto".

Podemos dizer dêle com precisão o que disse um escritor brasileiro que vê por um ângulo admirável a capacidade incomum de assimilações e criação conjugada. "O que nesses personagens há em gestos, palavras, fórmulas de ternura, de polidez, de amor que parecem uma tradução da sua alma, é uma dispersão ao contrário da sua personalidade, uma refração da consciência e que os esconde mais do que os revela, os esconde dêles mesmo! Mas é essa face interior e cheia de penumbra, essa face profundamente interna, e que o homem dificilmente descobre, por si próprio que PROUST com o seu livro faz com que êle veja". (Olívio Montenegro).

Para todos aquêles, que percebem a grandeza oceânica dessa obra, é incompreensível saber como foi possível a um asmático, crivado de dôres, sem ser um fanático ou profissional das letras, levar cabo a uma obra, que além do mais, não lhe traria lucro algum. Seria

determinação?... Até o último capítulo, que retocou, foi justamente aquêle em que descreve a agonia da **morte.** Retocou-o porque sentindo a sua presença, como no célebre sonêto de ANTERO DE QUENTAL, arrasta-se para anotar as impressões que recebia.

Além dêsse trabalho meticuloso, êle conheceu tôda aquela gente, do âmbito que êle adorava ou suportava, por isso teve fôrça, e fôrça descomunal, capaz de os ressuscitar e desenhar a curiosa psique.

PROUST não possuía a técnica clássica do escritor, aquela técnica manejada assombrosamente por BALZAC e TOLSTOI. Nem possuía a comunicabilidade de SAINT-EXUPERY. Se êle tivesse sido condenado a viver da pena, teria perecido de fome. O seu estilo só penetra nas mentes cuidadosamente preparadas. RICHET dissera que escritores robustos como LA BRUYÈRE, não encontram mais de cem leitores em cada geração. Estamos de sobreaviso, que o sábio francês refere-se ao espiritualizadíssimo povo francês.

Como sabemos, não era um profissional da pena, mas jogava com acentuada astúcia os recursos comovedores do sentimento humano. Sempre se coloca em plano secundário e quando o **tête à tête** o põe em evidência, ele é sempre o ingênuo. ANDRÉ MAUROIS, em uma página interessante, salientou a antipatia que inspira o pronome **eu.** MARCEL quando o usa é sempre para inspirar solidariedade. Advoga a causa do judeu em muitos passos, de um modo que parece que êle tem prazer em malsinar a raça hebréia, e, no entanto, o leitor irrita-se com tanta injustiça e toma o lado judáico. **No Caminho de Swan,** página 83, p. e., põe o avô a fazer mal juízo dos seus amigos de raça hebráica. A um amigo, rapaz inteligente, o avô caturra chamara: — "É um imbecil" (pág. 82). Mas distante de nós o pensamento de se lhe detestar o irritante avô. Não há tempo para isso. A atenção tôda volta-se para o judeu, que aliás, mais cresce em nossa estima, pois é um injustiçado.

Singular é seu ataque aos poetas. Em certo passo, do mesmo livro, confessando sua admiração pelo amante frustrado de GEORGE SAND, o amigo "dera uma gargalhada estridente como um clarim, dizendo: — Desconfia de tua dileção assaz baixa pelo senhor de MUSSET. É um gagá dos mais maléficos e uma sinistra bêsta".

Assim temos a impressão que MARCEL vivia instalado em um mirante olhando a humanidade como se fôra um astrônomo perseguindo os rastros das estrêlas. Ou um **clow** no picadeiro aborrecendo os pôneis. O escritor que desejar fazer a radiografia social do lugarejo em que vive (PROUST viveu na Cidade-Luz, então ainda centro espiritual do universo), pode tomá-lo por modêlo, que ainda, eu creio, não temos mestre melhor.

DISCURSOS ACADÊMICOS

CADEIRA Nº 37

PALAVRAS INAUGURAIS

Djalma BATISTA

Está aberta a sessão solene da Academia Amazonense de Letras, na qual assumirá a cadeira para que foi eleito o escritor Carlos de Araújo Lima.

Quando se fundou esta Academia, há pouco mais de meio século, na casa de Benjamin Lima, que foi seu 1º Presidente, o novo acadêmico tinha completado apenas 5 anos e de certo não se apercebeu do acontecimento. Cresceu porém ouvindo falar da antiga Sociedade Amazonense de Homens e Letras, e lhe acompanhando os passos e as lutas para a sobrevivência. Tanto que quando ouviu que tinha sido criado uma poltrona sob a invocação do nome de seu pai, apressou-se em pedir inscrição, incluindo dispensa da exigência da residência em Manaus. Ei-lo assim de volta à terra amada, tanto tempo transcorrido, depois de conquistar títulos, honrarias e vitórias em distantes plagas, para se integrar na Academia. É como se viesse repetir os versos castralvinos: **"Eu não quero laureis,/ quero as rosas da infância".**

Benvindo, pois, Carlos de Araújo Lima!

Nós vos oferecemos a imortalidade da admiração e do aprêço do Amazonas ao filho eminente e ao confrade generoso. E vós nos trazeis a vossa glória!

Sois, aliás um perfeito Araújo Lima, estirpe que se projetou com o Regente, marcada, em cento e tantos anos, pela inteligência e pela capacidade construtiva...

Ao Amazonas chegaram, no princípio do século, os moços Benjamin e José Francisco de Araújo Lima, para se ligarem à vida e ao destino do Estado: Benjamin se consagrou como jornalista, advogado, teatrólogo e prosador; José Francisco, mais conhecido pelos sobrenome, foi médico e cientista, professor de história natural, administrador e sobretudo escritor. Em tudo os dois irmãos marcaram época.

A descendência de ambos, culminada em Carlos de Araújo Lima e em Cláudio de Araújo Lima, já agora na terceira geração, representada por moços promissores e valorosos, continúa de posse da tocha sagrada que foi acesa nos albores do Brasil independente.

O perfil do empossado, rico de facetas as mais brilhantes, será traçado pelo acadêmico Waldemar Batista de Salles, que é estudioso de sua obra e analista de sua vida. Estou certo de que vamos ouvir um discurso profundo e belo, à altura da vida e da obra de Carlos de Araújo Lima.

Nestas palavras introdutórias, quero expressar a alegria dos atuais integrantes da Casa, nesta festa de iniciação, em que, recebendo o filho, estamos celebrando o pai, grandes que são, os dois, para a Academia, para o Amazonas e para o Brasil!

A CADEIRA 37

Carlos de Araújo LIMA

Desta vez é a Causa!

Impossivel defini-la.

A mais bela e mais difícil de tôdas as que vivi em modesta mais intensa atividade profissional.

Tenho de corresponder à vossa generosidade fraterna, à vossa ternura por BENJAMIN LIMA, trazendo-o a esta casa de cultura que êle tanto ajudou a fundar.

Sinto que estou num tribunal. Cercado, acossado, pressionado... pelo tema a desenvolver, pelo esfôrço de não decepcionar os mestres que integram êste laboratório do espírito, pela prévia compreensão de que sofrerei uma agressão emocional e afetiva, que poderá ser fecunda se sublimada aqui, contornada ali, já que seria impossível falar sôbre um homem como BENJAMIN LIMA sem as reações humanas do depoimento e da interpretação.

Tudo isso é motivo de receio, mas, também de encantamento!

Ah! como lembro e compreendo um CLARENCE DARROW, advogado extraordinário que iluminou o direito trabalhista e fecundou a advocacia criminal na fase histórica da explosão industrial norte-americana, no comêço dêste século, um DARROW feliz, estimulado quando tinha uma atmosfera de obstáculos a frontalizar!

A problemática, a contundência extraordinária dos extremos e antagonismos, a contingência de ver claro para expor certo, tudo isso a compor a equação de um homem que, pelo milagre da comunicação, é, no fim, o HOMEM!

Fomos, somos, seremos sempre assim, nós, os advogados.

Mesmo a causa fácil se torna, também, dramática pelo perigo de perdê-la.

O principal é que vibramos, é que vivemos, é que também semeamos.

Somos os **heróis do momento,** na justa conceituação do mestre Balzac.

Meus senhores, para mim êste **momento** é eterno. Porque nêle também vivo o quadro inicial sofrido por Miguel Torga, em poesia coincidentemente intitulada **Tribunal.**

Não há outros comparsas no processo.
Eu acuso e defendo e sou juiz.
Do réu que também sou, preso por mim.

Como me defender, como me libertar de mim, já que o promotor que também sou neste momento, aponta com lucidez as prováveis falhas e deficiências?

Lembro-me de angústia idêntica. Esta desagradável sensação, mais do que compreensão — a de ter de corresponder. O meu primeiro convite... formulado por tradicional Faculdade de Direito brasileira, para falar a estudantes. Uma carta, em termos generosos, assinada por mestres dos mais ilustres, traduzindo a certeza de que eu tinha o que oferecer aos alunos. Corri, alvoroçado e aflito, ao mestre e amigo, Roberto Lyra. Falei-lhe do meu plano de ação, do que pensava fazer, da dúvida em que estava neste ou naquele ponto de relevância técnica. Aludi a conflito de escolas, à perplexidade de certos desvãos escarvados e nem por isso tranquilos e esclarecidos no campo doutrinário.

Lyra olhou-me bem nos olhos e disse com uma suavidade paternalmente irônica:

— Carlos, êles convidaram o **advogado.**

Serviu-me muito, na vida, essa lição de autenticidade. Sempre fui, sempre sou advogado. Mesmo quando incursiono na literatura, penetro nos paranás da poética ou da temática social, escrevo em jornais, colaboro em revistas, dou entrevistas em rádio ou televisão, tudo isso acontece por imperativo, elaboração, conveniência psicológica de renovação em alma de advogado.

Acabou-se no mundo de hoje o tabu dos intelectuais, donos exclusivos de uma atmosfera. Com a autêntica democracia, a irreversível democratização da cultura, todos somos intelectuais.

Faço minhas, tenho essa honra, as palavras do Presidente desta Academia, êsse admirável Djalma Batista!

> É preciso transmitir o que cada um sabe, concorrer de qualquer maneira para o alevantamento da cultura intelectual de tôda gente, ensinando pela palavra e pelo exemplo, na tribuna acadêmica, nas cátedras, na imprensa escrita e falada, no livro e onde quer que esteja qualquer dos participantes desta Academia, que tem de se escancarar para cursos, debates, simpósios, concursos e tertúlias.

É, pois, um **advogado** que hoje tem a honra de vos falar e a ventura de ingressar nesta augusta casa.

Aqui estou trazido pelas mãos fraternas de Genesino Braga. A êle transmiti, a mêdo, o primeiro impulso nesta direção. Genesino é um escritor que faz milagres. Como êsse compêndio delicioso e surpreendente de História do Amazonas que, modestamente, intitula "Nascença e Vivência da Biblioteca do Amazonas".

Logo na entrada dêsse grande livro, falando e como o faz em precisão informativa e em suavidade de poema! sôbre a conquista da cultura através da implantação de uma Biblioteca à altura do Estado, lá está Renan com esta verdade eterna:

> O homem faz a santidade daquilo em que crê;
>
> e a beleza daquilo que ama.

A leitura desliza como as águas de um igarapé entre flôres:

"Aqui se fala de uma Biblioteca: suas origens, suas andanças, sua vivência, suas fases de fastígio ou de penúria. É narrativa singela de um roteiro não diverso, nem diferente, nem mais importante que o de quantas bibliotecas se formaram, e através dos tempos caminharam, sob a tutela do público poder, na dependência de verbas e decretos.

Aqui se conta a história da Biblioteca Pública do Amazonas, história esquiva e simples, marcada de declínios e de assomos, debilitada algumas vêzes nos marasmos da descrença e do abandono, iluminada, outras, pelos sóis da inteligência e da compreensão do dever

cívico; história que se projeta de eras não mui remotas, mas, que delas nos vem clarificada por lampejos de reto idealismo, em acesos fulgôres espirituais, como um feixe de luz que filtra do passado, dos episódios que foram vida e palpitação e jazem agora nas catacumbas da história, vez por outra recordados nos recontos imutáveis dos compêndios, vez por outra decantados na tessitura das lendas embaladoras".

Em Genesino, o jornalista ou melhor o repórter — que sabe ver rápido o centro do interêsse comum e versar com objetividade o esclarecimento e a notícia — sempre atualizou e universalizou o homem de letras. É o que sentimos, por exemplo, em **Fastígio e Sensibilidade do Amazonas de Ontem,** com prefácio de mestre Câmara Cascudo, o **Cascudinho** como é carinhosamente chamado pelo povo do seu Estado.

A GENESINO BRAGA, WALDEMAR BATISTA DE SALLES e aos ilustres acadêmicos que integram esta casa, todos irmanados em idêntica generosidade, registro aqui, mais do que um agradecimento, a minha alegria e a minha ternura.

Jornalista, colaborando sempre nos principais periódicos do País, praticando o milagre, naquele tempo, de viver do que escrevia, escritor, **teatrólogo,** conferencista personalíssimo, diretor da Escola de Teatro, de onde saíram, no Rio, artistas hoje famosos, dono de uma voz com inflexões que podiam captar todos os matizes e cambiantes da emoção humana, agradável no trato, mestre na conversa e na troca de idéias, sedutor na sua expressão física, BENJAMIN LIMA foi, também, um homem belo e a êle se poderia aplicar, quando na tribuna, o que foi dito com relação a estadista do império — sua figura já constituía um exórdio. Formado em Direito. Exerceu funções públicas em Manaus inclusive a de diretor de Biblioteca, em circunstâncias que Genesino registra e assinala. Advogou nos júris do Estado do Amazonas.

Integrado pelo coração, pela cultura, pela família, nesta terra que sempre amou com extremos de paixão vigilante.

A geração a que pertencia e que teve nêle um esteio dedicado era, aqui em Manaus, de uma grandeza diferente. Adriano Jorge, José Francisco de Araújo Lima, Péricles Moraes, Coriolano Durand, João Leda, Nunes Pereira, Olympio de Menezes, Jorge de Moraes, Araújo Filho, Álvaro Maia, Huascar de Figueiredo, José Chevalier e tantos outros eram uma surprêsa para o viajante que nela encontrava uma dinastia fascinante pelo amor às coisas do Espírito e ao culto da Be-

leza. Os turistas e homem de ciência retornavam ao Rio ou aos seus países impressionados com o milagre de descobrir na solidão verde, num Amazonas, em decadência financeira pela queda da borracha, a realidade pujante, inesquecível, de tantos homens válidos, atuantes, irrequietos, originais, no terreno das idéias.

Havia vagar para a conversa. E como o sabiam fazer! Horas seguidas, as madrugadas passavam rápidas, porque na verdade não só trocavam impressões, multiplicavam as próprias fagulhas mentais, davam-se em espírito reciprocamente, e, assim, fertilizavam e faziam crescer o espetáculo da vida que construiram! Essa a característica primeira dessa geração.

> "Conversar é sem dúvida uma das raras formas genuínas de produção artística do espírito brasileiro!" — disse, com oportunidade, Gilberto Amado.

Não havia como resistir ao melancólico fim do ciclo da borracha. Uns ficaram. Outros, como Benjamin Lima, saíram, a contragosto, do Amazonas. Benjamin Lima, no Rio, foi convidado por Bulhões de Carvalho, o criador da estatística nacional, para dirigir e proceder ao recenseamento no Amazonas, em 1920. Foi o estatístico, com a exatidão, a eficiência, a intransigência no amor à coisa pública de sempre.

Seu relatório, seu trabalho, o levantamento censitário que conseguiu fazer nesta imensidão continental, são documentos e elogios em livros oficiais.

O homem de sensibilidade, o esteta, o psicólogo a serviço do homem de letras, suavizava as agruras da burocracia naquelas andanças pela floresta e incursões pelo interior.

O homem da estatística, nunca deixou de ser o homem das letras. Colheria também material para divulgar e comentar em jornais como o fêz em artigo intitulado **duas mulheres na floresta.**

> "Todavia — conta Benjamin Lima, para o público do Rio e do Brasil — os dois casos melhores, mais graciosos e pitorescos, passaram-se em municípios do interior, tendo como protagonistas mulheres ingênuas e simples.
>
> O encarregado de certa zona rural chega a uma fazendola cujo dono não era presente. Sai-lhe ao encontro a dona da casa, inquirindo do objeto da sua visita.

De acôrdo com as instruções que levava, pergunta o recenseador à matrona quantas e quais as pessoas que haviam passado naquela habitação a noite de 31 de agôsto para 1ª de setembro. E a pergunta formula-a êle, imprudentemente, nestes têrmos:

— Quem dormiu aqui em a noite de 31 de agôsto? Vibra de sincera indignação a mulher.

— Está o senhor muito enganado. Sou uma mulher séria. Sou uma mulher honrada. Em minha casa só dorme o meu marido.

E para acalmar aquela suscetibilidade, foi preciso que o agente lhe explicasse, com tôda a clareza, o sentido de sua pergunta.

Em outro município, sempre em zona rural. Um "sítio" pequeno, pobre, êrmo. Uma mulher só, ocupada em trabalhos domésticos. Pergunta-lhe o agente pelas demais pessoas da família. Declara-lhe ela que vive ali inteiramente isolada.

Passam a conversar sôbre o objeto da viagem do forasteiro àquelas paragens. O agente declina sua qualidade, prepara-se para encher o boletim. E a roceira dá-lhe o nome de várias pessoas que moravam naquela casa, inclusive o de seu marido.

Surprêsa do agente:

— Por que me enganou, dizendo que vivia só?

E ela, com uma simplicidade deliciosa:

— Porque pensei que o senhor queria alguma coisa comigo...

Duas mulheres na floresta — duas psicologias, duas morais antagônicas. Em uma a pureza exacerbada, intratável, agressiva, de Lucrécia. E a outra? Autêntica, genuína, **gourgandine,** tão matreira e desabusada como se estivesse a fazer a ronda do vício, alta hora da noite, em esquina de bairro tumultuoso, em uma grande cidade dissoluta...

Não é verdade que pode haver, dentro de um recenseamento, objeto de meditação para os filósofos?"

Há um traço fundamental na personalidade de Benjamin Lima: a grandeza humana que tanto estimularia o campo de ação e de eficiência do **advogado** que sempre foi.

Grandeza humana no sentido de não permitir o despeito, de não cultivar a inveja. Sempre foi o homem que gostava de surpreender nos outros superioridade, nobreza, cultura! Um otimista, enfim, que acreditava na Vida! Pois é proceder assim, alimentar-se dos aspectos positivos que nela a gente pode sempre encontrar, desde que tenha na formação espiritual a vontade, a tendência para encontrar.

Reparem que é coincidência demais. Todos os depoimentos, escritos, memórias, que estrugiram como girândolas na festa do cinqüentenário da fundação desta prestigiosa Academia, registram as circunstâncias — foi na Rua Monsenhor Coutinho, na casa de minha infância, que "os três legionários da cruzada intelectual", Benjamin Lima, Péricles Moraes e José Chevalier, fundaram esta prestigiosa congregação.

Há um fato também incontestado.

Djalma Batista, em lições do Cinqüentenário, na Revista da Academia Amazonense de Letras, nº 12, refere-o, como todos os fazem, inteiriços e coincidentes no detalhe.

> Nesta hora é dever celebrar os idealizadores da Academia; Benjamin Lima, que foi dos maiores espíritos nascidos na Amazônia, em cuja casa, hoje assinalada com um bronze, se fêz a reunião da fundação; primeiro presidente eleito, não aceitou a incumbência, para que o lugar fôsse preenchido por Adriano Jorge, que durante 30 anos empunhou, com galhardia e inteligência, o bastão de comando.

Êsse o acadêmico BENJAMIN LIMA, de corpo inteiro, de alma plena, que sempre tive ao meu lado.

ADRIANO JORGE, a seu ver, merecia a láurea. Por isso não aceita a sua eleição e enseja a investidura, contribui para que a verdadeira justiça, no seu sentir, se fizesse.

Êsse amor à JUSTIÇA, que é a expressão mais alta e mais bela do amor à VIDA, é o que distingue o ADVOGADO. Ai dêste se não cultiva a alegria de aprender sempre com os outros, de não se poupar na fecunda admiração criadora.

Precisamente por isso, confirmando essa maneira de ver e de sentir BENJAMIN LIMA, é que êle figura, no primeiro livro, o primeiro volume da série OS GRANDES PROCESSOS DO JÚRI, com a dedicatória pública que se impunha

A. BENJAMIN LIMA, meu pai, de quem, felizmente, herdei a capacidade de admirar e a alegria de aplaudir.

Não exagero ao afirmar que BENJAMIN LIMA foi, principalmente e sempre, o ADVOGADO. O advogado do Amazonas, a que serviu pela palavra escrita e falada, em artigos assinados para os jornais de maior circulação do Brasil, em tópicos, em conferências, em **cartas abertas** a Ministros e Presidentes, lembrando, sugerindo, pedindo, invetivando, veemente e atuante nessa paixão de assistir uma população esquecida e perdida na imensidão das águas e das florestas, do registro ao sarcasmo, do apêlo à catilinária.

A paixão pela terra e pela gente do Amazonas, a consciência de que o Brasil corria o risco de perder o seu melhor quinhão, fá-lo-ia, sem favor, um dos maiores defensores dos interêsses amazônicos no espírito nacional. Advocacia pura porque materialmente desinteressada, desprendida de qualquer pretensão política ou objetivo eleitoral, advogado por amor à causa que sempre considerou naquela época para êste continente geográfico, **a causa primeira** do Brasil.

Sentia e enfrentava a indiferença. O instinto nacional estava como que embotado. Para êle essa realidade representava, mais do que uma provocação, uma insuportável afronta.

Veja-se, examine-se a coleção — diversos volumes contendo sua atuação na imprensa do Rio e de São Paulo — artigos amorosamente arrumados por sua mulher e secretária dedicada, que extremos de paixão alcançou êste autêntico defensor nacional do Amazonas.

Seria impossível fixar aqui, com exatidão, tôdas as suas reações e contribuições.

Vale destacar. Sempre Advogado. A terra para êle era uma fonte de inspiração, de encanto, de esperança, e estímulo. Afirmava e traduzia, a sensação primeira, do visitante, ao conhecê-lo.

> "É o caso por exemplo, da hospitalidade macia e envolvente, embaladora e penetrante, que a todo estrangeiro se depara, emanando da própria natureza, vindo da terra e da água, mantendo-se no ar à semelhança de um fluído suavemente maravilhoso".

Para BENJAMIN LIMA a terra amazônica era uma festa que envolvia todos os sentidos, uma certeza, uma perspectiva de enriquecimento nacional.

Em festa da colônia amazonense, no Rio, em teatro repleto, foi lido por Nenen Baroukel, presentes todos os artistas do Estado, a começar por Arnaldo Rebelo que êle tanto incentivou, êste poema em prosa, diria melhor o seu poema de amor à gleba, companheiro de tôdas as horas. Dedicado à mulher amazonense que concorria com as demais representantes das unidades da Federação.

"Edna! Tua terra quer agradecer-te a integral reabilitação que te deve. Possuía a pobre — sim, paupérrima, devido ao excesso das riquezas que a oprimem, acabrunham, esmagam — nítida consciência de quanto o resto da nacionalidade a ignora, de quanto, conseqüentemente, a calúnia, nem sempre por meio de palavras, mas por meio de intenções, de desconfianças, de suspeitas, infinitamente mais ultrajantes. Crêem-na muitos brasileiros, grandes conhecedores de todo o universo, habitada por gente cuja inferioridade se manifesta de todos os modos: pela pigmentação da epiderme, pela grosseria das feições, pela rudeza do trato, pela primitividade da inteligência. Supõem-na um Brasil à parte, um Brasil inconfessável, tão dominado pelas selvas que não podem lá penetrar as claridades da cultura, tão lavado pelas águas do maior dos rios que lá se não podem fixar as sementes da civilização. Terra em que se perpetua o caos anterior ao "fiat". Gente em quem o homem das cavernas sobrevive.

Mas vieste, e a primeira surprêsa produziu-se. Sabem agora todos que até no coração da Amazônia se vai aperfeiçoando fisicamente a nossa raça, não por efeito dos devaneios científicos da eugenia, mas sob a exclusiva influência daquele meio, onde, a despeito da imensidade que o caracteriza, parece não haver lugar para os sêres e para as coisas totalmente destituídas de encantos. Sabem todos agora que nem tudo eram fantasias e delírios de folclore na lenda fascinante da Yara — alma do rio, como a sereia deve ser a alma do oceano.

Amazônide gentil, não te pertubaste, Edna, em face do mar, e tua sedução não decresceu, na hora em que, afrontando, com bravura tranqüila, um terrível confronto, ao grupo te incorporaste das Oceânides.

... Milagre atrai milagre. Irá mais longe a ação benéfica para o Amazonas, de tua presença nesta cidade, onde todos os Brasis se reunem e condensam. É que ela vai ser o ambicionado ensejo de se ostentarem aqui alguns indícios do progresso artístico, da evolução cultural, da intensa vida emotiva, lá existente. Duas

vêzes maga — pela perfeição de tua estatutária e pelas sugestões que ela esparge, ficarás com a glória de ter duplamente engrandecido a longínqua terra idolatrada.

Sim, glória, a maior ainda porque a tua beleza, conquanto não exceda a de tuas competidoras nesse prélio inolvidável algo possui que a torna inconfundível. É que ela parece ignorar-se, ter mêdo, até, de plenamente conhecer-se. Personificas uma Vênus inédita, para mim de um encanto suavíssimo: a Vênus absorta, a Vênus melancólica. Dás-me a impressão de estar perpètuamente exilada de ti mesma, e sofrer, assim, a mais singular das nostalgias. Ora, a maior característica da beleza comum é uma alegria que a faz provocadora, agressiva quase. Não desafias, Edna: enterneces. Parece que absorveste a tristeza daquele mundo exageradamente grandioso em que nasceste. Mas essa tristeza espiritualiza-te, enche-te de uma serenidade envolvente e confortadora, e eis porque paradoxalmente me alegra.

Dir-se-ia que estás perenemente sob um abajur. É a penumbra que não te deixa, das florestas amazônicas. É uma projeção fiel da sombra acariciante onde desabrochaste — ó Cattleya do Amazonas, flor de linda conformação, flor triunfal, cujo matiz, de um lilaz profundo, constitui, entretanto, todo um perturbador poema de melancolia. . ."

A simples enunciação dos títulos das matérias versadas; paladinos da Amazônia; as excursões ao Norte; as modernas Amazonas; um singular mecenas (Clóvis Barbosa); bandeirantes de batina (a catequese dos silvícolas do Rio Negro, sábia e corajosamente empreendida por discípulos de D. Bosco); um exegeta nortista (Leopoldo Peres); a morte de Coriolano Durand; proteção à borracha; paz aos amazonenses de boa vontade (regozijando-se com a reconciliação política de Álvaro Maia e Leopoldo Cunha Melo; um artista da Amazônia para a Amazônia (Olympio de Menezes); o saneamento da Amazônia; a glória triste da Amazônia; o ciclo da borracha brasileira; o govêrno de um poeta em que dizia

"Álvaro Maia é atualmente, sem o mínimo favor, o poeta máximo do Amazonas, senão da Amazônia inteira. E no próprio passado apenas dois avultam, que dêle se aproximam — Paulino de Brito e Raimundo Monteiro. Sendo assim, o que me surpreenderia é que êle, desmentindo uma das minhas teses preferidas, não levasse dos domínios da arte e da poesia para os da ação e do trabalho a sublimadora cobiça das coisas perfeitas".

O AMAZONAS cuja posição informava, defendia, esclarecia, jorrava como assunto da sua atividade criadora, diária, ininterrupta, como um rio sem fim, **amazônicamente.** Outros artigos, que saltam à vista, em exame arbitrário — a castanha brasileira no Brasil; a função social do guaraná; porque a borracha brasileira decaiu; os erros dos seringalistas amazônicos; Amazônia devastada; a boa justiça (sôbre um monumento a Efigênio de Salles); a colonização da Amazônia.

Em meio a essa torrencial e sempre oportuna produção, há um apêlo que escreveu sofrendo como um desesperado: **o aspecto humano da questão da amazônia.** Nêle verbera a indiferença nacional, denuncia o perigo isolamento do Amazonas, a falta de compreensão e amparo por parte da União, a carência de transportes, tudo isso com **garra** de advogado inconformado, em fúria sagrada! Não obstante o que se está fazendo presentemente em favor do Brasil e em benefício da integração brasileira, vejam como fermenta ainda hoje a reação a seguir transcrita:

> "Não bastam, por acaso, os imperativos do patriotismo, do nacionalismo, do civismo, para que os responsáveis pelo destino desta Nação cuidem a sério de incorporar a ala, por tôdas as formas e para todos os efeitos, prática e definitivamente, a mais bela e rica de tôdas as regiões em que se divide o território sôbre o qual a mesma exerce a sua soberania?
> Interfiram, então, os postulados singelos e fundamentais da simpatia humana, quer dizer: de um dos mais espontâneos impulsos da espécie animal que representamos.
> Coloque-se o tema no plano melancólico da caridade, se a outros não temos nem lucidez, nem bravura para o erguer!
> Mova-se o Brasil, quando mais não seja, por mera piedade e misericórdia, para organizar a vida econômica do extremo norte, conferindo, afinal expressão econômica, de verdade, àquele mundo de riquezas puramente potenciais.
> O homem da Amazônia suportará, de ânimo sereno, a iniludível humilhação dessa espécie de esmola. É que tem a certeza da mais formosa e reconfortadora de tôdas — as vinganças — a vingança de enriquecer fabulosamente a nacionalidade, que, de tão distraída e leviana, sòmente faz por favor e compaixão aquilo que deverá realizar por esperteza e cálculo. . ."

O advogado BENJAMIN LIMA é na imprensa uma chama sempre acesa. No "Diário Carioca", registrando a decepção de ROGÉRIO COIMBRA, que tinha ido ao Rio e lá só colhera o malôgro de tôdas as tentivas no sentido de impor o Amazonas à atenção da 2.ª República, sob o título CABEÇA DE TURCO, imprecava:

"Meus bons companheiros: falemos baixo, cautelosos. Não se mexa em casa de marimbondos! Onde pairam sinistras recordações de um enforcado, não é sensato falar-se em corda! Se proclamarmos que a desordem financeira deve ser, para os nossos Estados, motivo de perda de autonomia, pode bem acontecer que um estrangeiro desabusado, ampliando a doutrina, lembre quanto seria lógico também, do mesmíssimo ponto de vista, perderem sua soberania as nações onde tal desordem se verificasse...

O caso financeiro do Amazonas, se de tantos congêneres se distingue, é por ter, como tem o do Pará — êles dois somente — as atenuantes que lhes vêm de uma crise econômica pela qual ninguém pode ser responsabilizado.

Recusam-se, porém, a reconhecê-lo quantos — e são a quase totalidade — não cultivam, nem o dom da percuciência no investigar, nem o sentimento de justiça no concluir.

Pobre Amazonas!

Cabeça de turco. Bode expiatório. Abscesso de fixação".

O AMAZONAS era a Causa, a constante. Uma causa que defende com talento, com vibração, intransigentemente. Sob todos os ângulos.

Um pronunciamento público sôbre Jorge de Moraes — um grande amazonense que morreu; outro, **Um juiz de menores,** em que fala em ANDRÉ DE ARAÚJO como juiz de menores de Manaus, divulgando para o Brasil sua atuação larga e humana.

"Conheci-o ainda rapazola.

Nunca mais nos encontramos.
Lembro-me, todavia, de que estreando na literatura e no jornalismo, como não era de estranhar em se tratando de um rebento de ARAÚJO FILHO, uma das maiores organizações de jurista, filósofo, e escritor produzidos pelo Norte, seu primeiro trabalho foi sôbre Dostoevsky, êsse grande sofredor, e, por isso mesmo, professor emérito de compaixão e de piedade".

Em **Fatos e Nomes** denuncia os lapsos de oportunidade, o colapso da inteligência brasileira no aproveitar a ocasião para lograr circuns-

tância mais vantajosas, alude aos acôrdos de Washington com o preço mínimo para a borracha e prevê

> "Evidência trágica: é a de que a miserável Amazônia riquíssima, depois da diversão alvissareira proveniente da guerra, está pior do que antes, porque mais desfalcada de confiança e crença..." Centenas, centenas de colaborações assinadas ou não, nelas o o Amazonas, o Amazonas, o Amazonas, sempre, o constituinte amado, exclusivo, absorvente.

Em **Um laconismo que promete,** "Diário Carioca" de 18 de outubro de 1933, fixando NÉLSON DE MELLO a quem esta casa tanto deve, então interventor e suas primeiras e singularíssimas palavras ao invés do discurso da praxe, assim se manifestava e assim interpretava

> "Peguem-se os amazonenses com os deuses, para que o laconismo de Nélson de Mello, surpreendente agora se lhes venha impor à admiração e ao louvor futuramente, como singular atestado de sabedoria. Enalteço-o de minha parte, desde agora, sem a mínima hesitação.
>
> Era malgrado tudo, a única foram de prometer, que a ocasião comportava.
>
> No quase silêncio que a tantos comentários se está prestando, há, para me comover, uma espécie de respeito às vítimas, já emudecidas, daquelas calamidades sem a menor repercussão na alma dos senhores do Brasil".

O Defensor não parava. Colheu como prêmio um processo criminal, por infração da Lei da Imprensa, decorrente de crítica e denúncia pública de erros e abusos administrativos, em certa quadra governamental do Estado. Seus companheiros de turma da Faculdade de Direito, Eusébio Queirós Lima, constitucionalista ilustre, e Edgard Castro Rabelo, comercialista famoso, o assistiram na defesa, compareceram às audiências e assinaram, orgulhosos, contentes, as excelentes razões de defesa que o réu Benjamin Lima redigira e fêz publicar sob o título **Para melhor fama da Lei de imprensa.**

A justiça criminal entrava em nossa casa pobre, mas feliz (tão frequentada aos domingos pelos estudantes do Amazonas), de forma para mim kakfikiana, angustiante.

Eu era um adolescente e meus olhos só viam o mandado de citação na perspectiva que se abria de uma luta judiciária.

Meu pai, porque defendera, porque denunciara, porque levantara o véu revelando ao país uma realidade revoltante, processado criminalmente! Réu! No banco dos réus!

Nos primórdios, (isso acontecia na Santa Capela em Paris), os juízes rezavam antes de julgar! Ah! como passei, depois a compreender essa instintiva forma de tentar uma imunidade para responsabilidade que excede a condição humana!

Os dias sofridos, vividos em silêncio, na espera da decisão! As audiências adiadas que doíam no prolongamento da angústia e da espera. Foi absolvido como tinha de ser, decisão transitada em julgado.

— Vista-se, vamos sair, disse minha mãe, logo após a partida de meu pai para os jornais. Minha mãe — autêntica mulher amazonense!

Saímos juntos. Entramos num prédio carregado de sombra. De começo não percebi onde estávamos. Era uma sala grande. Nela um senhor, de cabelos grisalhos, cercado de natural respeito, fisionomia severa e olhar triste (a tristeza que acompanha a infinita desgraça humana) fêz sinal para que nos aproximássemos.

— Somos, a mulher e o filho de BENJAMIN LIMA! disse minha mãe.

Não estamos aqui para agradecer pois sabemos que justiça não se agradece. Viemos cumprimentá-lo, Doutor!

Êsse o primeiro contato meu com a justiça criminal, no forum.

A história se repete. Benjamin Lima escrevia sôbre o júri. Para a "Gazeta de São Paulo", sintam no título, a atualidade do problema: **os funerais do júri.** O júri, como o povo, sempre resistiu a êsses funerais. Era um episódio de soberania também.

Amesquinhar o tribunal do povo sempre foi a tônica dos que não acreditam na vontade popular.

A propósito informava Benjamin Lima:
"A intenção de suprimir o tribunal popular vem de longe, tanto assim que os partidários dêle presentes à primeira Constituinte republicam recorreram ao expediente de converter a sua conservação num dispositivo constitucional, para o colocarem a salvo de antipatias já então bem manifestas e muito operantes.

Sabe-se que a campanha a êsse instituto sempre se baseou, entre nós como por todo o mundo afora, em considerações de ordem doutrinária, confinadas aos aspectos estritamente judiciários do assunto.

Ninguém, todavia, possui o direito de iludir-se.

Os motivos reais, as razões últimas e concretas da má vontade que em certos círculos se nota para o instituto referido, são de ordem essencialmente política, e desde quando examinadas com perfeita isenção de ânimo, apenas podem levar a uma defesa veemente e decisiva da própria instituição em cheque.

A prepotência, o arbítrio, o caciquismo são diáteses irremediáveis em países como o nosso, onde a hipertrofia do poder ainda não encontra barreiras intransponíveis na consciência cívica do povo.

Nos primeiros tempos de sua aplicação aqui, o multissecular sistema de julgamento, no qual tão bem se reflete a quase religião anglo-saxônia da liberdade, fêz-se a contento dos poderosos, visto como, sendo os jurados quase sempre indivíduos de poucas letras e de ainda menos independência, não passavam de executores das ordens que do alto lhes vinham.

Mas, precisamente, à medida em que a situação se modificava, muito devagar, é certo, mas de modo ininterrupto, graças à elevação do nível mental e moral dos juízes de fato, entraram os dominadores a embirrar com o júri, procurando feri-lo pelo único lado vulnerável — a falta de preparação técnica por que êle se caracterizava, em princípio, apenas se libertando dela eventualmente, quando por acaso figuram profissionais de direito no rol dos sorteados.

Não colhe a investida porque a instituição em causa é antes social e política — empregado êste último vocábulo em seu sentido mais alto — do que jurídica e forense. E justamente nas virtudes inestimáveis e insupríveis que ela demonstra, do ponto de vista político e social, é que se acha o fundamento das hostilidades de que se torna, por vêzes, objeto".

A tragédia do júri, como instituição leiga, é precisamente essa.

A incompreensão para o seu aspecto político pedagógico.

De um lado os que estudam o Direito nos livros e que não admitem que o Direito possa ser sentido por todos. De outro os que não acreditam no povo.

Veio o dia que é noite. Noite eterna.

O advogado do Amazonas não mais poderia exercer o mandato que o amor à sua terra e à sua gente lhe impusera.

Chovia. Uma chuva miúda, oblíqua, e que parecia pesar dentro de todos.

Registre-se a verdade. Tôda Manaus estremeceu!

A terra falou na voz de Álvaro Maia, de Leopoldo Peres, de Deoclides Carvalho Leal e... de um estudante que víamos ali pela primeira vez, agradecendo em nome dos jovens do Amazonas...

Hoje, evocando-o — mestre do Bom Humor e de Alegria, de confiança na Vida e no Homem — reportando-nos a tantos anos de luta, de pregação, de combate, por todos os meios possíveis, no rumo de uma Amazônia ocupada por brasileiros, valorizada por brasileiros, civilizada por brasileiros, podemos ver como lhe devemos em esclarecimento permanente ,em clarinadas contínuas e eficientes.

Lançou sementes que tornaram possível êste Amazonas de hoje, sentido por todos, defendido por todos, um Amazonas integrado no crescente interêsse da pesquisa e do estudo.

Não seria justo terminarmos assim assunto que só comporta entusiasmo e claridade.

Essa geração de que vos falei, a geração de Benjamin Lima, ardeu sempre em grandeza e em clarinadas de beleza.

Eis o único incêndio que constrói.

De ÁLVARO MAIA, outro encantado pelo Amazonas, colhemos em **Buzina dos Paranás** êste "flash":

Uma canoa, quando passa
é um violão de amor e graça...
O remador, em desafio,
Sacode os remos, duros dedos,
e une seus sonhos e segrêdos,
aos da floresta e do rio...

De ÁLVARO MAIA que se viu, em **desencarnação,** como foi sempre em vida, no idêntico e sagrado **incêndio.**

As horas que vivi, momentos de perigo,
sonhos de mocidade, iras de meninice,
seguirão o organismo à suprema velhice,
e, nascendo comigo, hão de morrer comigo...

sob a bênção triunfal do próprio pranto amigo,
os sorrisos de um dia, os ideais de doidice
tombarão a sorrir, num hausto de meiguice,
como, a golpes de foice, o mar louro do trigo...

Minhas recordações, Madalenas chorosas,
cerquem o humilde leito em que eu me crucifique,
beijando-me a corar com seus lábios de rosas...

E quando eu fôr levado à desventura espêssa,
seja árvore meu corpo — e esplenda e frutifique,
seja fogo minh'alma, e, em chamas, resplandeça!

Resplandecer!

Não capitular jamais ante a agressão terrível do meio físico — êste um desafio, uma provocação ao Homem amazônico para superá-lo e vencê-lo!

No diálogo com a Vida, só cabe uma reação: por mais dura, por mais impiedosa, na procissão dos seus aspectos negativos, responder com fé, responder com amor, responder com exaltação.

Essa a mensagem do Amazonense para o Mundo que nêle está vendo **um mundo** de deslumbradoras, inesgotáveis reservas de vitalidade humana!

A Academia de Benjamin Lima está viva, quente, atuante, não obstante as transformações da tecnologia, a velocidade dos contatos na voltagem social que parece impor dimensões e contradições sempre imprevistas.

João Cabral de Mello Neto, em "Morte e Vida de Severina" ao dizer que a **resposta da vida é o espetáculo da própria Vida,** ilustra, em têrmos atuais, a realidade que a geração de Benjamin Lima nos legou.

Amar, admirar, semear o entusiasmo, porque, procurando, sempre procurando, sempre se acha um milímetro bom que o talento, a arte, a ciência, a filosofia, farão o milagre de manipular, e transformar em terras novas, continentes inesperados, regiões de encanto e de Beleza!

Todos, todos êles, cujas sombras aqui estão eram assim!
E porque cresceram, podiam, no **poeta máximo** — justa apreciação dêle sôbre Álvaro Maia — sorrir — sempre, até para a Morte que acolhiam prèviamente com ternura também.

Um sorriso de ironia piedosa, de compreensão oportuna para as insuportáveis carências de amor.

Chegando à última página sincera
da tremenda comédia desta vida,
volvo os olhos ao ponto de partida
com o frio horror de quem já nada espera...

Quanta nobre ambição que foi quimera
quanta bela ilusão desvanecida...
Verte prantos a estrada percorrida,
Sob flôres daquela primavera...

Mas, nesta hora tristíssima e sombria
de verdade severa e desencanto,
de inconsolável dor e de agonia,

É o meu maior pesar, neste quebranto,
não ter sorvido o amor como devia,
— eu que pensava ter amado tanto...

A consciência me diz que, finalizando desta forma, um mérito estou tendo: o da coerência, pois falar em Benjamin Lima teria de ser a exaltação dos seus amigos, daqueles que tanto admirou e enalteceu.

Meus prezados, ilustres, fraternos companheiros da Academia Amazonense de Letras!

Dou por concluída a minha defesa.

Permiti que vos diga:

Vivo para êste momento.

DISCURSO DE SAUDAÇÃO

Waldemar Batista de SALLES

Honrou-me êste Sodalício, nesta noite de belezas e de magníficas cintilações em escolher-me para saudar-vos.

Ao aceitar a incumbência, como membro desta entidade, entre tantos Acadêmicos ilustres, sòmente um caminho poderia ter orientado a Presidência — a amizade que me ligava ao recipiendário ao lado das mesmas atividades profissionais.

Muito embora já conhecesse os trabalhos e as pesquisas intelectuais de Carlos de Araújo Lima, a III CONFERÊNCIA NACIONAL DE ADVOGADOS, realizada em Recife, foi a ocasião que nos aproximou ainda mais.

Antes eram vossas conferências nesta cidade, no auditório "Alberto Rangel", sôbre temas de Criminologia, convidado, muitas vêzes, que fôra, pela Ordem dos Advogados, no Amazonas, para dissertar sôbre assuntos de vossa especialidade.

E com que encantamento compareciam estudantes e advogados, juristas e magistrados, ávidos de vossa palavra mágica, de vossa inteligência privilegiada e constante versatilidade verbal.

A vossa posse é motivo de imensa e indizível alegria. É o escritor aprimorado, conceituado e viajado, que chega a esta Casa para espargir as luzes de vosso conhecimento e trazer-nos, com as experiências da vida, o que colheu nos labôres, atividades profissionais e na literatura.

A mesma admiração pelas letras e pelo Direito.

Talvez os mesmos pontos de contacto, neste mundo cheio de inverdades, injustiças e coações.

A amizade, dizia eu, foi a ponte que me pôde trazer a esta tribuna, nesta noite festiva, de emoções profundas, quando sinto a responsabilidade de saudar o primoroso escritor, de inteligência viva e atuante.

E não posso deixar, assim, de realçar as belíssimas qualidades intelectuais e morais do novo Acadêmico.

O HOMEM E O CRIMINALISTA

Falamos, antes, de vossa vida e de vossa infância. De modo rápido. Numa síntese propícia a êste momento solene. Carlos de Araújo Lima nasceu em Manaus a 12 de dezembro de 1912. E fêz as primeiras letras com a professsora Julita Barjona. O curso secundário no Lycée Français, no Rio de Janeiro, hoje denominado Liceu Franco-Brasileiro.

Terminados os estudos secundários, matriculou-se na Faculdade de Direito do então Distrito Federal, turma da qual foi paraninfo o professor Ary de Azevedo Franco.

E então iniciou a carreira jurídica, por concurso, no Ministério da Justiça, chefiando secção policial judiciária; professor da Escola de Polícia, cadeira de estatística criminal Assistente Jurídico do mesmo Ministério, servindo, muitas vêzes, no Gabinete do Ministro.

Nesse cargo de Assistente Jurídico do Ministério da Justiça foi aposentado, mas não deixou as lídes forenses, atuando, de modo decisivo e brilhante, na advocacia criminal e, em especial, no Tribunal do Júri da Guanabara e em várias capitais do país.

Aliando as atividades advocacionais com a de jornalista, ainda hoje desempenha a chefia do serviço jurídico das emprêsas "O Dia", e "A Notícia", do Rio de Janeiro.

As atividades do recipiendário são múltiplas. Além de advogado criminalista, realizou conferências em quase todas as Faculdades de Direito do Brasil e, também, na Ordem dos Advogados de Portugal, em Lisboa.

É o festejado autor de "Os grandes processos do Júri", 1º volume, duas edições, com prefácio do Desembargador Faustino Nascimento; 2º volume, duas edições, carta prefácio de Nelson Hungria; 3º volume, Imprensa Nacional, edição do Ministério da Justiça, lançamento feito pelo então Ministro Nereu Ramos.

Ainda os seguintes trabalhos: "No Banco dos Réus"; "Caminhos do Crime"; Presença de Portugal no Direito Criminal Brasileiro" e "Carta de Segurança", ed. da Fundação Cultural do Amazonas.

Pertence ao Instituto dos Advogados; representa o Estado do Amazonas no Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil; — Comissário Honorário da Polícia carioca, por indicação do Centro dos Comissários de Polícia da Guanabara.

Militou, por muito tempo, em "A Nota" e "O Mundo", de Geraldo Rocha e aos domingos em "O Dia", de Chagas Freitas.

Em Manaus, espargindo as luzes de vossa inteligência, colabora em diversos jornais, escrevendo "Um palpite por semana", que vem deliciando os leitores amazonenses.

Êste é o novo Acadêmico que vem de ingressar neste Silogeu. É o amazonense que, na luta judicante, no sul do país, se alcandorou e se tornou conhecido, não pelos mil gols que fêz, mas pela luta constante que empreendeu, enfrentando a concorrência dos colegas, a indiferença do meio e a quase total apatia que se encontra em tôda parte, contra os princípios sagrados do Direito, da Liberdade e da Justiça.

Repassados alguns aspectos de vosso "curriculum vitae", que constituiu uma folha limpíssima, analisemos, ligeiramente, a literatura e vossos trabalhos jurídicos.

LITERATURA

Do vosso livro "Caminhos do Crime" — o teatrologo Paschoal Carlos Magno já nos dizia: "Araújo Lima — herdeiro da inteligência de um mestre de nosso teatro, Benjamin Lima — demonstrava também possuir qualidades de interprete. As coisas que dizia, os pensamentos articulados, ganhavam cintilação maior porque êsse advogado — cujas causas já lhe deram ressonância nacional — é também um ator completo, de voz ampla e sonora e devidamente matizada, de gestos justos e sempre oportuno para sublimar a inquietação de seu espírito.

Daí sentirmos que o ilustre Acadêmico, que hoje ingressa nesta Casa, além de qualidades literárias, ainda possui outras, de interprete de bonitas peças teatrais em várias oportunidades, no sul do país.

O recipiendário, disse antes, é o autor de um livro de sucesso, especialmente nas letras jurídicas, intitulado: "Os grandes processos do Juri", trabalho de notável ressonância, no qual reflete e relata inúmeros crimes e respectivos julgamentos, que provocaram acirrados debates na tribuna do Júri.

Aprimorando-se no Direito Criminal, procurando dentro da ciência jurídica encontrar explicações para vários delitos que ocorrem, refletindo personalidades doentias, o intelectual em foco no livro "Caminhos do Crime" diz:

"entre o escritório e a delegacia
incompreendido é o caminho do advogado: entre o
escritório e a delegacia êle vive um mundo de angústias e

expectativas; vive, sobretudo, a certeza de que a verdade tanto pode começar com Verdade como com Mentira, qual seja o ângulo em que se coloque, fácil é esgrimir com a lei; difícil é alcançar a outra margem, com a alma limpa, sem salpicar-se".

Esta é a advertência que faz àqueles que se dedicam ao Direito Criminal, porque, nessa especialidade, o profissional se torna um sacerdote, ouvindo queixas e angústias, máguas e ressentimentos, caminha na lama e no sangue, para depois sair, defendendo o Direito e pugnando por Justiça, com o espírito tranqüilo, a honra incólume, a certeza de ter cumprido o seu dever profissional, conforme determinam os cânones da advocacia.

O estilo de Carlos de Araújo Lima é límpido. Disserta com o desembaraço adquirido nas lides forenses. Vai às vêzes retratando o ambiente, para depois iniciar a história assim:

"chovia muito. E as coisas estavam repassadas de uma tristeza comum aos dias úmidos. Chuva fininha, persistente e implacável como o vencimento de uma letra promissória. Não é à-tôa que vejo na chuva e nas ruas molhadas a expressão melancólica de uma dívida cuja cobrança se aproxima. Tudo tem mesmo a sua lógica, neste mundo aparentemente tão contraditório..."

E mais adiante:

"é assim que chego ao escritório. Que está vazio. Terrivelmente parado. Há sonhos impossíveis de crimes espetaculares, com valsas lentas e sedutores honorários, gordos, nas pacatas e humanas poltronas usadas do escritório vazio.

A chuva fina, a chatice da chuva, a promissória que se vence..."

Êsse é um aspecto do estilo, refletindo um estado psicológico, momentâneo, do recipiendário.

Em outra ocasião, já nos diz, fls. 21, no mesmo livro:

"estudar o processo. Impregnar-se dêle. Não me preocupar com a forma, com a apresentação, com o exórdio. O principal era possuir o processo, sabê-lo, sensibilizar na compreensão geral todos os seus ângulos, a motivação, a expressão moral do acusado, as circunstâncias muito humanas, a humanização da causa, enfim. Fui para a tribuna. Ah! o deslumbramento que acompanha a certeza de que estamos pisando um caminho próprio. Era eu mesmo, com os meus defeitos, com o meu linguajar, com a minha impulsividade, com a minha maneira, minha mesmo, de ser e de interpretar! O argumento ganhou sangue e fôrça. Senti, de imediato, o interêsse de todos. Porque todos viviam um contato real. A primeira realidade estava em mim. Como intermediário do fato e do outro personagem. Essa vitória sôbre mim mesmo, aparentemente tão simples, foi o momento mais agradável da minha atuação no júri".

Eis a revelação que me pareceu excelente:

Carlos de Araujo Lima é impulsividade, prazer e alegria na tribuna do Júri.

E herdou de seu genitor, o inesquecível Benjamin Lima, qualidades excepcionais que refletem, a cada instante, as cintilações de estilo e inteligência.

Porque, tendo como patrono vosso ilustre pai, vindes continuar, neste Silogeu, as tradições de cultura e de talento de vossa família.

Benjamin Lima também era advogado. E nos assegurou o filho, neste discurso de posse, relembrando Roberto Lira, seu amigo particular e eminente criminalista, quando fôra convidado para realizar conferências, ainda indeciso quanto ao êxito das mesmas.

— Carlos, êles convidaram o Advogado.

E o nôvo imortal confessa:

"Serviu-me muito, na vida, essa lição de autenticidade. Sempre fui, sempre sou advogado. Mesmo quando incursiono na literatura, penetro nos paranás da poética ou da temática social, escrevo em jornais, colaboro em revistas, dou entrevistas em rádio ou televisão, tudo isso acontece por imperativo, elaboração, conveniência psicológica de renovação em alma de advogado".

E, na realidade, no mundo de hoje, não existem os tabus dos intelectuais, nem os monopolizadores da cultura. A democracia, ampliando o horizonte e dando possibilidades a todos os membros da sociedade, deseja transformar animais racionais em sêres humanos, justos, libertos e bons.

Especializou-se em Direito Criminal.

Sabe-se que a Criminologia é a ciência que estuda: a) as causas e as concausas da criminalidade e da periculosidade preparatória da criminalidade; b) as manifestações e os efeitos da criminalidade e da periculosidade preparatória da criminalidade; c) a política a opor, assistencialmente, à etiologia da criminalidade e da periculosidade preparatória da criminalidade, suas manifestações e seus efeitos.

O Direito Criminal tem apaixonado inúmeras personalidades e advogados. É o ramo do Direito que, inicialmente, atrai os estudantes nos bancos acadêmicos.

E nos esclarece ROBERTO LIRA, no seu livro "Criminologia".

Estudiosos no assunto foram: Tobias Barreto (1839-1889), o primeiro crítico brasileiro de Lombroso, reunindo trabalhos publicados na imprensa de Pernambuco desde 1882;

Sílvio Romero (1851-1914) — estudou os tipos étnicos, os caracteres das coletividades, a alma dos grupos, as índoles individuais, moldadas no cadinho dos vícios ambientes, os vincos deixados nos espíritos pela atmosfera social.

Tirou conclusões profundas a respeito do tema, o que provocou polêmica na Faculdade de Direito do Recife.

Clóvis Beviláqua, mestre dos mais eminentes nas letras jurídicas, também escreveu "Criminologia e Direito" (1859-1944), sobressaindo-se galhardamente.

Euclides da Cunha (1866-1909), escritor dos mais discutidos de nossa língua, segundo Roberto Lira, foi o primeiro a aplicar a Sociologia Criminal do Brasil.

No famoso livro "Os Sertões" examinou as causas da chamada "delinqüência sertaneja", através de vasta galeria de indivíduos que são índices ou sumários de um meio, como feixes de fatos, cada um com seu rótulo, sua rubrica inapagável e eterna... Cada indivíduo é um resumo, um compêndio.

Nina Rodrigues (1862-1906) foi também considerado por Lombroso apóstolo da Antropologia Criminal na América do Sul.

Afrânio Peixoto (1876-1947) criticou a concepção de Durkeim e os célebres conceitos de que a sociedade tem os criminosos que merece e que o meio social é o caldo de cultura da criminalidade;

Júlio Pires Pôrto Carrero fêz detalhados estudos sôbre a Psicanálise e a realidade criminológica brasileira.

Evaristo de Moraes (1871-1939) publicou inúmeros trabalhos sôbre Criminologia, Crianças Abandonadas, Embriaguez e Alcoolismo e foi Presidente da Sociedade Brasileira de Criminologia;

Joaquim Pimenta (1886-1963), escreveu os "Ensaios de Sociologia"; Retalhos do Passado e Enciclopédia de Cultura e se tornou uma autoridade nesses assuntos de Direito especializado.

Fiz essas citações de nomes de ilustrados criminalistas, para acentuar que Carlos de Araújo Lima sofreu as influências e atrações do Direito Criminal, muito embora permaneça sempre o advogado atilado, experiente e inteligente.

Mas ao lado das atividades puramente profissionais, o nôvo imortal incursionou pela literatura, penetrou nos paranás da poética e da temática social, realizou brilhantes conferências, numa ampla demonstração de sua extraordinária capacidade de trabalho e de cultura.

E nos chega, nestes momentos, o escritor primoroso, às vêzes poeta, porém dando ênfase aos assuntos que o prendem à sociedade, aos estudantes, aos intelectuais, aos educadores e aos artistas.

No livro "Presença de Portugal no Direito Criminal Brasileiro", o recipiendário mostra estilo diferente, mesmo escrevendo sôbre Direito, que não possibilita figuras de muita retórica, nem devaneios.

E diz que tudo, na vida, é reação. Valem umas, não prestam outras. Cita Fernando Pessoa: "Falava da Justiça e da luta para haver Justiça".

Herdou do pai, o ilustre Benjamin Lima, um dos fundadores desta Academia, a paixão pela literatura, o gôsto estético.

O conteúdo do citado livro é um estudo sério sôbre a influência do Direito português nas letras jurídicas nacionais, repassando teorias e conceitos.

Mesmo aí, no meio de uma linguagem forense, por fôrça do assunto, Carlos de Araújo Lima se revela o escritor cuidadoso, preciso, raciocinando com acerto e habilidade.

Cita Alexandre Herculano, historiador e notabilíssimo escritor de Portugal, afirmando:

> "prosseguindo, sôbre ordália nós temos em Herculano a prova do ferro em brasa, descrita com minúcias, tudo dentro da presunção de que Deus velava pelos inocentes. A divindade iria se manifestar materialmente... apontando o culpado. Então havia um ritual, havia uma série de critérios, havia um sacerdote que benzia, havia um ferro em brasa e o que se sujeitava à prova estava obrigado a, num tempo certo, pôr as mãos sôbre o ferro candente e após isso, sob a bênção do sacerdote deixar que lhe revestissem as mãos com sebo e pano.
>
> Findos três dias seria inocente se não houvesse marca ou sinal... Essa crendice está ligada ao surgimento do tribunal do júri. Porque os homens foram crescendo em audácia na invasão do céu e do domínio celestial".

E termina, mais adiante, fazendo uma exortação para que se crie "uma consciência lúcida no Brasil e uma compreensão mais viva do que são as instituições de Direito, do Direito que é sempre vida e que, portanto, para ser aplicado exige uma viva sensibilidade".

O nôvo Acadêmico, porém, veiu à Manaus lançar o seu livro mais recente, intitulado "CARTA DE SEGURANÇA", edição da Fundação Cultural do Amazonas e, principalmente, tomar posse neste Silogéu.

Chamavam-na, no Direito Português, de Carta de Seguro e os estudos de Carlos de Araújo Lima são profundos a respeito do tema.

O prefácio do insigne mestre NELSON HUNGRIA, porém, constitui a maior prova do talento do recipiendário, que assim diz:

> "O que admira e comove, porém, é a paciência beneditina de Araújo Lima em rastrear, desde os primórdios, batendo infólios e alfarrábios, folheando quase impenetrável documentário de épocas em que o idioma português não era mais que um confuso dialeto castelhano, o instituto da carta de seguro. E não obstante a neutralidade do assunto, oferece-nos êle páginas em que flui aquêle aliciante estilo que caracteriza todos os seus escritos. Faz-nos recuar a um tempo longínquo, e com tanta precisão e vivacidade nos relata os fatos, principais ou circunstanciais, que se tem a impressão de que foi ainda outro dia que a Justiça era distribuída em Portugal e no Brasil, pelos ouvidores, juízes de fora ou corregedores.

Em várias passagens, revela-nos a justificada admiração pelo velho Portugal, de onde veio para o Brasil-menino o acervo de normas jurídicas que ainda disciplinam muitos institutos que o Brasil-quatrocentão conserva em pleno viço. É aquela mesma admiração, misturada de amor, que nos inspira, a todos nós, brasileiros, essa "Esquina do Planêta", quando verificamos que daí é que nos foram exportadas as idéias com que, durante largo espaço de tempo, solucionamos os nossos problemas sociais e jurídicos. É a mesma estima muito especial que consagramos a êsse precioso Portugal, que com tanto carinho nos acolhe no seu regaço amigo e nos permite, com interêsse igual ao nosso, a curiosa busca em seus arquivos e tombos, para daí extrairmos a nossa autêntica certidão de nascimento".

Sua leitura é oferecida aos que têm olhos para contemplar e admirar o remoto passado, através de uma legislação que serviu a Portugal e ao Brasil.

Os especialistas em Direito Criminal, os técnicos, os jurisconsultos, advogados e juízes, encontrarão, no livro "CARTA DE SEGURANÇA", um manancial imenso de conhecimentos e de orientação dêsse notável instituto, trazido que foi de suas origens, até sua inclusão no Direito moderno, com as modificações imprescindíveis da hora presente.

E o eminente e saudoso mestre do Direito, NELSON HUNGRIA, já nos afirmava:

"As cartas de seguro impetravam-se logo depois de cometido o delito e diziam-se negativas, quando o réu afastava de si a autoria, ou confessativa, quando o réu confessava a autoria, mas invocava causa de "justificaçom" ou alegava não ter tido intenção criminosa".

Há, na literatura jurídico-penal de Carlos de Araújo Lima, frases e trechos que impressionam, não só pela técnica utilizada, como pelos conhecimentos linguísticos, assim, em Carta de Segurança, fls. 41:

"um olhar retrospectivo na ondulante e serpentiforme evolução da vingança, desde a antiguidade até os primeiros séculos da formação portuguêsa, acusa avanços e recuos, tais como os que ocorreram na Grécia. Nesta e na fase legendária, o direito de vingar estava diretamente relacionado com os deuses e com a estabilidade familiar. Psicològicamente os atos de vingança eram envolvidos por emanações divinas, como que permitiam uma elevação moral que só os deuses alcançavam... Os que se vingavam, não exerciam só um direito; era mais do que isso, era um dever e êste, aos olhos de todos, cobria de glória as mãos assassinas quando espalhavam o sangue dos culpados".

Acredito que o livro despertou imenso e indizível interêsse, nesta cidade, não só pelo assunto tratado, que impressiona todos os cultores do Direito, como também pela autoridade de seu autor, o criminalista Carlos de Araújo Lima.

O citado trabalho é um manancial de ensinamentos, uma festa para a inteligência, ressaltando-se ainda que teve o imenso cuidado de citar as fontes e de transcrever documentos importantíssimos.

Livro é trabalho e arte.

ARTE e cite-se o prefácio de "Caetés", de GRACILIANO RAMOS, o saudoso e inesquecível romancista:

> "Em Arte, o conceito de sensação comporta um sentido bem mais amplo que em psicologia pura. Nesta, pode ser sòmente o estado de consciência que registra um estado mais geral da sensibilidade. E as sensações podem ser discriminadas e classificadas, embora exista uma zona crítica donde cada sensação diferencial pode evolucionar para outra forma. Em arte, as classificações são mais instáveis e o estado de relativa pureza é mais difícil.
>
> O comum é a concorrência de várias sensações, com possível predominância transitória de alguma. Mas, sobretudo, o contínuo estado de evolução é que caracteriza a sensação de natureza estética. A sensação de frio pode ser delimitada, localizada, pode não afetar a consciência que a registra de um modo verificável. Mas a sensação estética é difusa, o mesmo frio sentido através de uma sensação estética é difuso, não se limita nem se localiza, afeta simultaneamente a consciência, como líquido derramado sôbre um monte, a revesti-lo igualmente. Talvez isto decorra de seu processo ser inverso. Ao invés de partir do elemento sensorial para a consciência, parte desta para as reações da sensibilidade diferenciada. Seja como fôr, a reação estética contamina inteiramente a consciência e é associada a uma outra ou outras sensações diferenciais. Isto explica como elementos intelectivos possam agir como estímulos de reflexos condicionados e associados.
>
> O que caracteriza a sensação estética, além do processo, é o fato de criar um estado geral de comoção branda, isto é, um estado difuso que afeta tôda a sensibilidade".

Esta ligeira apreciação sôbre Arte é necessária, porque o recipiendário, mesmo escrevendo sôbre assuntos puramente jurídicos, neles põe emoções, sensibilidade e beleza.

O trabalho já mereceu, no sul do país, encomiásticas palavras, ressaltando-se, porém, a carta do eminente Acadêmico e Professor Artur Cezar Ferreira Reis, datada de 21 de novembro passado:

"Meu caro Carlos de Araújo Lima.

Já havia lido sua "Carta de Segurança", na primeira divulgação

que você me mandou. Agora leio o texto exato, completo, cheio de severidade, a refletir os seus conhecimentos e o êxito da bolsa de estudos em Portugal.

Não me admirei do que li. Porque sei quem você é, o que vale, o que sabe e a integridade de seu comportamento como homem de inteligência".

Como contribuição à história das raízes de nosso direito que vamos encontrar no direito português, seu ensaio é esplendido.

Aprendi muito nele e dêle me vou valer para os meus trabalhos sôbre a formação brasileira nos vários ângulos porque temos de encontrá-la, examiná-la e provê-la realísticamente.
Aguardo aqui a edição da Fundação Cultural do Amazonas. Será mais bonita que a daqui? Um abraço".

Diante dessa opinião valiosíssima, do historiador amazonense, resta-nos acatá-la com o máximo carinho e respeito.

— — —

Mas, ilustres intelectuais, o nôvo Acadêmico também aprecia a poesia e haja vista a magnífica palestra que realizou, nesta cidade, dia 9 do corrente, no auditório "Alberto Rangel", sob o TEMA: POESIA e CRIME: IMPRESSÕES DE PORTUGAL.

Inicialmente o título nos pareceu contraditório, porém se existem dramas e paixões, nos ilícitos penais, cabe a advogado criminalista ver além de tudo isso e encontrar um pouco de poesia no comportamento em sociedade do homem, do ser humano, embora delinqüente.

Araújo Lima enalteceu, em conseqüência, os poetas de sua predileção, recitando poemas belíssimos de Torga e Fernando Pessoa.

E nos mostrou, com imensa ternura, sua visita inesquecível a Portugal, onde esteve recentemente, realçando, de modo particular, o espírito fraterno de seu povo, sua meiguice, sua extraordinária atenção ao brasileiro, que ali chega para fazer turismo ou altos estudos.

Encantado com as poesias de Fernando Pessoa e Torga, a palavra eloqüente e brilhante do recipiendário agradou, maravilhosamente, todos aqueles que tiveram a alegria e a felicidade de ouvi-lo, naquele instante de pura intelectualidade.

O PATRONO

Ao recipiendário houve a rara felicidade de ter, como patrono, seu próprio pai, BENJAMIN LIMA.

Jornalista de elevados méritos, ensaista, escritor, conferencista, diretor da Escola do Teatro, no Rio de Janeiro, a figura de seu patrono era realmente de causar grandes impressões, asseguram os seus contemporâneos, além de ser fluente conversador.

Nesta cidade de Manaus exerceu êle inúmeras funções, inclusive dirigindo a Biblioteca Pública, com eficiente e notória dedicação.

A personalidade dêsse escritor, de fina estirpe, seu ilustre filho — CARLOS DE ARAÚJO LIMA — acabou de nos mostrar em seu belo discurso de posse, nesta noite, onde — pondo de lado o parentesco consanguíneo — traçou magistralmente as qualidades do homenageado.

A emoção maior, CARLOS DE ARAÚJO LIMA, que mereceis, neste instante, além de nossa profunda ternura pela ilustre companhia, é a de ir sentar-vos na cadeira que tem como patrono Benjamin Lima, vosso pai, Fundador e primeiro Presidente desta Academia.

E justamente nesta noite, 12 de dezembro de 1969, data de vosso aniversário natalício, em que recebeis as flôres e as homenagens do Amazonas ao seu ilustre filho, que veio de longe, de outros horizontes e de outras paisagens, com alguns cabelos grizalhos, a fronte pensativa, os olhos já cansados de leituras, de estudos, de pesquisas e de longas e inevitáveis meditações.

Em nome da Academia Amazonense de Letras saúdo o ilustre escritor. Sede benvindo à vossa terra natal, e a esta Casa de augustas tradições.

A êste Silogeu de BENJAMIN LIMA.

CADEIRA Nº 39 (Alfredo da Mata)

A FALA DO PRESIDENTE

Djalma BATISTA

A sessão solene que a Academia Amazonense de Letras hoje promove, para receber o acadêmico Mário Moraes, se reveste de carater excepcionalmente festivo. Além da recepção do novo confrade, comemoramos o centenário do nascimento de um antigo acadêmico, que patrocina a cadeira do recepiendário.

Alfredo da Matta, que engrandeceu o Amazonas e o Brasil com a sua medicina-ciência e a sua medicina-sacerdócio, será evocado nesta noite, nos grandes momentos de sua vida exemplar — vida que transcorreu nas enfermarias, nos laboratórios, junto dos que sofriam, e principalmente sobre os livros. E note-se que Alfredo da Matta veio para o Amazonas numa época a maioria procurava El Dorado, e quando aqui viviam, e pontificavam, Adriano Jorge, Jorge de Moraes, Araújo Lima (que foi seu secretário na Diretoria de Higiene), Figueiredo Rodrigues, Aires de Almeida, Wolferstan Thomas, Xavier de Albuquerque e vários outros médicos de grande prestígio e nomeada. Porém obra científica consagrada só êle deixou, e Thomas, sendo que os trabalhos deste não são encontrados à mão, saídos em publicações da Inglaterra e da Alemanha, cujas coleções nunca pude compulsar. Revejo Alfredo da Matta neste instante, já velho porém esbelto e lúcido, falando com simplicidade e modéstia de altos problemas profissionais e científicos, quase a pedir desculpas por saber tanta causa. Um fato nos aproximou muito nos últimos anos de sua permanência em Manaus, justamente os primeiros de minha vida médica, quando nos encontravamos quase todos os dias nos corredores da veneranda

Santa Casa de Misericórdia: indicado por Pericles Moraes, aceitou Alfredo da Matta a incumbência de me dar as boas vindas nesta Casa, o que só não ocorreu pelo atrazo com que me empossei, quando já se tinha transferido definitivamente para o Rio de Janeiro, onde ainda tive o prazer de receber a sua visita amável e carinhosa.

Para ocupar na Academia a poltrona que ostenta o seu nome, surgiu um candidato à altura do patrono. Mario Moraes é médico como Da Matta, e como êle se dedicou à pesquisa e à leprologia. Além disso é um homem de cultura e capacidade, familiar dos grandes escritores de nossa época, e conhecedor das idéias que se agitam no nosso tempo. Ninguem portanto mais indicado para inaugurar a nova cadeira, criada para honrar uma figura que é um legenda de glórias para o Brasil.

Apraz-me pessoalmente a presença de Mario Moraes na Academia, já que ambos temos vivido, nos últimos treze anos muito próximos, quer no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazonia, onde unidos carregamos algumas pedras, quer na Faculdade de Medicina da Universidade do Amazonas, criada e vitoriosa em grande parte pelo seu esfôrço e pela sua dedicação, onde os dois pertencemos atualmente ao mesmo Departamento de Patologia.

Conheço-lhe como poucos os méritos, admirando o seu valor. Temos discordado muitas vezes, o que é realmente estimulante para o bom entendimento entre os homens.

A Academia designou para saudar Mario Moraes o consócio Moacyr Rosas, cuja cultura e sensibilidade serão hoje mais uma vez comprovadas e admiradas.

Cultuando os grandes nomes do nosso passado, mantendo vivas as nossas melhores tradições, incorporando os novos valôres que surgem no Amazonas contemporâneo, vai a Academia Amazonense atravessando a sua fase cinquentenária, quando todos os seus membros sentem a inquietação que o fim do século está trazendo aos homens de pensamento, ansiosos de conhecer o destino que espera a humanidade.

Nossos votos, nesta altura, são pelo aprimoramento da inteligência das massas, que são capazes de grandes avanços no campo da criação artística e do progresso tecnológico, que deverão se refletir no bem-estar social. E seremos felizes se o exemplo de Alfredo da Matta vier a se projetar sobre o futuro.

ELOGIO DE ALFREDO DA MATTA

Mário MORAES

Há um século atrás nascia Alfredo da Matta. Poucos os médicos, hoje, que sabem seu nome e o que êle fêz por esta terra. E, no entanto, foi Alfredo da Matta, sem dúvida, a maior figura médica de tôda a Amazônia, em todos os tempos. A glória veio-lhe desta Academia, que o fêz patrono de uma de suas cadeiras. Possa eu, como primeiro ocupante da mesma, traduzir nesta noite todo o brilho de sua obra e a bondade de tôda sua vida.

Senhor Presidente; Senhor Governador (Representante) do Estado do Amazonas; Senhor Governador da Cidade de Manaus; Senhor Secretário Geral da Academia; Autoridades; Meus mais queridos amigos Genesino Braga e Djalma Batista, que, por singular coincidência, estais ambos à mesa desta sessão; Minhas senhoras e meus senhores.

Há treze anos, precisamente, chegava eu a Manaus. Nestes treze anos, como de resto em meus quase vinte anos de Medicina, tenho procurado ser apenas isto: médico. Não sou escritor. Uso a linguagem simples, precisa e, por isso mesmo, sem brilho, dos que escrevem sôbre ciência. Tive a sorte, nestes treze anos, de, ao lado de outros pesquisadores, alguns já desaparecidos, como Nélson Cerqueira, fazer, no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, observações sôbre algumas doenças da região e assim contribuir para o conhecimento de sua nosologia. Modesto trabalho, reconheço com humildade, em face do muito que deve ser feito, como base para a implantação de uma verdadeira civilização entre nós. Se, como é sabido, o trabalho médico é um serviço de cúpula, que pressupõe a existência de uma infra-estrutura local, a pesquisa, no entanto, é fundamental, imprescindível

para os trabalhos de saneamento, única maneira de promover-se a habitabilidade dos trópicos. Não foi por outro motivo que Alfredo da Matta, logo nos primeiros anos de sua vida em Manaus, clamava pela organização, nos hospitais e no Serviço de Higiene, de laboratórios de pesquisas, que permitissem a confirmação das suspeitas clínicas de entidades até então desconhecidas na região. "Que horizontes novos não teriam já revelado as análises de Microbiologia, se fôssem sistematizadas entre nós? Assim, as hemoculturas e os sorodiagnósticos dessas pirexias, ainda rotuladas com o nome de febres palustres, não teriam, porventura, projetado outra orientação em medicina prática? As semeaduras, cultivos e identificação de germes não teriam mais fàcilmente norteado a diagnose, dilatando as fronteiras da patologia e da parasitologia regionais?" assim se expressava êle, defendendo a criação do Instituto Pasteur de Manaus, mas não simplesmente um Instituto para preparação de vacinas contra a raiva, e sim um instituto com amplas finalidades, possuidor de múltiplos laboratórios, todos trabalhando em investigação e pesquisa.

A sobrevivência das sociedades nos trópicos está condicionada a dois fatôres: um é o processo lento e dizimante da adaptação; o outro, o uso da técnica para eliminação da adversidade do meio. Dos dois, só o segundo é compatível com um desenvolvimento rápido. As epidemias mortais e as doenças crônicas debilitantes, características dos trópicos, são causas de desencantamento e êxodo dos colonizadores.

Djalma Batista, defendendo a habitabilidade dos trópicos em geral e da Amazônia em particular, mostrou que uma série de doenças de massa, umas endêmicas, como a malária, outras epidêmicas, como a varíola e a febre amarela, outras crônicas, de longo ciclo, como a lepra e a tuberculose, e ainda outras carenciais, como as anemias e o beribéri, têm constituído um sério entrave à adaptação do homem ao meio amazônico.

Hoje, como na época de Alfredo da Matta, devemos dizer que só a pesquisa poderá remover êsses obstáculos e dar à Amazônia um futuro grandioso. O saneamento nada mais é do que a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos pela pesquisa, na prevenção das doenças. Por outro lado, sendo dispendiosas as medidas sanitárias, importa saber onde investir com segurança, para não ocorrer o que aconteceu com o isolamento na lepra, a propaganda e tratamento contra as verminoses, o tratamento das anemias carenciais etc., em que, pela ignorância da influência dos fatôres sociais e econômicos na disseminação das doenças, verbas enormes foram aplicadas em medidas diretas, quando melhor teria sido a aplicação das mesmas, indiretamente, em obras de infra-estrutura, para levantamento do nível social e educacional das populações.

Com a retirada de Alfredo da Matta, em 1943, do Amazonas, extinguiu-se pràticamente a pesquisa médica em tôda a região. O gru-

po do Instituto "Evandro Chagas", em Belém, ainda estava em formação. Disse, no entanto, pràticamente, porque uma outra figura, que lhe sobreviveu cientificamente, embora não lhe tenha sobrevivido fisicamente, continuou por mais alguns anos a trabalhar no outro polo da Amazônia, no mesmo campo. Refiro-me a Jayme Aben-Athar, nascido em Gurupá, interno de Manguinhos, discípulo de Oswaldo Cruz e mestre de muitas gerações na Faculdade de Medicina do Pará. Sôbre êle, disse seu próprio filho: "A história do Saneamento Rural do Pará encontrou-o sempre na primeira linha de combate, orientando e cooperando em todos os setôres, graças ao seu acendrado senso científico-patriótico, herdeiro que era de uma época sem medalhões, onde apenas pontificavam aquêles que se caracterizavam pela aristocracia do espírito". Foi Diretor do Instituto de Higiene do Pará, Inspetor Sanitário Rural e Chefe do Departamento de Profilaxia Rural daquele Estado. Convidado pelo Dr. Samuel Uchoa, Chefe da Profilaxia Rural do Amazonas, estêve em Manaus, em 1922, para aqui instalar o Instituto Pasteur. Homem de laboratório, tinha o microscópio por companheiro fiel. Professor sem oratória, suas aulas eram, no entanto, o espêlho da magnífica cultura que possuia. Deixou a filosofia de sua vida expressa no fecho do discurso com que paraninfou uma das turmas da Faculdade de Medicina do Pará: "O homem tem que realizar os seus destinos mesmo através de mil tropeços, porque mais inspiradora do que a curiosidade é a dor — a dor que abate mas eleva também, a dor que aperfeiçoa, a dor que triunfa. Viver a vida espiritual, aspirar ao infinito por todos os meios, realizar o belo, atingir a perfeição, tal é o objetivo da ciência e êsse deverá ser o objetivo de todos nós".

Tive a honra de trabalhar com Aben-Athar durante 3 anos, os três últimos anos de sua vida. Fui o último de seus discípulos, o último dos membros da escola por êle formada — pugilo de anátomo-patologistas hoje dispersos por todo o Brasil.

É possível que esteja me alongando. Não poderia, no entanto, nesta hora, esquecer Aben-Athar, figura quase tão grande quanto a de Alfredo da Matta, e como êle também ligado ao saneamento da região.

Falar sôbre a vida e a obra de Alfredo da Matta é para mim mais um prazer do que simples obrigação estabelecida pela praxe. Com Djalma Batista — e a amizade que nos une teve como base o trabalho comum para a reimplantação da pesquisa médica entre nós — tomei conhecimento dos trabalhos de Alfredo da Matta e aprendi a admirá-lo. Longo tempo, aliás, foi-me preciso dispender para ler sua obra. Alfredo da Matta, espírito inquieto e polimorfo, deixou mais de 230 trabalhos escritos, quase todos versando sobre matéria médica. A administração e a política passaram muitas vêzes por sua vida, tentaram arrastá-lo, mas sempre fiel ao juramento máximo, continuou como clínico e pesquisador, até que a saúde o abandonou, obrigando-o a sair

do Estado. Permaneceu médico por 50 anos, e tôda sua vida profissional foi dedicada ao Amazonas.

Aqui chegou, recém-formado, em 1894. Que motivos o teriam levado a fixar-se em Manaus, após ter viajado e conhecido tôda a costa norte do Brasil, recusando mesmo uma nomeação para Belém do Pará? Manaus e Belém eram, na época, as duas grandes metrópoles do norte do país. O amor deve ter sido a causa principal de sua decisão, pois, um ano decorrido, já estava casado com a filha de um colega da terra.

Clínico excelente, adquiriu logo fama em Manaus. Como sanitarista é longa sua fôlha de serviços. Ocupou numerosos cargos na administração do Estado, em todos impondo-se pela sua cultura, competência, honorabilidade e grande modéstia. Foi inicialmente médico do Serviço de Higiene da Municipalidade e Inspetor do Serviço de Higiene do Estado. Em 1897 passou a fazer parte do corpo clínico dos Hospitais da Sta. Casa de Misericórdia e da Beneficente Portuguesa. Os trabalhos prestados aos enfermos eram gratuitos. A bondade foi sempre uma característica marcante de sua personalidade.

Pelo seu desvêlo no Serviço de Higiene do Estado foi nomeado Diretor Geral do mesmo em 1899. Quatro anos antes, já era o chefe do Laboratório de Análises do Estado. Jovem ainda, já se encaminhava para a pesquisa. O laboratório era-lhe imprescindível. Como Diretor do Serviço de Higiene teve, então, oportunidade de aplicar seus conhecimentos de sanitarista. E como eram êles necessários! Para ter-se uma idéia da situação de Manaus, no princípio do século, basta citar-se que em 1903, segundo dados do próprio Alfredo da Matta, para 1772 pessoas falecidas naquele ano, 766 tinham sido vitimadas pelo impaludismo. A febre amarela, no mesmo ano, foi responsável por 85 óbitos e o beribéri, por 103. Em 1917, graças aos trabalhos desenvolvidos, o número de óbitos baixou para 1178, e desses o impaludismo matou 227, número já bem menor e devido principalmente aos muitos casos vindos do interior, onde ainda a moléstia continuava a grassar com intensidade.

No magistério ocupou Alfredo da Matta diversas cátedras, sendo mesmo um dos fundadores da Escola Universitária Livre de Manaus, por ter assinado o livro de atas da sessão de 1º de fevereiro de 1909, data de sua fundação. Foi professor da Faculdade de Farmácia desde o início da Universidade de Manaus, como foi denominada posteriormente a Escola Livre Universitária, e da Escola de Agronomia, desta a partir de 1906.

Médico idealista, procurou congregar a classe médica do Estado em uma sociedade, onde cada um pudesse expor livremente seus trabalhos, suas idéias e os conhecimentos adquiridos. Foi um passo importante, considerando-se o isolamento da cidade na época. Nasceu, assim, a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Amazonas, que veio

substituir a antiga Sociedade de Medicina e Farmácia do Amazonas, também por êle ajudada a criar. Dois anos depois, foi eleito presidente da mesma, mantendo-se no cargo, por reeleições sucessivas, até 1924. Presidente da comissão de redação, fêz editar todos os números do Amazonas Médico, a revista da Sociedade, da qual foi um dos maiores colaboradores e, algumas vêzes, colaborador único. Com seu afastamento de Manaus desapareceu também o Amazonas Médico. O último número, publicado em 1944, foi o canto do cisne de Alfredo da Matta. Nunca mais voltou a escrever, embora tivesse falecido sòmente em 1954. O seu ambiente era a Amazônia.

Como político foi um dos fundadores do Partido Republicano Amazonense. Eleito senador do Estado em 1912, não chegou a tomar posse. Em 1916, tornou-se deputado à Assembléia Legislativa, tendo sido reeleito duas vêzes. Presidente da Assembléia em 1917, foi sucessivamente reeleito nos anos seguintes, vindo a afastar-se em 1921, para deixar livre o Governador na escolha de um substituto, em face de sua viagem ao estrangeiro.

Já antes, para manter-se fiel à candidatura de Arthur Bernardes à Presidência da República, renunciara à direção do Partido Republicano, cujo Diretório resolvera não prestigiar a candidatura daquele político, contrariando assim o compromisso já assumido por Alfredo da Matta. Apesar da confiança em si depositada pelo povo, o que lhe valeu a reeleição no ano seguinte, preferiu deixar a política, desencantado com os companheiros. Renunciou ao nôvo mandato e voltou a trabalhar como médico no Laboratório do Serviço Sanitário. Nomeado, logo depois, Inspetor Sanitário Rural do Serviço de Profilaxia Rural do Amazonas, passou a trabalhar no Dispensário "Oswaldo Cruz", localizado no prédio onde é hoje a Penitenciária do Estado. Sòmente doze anos depois voltaria à política, como Deputado à Assembléia Nacional Constituinte. Deputado ao Congresso Federal em 1936, foi logo depois eleito Senador da República. O Estado Nôvo encerrou definitivamente suas atividades políticas, aos 67 anos de idade.

Voltou Alfredo da Matta ao seu gabinete de estudos, recolhendo observações e preparando monografias para um Manual de Doenças Tropicais, do qual deu notícias em 1941, mas que, infelizmente, nunca chegou a publicar. A doença que o acometeu, impediu-o de terminar o livro que seria o fecho de ouro de sua obra.

ALFREDO DA MATTA, o Leprólogo — Médico, êle foi acima de tudo o leprólogo. Apaixonado pelo estudo da moléstia de Hansen, deixou-nos em vários trabalhos uma idéia perfeita da extensão da endemia em Manaus, no princípio do século. Até 1905, é êle quem o diz, nenhuma providência tinha sido tomada em relação aos leprosos de Manaus. Alguns eram recolhidos a um aposento do antigo prédio da Santa Casa de Misericórdia e os restantes perambulavam pelas ruas, vivendo de esmolas. O perigo de propagação da doença levou-o,

de acôrdo com os conhecimentos da época, quando Diretor de Higiene do Estado, a lutar pela segregação dos doentes, porém em lugar adequado. A luta por um leprosário foi, posso dizer, a luta de tôda sua vida.

O primeiro lugar conseguido foi o asilo-colônia do Umirisal, antigo isolamento de variolosos, para onde foram removidos, em 1908, os poucos doentes internados na Santa Casa. A varíola que em 1897 devastara Manaus, matando 232 pessoas, deixara de ser um fantasma aterrador, graças ao trabalho de vacinação empreendido por Alfredo da Matta e seus companheiros, e o Umirisal ficara assim sem função. Para lá foram mandados os doentes de lepra. Treze anos depois já haviam passado pelo Umirisal 75 doentes. Dois médicos se revesavam no atendimento aos mesmos: Alfredo da Matta e Miranda Leão. Apesar da boa vontade dos dois, o asilo não passava de um aglomerado de choupanas e a manutenção dos doentes, face à situação econômica então reinante tornava-se uma tarefa difícil. É terrível pensar-se que no Umirisal internou-se e morreu o famoso Ermano Stradelli, patrono de uma das cadeiras desta Academia.

Sonhando sempre com a construção de um leprosário modêlo, conseguiu Alfredo da Matta, quando presidente da Assembléia Legislativa, a aprovação de um projeto de Adriano Jorge para a construção de um nôvo leprosário. Apesar de transformado em lei, não teve o Estado recursos para cumpri-la. A idéia ainda persistia quando, em 1921, passaram todos os serviços de saúde para o Saneamento Rural, órgão do Govêrno Federal. Nomeado Inspetor Sanitário Rural para a Lepra, continuou Alfredo da Matta batalhando por um leprosário. O número de doentes aumentara consideràvelmente, sendo que entre 1922 e 1928, cêrca de 350 doentes foram internados no Umirisal. Nesta nova fase coube-lhe a chefia do asilo-colônia, sem qualquer remuneração por esta função extraordinária. Em condições difíceis, tendo que utilizar uma embarcação para atingir à colônia, situada para os lados do Bombeamento, ainda assim, num gesto de desprendimento e de solidariedade humana, além de tratar dos doentes, procurou organizar os serviços e manter a disciplina entre os internados, os quais, em 1928, já eram em número de 171.

Na falta de recursos para um nôvo leprosário a solução foi aumentar o Umirisal. Embora reconhecendo a impropriedade do asilo, não deixara Alfredo da Matta de salientar o serviço incalculável e ignorado prestado pelo mesmo à população amazonense. Incalculável e precioso foi na verdade o seu trabalho. Hoje, quando o isolamento não é mais considerado como arma para o contrôle da endemia, ficanos a satisfação de saber que, embora não tenha contribuído para deter a propagação da doença, tiveram os doentes que perambulavam pelas ruas, uma assistência carinhosa, a êles dada pelas mãos benfazejas de Alfredo da Matta.

O conhecimento de que a lepra não é hereditária, levou-o a fundar uma creche, na Av. Urucará, para receber os filhos dos doentes nascidos no Umirisal. Muitas crianças ficaram assim livres do mal, que fatalmente teriam adquirido se fôssem criadas na colônia.

No govêrno do Dr. Alfredo Sá foi entregue à Profilaxia Rural o prédio de Paricatuba, antigo Instituto "Afonso Pena", para que nêle se instalasse o leprosário-modêlo do Estado. Parecia que finalmente o sonho se concretizaria. Os planos foram traçados e o serviço de reconstrução e ampliação da antiga hospedaria dos imigrantes teve início. A obra, no entanto, parou por dois motivos: a varíola voltara a atacar e os recursos do Estado se voltaram contra ela; o êxodo dos trabalhadores, por outro lado, obrigava o Govêrno a utilizar o Paricatuba novamente como abrigo para os emigrantes. Em troca, foi doado à Profilaxia Rural o terreno do Paredão, para nêle ser construído o leprosário, com a denominação de Vila "Belisário Pena", isto em 1927. A planta da construção, capaz de abrigar 400 doentes, foi mais uma vez da autoria de Alfredo da Matta.

Fiel à tese de que a sociedade que isola um doente por tôda a vida deve zelar pelo seu confôrto e bem estar material, planejou para o Paredão uma colônia onde os doentes tivessem um isolamento o mais suave e amigável possível.

Infelizmente, o leprosário do Paredão nunca chegou a funcionar, e, em seu lugar, foi instalada uma escola agrícola do Ministério da Agricultura. Teve Alfredo da Matta que contentar-se com o Paricatuba, para onde foram os doentes mandados, finalmente, em 1931.

Quando o Aleixo, leprosário construído pelo Govêrno Federal, foi inaugurado em 1943, retirava-se Alfredo da Matta do Estado do Amazonas, com a saúde já abalada. Sua luta porém não fôra em vão; tinha durado cêrca de 40 anos, mas o nôvo leprosário estava pronto. Aos discípulos mais novos competia agora levar avante a obra por êle iniciada.

Lado a lado com o clínico humanitário, seguia sempre o cientista, que êle nunca deixou de ser. Em seu trabalho "Os sintomas iniciais das leproses", publicado em 1929, já discordava Alfredo da Matta da classificação de Muir, baseada em fases das lesões e tipos clínicos, a qual, no entanto, perdurou até 1948, data do Congresso de Havana, quando então foi substituída oficialmente pela chamada classificação sul-americana, uma das glórias da medicina brasileira. As 3 fases de Muir — quiescente, inflamatória e regressiva — podiam, segundo Alfredo da Matta, ser identificadas em um mesmo doente e eram por isso inadaptáveis a uma classificação. Quanto à divisão da lepra em cutânea e nervosa, achava ser muito vago o significado da mesma, pois o sistema nervoso quase sempre estava afetado em todos os doentes. Ao invés da classificação de Muir, adotou uma própria, partindo do princípio de que o ataque do bacilo se fazia sempre de forma centrípeta.

Dos filetes nervosos do tegumento passariam para os troncos nervosos maiores e, em seguida, para o tecido conjuntivo, ocasião em que surgiriam as células leprosas, mais ou menos abundantes. Essas fases do ataque ao organismo pelo bacilo de Hansen, êle as aproveitou para a sua classificação — leprose frusta ou ganglionar, leprose anestésica, leprose tuberosa e leprose mista. Embora defeituosa, por falta de elementos histopatológicos, tinha a classificação o mérito de reconhecer que o processo mórbido na lepra é um processo lento mas não estático, isto é, imutável, e que as formas clínicas podem variar durante a evolução do mesmo, de acôrdo com a resistência do organismo.

Não devo alongar-me em assunto tão especializado. Isso basta para demonstrar o valor de suas observações como leprólogo. ALFREDO DA MATTA, o sanitarista — Fim do século em Manaus. População da cidade — 50 mil habitantes aproximadamente. Condições sanitárias — péssimas. Vida brilhante mas com a morte sempre rondando. A varíola, importada do nordeste, principalmente do Ceará, passou por Belém, Santarém, e, finalmente, atingiu Manaus em 1897. Dos 585 casos houve 232 fatais. Os que não morreram ficaram marcados para o resto da vida. Foi esta a primeira grande tarefa de Alfredo da Matta como sanitarista. Banir a varíola de Manaus. O isolamento e a vacinação foram as armas de que se valeu. De 1897 a 1906 quase 2/3 da população foram vacinados. E a varíola desapareceu. Ficaram, no entanto, outros problemas, menos agudos porém mais graves: a malária e a febre amarela. Relembrando sua chegada a Manaus em 1894, diz Alfredo da Matta em uma de suas memórias, que até no pôrto de desembarque existiam condições para a criação dos transmissores das duas moléstias. Por outro lado, os trabalhos de atêrro e desatêrro, exigidos pela cidade em crescimento, mas realizados sem os devidos cuidados, serviram para aumentar os criadouros em tôda a cidade. O igarapé da Avenida 13 de Maio, hoje Avenida Getúlio Vargas, em virtude de atêrro mal feito, que começou pela margem do Rio Negro, teve suas águas represadas e transformou-se em um vasto criadouro. Mosquitos transmissores da malária podiam ser capturados até no Teatro Amazonas, onde se reunia a alta sociedade de Manaus, para assistir às representações de companhias estrangeiras. Entre 1897 e 1906 morreram em Manaus nada menos que 7.816 pessoas por malária. Quase mil por ano.

Compreendendo que a prosperidade da região dependeria principalmente da profilaxia específica do impaludismo e da febre amarela, propôs Alfredo da Matta, quando Diretor do Serviço Sanitário do Estado, a partir de 1899, uma série de medidas para eliminação dos viveiros de transmissores das duas doenças. A tarefa era gigantesca, muito acima das possibilidades imediatas do Govêrno. Os vários igarapés que cortavam a cidade, lançando braços em tôdas as direções,

formavam um labirinto de charcos e lagoas, principalmente na época das chuvas, coleções essas onde se criavam os mosquitos responsáveis pela transmissão. Sua campanha no sentido de aterrar as partes represadas e retificar o leito livre dos igarapés serviu, pelo menos, para despertar nos setôres da administração a necessidade do serviço para o bem da população.

Importante foi ainda o trabalho para impedir que a peste bubônica fôsse também importada para Manaus. Como a varíola, a peste, vinda do Nordeste, estabelecera-se em Belém do Pará. Graças às medidas postas em execução por Alfredo da Matta em Parintins e em Itacoatiara, obrigando todos os navios a uma parada para desinfeção, nunca a peste conseguiu penetrar no Amazonas. Sôbre esta vitória, assim se manifestou Araújo Lima: "Profícua e enérgica foi sua ação na defesa do Estado contra a peste bubônica que, em 1904, alcançando o Pará, aí se assestou por algum tempo e ameaçou sèriamente o Amazonas. Mas Alfredo da Matta montou um aparelho tão perfeito de defesa, com os preceitos adequados da profilaxia específica, que o tremendo mal levantino foi obrigado a sobrestar em Belém. Quando o sentimento de gratidão popular florescer em exuberância, capaz de vencer todos os egoismos e despeitos humanos, Alfredo da Matta, o quase ignorado defensor da população amazonense, terá uma estátua naquela risonha cidade de Manaus".

Em 1918 irrompe em Manaus a epidemia da célebre gripe espanhola. Sem nada poder fazer contra a mais horrorosa das epidemias, pela violência de sua irrupção, como êle a descreveu, deixou-nos Alfredo da Matta, no entanto, um relato preciso do que ocorreu na cidade. Trazida para Manaus pelo vapor Bahia, do Lóide Brasileiro, não demorou a tomar conta da cidade. Enquanto as autoridades sanitárias, alertadas pelo que ocorrera em outros países, tomavam providências para isolar os primeiros casos, é Alfredo da Matta quem o diz", foi célebre, insólita e surpreendente a irrupção da gripe, tomando em poucas horas tôda a cidade". "Quase todos os habitantes de Manaus foram atacados, sem distinção de classe, desde as primeiras autoridades do Estado até os de menor condição social. Os serviços oficiais e privados ficaram abruptamente desorganizados, e apesar das providências e da abnegação dos médicos — quase todos contrairam a doença e a medida que iam melhorando voltavam às suas atividades — ainda assim, a mortalidade foi altíssima. Não registra a história médica amazonense uma fase que porventura se assemelhe aos dias tão impressionantes e lutuosos de novembro de 1918, principalmente de 7 a 29, quando os enterramentos exigiam árduos e extenuantes sacrifícios do pessoal do cemitério, que por fim baqueou também atacado pela gripe". Cêrca de 40 pessoas morriam diàriamente, o que exigiu a abertura de grandes valas para acudir às inumações.

Deixou ainda Alfredo da Matta, como sanitarista, estudos e sugestões para os sistemas de abastecimento de água, de esgotos e de remoção do lixo da cidade de Manaus. De nada se descuidou nos anos em que serviu ao Departamento de Higiene do Estado.

ALFREDO DA MATTA, o tropicalista — Difícil resumir a obra extremamente vasta de Alfredo da Matta neste campo. Sua experiência baseava-se na observação de centenas e centenas d casos das mais diversas entidades. Comecemos pela bouba. Quase um milhar de casos foram por êle observados. Durante a guerra, pela dificuldade em obter arsenicais — o 606 e o 914 — fabricados na Europa e usados no tratamento dessa treponematose, empregou o tártaro emético, com êxito igual, de acôrdo com a informação apresentada no Boletim da Sociedade de Patologia Tropical de Paris.

O Gundu, curioso aumento de volume das apófises ascendentes dos maxilares superiores, muito encontradiço em tribos africanas, e relacionado pelos estudiosos da época com a bouba, foi estudado por Alfredo da Matta, que lhe deu o nome de osteíte nasal hipertrófica simétrica, por não considerá-lo manifestação da bouba. Afastando outras entidades, como a sífilis e o rinoscleroma, preferiu considerá-lo como osteíte inespecífica causada por uma reação perióstica em casos de rinite e sinusite de longa duração. Hoje sabe-se que êle estava certo em sua conclusão.

O purupuru, outra treponematose, foi também objeto de estudos no Dispensário "Oswaldo Cruz", por parte de Alfredo da Matta, que deixou observações interessantíssimas sôbre o tratamento da mesma pelo 914.

Após analisar com minúcias casos do chamado "mossy foot" ou pé musgoso, entidade descrita por Wolferstan Thomas, em Manaus, considerou-o, corretamente, como uma paquidermia, secundária a ataques sucessivos de erisipela, e algumas vêzes associada à leishmaniose tegumentar, quando a esta se superimpunha a infecção estreptocócica.

Sôbre o paludismo, doença que, segundo dizia, era um dos flagelos da cidade, deixou numerosos trabalhos — relatórios, monografias, descrições originais e obras de divulgação — os quais mostram o interêsse que sempre dedicou a essa doença.

Suas obras mais importantes em Medicina Tropical foram, no entanto, sôbre as verminoses e a leishmaniose tegumentar. A monografia "Diagnose dos nematódios do tubo digestivo — Subsídios para o estudo dos tricocéfalos e da tricocefalose" concorreu, em 1915, ao prêmio Alvarenga, da Academia Nacional de Medicina. Foram dois os trabalhos inscritos. O outro versava sôbre a doença de Banti. Na co-

missão julgadora 3 grandes mestres: Oswaldo Cruz, Antônio Austregésilo e Pinto Portella. Os dois últimos foram de acôrdo que se dividisse o prêmio entre os dois concorrentes. Oswaldo Cruz voltou separadamente, concedendo o prêmio ao trabalho de Alfredo da Matta. Infelizmente, postos em discussão os dois pareceres da comissão, alegou a assembléia a vontade do instituidor do prêmio, para o "melhor trabalho". Anulada a decisão de Antônio Austregésilo e Pinto Portella, foram os pareceres retirados. Na sessão seguinte da Academia, os Professores Antônio Austregésilo e Pinto Portella foram favoráveis a concessão do prêmio ao outro candidato. Oswaldo Cruz manteve o seu parecer, concedendo o prêmio a Alfredo da Matta. Na ocasião, fêz questão de frisar a originalidade do trabalho. Dois pontos destacou na monografia apresentada: a confirmação do fato de se fixar o tricocéfalo à mucosa intestinal, demonstrado por Alfredo da Matta com fotografias, "as mais convincentes que existiam na literatura", e o segundo, o mais importante talvez, a demonstração cabal da hematofagia do parasito, que o transformava de verme inofensivo e banal, como até então considerado, em agente dos mais lesivos e espoliadores do organismo humano. Embora tenha perdido o prêmio, o voto de Oswaldo Cruz foi-lhe uma consagração.

Vários foram os trabalhos a respeito da leishmaniose tegumentar que Alfredo da Matta fêz publicar em Manaus, no Rio de Janeiro e em Paris. Preocupou-se especialmente com a classificação das formas clínicas e em 1915/16 apresentou uma classificação própria, resultante de seus estudos. Como, posteriormente, tivesse conhecimento de que Silva Neves, em 1913, já publicara classificação idêntica, teve a honestidade científica de reconhecê-lo pùblicamente, em artigo editado em Manaus, no qual atribuía a Silva Neves a primazia da apresentação.

Durante sua estada em Manaus, em 1912/13, tivera Carlos Chagas a oportunidade de demonstrar que a leishmaniose cutânea podia revestir formas bizarras, com ulcerações extensas e profundas, às vêzes fagedênicas, o que não fôra ainda assinalado pelos tropicalistas. Nos casos antigos, em que as leishmânias não foram por êle encontradas, o tártaro emético comprovou, pela cura do processo, sua natureza leishmaniótica. Hoje nós sabemos que os parasitos tendem a desaparecer das lesões, à medida que estas envelhecem, não havendo, até agora, uma explicação precisa para o fenômeno. Confirmou Alfredo da Matta as observações de Carlos Chagas, e assinalou a diferença que existe entre a nossa úlcera, que evolue por 10, 12, 15 ou mais anos e a úlcera do Botão do Oriente, que é também chamado de "Botão de Um ano", por curar quase sempre dentro de um ano. Ao lado das formas graves existiam porém, conforme descreveu, casos que se assemelhavam ao Botão do Oriente, com suas 3 etapas características — botão, ulceração e cicatrização. A propagação do parasito por via linfática,

com linfangite e adenite a partir das lesões, foi também uma de suas observações.

No terreno da Entomologia, além de assinalar a existência entre nós de Rhodnius prolixus e Rhodnius pictipes, descreveu uma nova espécie de Hemiptero, ainda do gênero Rhodnius, Rhdnius Brethesi, em homenagem ao Prof. Jean Brethes, da Argentina, que anteriormente descrevera um coleóptero, mandado por Alfredo da Matta, sob o nome de Platypus Mattai, em homenagem ao sábio do Amazonas. A parasitose das seringueiras causada pelo Platypus Mattai foi descrita pela primeira vez por Alfredo da Matta. Outros trabalhos, versando sôbre doenças de plantas úteis e causadas por larvas de insetos, foram por êle apresentados, na qualidade de professor de Entomologia da Escola de Agronomia. Infatigável, percorria inúmeros campos, mesmo os não relacionados com a Medicina Humana.

Não poderia terminar sem menção à sua obra "Flora Médica Brasiliensis — Plantas medicinais da Amazônia e especialmente do Estado do Amazonas", considerada por muitos como sua obra máxima. Fruto de muitos anos de estudos sôbre a nossa flora, valeu-lhe ela a medalha de ouro da Academia Internacional de Geografia Botânica de Le Mans, França, e a medalha de ouro da Academia Italiana de Ciências Físico-Químicas. Além dessas distinções, recebeu pelos trabalhos prestados à medicina brasileira a medalha de prata da Academia Nacional de Medicina.

Foi membro correspondente e honorário de numerosas Sociedades Médicas e Científicas, no Brasil e no estrangeiro, inclusive da famosa Sociedade de Patologia Tropical de Paris.

Êste é um momento raro que, infelizmente, já vai chegando ao fim. Senhor Presidente; Senhores Membros da Academia de Letras do Amazonas: eu vos agradeço pela ventura de ter vindo aqui, nesta noite, para falar sôbre Alfredo da Matta. Como operário da ciência, como médico e, acima de tudo, como amazonense por amor a esta terra, como êle o foi, muito obrigado.

SAUDAÇÃO A MÁRIO MORAES

Moacyr ROSAS

Os portais da Academia Amazonense de Letras descerram-se para recebê-lo, processando-se tôda a ritualística para não ficar em dívida com a vossa inteligência, para não ficar em dívida com a vossa cultura.

Sois recebido aqui como um homem que conhece os meandros secretos da língua, cantada pela heráldica musa de Bilac, como a última flor do Lácio.

Sois recebido aqui, também como um homem de ciência.

Sois recebido aqui, ainda, como um sacerdote da dor. Não daqueles que celebram a dor em hinos efêmeros ou imortais, mas um sacerdote da legião branca, que consagra tôda a existência no propósito de minorar ou extinguir a dor humana.

Houve duas épocas na humanidade em que não se distinguia o médico do sacerdote. Um só encarnava ambas entidades. No mesmo dilema está ainda a questão de saber quem primeiro surgiu; se a prosa ou o verso. E aquêle que se aventurar a ditar premissas na doce ilusão de revelar a incógnita, arrisca-se ao perigo de ser apodado de nefelibata.

As heranças preciosas que nos legaram os helenos e os romanos, não nos permitem apoio sólido capaz de nos oferecer amplo panorama do que foram a ciência e as letras nas épocas remotas. Estava reservado ao século XIX o milagre cobiçado. Foi a casualidade que, no Egito, colocou nas mãos de Jean-François Champollion, o sábio arqueólogo napoleônico — a famosa pedra roseta. Hoje sabemos mais a respeito da antiguidade do que no período áureo do clacissimo grego e do que em a sombria noite medieval. A roseta nos desvendou os hie-

róglifos, os caracteres sagrados do grande povo das pirâmides, que ocultavam em suas expressões simbólicas e fonéticas a incomparável sabedoria, que Moisés testemunhou e legou parte à sua raça, que de quando em vez é atormentada.

É daqui, Prof. Mario Moraes, que emigram as especulações do homem para debelar a dor, que é o vosso grande serviço na terra, que é o grande serviço de vossa inteligência.

E somos tentados a repetir, nesta circunstância, uma página de "O Triunfo sôbre a dor", de René Fülop — Miller:

> "Uma placa de argila proveniente de Nipur traz uma oração gravada em caracteres cuneiformes: é a invocação de certa princesa da Babilônia a seu deus.
>
> Decifra-se o texto, e a nossos ouvidos ressoa um grito angustiante arrancado dessa linguagem extinta:
>
> "A dor apoderou-se de meu corpo; ó Deus, extirpai-a de mim!"
>
> É o primeiro grito de dor escrito pela humanidade".

A clareza com que são expostas as vossas observações, faz recordar **João Leda, primus inter pares** desta Casa, que conceituava ser a precisão do estilo a conseqüência do domínio completo do assunto. Por isso a ambigüidade não encontra campo em vossa prosa. E até revela o oposto. Alí, em **Blastomicose tipo Jorge Lôbo,** faz valer sua autoridade, para que se chame — doença de Lôbo, em homenagem ao revelador da enfermidade de esquisito quadro clínico. Em certo passo de outra tese ressurge o mesmo cauteloso espírito sugerindo a substituição do vocábulo **asteróides** pela palavra **radiadas,** para evitar eventual confusão, que poderia surgir em se recordar dos corpos denominados **asteróides,** que aparecem em certas células gigantes.

Ainda se nota, nas monografias de vossa autoria, o pulso do lidador incansável que sabe colocar os têrmos remotos dos escuros tempos da pesquisa na vibrante hora do dia.

É provável ser de conhecimento geral o quanto de tempo consome esta atitude e o quanto de esfôrço mental se emprega na conclusão de uma tese ou de uma comunicação científica.

A propósito, René Vallery — Rodot, debruçado nas singulares atitudes de Pasteur, salienta:

> — "a sua maneira de encarar a vida, apesar das tristezas, das lutas, das duras provações, tinha algo de soberanamente consolador. **Nenhum esfôrço se perde,** afirmava Pasteur, dando desta maneira a mais viril lição de filosofia aos espíritos subalternos que em qualquer trabalho só vêem o resultado imediato e que logo à primeira decepção se entregam ao desânimo".

Ainda anotando o vosso criterioso domínio, ali, quando escreveis sôbre a Blastomicose tipo Lôbo, assegurais que "o parasito não ultrapassa as camadas mais superficiais da hipoderme". E alargando o conceito advertis ser campo ingrato à cirurgia o pavilhão auricular. Na verdade a cirurgia realiza milagres. Vez por outra, todavia, se defronta com os percalsos da marcha sinuosa do **métier.** Sim, porque se a cirurgia escala altura nas sensíveis mãos de um Augusto Paulino, de um Brandão Filho, de um Pitangui, de um Zerbini, declina-se nos dedos esclerosados da maioria.

Mas quem na verdade prenuncia o êxito, a incerteza ou o fracasso cirúrgico, é a patologia. Está aí mesmo, desbastando perícia e cultura da seara médica, as formações malígnas, em que a terapêutica é impotente, porque a histopatologia ainda se perde na floresta ínvia de suas pesquisas.

Alexis Carrel contou coisas maravilhosas da terapêutica em que o homem não interferiu. É aqui que aceitamos a afirmação de Pitágoras ao afirmar que Deus é geômetra. Por isso mesmo compreendemos porque Deus regula a sabedoria do homem. As conquistas que vamos fazendo, são ansiadas há séculos e paulatinamente nos vão chegando.

Quem não se recorda da peste? Os seus fios vitais foram fisgados pelos homens de vossa casta, Dr. Mario Moraes.

Quem não se lembra da peste, servindo de instrumento demagógico nas bôcas dos políticos, servindo de anátema para consolidar dogmas? Cidades inteiras eram varridas de dores; cidades inteiras ficavam enterradas sob os cadáveres, naquela tristeza comovente, descrita por Manzoni nas páginas inconfundíveis de "A peste em Milão". Os que não caíam no agrado das Parcas, ficavam debatendo-se no círculo do pavor, sob a tortura de que era Deus cobrando e cobrando alto a dívida do pecado.

Neste instante não podemos olvidar aquêle triste rapaz, que aflito e roído de dores, carregando nos braços o corpo inânime do pai, cuja vida a peste negra usurpara. Quiz sepultá-lo no templo de sua crença religiosa, como era hábito naqueles tempos. A oposição das autoridades foi tão poderosa que o dissuadiu da última homenagem ao cadaver paterno. Então o pobre filho pôs o corpo em um bote e se atirou para o mar — no seio do mar tudo se purifica, dissera Nietzsche através da bôca de Zaratusta. A dor filial inundou de lágrimas os olhos e ao invés de cegá-los, melhor lhe aguçou a visão, naquela tétrica noite tempestuosa e escura. Além estava um rochedo recamado de musgo. E, em meio às pedras consegue com esfôrço tamanho, que só o desespêro pode explicar a possibilidade de abrir a sepultura. E depois de ocultar o corpo do pai no seio da terra, rendendo-lhe o último tributo, empunhou o violino e tocou até quando surgiram os primeiros raios do sol. Êle era simplesmente um filho massacrado pela dor. E o pai, o genial, fabuloso e divino Nicolo Paganini.

E ainda hoje, os pescadores daquelas cercanias, afirmam que na ilha coberta de flôres, nas noites sem estrêlas, ouvem-se notas dolorosas de violino misturadas com os furiosos assovios dos ventos chorando a triste dádiva da peste.

A guerra e a peste porfiam na capacidade destruidora.

Cidades inteiras (é oportuno recordar neste instante) que palpitavam cheias de vida, quando a peste se aproximava de seus filhos, de um momento para outro, vestiam-se de melancólico luto de viúva filhenta, ou como se fôra as cidades bíblicas amaldiçoadas pelos profetas.

Camus, em sua prosa clara e movimentada, bordando quadros surpreendentes, falando da peste conta o curioso episódio.

Encontrando o Tempo com a Peste, que passava voando, apressada, sôbre as escaldantes terras do deserto africano, indagou:

— Aonde vais com tanta pressa, Peste mentirosa?

Ela, ofendida, estancou e o inquiriu:

— Como assim?

— A última vez que te encontrei, disseste-me que ías matar 5.000 e, no entanto mataste 50.000 pessoas em Bagdá.

— 45.000 morreram de susto. — Respondeu e sem mais delonga continuou correndo em seu rítmo de pressa.

Estas crises de mêdo contagiante estão se rareando, por que a humanidade, dos dias correntes, está escudada na vossa legião branca.

Se bem que, há poucas semanas, a Itália inquietou-se com a gripe epidêmica, que a visitou de modo agressivo.

Hoje, paradoxalmente, quando se analisa a presença funesta da peste, reconhece-se que a humanidade lhe deve algo. Muitas vêzes com sua calamitosa atitude de desbastar densidade demográfica, salvou, da ruína, muitas civilizações. Neste instante o problema sério com que se defrontam os administradores conscientes é o agrupamento superpopulacional. A última guerra foi a maior carnificina que a face da terra já testemunhou e, no entanto, não deteve a desesperada proliferação humana. Após a guerra o índice populacional do mundo acusava o aumento alarmante de 10.000.00.

A quem se deve isso, Dr. Mario Moraes? Senão a estirpe luminosa da qual sois um ilustre elemento?

Deus mostra-se lentamente e de longo em longo. Antigamente pensava-se que éramos apenas uma planície acidentada de altos e baixos. Os altos eram as estepes e tôda a acidentada família montana. Aos baixos denominavam-se os escuros abismos, os leitos dos córregos murmurantes e os seios imensos dos mares. Éramos vaidosamente o centro do Universo e Nicolau Copérnico, impiedosamente, frio como

seus cálculos, esfrangalhou nosso orgulho. Êle bem merecia o ardor da fogueira. E na proporção em que a humanidade avança, vai ficando manietada em suas preciosas pretensões.

Quando o homem vai começando a se quietar com uma nova face da vida, Deus permite, através das mentes privilegiadas, mais uma fração de conhecimentos. Através de Freud o homem agita-se em perceber uma parcela de sua triste alma. Através de Pasteur surge um mundo, invisível a olho nú.

Andamos, portanto, muito.

Nesta altura, não seria inoportuno interrogar:

— Já teremos andado o suficiente para dispensar o afã de homens de vocação de sua privilegiada estirpe, Dr. Mario Moraes?

O que nos mostra a ciência com suas sucessivas vitórias não nos convence de negativa.

Já se fêz blague, nas letras, da frase de Jesus. Ergue-te Pedro. Há cem anos aí sentara um leproso.

Hoje a ciência quase inutilizou a sinceridade da advertência do sublime Rabino. E Êle que conhecia tôdas as leis sutis da natureza e, por isso mesmo fàcilmente curava os chaguentos. A dar crédito ao autor do majestoso Ben-Hur, que cita um caso em que uma lazarenta ao ser tocada pela mirífica sombra do Nazareno, que ali passava, ficara instantâneamente curada. — Por isso mesmo, Êle não devia alarmar tanto o pescador Pedro.

Levou quase dois mil anos a ciência para desenterrar da seara misteriosa a patologia e a terapêutica dos bacilos de Hansen...

Mas agora quem zomba da sabedoria da Ciência é a fulminante família carcinomatosa, que em tôdas as frentes, em que se lhe oferece combate, ilude-nos com sofisticada derrota. Ela está corporificada na trágica Medusa!

E o que é o câncer? Êle virá de algum vegetal, de algum mineral ou é um aeróbio encantado?

Tanto o sêr humano e tudo o mais que é palpável, é infalivelmente reduzido a moléculas, a átomos e a eletrons, governados pelas forças de coesão e adesão. E reforçando o conceito repetimos as palavras do sábio francês Charles Richet... "presos definitivamente à mesquinha massa de gaz, de pedra e de lama que é o nosso planêta".

Richet, nada obstante ser quem o foi, coriscou as asas da imaginação e escureceu o fundo da tela. Pensou de certo que nos barrava os passos vitoriosos na senda do progresso.

No mundo místico, parece, as coisas andam à vanguarda da ciência.

O mago obra milagres hoje, e, séculos depois, a ciência os explica. Não nos comprometemos na assertiva. São as crônicas do tempo que nos trazem êsses fatos.

Ali, na seara esotérica protegida pelo véu de Isis, qual é o conceito que se elabora em tôrno desta doença repontilhada de dor?

Não atravessaremos, nem cautelosamente, a floresta de macieiras de pomos de ouro; nos quedamos diante das maravilhosas muralhas do silêncio. Não poderemos, todavia, olvidar um assunto deveras conhecido mundialmente e já arquivado nos anais da história. Apenas referiremos ao fato usando as devidas precauções.

Enquanto estendido no leito estava o grande lider religioso, a imprensa mundial revelava-nos, diàriamente, o seu estado. Paulatinamente o seu mal progredia. Quando inesperadamente, famoso órgão da imprensa parisiense, em manchete escandalosa, estampa de indiscreto repórter a entrevista que conseguira do notável médico particular do santo homem que se extinguia. Causou tão drástico impacto no mundo espiritual do Ocidente, que tôdas as entidades, que se escoram na muralha da dignidade, em uma só voz, reprovaram a infeliz atitude do homem da Medicina. A Associação Médica cassou-lhe a carta profissional... Não poderia ter compensação mais azarada aquêle que, favorecido por luminosa inteligência, elevou a ciência médica de sua pátria às culminâncias maiores daquela hora do século. Os tentáculos infames da miséria acocharam-no em todos os sentidos. A última notícia, que lemos a seu respeito, dizia que andava a pé, como um plebeu, nos bairros pobres de sua cidade, aplicando injeção à semelhança do mais modesto prático de farmácia.

Por que tudo isso?

Quantos tiveram idéia de formular semelhante pergunta?

Ignoramos.

A lepra será extinta, pelo menos, nos países adultos, nos países desenvolvidos.

E o câncer? Será ainda por muito tempo arma da Providência para anular com dores os faltosos?

A ciência não comunga dêste conceito. Mas quando quiseram manietar o renomado clínico do chefe religioso, foi ùnicamente por que revelara o diagnóstico exato? Os que estão harmonizado com a seara espiritualista, sabem que aquilo, é um resgate violento de Deus.

Nós, intimamente, não acreditamos na violência de Deus.

Seja como fôr, o que tudo indica, porém, é que homens de sua estirpe, Prof. Mario Moraes, hão de flagrar o vírus, ou coisa semelhante, em tôda sua plenitude, quando chegar a hora.

A hora dos grandes feitos tem a sua côr e o seu som. Nos garimpos amazônicos é muito conhecido o judicioso anexim: cada diamante tem três dês. D do diamante, outro D do dia e mais outro D do dono.

E reunidos em tôrno do farol de querosene contam numerosas e singulares estórias de pedras que ficaram anos a fio debaixo dos pés dos hábeis faiscadores, sem jamais se revelarem. E aparece, muitas

vêzes, um bisonho garimpeiro, que nas primeiras agitações de batéia, observa refulgir uma gema de carbono de beleza inédita naquela região.

Assim também se ocultam os infinitamente pequenos causadores de moléstias, como bem o conheceis.

A penicilina surgiu quase que por acaso. John Fleming anciava encontrar um elemento capaz de barrar as formações purulentas. Um fungo estranho deu de aparecer em suas lâminas de pesquisas, acarretando o retardamento de seus estudos. Fleming deteve a marcha progressiva de suas observações, para satisfazer a curiosidade de explicar o que aquilo era, que lhe causava impecílios. Assim querendo se desembaraçar daquele elemento intruso, abraçou a glória de ser o descobridor da Penicilina.

Aqui se inclui com muita precisão o pensamento vigoroso de Charles Richet exarado nas páginas tulmutuárias de **Humanidade Impotente:**

"Há pressentimentos. Isso foi evidentemente constatado a despeito das objeções ridiculas opostas aos próprios fatos. Por consequência em certos casos (muito raros concordo, mas reais afinal) a inteligência humana previu acontecimentos que nenhuma sagacidade, nenhuma perspicácia, poderiam apontar-lhe. O futuro, pois, não pertence ao acaso, mas está de antemão fixado. É à semelhança da trama já tecida que se desenrola, um filme cinematográfico desenvolvendo imagens já incluídas na realidade do presente".

É admirável o vosso mundo, Dr. Mario Moraes.

Hermes Trismegisto escreveu, na pedra de esmeralda que serviu de laje ao seu sepulcro, a misteriosa frase: "Assim como é em cima é em baixo". Insomáveis tentativas de interpretações hão sido dadas à expressão no curso dêstes séculos passados. É justamente procurando em baixo que vem a razão de cima. Deus trabalha no Macrocosmo e o homem no Microcosmo. Ao homem que se empenha em valorizar a sua utilidade na terra, ao homem que se empenha em flagar os elementos aniquiladores do corpo, e sabendo de antemão que não será retribuído materialmente pelo seu esfôrço, como o poderemos denominar?

Os homens desta natureza são integrantes da legião branca da terra, trilham a mesma estrada dos profetas e dos mahatmas.

São êstes homens que sustentam as civilizações. Êles com suas incríveis atitudes e modos singulares de afirmar, infundem inquietude ou segurança à Humanidade. Não fôssem seus pulsos, nós ainda estaríamos encolhidos e enlapados nos escuros fundos das frias cavernas.

O microbiologista é um homem de imaginação pinçado pela lógica da visão. Sem imaginação e o domínio decidido de sobrepujar os períodos afanosos, o pesquisador é um homem peado para o progresso.

É conhecido nos meios científicos os episódios em que figura o notável histologista Ramon Y Cajal. Conta-se que liderando a equipe de pesquisadores, o sábio espanhol dava a tarefa aos seus inteligentes colaboradores, os quais passavam dias e noites com os olhos colados nas lentes dos microscópios em busca desta ou daquela característica textrina. E quando pedia conta da tarefa, sempre estava incompleta. Tirava os óculos, limpava calmamente as lentes, respirava profundo, inclinava a cabeça, e fixava os olhos no aparelho. E lá aparecia na platina o que há tanto tempo buscava. A isso se chama casualidade, inspiração, gênio protetor.

Essa imensa casualidade — Dr. Mario Moraes — sentimos ao debruçarmos em vossa já imensa contribuição científica. Ali, ao objetivardes a "Cromomicose na Amazônia", auxiliado por dois ilustres colaboradores, sente-se erguida a vossa autoridade, alertando precauções contra surprêsas deploráveis que poderão advir com o vasto e contínuo desmatamento que ora processamos nas imediações de Manaus, com as construções das estradas, para Itacoatiara e para Caracaraí. Ao jeito de Celso — o Cícero da Medicina — sentais as vossas afirmativas em seguras observações. Eis aqui as palavras construindo a tese do vosso apostulado:

> "Cremos que o desmatamento desordenado da área, para a prática da agricultura inteiramente condenada para os solos das chamadas terras firmes da Amazônia, poderia ter trazido alteração ecológica, condicionante de um maior desenvolvimento dos fungos causadores da cromomicose naquela área".

Em vossos escritos, além de assinalar as grandes caminhadas atravessando países e continentes e as grandes paradas em soberbas culturas, percebe-se que integrou-se de modo singular na grandiosa obra de Alfredo da Matta. É essa a impressão que tivemos nas páginas de seus trabalhos e no interessante estudo que realizara em companhia do Prof. José Luiz de Souza Ferreira, intitulado "Micoses Superficiais e Profundas na Amazônia".

"O cisto do Corpo Luteo Rôto" é um estudo da mola, que possui área imensa nos domínios folclóricos da Amazônia e de outras regiões. Neste trabalho, em colaboração com o Dr. Henrique Sandres Filho, mostrais com eloqüência e profundidade científica o quadro clínico em que a sintomatologia ainda é dúbia.

Medindo os vossos trabalhos no espaço e no tempo, foi agradável tarefa percorrer tantas latitudes das funções do espírito. Foi encantador vê-lo dominar o longo tempo nas páginas amarfinadas da rara e imensa bibliografia amazônica, colhendo e confrontando fatos, meditando e pesquisando simultâneamente para nos revelar até onde,

no momento, desce o raio de luz do conhecimento científico. Daí surgir o êxito de vossos trabalhos. Mas não nos olvidemos de salientar o papel importante da intuição que sempre o favoreceu.

É aqui onde se confere mérito incomparável às manifestações intuitivas do saudoso mestre Adriano Jorge, em Manaus, e às do extraordinário Miguel Couto, no Rio de Janeiro. Êsse dote foi que os fêz se distanciarem dos clínicos comuns. Nada obstante ambas autoridades arrimarem-se em alicerce cultural incomensurável, de vez em quando recorriam a esta esdrúxula experiência. A percentagem de enganos era mínima. Além do mais isto já pertence a ilimitada seara da parapsicologia. Os casos de Adriano Jorge estão aí mesmo sendo repetidos a todos os instantes por aquêles que o conheceram de perto. A respeito de Miguel Couto, figura paradigmária da dignidade humana, possuía ainda além de sua bondade e de sua cultura, tantas coisas singulares que somos tentados a repetir um curioso episódio de sua vida.

Nos últimos anos do 1º quartel do século em curso, o notável clínico já se achava afastado da lauta profissional, em virtude da idade avançada. Certa noite tempestuosa batem-lhe à porta. Batem insistentemente. A serviçal foi atender e dá resposta negativa à criança de nove anos que buscava o médico Miguel Couto, para lhe curar a mãe que estava se estinguindo no estreito leito de seu misero casebre. Miguel Couto dormia. Ignoram-se as manobras da garota para se desenvencilhar da rigorosa governanta. Miguel Couto despertou com a algazarra e deparou-se com a pálida criança envolvida na capa completamente molhada. Ambos tomaram o côche e pararam ante a casa humilde. O marido da enfêrma reconheceu o médico famoso e alegou que não lhe poderia pagar os honorários e que não o havia chamado. Miguel Couto não lhe deu ouvido. E depois de cumprir sua missão de sacerdote da legião branca, indaga pela garota. Ali não havia outra pessoa além do casal. Miguel Couto apontando ao retrato suspenso à parede, diz:

— É aquela garota.

Então as coisas se complicaram. A menina da fotografia estava morta há vinte anos.

São fenômenos como êstes que fazem o homem superior sair da funda trilha do homem normal.

VIDA

É consagrado o conceito que reza: só é possivel ser grande poeta, quando grande foi sua vida. Esta grandeza é, para nós, o sêlo da maldição. A trágica vida das grandes expressões artísticas, voltadas ao labor da poesia, confrânge-nos o coração mais do que, pròpriamente, sua

obra! Quantas dôres e quantas humilhações sofreu o Divino Poeta da Península dos Césares? Quantas dôres corroeram o celebrador das glórias lusas, que se extinguiu na mais aviltante das misérias?

Por isso é doloroso têrmos a ilusão de que as grandezas da "Divina Comédia" e as de "Os Lusíadas" estejam em relação ao lamentável fato.

Castro Alves morreu como herói, quase adolescente.

Acidentalmente recebeu de sua própria espingarda a carga de chumbo que lhe fêz perder a perna e logo depois a vida.

E o Lord Byron, quando parte para a Grécia, cantando a liberdade em defesa dos oprimidos, é atacado de sezão ou paludismo e não tendo a felicidade de estar ao lado de um Mario Moraes, morre na terra dos deuses, semelhante a um anônimo soldado do ouro negro, nas sombrias florestas amazônicas.

A vossa infância, Dr. Mario Moraes, não foi a de menino excepcional em nenhum dos sentidos do têrmo. Fostes um menino normal amparado pela superior linhagem espiritual de vossos pais, os quais estiveram sempre aclarados pela luz suave da filosofia do Rabino da Galiléia...

Will Durant, arrimado na admirável autoridade de sua cultura e de sua experiência, é de opinião que o processamento do estudo das crianças é mais rendoso em colégios públicos do que em escolas particulares. No entanto sois um exemplo gritante que contesta a teoria do renomado filósofo contemporâneo.

Estudastes em colégio particular e aos dez anos prestastes as provas finais no Grupo Escolar "Floriano Peixoto" em Belém. Aos quinze terminastes no "Instituto N. Sra. de Nazaré", o curso ginasial. E depois, no Colégio Estadual "Paes de Carvalho" concluistes o curso complementar Pré-Médico. No ano seguinte, em pleno mês do carnaval, curso de Habilitação à tradicional Faculdade de Medicina da Universidade do Pará: Dois anos fostes interno-estagiário do Laboratório de Anatomia Patológica e do Laboratório de Biologia de Santa Casa de Misericórdia do Pará. Outras atividades correlatas ainda absorveram o vosso espírito, até que em 25 de dezembro de 1950 a expressiva data cristã, saistes graduado em Medicina.

Medindo-se cronològicamente a atividade mental da infância, da adolescência e da mocidade, salta de pronto a conclusão que não tivestes infância. Aquela infância celebrada pelo mavioso poeta de "As Primaveras", em que confessa transpassado de saudade do tempo em que andava descalço, de camisa aberta ao peito, aspirando o fresco ar dos bosques e, ao redor das cachoeiras, corria buscando as borboletas azuis.

Em vossos escritos não transpira essa melancolia. Sente-se que suas noites são tôdas estreladas e os dias são cheios de conquistas de conhecimentos científicos. A intensidade da aplicação aos estudos e o feliz aproveitamento dos mesmos, só poderiam alcandorá-lo à posição de respeito em plena mocidade.

Ainda, em Belém, fostes Instrutor de Ensino; assistente da cadeira de Anatomia Patológica. Sem fugir ao incomensurável domínio da misteriosa floresta do reino da ciência, vamos encontrar em vosso invejável **curriculum vitae,** ora se credenciando em pesquisa, cinco vêzes fazendo cursos, duas vêzes estagiando, três vêzes em chefias; em cargos de médico pròpriamente dito, três vêzes; e na função de professor seis vêzes. Fostes também o primeiro Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade do Amazonas, e aqui não queremos olvidar os vossos alevantados e inconfundíveis méritos a par da tenacidade inflexível, para nos legar uma faculdade plantada em sólidos alicerces, para ser digna de respeito.

As circunstâncias nos oferecem a oportunidade de recordar aqui, que a primitiva Universidade de Manaus, dirigida pela poderosa cultura de Astrolábio Passos, arruinou-se, não pela falência de valôres culturais, mas em decorrência exclusivamente de nossa penúria, do nosso sepultamento econômico.

Prof. Mario Moraes, os vossos conhecimentos não só foram ministrados à nossa mocidade através da Faculdade de Medicina, mas também através da Faculdade de Odontologia e do mesmo modo através da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Vossa vida sempre voltada ao silêncio e as coisas maravilhosas do espírito, pois além de serdes um dominador do vosso **métier,** sois um excursionista sensível das letras. É admirável escutá-lo, afastado de tôda cerimônia. Tendes admirável poder de penetração e a agilidade em compor síntese de obras famosas, que monumentalmente arrimam a reputação de povos a que pertencem. Seja ela a **Divina Comédia.** Seja ela o poema de Camões celebrando os heróis luzitanos ou o D. Quixote esmagando o sonho dourado dos cavaleiros medievais.

O vosso silêncio pode ser natural ou calculado. De qualquer modo sois resguardado pela Providência. Ao contrário, talvez, fôsseis dilapidado em vossa sugestiva personalidade. Ninguém esqueceu o velho povo de Israel, que se ufana de descender de Jeová e sofre tôda série de castigos. Nem os profundos e dolorosos gemidos nos escombros da muralha de Jerusalém saldaram a vaidosa dívida contraída pelo orgulho.

Ninguém ainda se esqueceu de José Ingenieros, talvez uma das mais poderosas inteligências do Nôvo-Mundo, quando se lamentava em não ser compreendido na civilizada Buenos Aires, a qual êle cha-

mava — a grande aldeia. Nas aldeias não se compreende, não se admite que um profissional de Medicina, exerça atividades diferentes da que êle tira o sustento.

A vossa conduta, Dr. Mario Moraes, neutraliza a ação destruidora dêste vírus tão comum.

Talvez aqui esteja o segrêdo que vos fêz relutar com vossos amigos, pares ilustres desta Casa, quando insistiram para tomardes assento em uma das poltronas vagas, alegando pertencer às hostes da medicina.

Foi um argumento frágil, porque comprimia a vossa robusta personalidade de homem de entendimento.

Nas horas das letras pátrias contemporâneas de Racine e de Molière, o **dublê** de Médico e homem de letras, suscitou comentários dolorosos. Na maioria das vêzes acusando a Academia Francêsa de ser um colégio de sotâina romana. E decorreu muito tempo, para que a Acrópole literária de Lutécia acusasse a memória de sábios soldados de Jesus. Hoje é facílimo de explicar o porque de secreto daquela conduta. Mais tarde foi censurada, porque estava se tornando um anexo do Tribunal, porque a maioria de seus pares pontificavam na ciência do direito. Inesperadamente, um dia, quando despertaram, a maioria dos acadêmicos era de sacerdotes hipocráticos, então chamaram-na de — hospital. Nestas denúncias, é claro, não havia louvores, mas uma espécie de apôdo acusatório. Isso, porque na França, como em todos os lugares onde são cultivadas as letras, todos têm os olhos voltados ao Silogeu pátrio. É ali, onde estão alcandoradas as águas espirituais; onde nem a fôrça pode interferir.

Alexandria com sua biblioteca incinerada e tristemente imitada por outras instituições poderosas, foi impotente para aniquilar o saber. Nem as águias de metal, sonhadas por Nostradamus, foram capazes de destruir o acervo cultural do mundo.

A Academia é o símbolo; ela representa a linha medular da intelectualidade. Pode possuir expressão, assim como pode também ser inexpressiva. Talqualmente os seus esteios, uns podem ser de jacarandá ou nogueira; e outros sem expressividade, recordando o artista da lenda. O peregrino indagando-lhe o que fazia na construção do majestoso templo, êle, com indizível satisfação, respondeu:

— Eu carrego areia.

Dr. Mario Moraes, embora haja uma distância notável entre nós e o modesto artista helêno, a alegria de ambos atinge as mesmas raias de grandeza. A alegria de serdes um cientista é admirável e envolvente.

É de admirar e louvar semelhante atitude!... Os cientistas em geral não dispensam quase nenhum tempo ao polimento da linguagem em que vasem seus estudos. Neste particular tropeçam no aranhol dos gramáticos. De certo no instante em que fazemos temerária afirmação,

assalta-nos uma série de nomes em ambas correntes de investigadores; tanto nas da linguagem como nas da ciência, que poderia anular a dolorosa acusação. A contestação encontraria as maiores muralhas em dois nomes que são louvados como exemplos paradigmários em seus territórios singulares. São êles Aloísio de Castro e João Ribeiro. Insistindo ainda que não são os cientistas excelentes escritores, pelo menos, fazendo a média nestes que se expressam na fala do Padre Antônio Vieira — a língua que é simultâneamente um tesouro de beleza e um sepulcro ao pensamento, na triste e exata conceituação do poeta. Neste momento lanço mão das acusadoras informações de um médico, que é um dos mais primorosos escritores do nosso idioma — Júlio Dantas. Depois de cinzelar períodos candentes, louvando os dotes profissionais de muitos nomes ilustres, derrama as compungentes expressões: "... mas falharam sob o ponto de vista da cultura filosófica;

> não possuem a maleabilidade e a dextreza de espírito que só a educação literária pode dar. É seguramente essa a razão por que nas nossas elites médicas são tão raros os verdadeiros criadores de ciência; é êsse o motivo por que, havendo tantos profissionais ilustres, é tão lamentàvelmente escassa a bibliografia médica portuguêsa. Não se suponha, porém, que isto sucede apenas em Portugal. A deficiência da educação humanista dos médicos faz-se sentir um pouco por toda parte, e ainda não há muito tempo que se instituiu em França a **Société des Médecins Humanistes,** destinada a criar entre os profissionais da medicina o gôsto pelos estudos clássicos. Muitas das grandes figuras da ciência francêsa reconhecem hoje que é preciso fazer do médico alguma coisa mais do que um prático de laboratório ou um operário-cirurgião".

Prof. Mario Moraes, é confortador para a Academia Amazonense de Letras saber que sois uma encantadora excepção ao drástico juízo do saudoso médico e primoroso estilista.

ALFREDO DA MATTA

Se estivéssemos ainda nos tempos dos feudos, hoje teríamos acordados com o louco repicar dos sinos, celebrando o centenário de nascimento de Alfredo da Matta.

Foi determinação vossa que esta festa se realizasse na data de hoje, para celebrar o nascimento do vosso patrono. Gesto feliz, louvado por tôda a Casa. Daí nós não tecermos o elogio oportuno de que é digno o nosso inesquecível membro. Sem dúvida alguma, conosco,

aqui presente, estão, em espírito, Adriano Jorge, Péricles Moraes, Alfredo da Matta, Aristofano Antony e todos de preciosas memórias para os componentes e amigos desta Academia.

A vossa cuidadosa oração simboliza, merecidamente, uma festa feudal com o repicar dos bronzes.

O nome de Alfredo da Matta, vivia tanto nos meios científicos estrangeiros como nos meios literários do sul do país. Naquela época a paisagem intelectual do Amazonas era habitada por gigantes. Alfredo da Matta clinicou exatamente durante 50 anos. Escreveu como assinalastes, ainda há pouco — 230 trabalhos. O fogo que o alimentava, soubestes descobrir encrustado em sua conduta de alta honradez e imensa bondade. Não olvidastes o célebre episódio que se revelou após a publicação de certo estudo, entregue ao público como peça original. Tempos depois Alfredo da Matta teve conhecimento que outro cientista já havia manipulado o assunto. Imediatamente estampou na imprensa manauara um longo artigo revelando o fato, para que dedos acusatórios não lhe inculcassem como surripiador dos privilégios alheios... Aqui, além do mêdo, estava patente a sua alta linhagem de cientista e a sua encantadora bondade. Homens completos não podem ser maus. E, por mais poderosos que sejam, não aviltam os seus semelhantes, como no episódio seguinte.

Em certa hora em que Agripino Grieco, florescia na crítica literária, não podendo opinar dentro da profunda sabedoria médica do grande Alfredo da Matta, achou por bem fazer galhofa com o nome respeitável do nosso delegado cultural. Não o defendo, porque fazemos nossas as palavras da inteligência poderosa, que foi o general Liberato Bittencourt. Escreve o militar ilustre e admirável polígrafo:

> Vamos à maldade. Basta abrir "Carcaças Gloriosas", mau livro publicado em 1937, conjunto sistemático de inveja e de audácia, de ignorância e de ambição, de má fé e de maldade. Só lhe faltam aí as boas virtudes cristãs, existentes na língua mas não em ações. Quem escreve tanta ruindade, com a satisfação de noivo apaixonado em dia magno, não pode ser cristão, sim renegado...
>
> "O Dr. Alfredo da Matta é proprietário de uma vistosa pedra verde:... assina-se Mata e não ilude ninguém".

Alfredo da Matta, que tivemos o privilégio de conhecer, cuja amizade não ultrapassou além da cortesia que se estabelece entre cliente e odontólogo. Apreciavamos-lhe a maneira serena e paternal com que transmitia os seus sensatos e admiráveis conceitos.

Entre os seus numerosos trabalhos, todos ainda de alta valia nos singulares ângulos em que são examinados, sobressaem a "Flora Médica Brasileira" e "Geografia Botânica do Estado do Amazonas".

Há a salientar ainda o estudo intitulado "Resumo da Geografia Botânica do Estado do Amazonas", apresentado ao Congresso Internacional de História da América, realizado em Setembro de 1922, no Rio de Janeiro e estampado no tomo especial da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, então dirigida pelo erudito helenista Ramiz Galvão. É um trabalho sólido pela cultura, enriquecido pelas observações oportunas e iluminado por uma inspiração constante, que nos permite entrever seu grande amor por esta terra — que é a doce e verde pátria dos muiraquitãs.

Improvisava as aulas com uma facilidade como se estivesse repetindo uma conferência de côr. Não possuía os arroubos condoreiros de Adriano Jorge. Porque um era o turbilhão e o outro era a placidez. Um era a inquietude, o outro era a segurança. Adriano Jorge não deixou livro e possuía a admirável capacidade de improvisar e de decorar. Alfredo da Matta deixou uma bagagem de letras científicas como nenhum outro autor.

Em nosso meio literário há dois homens que conhecem a imensa obra de Alfredo da Matta: Um é membro desta Casa, é o Prof. Dr. Mario Ypiranga Monteiro, uma das mais soberbas expressões literárias que há desabrochado na terra do Ajuricaba. O outro é o ilustre etnólogo Dr. Geraldo de Macedo Pinheiro, o incansável pesquisador das origens e da cultura dos povos primitivos.

Mas depois de ouvir a vossa análise ampla e profunda da obra monumental do sábio Alfredo da Matta, dissecando alguns pontos que se aquietavam no silêncio do abandono, não temos dúvida que, neste instante, conquistastes o privilégio de autêntica autoridade do assunto em tela.

Por isso mesmo inaugurais a cadeira Alfredo da Matta.

É por isso, (são as nossas últimas palavras), que a Academia Amazonense de Letras, honra-se em ver-vos ocupar a poltrona de Alfredo da Matta.

Acadêmico Mário Augusto Pinto de Moraes, de agora e em diante, esta casa é vossa.

CADEIRA 38

NA POLTRONA DE BARBOSA RODRIGUES

William Antônio RODRIGUES

Assomo a esta tribuna acadêmica como o mais novo e mais modesto estreante dêste suntuoso Silogeu para vos falar sôbre a vida e a obra de um dos maiores expoentes da ciência brasileira, a quem o País em particular muito deve pela sua fulgurante inteligência e seu acendrado espírito de patriotismo e desprendimento à causa pública e ao estudo da natureza.

Irei vos falar a linguagem de um humilde servo da **Sciencia amabilis** de Lineu porque de outro modo me falta um Mecenas.

Antes, permiti-me que vos faça uma rápida justificativa das razões da minha investidura nesta Casa.

Avêsso a enfatuadas vaidades e injustas glórias por índole natural, só um motivo muito forte me forçaria a sair do anonimato em que tenho vivido até hoje. Assim, aconteceu com o convite formulado pelo nosso preclaro acadêmico Dr. Djalma Batista, egrégio presidente dêste Sodalício, para que disputasse a uma vaga na cadeira que tem como patrono o nosso insigne cientista patrício, Barbosa Rodrigues.

Como poderia recusar o convite àquele que aprendi a respeitar e admirar no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia como lider nato e a quem devo imorredouros favôres de gratidão, estímulo e apoio moral dentro e fora do INPA?

Vale acrescentar que foi durante a sua longa e profícua gestão à testa do INPA que comecei a me infiltrar na espinhosa seara da ciência, produzindo a maioria das minhas despretenciosas contribuições para o conhecimento da flora amazônica.

Quis também a benevolência desta Casa admitir-me como um dos seus mais obscuros pares, colocando-me ao lado de pujantes figuras do saber desta Terra do presente e do passado como Péricles Morais, Alfredo da Mata, Adriano Jorge, Waldemar Pedrosa, Leopoldo Peres, Heliodoro Balbi, Araujo Filho, João Leda, Huascar de Figueiredo, Mithrídates Corrêa, Álvaro Maia e muitos outros da mesma estirpe notável do Amazonas, para rememorar apenas os que já se foram, que deixaram imortalizados os seus nomes na lembrança de todos nós.

Cheguei há 16 anos ao Amazonas juntamente com outros para integrar a equipe de pesquisadores do INPA, então recém-criada. A maioria algum tempo depois foi-se dispersando, ficando por fim apenas o que vos fala e o pranteado entomologista Nelson Cerqueira, a quem o INPA muito deve pela sua inesquecível e grandiosa parcela de contribuições científicas de significativa repercussão nacional e estrangeira.

Embora estreante em minha profissão, trazia no peito uma grande vontade de trabalhar e desvendar a tão encantada Amazônia de minha meninice. Essa vontade transformou-se em amor à primeira vista, pois desde que aqui cheguei enamorei-me da região, de sua paisagem, de seus portentosos rios, igarapés e florestas, de sua gente jovial e comunicativa e não mais pensei em abandoná-la.

Dediquei-me inteiramente ao estudo da flora amazônica, formei inúmeros amigos e por fim casei-me com uma filha desta nobre Terra que me soube acolher.

No Sul deixei em ternos prantos meus queridos e saudosos pais, a quem nesta hora de festa e júbilo transfiro tôdas as homenagens e honrarias de que estou pretenciosamente sendo alvo.

O PATRONO

João Barbosa Rodrigues Filho, descendente de um honrado comerciante português, radicado na tradicional cidade mineira de São Gonçalo de Sapucaí e de D. Maria Carlota da Silva Santos, brasileira, veio à luz no dia 22 de junho de 1842, no estado da Guanabara, onde a família se havia refugiado por ocasião da deflagração da revolução liberal mineira liderada por José Feliciano Pinto Coelho e Teófilo Ottoni.

Seu aparecimento ocorreu por coincidência no início do século em que o notável escritor patrício, Afonso d'E. Taunay, classificava de "época áurea da História Natural no Brasil", isto é, época em que as maiores sumidades da ciência como Martius e Spix, Saint-Hilaire, Spruce, Ule, Wallace, Agassiz, Warming e Lund, Humboldt e Bonpland, Coudreau, Grünberg, Hartt, Huber, Goeldi, Snethláge e muitos

outros deixaram consignados sua passagem pelo Brasil com monumentais obras clássicas de profunda erudição, versando sôbre os mais variados assuntos científicos.

A sua infância, a passou em Minas. Cedo tornou-se órfão de mãe. Muito jovem já apresentava tendências para naturalista. Com muitas dificuldades financeiras bacharelou-se em ciências e letras. Sendo muito pobre, teve de dedicar-se ao comércio. Sonhava um dia ser médico.

Influiram na sua formação intelectual entre outros o Dr. Casimiro Correia de Almeida Portugal, poeta e professor português, com as aulas de lingua e literatura e os professôres João Antônio de Lemos (Barão de Rio Verde), Dr. Albano Cordeiro e o Dr. Guilherme Schüch de Capanema (Barão de Capanema), a quem deve o nosso patrono o ingresso nos domínios das ciências naturais, que mais lhe projetaram o nome.

Na mocidade foi poeta e romancista. Compõe os seus primeiros versos aos 11 anos. Colaborou com diversos jornais e folhetins mineiros, publicando versos e romances, usando às vêzes o pseudônimo de Tibiriçá. Iniciou-se na literatura editando "Trenos de Amor", em 1858. Continua nos devaneios românticos lançando em 1861. "O livro de Orlinda", uma transição mais aprimorada entre a poesia e a prosa, explorando ainda como tema principal o amor.

Datam dessa época algumas poesias que apresento a seguir extraídas do livro de sua neta, Dilke Barbosa Rodrigues Salgado, intitulado "Barbosa Rodrigues, uma glória do Brasil":

SOLIDÃO

"É tão belo em noite escura,
Desfrutar essa doçura,
Que se encontra na solidão;
Dar ao peito mais descanso
E entre os cantos do remanso
Dar alívio ao coração!

Ver as ondas se quebrando,
Nos rochedos se chocando,
Branquiçadas a gemer,
Ver o barco balouçado,
Pelas águas embalado
Docemente a suspender.

Ver a lua vir surgindo
Os seus raios expandindo,
Sôbre as águas a sorrir,
Os cachopos argentando
Onde as vagas rebentando
Tudo treme ao seu surgir.

Quem não ama êsses momentos
De sonhados pensamentos
Que nos mostra a solidão:
Quando triste nos sentimos
E no peito nós ouvimos
Prantear o coração?

Quem não sente doce calma
Renascer dentro em nossa alma
Inspirando-nos amor;
Nossa mente arrebatando
Nossas dôres liviando
Sem mais termos amargor.

Como é belo ouvir na mata
O gemido que retrata
A paixão da juriti;
Quando somos isolados
E do mundo abandonados
Junto ao tronco do umiri.

Eu não quero ter riquezas
Nem tão pouco as vãs nobrezas
Permutadas sem valor;
Pelo ouro corrompidas,
Pelo ouro adquiridas
No mercado sem rubor.

Eu só quero a moradia,
De uma branca penedia,
Onde o mar vem soluçar,
Ver as águas salitrosas
Disputando-se raivosas
E nas penhas se chocar".

LÁGRIMAS

Versos feitos "por ocasião da morte de seu pai":

"Mas ai, triste! eu deliro! ao triste! eu sonho!
Da morte a férrea lei não se derroga.
Nas páginas fatais tudo é eterno".

Bocage

"Os martírios que sofro são tão fortes,
que meus olhos perderam a expressão;
só o pranto descarna as minhas faces,
que já fundas inspiram compaixão.
São as máguas que tristes alimentam,
essa chama da febre do meu peito,
êsse fogo que amor chama loucura,
que prostrado me traz e mui desfeito.

Ao pensar que vegeto a sós no mundo,
resignado sofrendo a dura sorte,
nos delírios da febre da loucura
eu só vejo ante mim a fria morte.

Já sou órfão meu Deus, quem o diria?...
inda mal a flor desabrochava,
veio o Noto e matou-a sem piedade
no hastil que esperanças embalava.

Já perdi esperanças que nutria,
já venturas não sonho nesta vida;
Só tormentos suporta o coração,
só angústias eu tenho e muita lida...

Como é triste viver a sós no mundo,
onde o riso aparece entre amarguras
iludindo nossa alma que só busca
esquecer os martírios com ventura.

Deslizai pelas faces triste pranto,
tu lenes do meu peito o sofrimento
tu minoras a dor que me consome,
e me prosta no leito do tormento.

Quem jamais de mim se compadece?
Já não tenho sequer uma lembrança
que acalente meus dias pesarosos,
pelo me dando uma esperança!

Nem tão pouco ninguém se compenetra
dessa triste orfandade de minha alma;
só labuto com pranto e com lágrimas,
que do peito me tira a doce calma.

É a vida p'ra o pobre um duro fardo,
um contínuo sofrer amargurado;

Assim começava a desabrochar aquêle que depois seria o maior cientista lírico que o Brasil já possuiu.

Seu espírito irriquieto, inteligente e muito ativo sempre procurava algo que lhe permitisse dar vazão aos seus pensamentos. Com 17 anos funda com outros o primeiro jornal de literatura infantil no Brasil intitulado "Semana dos Meninos", feito especialmente para distrair e educar as crianças nas horas de lazer conforme escrevia num dos números do referido jornal "bebendo suavemente a instrução pela taça do passatempo. . ."

"O perfume das flôres não embriaga quem as planta, mas sim quem as colhe.

Nós plantamos para colherdes e para vos embriagardes nos encantos que sempre achareis em nosso pequeno jardim".

Barbosa Rodrigues sob influência da escola realista, publica em 1861 as "Memórias de uma costureira", romance de grande repercussão na época.

Em 1863 edita "Contos Noturnos" com que pretendia entrar no Instituto Polimático Brasileiro. Livro por demais realista e pesado para a época. A comissão do Instituto criticou pùblicamente o seu trabalho ainda não entregue oficialmente, obrigando Barbosa Rodrigues a se defender pelos jornais e não mais pensar em sua candidatura. A celeuma que causou êsse fato na opinião pública valeu-lhe como uma das melhores promoções de seu livro. A 1ª edição esgotou-se logo, obrigando-o a reeditá-lo em 1864.

Diante do sucesso alcançado por êsse livro, poderia ter êle continuado nesse gênero literário e angariar fama, porém preferiu mudar o curso de sua vida para aquilo que sentia maiores propensões. E foi pela Botânica que mais se apaixonou.

Deixou Minas e foi viver no Rio de Janeiro para poder aprimorar a sua formação intelectual e obter um título que lhe desse estabilidade na vida. Depois de concluído o curso do Instituto Comercial com distinção e louvor em Economia Política e Desenho passou a secretário do mesmo Instituto.

A sua habilidade para o desenho e seu interêsse pela Botânica lhe serviram de motivo para conhecer o Barão de Capanema e êste passar a ser o seu melhor mestre em Fitologia e Química. Dêsse convívio, nasceu uma sólida amizade, que lhe foi muito útil durante tôda sua vida. Todos nós temos uma estrêla que nos guia. Para Barbosa Rodrigues essa estrêla sem dúvida alguma era o Barão de Capanema. Por seu intermédio o nosso sábio passa a professor de Desenho e secretário do Colégio Pedro II.

Amparado por um emprêgo que lhe dava oportunidade de viver mais condignamente poderia agora dedicar-se de corpo e alma àquilo de que mais gostava, a Botânica em particular.

Pensa em constituir família. Casa-se pela primeira vez quando tinha 20 anos. A felicidade durou poucos mêses. Morrendo-lhe a espôsa, tenta o segundo matrimônio, em 1866. Um ano e meio depois fica viúvo novamente. Fica-lhe uma òrfãzinha desamparada do carinho materno, para criar. Uma nova espôsa era-lhe extremamente necessário neste caso, razão pela qual 3 mêses depois contrai núpcias pela terceira e última vez. Na D. Constança, gaúcha de nascimento, Barbosa Rodrigues encontrou enfim a sua felicidade e fiel companheira de todos os instantes de sua vida, mesmo em suas estafantes e perigosas perigrinações pelo interior em missão científica, ao ponto de êle, reconhecido, homenageá-la em sua monografia "L'Uiraêry ou Curare" e consagrar o seu nome na maior obra de sua vida, o Sertum Palmarum, seguintes justificativas: "O nome da espécie lembrará a coragem, o amor destas descobertas científicas e o heroismo de que ela tem dado tantas provas, notadamente a 2 de outubro de 1877 em que nossa canoa foi ao fundo no rio Jatapu, arrastada pelo turbilhão da grande cachoeira chamada Udidi e em outras circunstâncias em que durante a noite fomos atacados por uma onça na mata onde tínhamos o acampamento perto da Corredeira Picapó às margens do mesmo rio. Êste nome lembrará também os sofrimentos, a fome e a sede que tem sofrido minha nobre espôsa durante minhas numerosas expedições" (Tradução do autor).

De seu último matrimônio resultaram mais 13 filhos, sendo 7 moças e 6 homens.

A partir de 1868 empreende Barbosa Rodrigues suas primeiras excursões, a princípio pelo Rio de Janeiro e Minas Gerais, depois Ceará, Paraíba, Pernambuco, Bahia e Espírito Santo. Iniciou-o nesse mister o eminente botânco patrício Freire Alemão, então emérito professor e orientador notável do Museu Nacional e da Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Sua estréia na Amazônia se deu em 1872 em missão do govêrno imperial, aqui permanecendo pouco mais de 3 anos.

Essa missão foi uma das mais profícuas do que se pode esperar de um naturalista. Embora sua incumbência principal fôsse corrigir, completar e ampliar o "Genera Palmarum" do insigne palmógrafo Martius, dela resultaram trabalhos valiosíssimos sôbre Botânica, Antropologia, Geografia, Etnografia, Arqueologia, etc., só comparáveis à viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira no apagar do século XVIII.

Percorreu nessa época especialmente os rios Capim, Jamundá, Tapajós, Trombetas, Urubu e Jatapu, deixando-nos importantes relatórios repletos de dados históricos, geológicos, geográficos bem como observações e conclusões sôbre assuntos botânicos, zoológicos, econômicos, etnográficos, etnológicos e sociológicos dessas regiões.

Do ponto de vista fitológico, a sua principal contribuição foi a publicação do "Enumeratio palmarum novarum", em que descreve diversas novas espécies de palmeiras colhidas por êle em suas excursões.

Descobre nessa ocasião as discutidas pedras verdes ou muiraquitã, com que tenta explicar a origem asiática da civilização amazônica nos tempos pré-históricos, e um ídolo do culto de nossos silvícolas.

Resultam dessa viagem também os primeiros estudos fisiológicos sôbre o curare e o seu antídoto, que lhe deram alguns aborrecimentos na ocasião.

Regressando ao Rio, em 1875, começa a editar uma série importante de monografias sôbre seus achados e observações.

Mais tarde, desejoso de voltar à Hiléia, procurou o apoio de D. Pedro II. A recusa não lhe agradou. Deixou o serviço público e foi dirigir uma fábrica particular de produtos químicos, em Rodeio, de propriedade do seu amigo e protetor Barão de Capanema. Nem por isso deixou de pesquisar e escrever, haja vista os diversos trabalhos que publicou nesse ínterim.

Quando a Princesa Isabel soube do incidente, por intermédio do Barão de Capanema, interessou-se pelo caso. Cria-lhe a 18 de junho de 1883 o Museu Botânico do Amazonas e convida-o para dirigi-lo, dando-lhe amplos poderes para sua organização. No mesmo ano Barbosa Rodrigues mudou-se para Manaus para iniciar a sua instalação. A 16 de fevereiro do ano seguinte inaugura-o, passando a funcionar provisòriamente num prédio na Chácara do Caxangá, no igarapé da Cachoeirinha e por fim no Liceu Amazonense, hoje Colégio Estadual do Amazonas.

O plano dêsse nôvo órgão de pesquisa, delineado por seu primeiro e único diretor, compreendia o estudo da flora, do ponto de vista taxonômico, biológico e econômico; a organização de um herbário representativo da flora amazônica; a confecção de um catálogo para divulgação da flora, seus produtos e sua distribuição geográfica, e finalmente a publicação de uma revista, onde se reuniriam todos os trabalhos de pesquisa da referida entidade.

O Museu teve infelizmente uma efêmera, porém profícua existência. Foram 7 anos de lutas e de trabalho.

As razões do seu desaparecimento nos entristecem a alma e nos enchem de pejo por causa de alguns maus brasileiros, que se valendo da política sórdida procuravam por todos os meios destruir um órgão que hoje poderia ser o orgulho do Amazonas e do Brasil inteiro.

Diversos trabalhos importantes sairam nessa época assinados ùnicamente por Barbosa Rodrigues, destacando-se os seguintes:

"Rio Jauaperi-Pacificação dos Crichanás" — contém um repositório valioso de conhecimentos sôbre essa temível e soberana tribo do rio Negro, catequizada com muita coragem e risco de vida pelo nosso naturalista.

"Vellosia", revista do Museu com 4 números distribuídos da seguinte forma: 1º com descrições de novas espécies botânicas, o 2º referindo-se a estudos etnológicos e zoológicos, o 3º contendo estampas desenhadas pelo próprio punho de Barbosa Rodrigues, relativas às espécies tratadas no 1º volume; e 4º com fotos e desenhos de natureza arqueo-paleontológica, ilustrativas do 2º volume. O nome da revista foi inspirado no notável botânico brasileiro Frei José Mariano da Conceição Velloso, autor da Florae Fluminensis com a seguinte justificativa:

"Na falta de um Mecenas, sirva o nome de um redivivo, e que as palmas que porventura colha, prestem para ornar o pedestal da sua glória".

Sairam 2 edições da revista. A 2ª, na verdade, era quase tôda de matéria inédita e de autoria de Barbosa Rodrigues com exceção de um artigo, que era assinado por seu genro, Dr. Campos Porto, "Muyrakytã" — estudo da origem asiática da civilização do Amazonas nos tempos pré-históricos.

"Puranduba amazonense", obra em que apresenta pela primeira vez diversas lendas como a da Curupira, Jurupari, contos botânicos, zoológicos, astronômicos, cantigas etc. Na opinião de Basilio de Magalhães, essa obra é uma das melhores conhecidas de nossa demopsicologia, confessando consultá-la freqüentemente durante os seus estudos sôbre nossas tradições mitográficas.

"A necrópole de Mirakanguera" — estudo arqueológico.

O Museu ao se extinguir já contava com um patrimônio valioso de material botânico e etnológico: o herbário contava com mais de 10.000 exsicatas; a seção etnográfica, 1260 objetos de tribos da região; e o laboratório de Química com mais de 500 peças.

Abro um parêntese para perguntar — Qual o destino que deram a todo êsse material?

Só sei que da parte botânica, todo aquêle acervo de inestimável valor científico, especialmente os tipos de suas novas espécies, peças fundamentais em todo estudo taxonômico, está perdido, não se encontrando guardados em instituição alguma nacional e estrangeira, baldados os

esforços de inúmeros especialistas que o tem procurado para consulta. Será que o destruiram como ocorreu a última guerra mundial com as mais importantes coleções botânicas dos herbários de Berlim e Viena? Os historiadores estão com a palavra.

O Museu Botânico do Amazonas era o próprio Barbosa Rodrigues. Foi criado pràticamente para êle e com êle teria de desaparecer. Quem em sã verdade poderia continuar a sua meritória obra no Museu naquela época em caso de sue afastamento definitivo? Ninguém. Assim se deu quando foi nomeado em 1890 para dirigir o Jardim Botânico do Rio de Janeiro no Governo do Marechal Deodoro.

A sua nova missão não foi menos espinhosa. Encontrou o Jardim inteiramente desorganizado, necessitando de uma reforma total. Construiu prédios, estufas, aquário, enriqueceu o parque com novas espécies vegetais, deu uma nova estrutura ao parque digna de todos os encômios. Encontrou o estabelecimento "sem arquivo, sem pessoal regular, sem biblioteca (nem um livro sobre botânica) e sem herbário.

O grande parque, coberto de esplêndida vegetação, semelhava uma floresta, cujos exemplares em promiscuidade, não eram indicados por uma placa, uma etiqueta, um simples sinal que os fizesse conhecido. Tudo muito agradável à vista, mas cientificamente em estado deplorável". Tudo isso vem contado com simplicidade no seu primoroso "Hortus Fluminensis", guia prático elaborado para instruir não só o homem de ciência, como o estudante, o amador.

À testa do Jardim Botânico, com tantas tarefas a cumprir, supunha-se que êle estacionaria, cuidando apenas de repor em dia as suas notas e experiências adquiridas com invulgar saber. Puro engano: Espírito jovem e trabalhador tenaz como era, lançou-o em novos estudos e viagens por outras plagas, expedicionando inclusive pelos territórios do Paraguai, Uruguai e Argentina.

Publicou depois alguns resultados dessas suas viagens além de vários outros versando particularmente sobre assuntos de Botânica. Sairam nessa ocasião as "Plantas novas cultivadas no Jardim e botânica, as pequenas notas de observações biológicas e o excelente informe sobre "As Héveas ou Seringueiras", para os estudiosos da matéria por conter dados interessantes não só fitológicos bem como sobre história da nossa goma elástica, economia e industrialização.

Dentro os trabalhos que o imortalizaram, dois dêles se destacam: o estudo botânico das Orquídeas, que não chegou a publicar como desejava, e o Sertum Palmarum Brasiliensium, editado depois de ingentes esforços e muitas desilusões, constituindo no gênero a única obra até hoje existente no mundo.

A êsses dois trabalhos dedicou êle quase tôda sua existência, conforme deixou o nosso naturalista entender nessa poética frase:

"Aux orchidées j'ai sacrifié les jois de ma jeunesse
Aux palmiers les loisirs de l'age mur".

No estudo das orquídeas, como das palmeiras, sua contribuição foi valiosíssima especialmente para a monumental Flora Brasiliensis de Martius, no capítulo que trata dessa família. Das 1795 espécies conhecidas naquela época levantadas pelo orquidólogo Cogniaux, 375 tinham sido descritas por Barbosa Rodrigues, número êsse posteriormente aumentado para 538, computando as suas descobertas posteriores e algumas outras que cairam em sinonímia. Do total de ilustrações constantes daquela monografia, 267 tinham sido feitas por êle contra 105 de outros desenhistas. A contribuição de Barbosa Rodrigues poderia ter sido muito maior se êle tivesse conseguido publicar a "Iconographie des Orchidées du Brésil" constituída de 800 estampas tiradas do natural. Começou aos 26 anos de idade. Levou pouco menos de um lustro para conclui-la. Quem conhece os desenhos inseridos no Sertum Palmarum pode aquilatar o que não seriam os dessa obra. Barbosa Rodrigues mostrava ter, além de poeta e cientista, um forte pendor artístico que lhe ajudou muito a projetar o nome.

O seu desgôsto em não ter conseguido publicar a Iconografia era tamanho que não deixava de fazer referência em seus trabalhos, sempre que lhe surgia a oportunidade. Assim o fez quando descreveu uma nova espécie de orquídea em Plantae Mattogrossenses:

"Depois dos desgostos por que passei, com minha malograda Iconographie des Orchidées du Brésil, abandonei completamente o estudo desta família, a ponto de muitas espécies novas me haverem passado pelas mãos sem que eu as descrevesse. As orquidáceas que foram sempre as minhas flôres prediletas, elas que sempre me pagaram com usura o amor que lhes tributava, foram desprezadas! Para que delas me ocupar, se o meu trabalho, o meu sacrifício, o que com elas aparecessem no campo científico, ostentando as suas galas, conquistando glória para seu país, fui desiludido, tinham de morrer na obscuridade, porque assim exigia o "patriotismo" brasileiro. Para que tamanho trabalho se não perdesse, eu que recusara a colaboração com Reichembach filho, com Kraeslin e outros; que desprezei grande oferta pecuniária, entreguei graciosamente o fruto de muitos anos de trabalho ao sábio professor Alfredo Cogniaux que, já em cinco grandes fascículos da "Flora de Martius", as tem publicado e representado. (Com raras exceções tôdas as estampas da monografia da "Flora de Martius", são minhas, fielmente copiadas de minha "Iconografia"). O que o govêrno do meu país negou-me, gentilmente me ofereceu o estrangeiro. Salvas as minhas espécies novas e já figurando no mundo

da ciência, posso agora reanimar-me e delas outra vez achegando-me, dizer: "on revient toujours à ses premiers amours".

Com o Sertum Palmarum Brasiliensium a sorte foi bem melhor, embora só tenha conseguido editá-lo quando chegou ao conhecimento do govêrno a extraordinária repercussão que teve os originais de sua obra no II Congresso Latino-Americano, realizado em Montevidéu. Êsse conclave foi a sua consagração. O Sertum Palmarum, hoje considerado indiscutivelmente a sua obra-prima, foi elaborado, segundo a modesta opinião de seu autor, "loin des ressources scientifiques, à l'ombre des forêts, et non pas à la vive clarté des lumières de la science".

Consta de 2 volumes. Contém a descrição botânica de 382 espécies de palmeiras brasileiras e 174 magníficas aquarelas de nosso notável palmógrafo. Das espécies tratadas nessa obra, 166 tinham sido descobertas e estudadas por êle.

Martius, Wallace e Spruce, todos êles estudaram anteriormente a mesma família, porém nenhum superou Barbosa Rodrigues no conhecimento "in natura" de nossas palmeiras, nem mesmo Drude, autor do capítulo dessa família na Flora de Martius.

O que foi a realização do Sertum Palmarum êle nos conta na apresentação da obra:

"Je me suis voué à cette étude et, durant ces trente dernières années, je me suis efforcé de remplir ma tâche, en surmontant les plus grandes difficultés, traversant les forêts, les plaines, les montagnes et les champs, passant par les déserts, les marais et les défiles, endurant la faim, la soif et les intempéries, bravant les dangers de toutes espéces, la férocité des animaux et la fureur des Indiens, parcourant ainsi toute la région amazonienne, explorant presque toutes les rivières, passant leurs chutes d'eau, m'engageant dans le désert de l'intérieur du Brésil et arrivant à son centre. Dans toutes ces péregrinations, j'ai eu la satisfaction de pouvoir étudier plus d'une centaine d'espéces nouvelles, inconnues à la science, et je suis heureux d'avoir pu me dévouer au service de ma patrie".

Barbosa Rodrigues foi poeta mesmo tratando de assuntos de ciência. Suas frases têm um sentido de beleza, filosofia e patriotismo que merecem ser transcritas aqui.

Referindo-se às palmeiras:

"Ils n'ont ni la grosse taille ni la force des Gequytibás, ni la flexibilité des lianes, mais ils ont la distinction de la race, l'aristocratie de la beauté, la puissance de l'utilité et ces qualités réunies en font incontestablement les rois du monde vegetal. Ils montrent dans leur port l'exubérance et la richesse de la terre; leur charme et leur utilité vivifient pour ainsi dire l'intérieur des forêts du Brésil".

Tratando de suas novas espécies:

"Tomai patrícios meus, mais um punhado de palmas novas, que respiguei nas plagas matogrossenses, para que não preciseis perguntar a estrangeiros quais as riquezas que possuimos".

"Com patriotismo e com trabalho, as pequenas pedras também servem para auxiliar a construção dos grandes monumentos".

"O templo da flora brasileira está quase concluído, foi se erguendo com a esplêndida Flora de Martius, à custa de obreiros estrangeiros, que vivem longe da sua pátria, mas para que não tenham meus filhos, como brasileiros, de corar para o futuro, êles encontrarão também nesse monumento o suor de seu pai, servindo para argamassar o material das colunas que o sustentam. O nome brasileiro aí já está gravado e mercê de Deus, com algum brilho.

Assim falo não por enfatuada vaidade ou desmedido orgulho, mas sim, porque no meu passado houve tempo em que a ciência oficial do país procurava duvidar dos meus estudos, não só dos feitos por conta própria sem o favônio do poder, como dos que apresentei mais tarde, quando o govêrno, depois de maduro exame, entendeu confiar-me comissões".

Dirigindo-se à mocidade estudiosa brasileira:

"Que ela apanhe aí (nos campos e matas) novas fôlhas, flôres e frutos e mesmo com os espinhos que forçosamente há de encontrar, entreteça coroas, grinaldas e festões e adorne o templo, para que ao menos, como remate, possa nêle ser entoado o hino do trabalho nacional".

A morte o surpreendeu na direção do Jardim Botânico, a 6 de março de 1909. Foram 67 anos muito bem vividos que enchem de glória o Brasil que tanto amou, pelo seu invulgar saber, acendrado patriotismo e extraordinária dedicação à ciência.

Embora incompreendido por uns e combatido por outros não se pode negar seu valor. Enquanto nos maiores centros europeus de sua época os seus trabalhos encontravam ressonância, o Brasil teimava em não lhe reconhecer méritos.

Só à custa de seus próprios esforços conseguiu as maiores honrarias que um homem pode ter, conforme vejamos:

Membro da Sociedade de Naturalista de Friburgo, da Real e Imperial Sociedade de Viena, da Real Sociedade Botânica de Edimburgo, da Sociedade Antropológica de Florença, da Academia de Ciências do Porto, do Instituto de Coimbra, da Academia de Marselha, da Sociedade Real de Botânica de Bruxelas, da Sociedade Real Antropológica e Etnográfica de Florença, do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil; agraciado por S.M. Fidelíssima com o hábito de Cavalheiro da Antiga, Nobilíssima e Esclarecida Ordem de S. Tiago da Espada e da Ordem Eqüestre da Coroa da Itália; laureado pela

Academia Nacional de Paris e pelo Instituto de Ciências Físicas e Naturais de Florença; vice-presidente honorário do II Congresso Latino-americano de Ciências, etc.

Barbosa Rodrigues morreu deixando cêrca de uma centena de trabalhos sôbre Botânica, Arqueologia, Geografia, Etnografia, etc.

Ao encerrar este discurso, permiti-me lembrar a célebre frase de Emerson que se adapta perfeitamente ao nosso maior naturalista:

"Quando o homem concentra tôda a sua energia no cumprimento do dever, aproxima-se de Deus".

WILLIAM RODRIGUES, A BOTÂNICA E A AMAZÔNIA

Cosme Ferreira FILHO

Multiplicam-se as oportunidades em que a Academia Amazonense de Letras vê adentrar-se pelos seus pórticos radiosos, intelectuais consagrados pelo valor de seus trabalhos e de seus conhecimentos científicos. O fato empresta uma nova dimensão a êste sodalício, onde, ao lado dos cultores das letras românticas, poéticas, históricas, jurídicas, sociológicas e humanísticas, passam a alinhar-se, com igual projeção, os artífices do que chamaremos de letras científicas, tão requestadas, numa época em que o avanço incoercível e ilimitado da tecnologia transforma o homem num quase semi-deus, apenas ainda não tocado pelo sôpro da imortalidade.

— — —

Esta casa, cuja singular e dignificadora missão é a de agasalhar em seu limitado quadro de membros as mais destacadas expressões da cultura amazonense, deveria ter hoje o seu salão de honra decorado com enormes e coloridos festões, confeccionados com ramos, fôlhas e flôres colhidos no recesso de nossas verdes e opulentas florestas.

Sòmente recorrendo a essa ornamentação, de agressiva e selvática beleza, criaríamos ambiente capaz de servir de moldura ao nôvo sacerdote que, associando-se aos veteranos dêste cenáculo, passará a oficiar conosco as sacrossantas homílias em louvor da ciência, da arte e da beleza, em tôdas as suas múltiplas e diversificadas formas de expressão.

Assim entendo porque a figura de intelectual, que a Academia Amazonense de Letras ora incorpora ao seu acervo de valores em têrmos humanos e culturais, é um grande apaixonado da natureza onde

marca sua presença como um mestre da Botânica, ciência que se constituiu no seu verdadeiro e inelutável "leit-motiv".

Vivendo em permanente e estreita comunhão com o maravilhoso mundo vegetal, pertence William Antonio Rodrigues à grande estirpe científica clássica dos Agassiz, Von Martius, Humboldt, Coudreau, Alexandre Rodrigues Ferreira, Saint-Hilaire, Spruce, Barbosa Rodrigues, Von Spix e Huber e dos contemporâneos Paul Le Cointe, Egler, Murça Pires e Adolfo Ducke êstes do meu conhecimento e estima pessoal.

Por semelhante vinculação impõe-se William Rodrigues como um continuador da esplêndida obra de pesquisa no mundo vegetal, realizada por essas figuras extraordinárias, totalmente absorvidas pela ânsia insopitável de conhecimento da vida, que nêle incessantemente se processa, partindo da mais humilde grama aos portentosos gigantes da floresta.

Minha escolha, talvez desacertada, para apresentar-lhe as boas vindas ao seio da Academia Amazonense de Letras, decorre menos de aptidões literárias ou de atributos de orador, que reconheço não possuir, para haurir motivações mais profundas e irreversíveis no estranho amor que sempre dediquei, desde a infância ginasiana, ao verde mundo das árvores, com êle vivendo em permanente comunhão, numa quase indissolúvel simbiose, que, ainda hoje, exerce sôbre o meu organismo irresistível domínio.

Sendo William Rodrigues um apaixonado das florestas, em cujo convívio frequentemente se encontra, não poderia, quando no exercício de seus labôres, deixar, como eu, de se sentir tocado pela magia religiosa que emana de seu ambiente de trabalho. E, por certo, a transformaria em versos da mais alta delicadeza e sensibilidade, se tal concessão lhe fôsse permitida dentro dos rígidos padrões e métodos da pesquisa científica, muito embora outros de sua estirpe já o tenham feito com indubitável sucesso. Mesmo porque dificilmente se encontra um cientista, dedicado à pesquisa no campo da Botânica, ou um engenheiro florestal, empenhado em medir e avaliar os recursos da selva, que não tenham, simultâneamente, qualidades ou conteúdo de poeta, pela freqüência com que, no desempenho de suas missões, são tocados pelo esplendor das explosões de côr, de forma e de aromas, que enfeitam, na exuberância da floração, as sorveiras, os ipês e tôda uma enorme variedade de acácias e de outras plantas silvestres.

Eis porque nenhuma homenagem de maior conteúdo e sinceridade poderei, pessoalmente, prestar a William Rodrigues, como cientista e como homem de cultura eclética, do que incorporando a esta fala de amizade, uma das várias poesias por mim escritas, em plena adolescência, quando meus olhos se abriam e se extasiavam perante a divina criação da floresta.

"Árvore" assim traduz êsse deslumbramento religioso de que me senti então possuído:

Vens de quando Jeová, segundo estranhas lendas,
Fêz emergir do cáos a Terra e a Natureza;
E és encantado abrigo onde os ramos estendas,
Árvore! — e és flor e fruto, e perfume e riqueza.

O machado te fere a heráldica beleza,
E tombas por entre ais, exalados das fendas,
Sem que te compreenda a êrma e funda tristeza
Quem te quis na ilusão do lume que lhe acendas.

O que te aduba e poda, e te acarinha e rega,
Feliz em te matar a longa sêde insana,
Faz o bem, que ao Rabi trouxe a Samaritana.

Mas, lenhada e partida, a sorte má te entrega
Ao fogo, em recompensa a todo o bem semeado,
E és, ainda assim, calor e fumo, olente e alado.

Muito embora creia existir em William Rodrigues inelutável sensibilidade ao culto da beleza, em suas mais puras e autênticas manifestações, tal euforia espiritual jamais perturbou ou desviou o cientista que se vem dedicando, sistemática e infatigàvelmente, à pesquisa e à experimentação, já tendo enriquecido o quadro dos conhecimentos botânicos da hiléia amazônica, com 31 valiosos trabalhos originais, divulgados em monografias e pela imprensa, dentre os quais vale mencionar os de maior conteúdo e interêsse regional, a saber:

a) — Estudo preliminar de mata de várzea de uma ilha do baixo rio Negro, de solo argiloso e úmido;
b) — Aspects phytosociologique des pseudo-catingas e forêts de varzea du Rio Negro;
c) — Aspectos fitossociológicos das caatingas do rio Negro;
d) — Estudo de 2,6 hectares de mata de terra firme da Serra Navio, Território do Amapá;
e) — Inventário florestal pilôto ao longo da estrada Manaus-Itacoatiara, Estado do Amazonas: Dados preliminares;
f) — Litter production in an area of Amazonian terra firme forest. Part I. Litter-fall, organic carbon and total nitrogen contents of litter. Em colaboração com H. Klinge;
g) — Litter production in an area of Amazonian terra firme forest. Part II. Mineral nutrient contents of the litter. Em colaboração com H. Klinge.

Participou, igualmente, William Rodrigues, de cêrca de vinte expedições científicas, no Brasil e no exterior, sempre com eficiente e brilhante desempenho, dentre as quais me permito mencionar aquelas de maior alcance e profundidade, ao Território Federal de Rondônia,

em 1 955; aos rios Waupés e Taraquá-Amazonas, em 1 959; ao Território do Amapá, dentro do programa Aubreville, em 1 961; havendo presidido o Congresso da Sociedade de Botânica, realizado em Manaus, em 1.963. Integra, por sua vez, em caráter permanente, os quadros da Sociedade de Botânica do Brasil, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e da Association for Tropical Biology, posições que projetam e fortalecem sua invejável formação cultural.

Ainda enriquecem o currículo profissional e científico de William Rodrigues a organização e manutenção da secção de Botânica do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, incluindo seus herbário e xiloteca, hoje, respectivamente, com 30.000 exsicatas e 4.000 amostras de madeiras, com estudos fitossociológicos em diversas partes da Amazônia e estudos de bioprodução primária da floresta amazônica, além de outras realizações, também extremamente valiosas que não vem a pêlo mencionar.

Por sua vez, numerosos cursos de especialização, no domínio da botânica aplicada, foram realizados e freqüentados por William Rodrigues, dentro e fora do país, sendo o mais recente dêles o de Treinamento em grupo sôbre Pesquisas de Produtos Florestais, que o reteve no Japão por longos seis meses de estudos e de observações.

A Botânica, como ciência de campo e de laboratório, não representa uma constelação de conhecimentos recreativos ou ornamentais, que se procure em têrmos de diletantismo cultural. Os legionários de Humboldt e de Agassiz são criaturas a serviço da humanidade, nas principais frentes de luta, objetivando assegurar-lhes aquelas condições de bem-estar, reclamadas e perseguidas há vários milênios.

Alimentação, moradia, vestuário e saúde plantam suas pivotantes no conhecimento e na utilização da cobertura florística da terra, mais do que no das águas fluviais e oceânicas e dos avaros recursos do subsolo.

No caso específico da Amazônia, constitui a floresta, a famosa hiléia amazônica, um dos maiores (senão o maior) repositórios de recursos naturais existentes sôbre a terra. Para avaliá-la, adequadamente, basta considerar-se o que logrou realizar a utilização de uma única espécie vegetal nela existente — a "Hevea brasiliensis".

O curso inelutável do tempo nos distancia dos fatos e minimiza as suas exatas dimensões. Não é, por conseguinte, fora de oportunidade, relembrar às velhas e às novas gerações que foi a borracha, resultante do aproveitamento do latex vegetal, que permitiu a penetração da Amazônia até o limite dos contrafortes andinos, gerando a riqueza que construiu duas grandes metrópoles no Vale ainda quase virgem da presença humana. E, quando nos referimos a essas metrópoles, lembramo-nos de seus grandes portos, de seus notáveis teatros, hospitais, serviços de água e esgôto, usinas de eletricidade, transportes urbanos

e, mais, da enorme frota mercante, que percorria incessantemente, naqueles idos, todos os caminhos fluviais da Amazônia, ao serviço exclusivo de sua majestade, a Borracha.

E o próprio país recebia e se beneficiava, de norte ao extremo sul, das sobras de uma torrente de divisas, cuja aplicação, talvez em volume inferior à metade de sua receita, era feita nesta região.

Emiti, há 18 anos, em palestra proferida para um conclave de bispos da Amazônia, por solicitação da arquidiocese de Manaus, êstes conceitos, cuja validade ainda hoje se justifica:

> A floresta ainda é um dos maiores patrimônios do homem sôbre a terra. É riqueza em potência e permanente. Seu desaparecimento empobrece e desalenta as nações. Cada hectare de nossas matas é valor definido e mobilizável. Embora extremamente diversificada, tem ela, nesse fenômeno, um de seus poderosos elementos de valorização, quando explorada tècnicamente. Onde sangramos a seringueira temos o castanhal, as árvores de sôrva e as que produzem ucuquirana, os louros aromáticos, o timbó e as raízes medicinais. E se nos proporcionarem elementos de investigação para seu aproveitamento integral, veremos quanto aumentará o nosso ganho e quanto o Brasil crescerá em poder econômico. Lembremo-nos de que só a borracha, por muitos anos, alimentou a nação de quase metade de suas disponibilidades cambiais. Aos 25 milhões de libras esterlinas proporcionadas pelo café, nos idos de 1 910 a 1 912, contrapunham-se cêrca de 22 milhões de libras, outorgados pela exportação de borracha. E, ainda agora, entregamos à economia brasileira poderosos suprimentos da moeda cambiável, através, apenas, do aproveitamento superficial e empírico das nossas matas.
>
> Já em 1 930, W. T. Cox, representando o Brasil na Conferência Interamericana de Agricultura, Floricultura e Indústria Animal, realizada em Washington, punha em presença o valor formidável das matas da América tropical, dizendo que "em futuro não remoto as florestas dos países da América tropical seriam classificadas entre as primeiras fontes de riqueza". Estabelecia, a seguir, em 10 capítulos, um palco brasileiro de aproveitamento racional e integral de nossas florestas, analisando, ao mesmo tempo, os resultados obtidos no Estado de Minnesota, na América do Norte, onde uma reserva silvícola foi submetida pelo govêrno a êsse sistema de aproveitamento integral com resultados maravilhantes.
>
> Pierre Des Fontaines, em "L'Homme et la Forêt", analisando o comportamento do homem em função dos recursos que a floresta sempre lhe proporcionou, acentua a excessiva devastação florestal, para formação de campos de lavoura e de pastoreio, com evidente empobrecimento dêsse elemento indispensável ao equilíbrio biótico do solo, alimentando as fontes, regulando o regime das

chuvas e evitando a erosão dos terrenos, essa calamidade universal, que constitui uma das grandes preocupações dos governos de todos os países. E mais recentemente, William Vogt, no livro "O caminho da sobrevivência", oferece-nos o panorama alarmante da marcha vertiginosa do mundo para a esterilidade de suas áreas de produção agrícola, trabalhadas com a intensidade que permitem os modernos implementos mecânicos e corretivos químicos, apenas com o objetivo de responder às exigências de uma civilização geradora de padrões de vida onde o dispensável e o supérfluo superam, de muito, as necessidades fundamentais do homem.

Preservar, poupar e usar inteligentemente a riqueza florestal de que dispomos deve configurar nossa conduta em presença da hiléia amazônica, para que não nos alinhemos ao lado daqueles transgressores das leis naturais e das leis divinas, abreviando a aproximação daquela ruinosa meta de carência de recursos naturais, sem os quais será impossível a vida sôbre a terra.

Compete aos cientistas da Botânica e aos engenheiros florestais, fazer os levantamentos, estudos e avaliações, para o aproveitamento da imensa massa de recursos naturais que deverá conter a floresta amazônica.

Recursos que, em têrmos de madeiras, se transformarão em habitações, utensílios, embarcações, dormentes para estradas de ferro e fibras para tecidos; recursos que, sob a forma de nozes comestíveis e frutos, irão contribuir para atender aos reclamos mundiais por mais e melhores alimentos; recursos finalmente, constituídos por substâncias vegetais que ampliarão as possibilidades de êxito na luta contra as enfermidades, e que já têm sua presença assinalada na farmacopéia brasileira e mundial, a serviço da saúde de todos os povos, com uma enorme gama de plantas medicinais.

Organizada por William Rodrigues, tenho uma relação de quarenta e nove plantas medicinais já identificados na flora amazônica, indo do andiráuchi à salsa-parrilha, passando por estimulantes, como o guaraná ("Paulinia cupana") que, por suas virtudes terapêuticas e nutrientes, já definidas pelos laboratórios de pesquisas, desde Trommsdof e Peckolt, há mais de cem anos, quando difundido largamente, no país e no exterior, seria, só por si, suficiente para realizar o milagre de recuperação e libertação de dezenas de milhares de criaturas que, como verdadeiros sequestros humanos, vegetam nas várzeas e terras-firmes da hinterlândia.

Todavia, a revelação de tôda essa maravilhosa potencialidade da floresta amazônica necessita de uma elite de cientistas dedicados ao estudo da Botânica, para identificá-la e medir-lhe os valôres econômicos, a fim de que o homem a possa utilizar racionalmente.

Sòmente assim terá a famosa "Hevea brasiliensis", a grande geradora de uma riqueza, que nos deu projeção mundial, sucessores de

igual ou de maior porte, restabelecendo a excepcional posição de que, ao tempo de seu reinado, desfrutou a Amazônia. Isto não indica que os primitivos e os novos recursos, que já proporciona ou virá a oferecer a hiléia amazônica, sejam perpetuamente colhidos em regime de puro extrativismo. Lembremo-nos de que foram a perícia e a tenacidade dos botânicos de Kew Garden, estudando a genética e o comportamento da "Hevea brasiliensis", com as sementes fornecidas por Henry Wickman, que destronaram a Amazônia de seu reinado econômico, alicerçado na borracha, dando lugar aos atuais três milhões de toneladas dessa matéria prima que o Oriente asiático fornece ao mundo das nações industrializadas.

E devemos ter em conta, ainda, que o maior esfôrço dos cientistas, utilizando complexos laboratórios, tem sido construir com os seus próprios conhecimentos e instrumentos, o que a natureza e, principalmente a floresta, nos dá espontâneamente.

Impõe-se, por tudo isso, a implantação, "pari-passu", da silvicultura de nossas essências vegetais de maior valor econômico e comercial. E é justamente a pesquisa, orientada com objetividade, que nos deverá dizer o que devemos cultivar, bem assim onde, como e quando plantar.

Não esperamos a derrubada da última árvore de caule aproveitável ou a morte do derradeiro bicho do mato, como pràticamente aconteceu nos Estados Unidos e em grande parte do Brasil meridional, para iniciarmos a silvicultura na Amazônia. Tenhamos presente o exemplo de S. Paulo, onde o apostolado científico de Navarro de Andrade, considerado o maior eucaliptólogo do mundo, estimulou e promoveu a plantação de mais de 200 milhões de pés de eucaliptos, que vestem, hoje, imensas áreas antes empobrecidas por sucessivas lavouras de café e outras de pequeno ciclo e castigadas pelos danos da erosão.

Mais empolgante ainda e, sobretudo, convincente, é o caso dos Estados Unidos da América do Norte, tão maravilhosamente descrito por Stewart L. Undall, no livro "Quiet Crisis", no original e, na versão brasileira — "A crise silenciosa" — com o subtítulo "a tragédia do desmatamento e da erosão". Livro de cujo texto deixo de citar, para não ser longo nesta oração, conceitos e períodos, tanto de conteúdo científico, como de substância econômica ou natureza poética, mas que recomendaria à leitura de todos os brasileiros, para efeito de uma tomada de posição filosófica, em relação ao tratamento dos recursos naturais do país.

É quando a cultura invulgar e cheia de fé e dinamismo de William Rodrigues se projeta sôbre os destinos da Amazônia como botânico e estudioso dos temas regionais integrantes de nossa economia, bàsicamente dependente da mobilização dos nossos recursos florestais e de sua domesticação, por meio de estudos da genética de seus exem-

plares de maior valor econômico. Sòmente êle, à frente de suas equipes especializadas, poderá proferir o cabalístico "abre-te sésamo", para que o imensurável tesouro da hiléia amazônica se torne acessível ao trabalho humano que o transformará em riqueza, talvez até mesmo na medida em que uma só árvore, a exemplo da "Hevea brasiliensis", venha tonificar a economia da Amazônia e, quiçá, do Brasil.

A meia dúzia de essências florestais, hoje exploradas e colhidas na imensidão do território amazônico, onde se destacam em têrmos de produção, a borracha, a castanha, o guaraná, a piaçava, a essência de pau-rosa, o cumaru e a sôrva, poderá ser transformada pelo esfôrço da pesquisa e da técnica, sob o comando de William Rodrigues, numa inconcebível gama de produtos para as mais diversificadas aplicações industriais, farmacêuticas e alimentares.

Semelhantes conceitos e digressões pelo campo da ciência aplicada e da própria economia de produção podem parecer exdrúxulos numa oração de posse acadêmica. Elas representam, todavia, a melhor forma de emprestar o merecido realce à cultura eclética de William Rodrigues, cujos conhecimentos de botânica, quando aproveitados e utilizados na sua justa medida, poderão elevar, com rapidez, o nível do bem-estar daqueles seqüestros humanos a que me referi, somando mais de um milhão de criaturas espalhadas pela vastidão da Amazônia, onde praticam uma economia de sobrevivência, "stricto sensu", biológica.

Como um nôvo mágico de Oz, mais avançado em seu poder criativista, êle poderá operar milagres e fazer revelações, que ainda se escondem no segrêdo das matas, e que serão denunciados e apontados à cobiça dos homens pelos laboratórios, a serviço de seu trabalho de cientista e de sua fascinação pela natureza.

Vale relembrar, nesta altura, o prejudicial retardamento que sofreu a emprêsa de estudo e mobilização de recursos naturais desta área, com o repúdio de certos círculos, dopados por um nacionalismo pouco ou nada esclarecido, ao pensamento honesto e humano de Paulo Carneiro, quando propôs a formação de organismo integrado por nações com participação territorial no grande complexo amazônico, para a realização dessa imensa tarefa. Tentativa renovada, em maio de 1 966, sem maiores repercussões, por iniciativa do govêrno peruano, com a realização, em Lima, da Reunião Internacional sôbre Problemas de Agricultura nos trópicos úmidos da América Latina, da qual participei, integrando a Delegação Brasileira.

De homens de semelhante estirpe e devoção ao estudo dos problemas da ecologia amazônica, comandada pelos rios e florestas que dão imagem à região, é que depende a redescoberta desta área, para utilização de seus recursos de superfície e de subsolo.

A espantosa realidade é que o Cosmo amazônico, em sua imensa complexidade, está longe de ser tão conhecido e mensurado quanto o Cosmo lunar, onde as mais arrojadas e avançadas aferições têm sido realizadas pelos cientistas espaciais, com seus maravilhosos aparelhos, acionados por sêres que não parecem pertencer à raça humana.

A radioatividade, os campos magnéticos, as saraivadas de meteoritos e a constituição íntima do solo lunar e de sua levíssima poeira, são hoje trabalhos de rotina em laboratórios especializados e nas cabines das naves interplanetárias, enquanto um só hectare do solo e da floresta amazônica está longe de se beneficiar de um trabalho total de investigação e de avaliação.

— — —

São muitos os rituais religiosos ou profanos para a recepção de um neófito, indo da simplicidade mística de um beijo ou de um abraço aos mistérios esotéricos e, por vêzes tenebrosos, de estranhas seitas ou grupamentos humanos.

Nossa tradicional Academia Amazonense de Letras limita essa grande cerimônia a duas falas de amizade: a do nôvo acadêmico e a do veterano distinguido para saudá-lo.

Fôsse de coroamento o ritual acadêmico, três modelos de corôa deveriam ser referidos nesta solenidade: a corôa de espinhos que ensanguentou a fronte divina do Christo-Homem, a corôa de ouro e pedrarias, da sagração dos imperadores e reis, e a clássica corôa de louros instituída pelos helenos, para dignificação de seus grandes heróis e artistas.

Fôsse essa a forma de homenagear-se e de sagrar William Rodrigues, na hora transcendental de seu ingresso na imortalidade simbólica da Academia Amazonense de Letras, deveria ser sua fronte ornada com uma vistosa corôa, confecionada por mãos de iaras, com ramos, fôlhas e flôres da floresta que nos fascina e aprisiona, como expressão de vassalagem da hiléia amazônica àquele que um dia irá desvirginá-la, em seus mais recônditos segredos, para servir ao Amazonas, ao Brasil e à Humanidade.

Encerrando esta oração, saúdo em William Rodrigues o nôvo intelectual que, ungido pelo ósculo da imortalidade acadêmica, vem ocupar, por justos méritos e, quiçá, por direito de herança cultural, a poltrona dignificada pelo nome imperecível do sábio naturalista que foi João Barbosa Rodrigues, de cuja grandeza espiritual nos soube dar uma resplendente imagem, no maravilhoso estudo que fêz de sua extraordinária personalidade de cientista e de brasileiro, totalmente devotado ao amor e ao engrandecimento da Pátria.

Sêde benvindo a esta casa, Acadêmico WILLIAM ANTONIO RODRIGUES!

CADEIRA 35 (D. Frederico Costa)

ABRINDO OS TRABALHOS

Djalma BATISTA

Empossa-se hoje nesta Academia, inaugurando a Cadeira nº 35, patrocinada por D. Frederico Costa, o escritor e poeta Moacyr Alves, a quem concedemos com alegria os votos que o conduziram à Casa de Adriano Jorge e Pericles Moraes.

Moacyr Alves é um baiano que veio cêdo para o Amazonas, a serviço de sua profissão liberal. Veio para cá por amor, e ides ouvir dentro em pouco que houve uns olhos cativantes que decidiram a sua escolha. E aqui ficou, trabalhando e construindo, pondo a sua inteligência e a sua cultura a serviço das letras amazônicas.

É preciso dizer que o seu descobridor, aquêle que chamou a atenção da Academia para as suas qualidades intelectuais, lamentàvelmente morreu antes de vê-lo eleito: foi Mavignier de Castro, a quem tributo, neste instante, uma especial homenagem de admiração e saudade.

Quando examinei a obra e o currículo de Moacyr Alves, a quem conhecia como homem de espírito, deparei as raízes de nossas afinidades: além de bom baiano, formado pela Universidade construída pela capacidade de Edgard Santos, antigo diretor de minha sequi-centenária Faculade de Medicina, Moacyr Alves nasceu em Ipiaú, antigo Rio Novo, onde começou a vida, como prefeito, meu amigo fraternal e colega de turma Jayme Tanajura, que êle também conheceu e de certo estimou. Ficou na minha lembrança e na minha simpatia aquela localidade do Sudoeste baiano, a que se ligou um dos meus companheiros de ideais, que morreu cêdo, antes de se realizar completamente.

Esta Academia se regozija de admitir membros que sejam representantes da inteligência, venham de qualquer ponto do Brasil: para a democracia acadêmica, o importante é que escrevam com inspiração e cultuem o espírito, — considerado como tal o conjunto das faculdades superiores do homem. Importante também que tragam idéias e as defendam, mesmo que sejam contraditórias ou revolucionárias, para se imporem perante o que chamam de ecumenismo da companhia

E por que Moacyr Alves atende as condições da Casa, as portas lhe foram abertas, para esta festa de iniciação, quando o acadêmico João Chrysostomo de Oliveira lhe dará as bôas-vindas, com a dupla responsabilidade de filólogo e de pastor evangélico.

Ao abrir os trabalhos, quero afirmar ao moço que hoje se empossa, com as galas do protocolo acadêmico, os versos de Bandeira:

"Amigo, seja benvindo!
Não faça cerimônia.
A casa é sua,
vá pedindo, vá mandando".

AO OCUPAR A CADEIRA 35

JUSTAS HOMENAGENS

Moacyr ALVES

Assentí, eminentes acadêmicos, seja dedicada, antes de tudo, minha homenagem a quatro entes queridos distantes, dois em terras da Bahia, dois nas paragens etéreas.

Na Bahia encontram-se meus queridíssimos pais. Minha mãe ensinou-me as primeiras letras. Compunge-me o coração aqui não a ver, pois muito me alegraria, na hora da honra maior, dizer-lhe a viva voz: tudo o que sou e tenho, devo-lhe, Mamãe!

Anos seguidos, meu pai sacrificou saúde e bens, para o sustento do filho, estimulando sempre, elogiando sempre, desculpando sempre, dando sempre. A êle, de igual forma, muito apreciaria agradecer, afirmando-lhe comovidamente: devolvo-lhe, em honra, o nome que me deu e os frutos do que aprendi!

Em mundos desconhecidos, porque passaram à eternidade, minha sogra — Adelaide Carneiro, e um amigo achegado — Antonio Mavignier de Castro.

Ela, segunda mãe, conselheira excelente, alma bondosa, antevia o futuro promissor e ensinou à filha que me ajuda a subir, espôsa estremecida, tolerar-me e juntar as suas às minhas pequenas fôrças. Aqui estivesse e eu lhe enunciaria também: muito obrigado pelo seu estímulo!

Antonio Mavignier de Castro foi quem despertou em mim o interesse pela Academia.

Tanto ouvi sua palavra de Mestre, e dela me imbuí de tal forma, que um dia, ouvindo talvez o que êle mesmo falara, pois eu estava pleno do seu boníssimo espírito, não apenas convida, mas quase ordena: "você vai ser eleito para a Academia de Letras. Precisa apenas fazer uma petição e juntar suas produções".

Uma semana antes da eleição a morte arrebatou-o.

Neste momento pois, inquieto o coração por tanta emoção, permiti-me parar, por um momento, e dizer-lhe em segrêdo, se assim melhor se pode falar: muito agradecido, Mavignier! Muito agradecido!

O INDEFINIVEL QUE SE EXPLICA

Eu venho de longe. De uma terra prenhe de história, de campinas verdejantes algumas vêzes, e terra estorricada a maior parte do tempo.

Sei, pela infância difícil mas feliz, o que é ser pobre. Conheço, desde os mais verdes anos até à madureza de minha vida, o que é o trabalho nos seus diferentes aspectos.

Andei muito. Visitei muitas terras. Ansiava, como todo jovem, pelo indefinível. Algo em mim, todavia, segredava-me: o seu indefinivel chegará!

E chegou. Um dia, por entre as côres vivas, vivos olhos vivazes vivificaram meu abatido espírito. Eram os olhos de uma morena de Manaus. Prendi-me à fôrça que êles têm.

Resultou disso que, no ano de 1956 aqui desci. Se a vivacidade de uns olhos já me aprisionara, o indefinivel de Manaus completou minha capitulação. Rendi-me. E dominado inteiramente, fascinado pela imensidão amazônica, aqui finquei as estacas e ergui a cabana.

Uni a minha à vida da mulher que amo. Os rebentos do nosso amor chegaram. Manaus tornou-se, por fôrça dessa ocorrência, mais cara ao meu coração.

Acompanho, há 14 anos, a vida íntima do Amazonas. Tenho ajudado, nesse período, com o meu trabalho modesto, o crescimento da terra. Possuo quase nada. Mas tudo o que tenho aqui está. Amo a terra que me recebeu. Defendo-a e a nobilito onde chego.

De minha pobre pena, cânticos são espargidos em seu louvor. Integrei-me à Amazônia. Meu raciocínio, hoje, é o de um amazônida. Exalto o que se faz a prol do progresso amazônico. Sou, senhores, um dos soldados dispostos a tudo dar pela grandeza do Amazonas.

RECEIO E CRITICA

Abrindo assim as páginas que ora vos apresento, desejo realçar, ab initio, o meu deleite ao transpor, ainda assustado, os umbrais desta casa do saber.

Não me acostumei, tão pouco, à realidade dêste momento. Inquieta-me o descer desta tribuna e ocupar uma cadeira que se transmuda, em meu pensamento, num altar. A idéia do sagrado, do sublime, do perfeito, aterra-me.

Grandes Mestres que sois, perscrutadores da alma humana, já descobristes o turbilhão de emoções a me sacudir, tão logo eu tenha de assentar-me.

É certo que todo homem dado às letras aspira, com o mais vivo ardor, a obtenção da graça que hoje me é dada. Aquele indefinivel de minha mocidade chegou. Eu o queria e o persegui por mais de 25 anos, até alcançá-lo. E agora eis-me inquieto, quase atônito, a me perguntar: será que é mesmo o que procurava? E quando tenho o que almejava, como proceder?

Chega-me a resposta alentadora: dize o que pensas. Abre o coração!

Pois então vos direi.

Vejo as Academias qual sombra bemfazeja aos caminhantes das estradas ensolaradas; são o refrigério das almas abrasadas pelo saber; representam a caixa forte da riqueza intelectual.

Nelas os exponenciais das letras e das ciências abrigam-se, buscando ambiente propício à permuta de conhecimentos. Vossos Estatutos preconizam exatamente isto.

Se me permitirdes, uma crítica eu faria às Academias: elas se isolaram demais. A impressão causada aos que estão lá fora é a de que muralhas chinesas se levantaram para impedir a visão e o conhecimento do que se faz do lado interno.

Entendo deverem os agraciados com a imortalidade divulgar, permanentemente, suas idéias. Isolar-se é um êrro. Não podemos, na condição de sêres humanos, trancar-nos. Carecemos de contacto. Necessitamos de dialogar.

Mas se essa crítica pode ser generalizada, para ser justo, necessito exaltar a preocupação desta Academia em propalar, buscando popularizar, os seus feitos grandiosos, através de uma Revista e de um Suplemento Semanal em jornal da cidade.

Agora sim. A Academia diz, ao povo, para que existe. Dá-lhe relatos de sua finalidade. Espalha a semente fecunda do saber. Estimula. Desperta vocações. Provoca o debate. Esclarece. Dirime dúvidas. Faz saber, aos estudantes, a possibilidade de galgarem, com o estudo, o píncaro da montanha.

DEVER ESTATUTÁRIO

Mas não me destes a incumbência de externar, nesta hora, meus pensamentos a respeito da Academia.

Por fôrça estatutária, é meu dever relatar-vos os feitos e a vida do homem que deu nome à Cadeira a mim destinada por eleição.

Agradável missão, nada obstante muitos não entendam como possa eu, profitente da religião batista, ocupar a cadeira de um Bispo da Igreja Católica.

Pois eu vos digo que não me sinto, levemente sequer, constrangido.

Jesus Cristo respondeu de uma feita, aos seus apóstolos, dizendo-lhes não terem o direito de separar, isolar, distanciar, excomungar, os que não estivessem afinados com os seus pensamentos, mas que realizavam obra similar.

O fato ocorreu assim:

"Disse-lhe João: Mestre, vimos um homem que em teu nome expelia demônios, o qual não nos segue; e nós lho proibimos porque não seguia conosco.

Mas Jesus lhe respondeu: não lho proibais; porque ninguém há que faça milagres em meu nome e logo a seguir possa falar mal de mim.

Pois quem não é contra nós é por nós".

Seguiu, o eminente sacerdote, o caminho que lhe pareceu correto, eu sigo o meu, buscando ambos, o mesmo objetivo: a Glória Eterna.

Ademais, se válidos forem os argumentos do chefe supremo do catolicismo, não há porque manter em choque as correntes evangélica e católica.

Estou, portanto, inteiramente à vontade, para vos falar sôbre Dom Frederico Benicio de Souza Costa.

De comum já possuimos haver nascido no mesmo mês, chegarmos a Manaus tangidos pelo ideal de servir, a inquietação espiritual pela obtenção de graças divinas, e a proclamação de Deus como Criador e Pai Supremo.

O HOMEM

Paraense da Vila de Boim, nasceu a 18 de outubro de 1876, filho legítimo de Marciliano Macêdo Bahia e Costa e de dona Tomásia de Souza Gonçalves. Seus primeiros estudos foram feitos em Soure.

Menino inteligente, sobremaneira vivo, vêmo-lo aos nove anos matriculado no Seminário do Carmo, em Belém, onde arrancou, sempre, o primeiro lugar. Graças aos conhecimentos da língua pátria, ainda aluno, mais tarde, vamos encontrá-lo regendo a cadeira de português no famoso Seminário.

Percebendo, naquele mancebo, valor comprovado, Dom Gregório Coelho, então Bispo do Pará, envia-o para o Seminário de São Sulpício, em Paris.

Na "cidade luz" Frederico Costa em nada desmerece o nome alcançado. Dedicado sempre aos estudos, chama atenção de mestres e colegas pela sua infatigável aplicação aos livros. Ali, em Paris, e no mesmo Seminário, recebe as Ordens Menores.

Em 1896 desloca-se de Paris para Roma onde frequentou o Colégio Pio-Latino-Americano e a famosa Universidade Gregoriana. Em 1899, portanto aos 23 anos de idade, recebeu o seu laurel de doutor. Naquele mesmo ano, foi ordenado Sacerdote.

Deixando Roma, ei-lo novamente em Belém. E foi naquela cidade onde cantou a sua primeira missa solene, na famosa Catedral.

Ainda na grande metrópole vizinha, foi lente de Teologia no Seminário Maior de Belém, Capelão da cadeira de São José, exercendo mais êste valioso ministério no Orfelinato Paraense, no Hospício de Alienados e na Beneficente Portuguesa.

Exerceu o cargo de Secretário da Cúria Diocesana e as funções de coadjutor e Vigário da Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré.

Na vida secular, até então em Belém, D. Frederico apareceu tomando parte em várias bancas examinadoras para concursos públicos, tendo sido membro do Congresso de Pedagogia, revelando notável cultura.

Temos notícias, por outro lado, de haver fundado um colégio para meninos e meninas pobres, fruto das suas constantes visitas aos leprosos de Tucunduba.

Era prelado de Santarém quando foi eleito Bispo do Amazonas, sucedendo a Dom Lourenço da Costa Aguiar.

Voltou a Roma, onde foi sagrado Bispo, pelo Cardeal Gotti, assistido por dois prelados brasileiros, Dom Francisco do Rêgo e Dom Antonio Sixto Albano.

Após sua sagração, passou a ostentar um título mundial invejável: era o Bispo mais novo do mundo!

CHEGADA A MANAUS

Regressando ao Brasil, preparou-se para assumir o alto posto. Passageiro do "São Salvador", no dia primeiro de junho de 1907 desembarcava em Manaus.

Recepcionado pelas autoridades do Estado, recebeu, no dia 10 do mesmo mês, por parte do Govêrno, as homenagens a que fazia jus.

Agradecendo à Comissão, D. Frederico ressaltou o alto significado da cruz na formação da pátria brasileira, merecendo ser conhecido êste trecho do seu discurso:

"Todas as nossas tradições encontram na base a fé e a cruz de Jesus Cristo!
Quando Pedro Alvares Cabral, o grande Almirante português, seguindo poucos anos depois o exemplo de Colombo, veio aportar às terras do Brasil, o primeiro sinal que arvorou em terra foi o sinal da redenção!

Quando os reis de Portugal, tomando a peito a colonização da nova terra, quiseram afirmar o seu domínio contra outras potências, ao lado dos soldados armados de espadas vieram outros soldados unicamente armados com a cruz, imortalizados em versos sublimes pelo nosso grande poeta Castro Alves!"

Não fôssem José de Anchieta, Antonio Vieira e os demais missionários seus companheiros de luta e, certamente, não existiria hoje êste colosso americano chamado Brasil.
Assim arrematou seus agradecimentos:

"O que devo afirmar é que o novo Bispo desta diocese outra coisa não deseja senão a grandeza e a prosperidade do Amazonas; há de trabalhar para êsse fim, procurando seguir os passos dos seus gloriosos antecessores".

A OBRA LITERÁRIA

Com êste propósito, realmente, dedicou-se ao trabalho e realizou obra admirável, durante os seis anos que permaneceu no Amazonas. Nesse período visitou a diocese em longas jornadas, tendo publicado algumas Cartas Pastorais, onde encontramos sua bagagem literária e à qual nos prenderemos.

Dentre as suas Pastorais, destacamos:

Carta Pastoral — saudando os seus novos diocesanos e despedindo-se dos habitantes da Prelatura de Santarém. (Roma, imprensa Pontificia do Instituto Pio IX, 1907).

Pastoral — ao Reverendo Clero como recordação do Retiro Espiritual do ano de 1909.

Carta Pastoral — a seus amados diocesanos. Ceará — Fortaleza, Tipografia Minerva, 1909. Em apêndice, nessa Pastoral, traz elementos da língua geral (Nheengatu) trechos em prosa e versos e vocabulários.

Carta Pastoral — aos Exmos. e Revmos. Bispos e Prelados do Amazonas, Santarém, Tefé e Alto Solimões, reunidos em Manaus, sôbre a execução das leis eclesiásticas nas suas dioceses e prelazias (Tipografia Santarém, 1912).

Mencionar, tão sòmente, o que escreveu, parece-me tarefa incompleta, pois retirar-vos-ia o prazer de conhecer textos verdadeiramente belos e de significação profunda. Consentí, pois, que eu inicie por uma das mais fulgurantes composições de D. Frederico, inserta em sua "Carta Pastoral aos Seus Amados Diocesanos".

SERMÃO SÔBRE A RESSUREIÇÃO DE CRISTO

"Passaram-se os dias de tristeza; rompeu jubilosa a aurora da ressurreição. De todos os cantos do mundo cristão ouvem-se aleluias e gritos d'alegria porque o Cristo Redentor dos homens surgiu glorioso e triunfante, do sepulcro para nunca mais morrer!

É justa a alegria da cristandade, pois a ressurreição de Cristo é fato principalíssimo da religião que professamos. São palavras do grande Apóstolo São Paulo:

"Se Cristo não ressuscitou vã é a nossa pregação, vã é a nossa fé: somos testemunhas falsas de Deus, pois afirmamos ter Deus ressuscitado a Cristo a quem não ressuscitou...

"Se Cristo não ressuscitou baldada é a vossa fé pois ainda estais no pecado. Somos os mais miseráveis de todos os homens. Comamos e bebamos pois amanhã morreremos".

Tal seria a condição desgraçada do povo cristão se porventura o Cristo Salvador não houvesse vencido a morte e ressurgido glorioso. Mas Cristo ressuscitou. O Apóstolo cujas palavras acima citamos, fala com tôda a segurança: "Cristo ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; apareceu a Cephas e depois aos onze discipulos. Em seguida viram-no mais de quinhentos irmãos dentre os quais muitos ainda estão vivos e outros já dormem. Apareceu a Tiago e depois a todos os Apóstolos. Finalmente a mim também, qual abortivo, apareceu por último".

Quem haverá de boa fé que recuse o testemunho do grande Apóstolo? Dir-se-ia, porventura, que Paulo era um iludido, um visionário? Leiam-se as suas epístolas; analise-se o caráter do grande Apóstolo; estude-se a altivez da sua linguagem e sairá mais clara do que a luz meridiana essa cerebração privilegiada, essa alma adamantina, êsse coração leal um todo complexo, no qual absolutamente não existe lugar para fraudes, ilusões, enganos. Paulo falava sinceramente e dizia o que os seus olhos tinham visto: êle viu ao Cristo do Senhor vivo, ressuscitado dentre os mortos.

Alegremo-nos, portanto, todos os cristãos. Entoemos hinos de alegria, e repitamos com a nossa santa amada igreja:

Christus Surrexit!

Aleluia!Aleluia!"

Estas são as palavras introdutórias de sua mais famosa Pastoral.

VARANDO OS RIOS

Permiti-me agora, conduzir-vos a diferentes lugares no Amazonas, seguindo a longa viagem de D. Frederico, iniciada a 10 de janeiro de 1908, tendo por companheiros Monsenhor Fernandes Távora e o Cônego Ismael Freire.

Observador notável, não perdeu um detalhe, sequer, dos diferentes locais visitados. Assim é que no Solimões, realça as belezas de Bôca do Tefé e afirma, incisivamente, existir em Tefé um jardim municipal "que é digno de figurar em qualquer cidade do mundo".

Referindo-se a São Joaquim de Caiçara, afirma ter sido literalmente coberto de flôres e reconhecer, no pacato povoado, não haver a impiedade a alcançado ainda.

Na viagem empreendida ao Rio Negro, êle mesmo declara:

"Mais interessante certamente e de muito maior importância foi a viagem que empreendemos ao Rio Negro e da qual vamos falar-vos muito minuciosamente. Nem sempre seremos agradável na nossa narração; algumas susceptibilidades serão feridas, mas que havemos de fazer? Temos arraigado no coração o amor da nossa querida Pátria, cujo engrandecimento desejamos, como então calaremos fatos e misérias que a envergonhariam publicamente se fôssem conhecidos pelos povos estrangeiros? Somos o protetor natural dos fracos e oprimidos, dos que sofrem, dos que choram, dos que são perseguidos, maltratados, escravizados; manda-nos a nossa consciência que nos coloquemos ao lado daqueles que têm necessidade de amparo e de justiça e denunciemos altamente a todo o país a vergonhosa situação em que se encontra a população genuinamente brasileira, esbulhada dos seus direitos, caçada como feras, ou pelo menos envilecida e desprezada como verdadeiros párias, neste país que se gloria de ser o país da verdadeira liberdade, da verdadeira fraternidade, a verdadeira igualdade, sem distinção de classes, nem de côres, como pois fecharíamos a bôca diante dos abusos que vimos?

Bem sabemos que nossa voz não será ouvida, nossas reclamações não serão atendidas... pouco importa.

Teremos a consolação de cumprir com o nosso dever e gritar com tôdas as fôrças de nossa alma!

Justiça! Justiça! Justiça! em favor dos que sofrem!

Justiça em favor dos pobres índios!"

Na verdade, tais palavras repassadas de inquietação provocaram debates. Era um homem destemido, o segundo Bispo do Amazonas.

Mas voltemos à viagem iniciada a 1º de julho, a bordo do Javary. O estilo descritivo é agradável. As impressões são bonitas e os incidentes muito interessantes.

Dir-vos-ei, em parágrafos ligeiros, o que ela foi.

Sentiu, D. Frederico, tão logo chegou a Santa Izabel, a necessidade de aprender nova língua, pois, segundo revela,

"Pela primeira vez sentimo-nos como que exilados dentro da nossa própria pátria; parecia-nos estar em outras terras, entre povos estranhos; ouvíamos falar ao redor e não entendíamos. Nossa preocupação era aprender a língua geral sem a qual, bem o percebemos imediatamente, baldada seria a nossa viagem".

Nada omitiu, revelando mesmo fatos hilariantes. Ao chegar a Umarituba, todo o povo fugiu e escondeu-se. Veio a saber, mais tarde, o motivo da fuga: a mulher barbada que não era, senão, o Reverendo Capuchinho que o acompanhava!

Em Sant'Ana um incidente ocorreu, ao qual me prendo, visando revelar-vos o lado bom e emotivo de D. Frederico.

Ao chegar àquele povoado, encontrou-o em festa, pois era dia da padroeira. Quase todos os que o receberam estavam embriagados.

"De manhã quando nos dirigimos para a capela todos dormiam... Ao terminar a celebração da missa a capela estava cheia. Já então os cérebros estavam desembaraçados e, por isso, aproveitamos a ocasião de novamente anunciar a nossa visita, atacando imediatamente o vício capital de todos êstes lugares: a embriaguês.

Sentimos já uma certa tristeza ao aproximar-se a hora de deixar Santa Ana. É assim o coração humano, tanto mais depressa se afeiçôa a alguma coisa quanto maior é a dificuldade que encontra em possui-la. Assim aconteceu-nos em a boa população de Sant'Ana onde afinal de contas só tivemos o desgosto do primeiro encontro. Entretanto ainda se desculpa o que aconteceu nessa ocasião, pois êsse povo não nos esperava e achava-se então no auge da alegria da festa. Ora a festa, sobretudo nessas alturas, é a cachaça.

Os mordomos e juízes trabalham o ano inteiro, deixam de comprar as coisas mais necessárias, a fim de adquirir a sua frasqueira de cachaça para a festa".

— — —

O sentimento de amor à pátria aflora borbulhante na pena de D. Frederico. Êle retrata a situação do Rio Negro de modo a nos deixar abismados mostrando-nos uma situação realmente entristecedora, comprovando ser a língua castelhana a que predominava no alto Rio Negro, sendo o português desconhecido, mesmo por parte de cearenses, que falavam melhormente a lingua de Cervantes.

O quadro inverso, segundo observou o Bispo, era êste:

"Encontra-se um indio venezuelano naquelas alturas, é um homem perfeitamente civilizado que não somente fala a sua lingua, mas fala também corretamente o castelhano e já faz ostentação de superioridade sôbre os pobres habitantes do Brasil. E a influência dessa civilização é tão grande e real, que estende-se conforme já insinuamos acima, até mesmo sôbre os comerciantes brasileiros oriundos dos Estados do Sul".

Não encontrou, o ilustre biografado, na vasta extensão de São Gabriel a Cucui, senão um professor em Marabitanas, mas sem ter onde morar!

É de lamentar-se não viver o zeloso Bispo, pois encontraria, hoje, a presença do govêrno que êle sabia interessar-se pelo Rio Negro. Arrebentaria o seu coração de feliciade, sabendo existirem Ginásios onde antes nem uma escola existia. Com que euforia êle haveria de levantar do gancho um telefone e falar com Manaus! Ou, se o desejasse, diretamente com os seus colegas de Paris ou de Roma! Felicíssimo seria, ao contemplar os aviões da Fôrça Aérea Brasileira pousando naqueles mundos distantes!

Valeu o seu grito, pois despertou as autoridades competentes, para modificarem aquêle quadro horrível que nos envergonhou, como bem o disse.

Viveu, durante sua viagem, momentos felizes. Um dêles foi espelhado assim:

"Grande satisfação tivemos quando chegamos a Cucui.

Ao encontrar-nos de repente no meio dos nossos soldados, uns do Ceará outros de Pernambuco ou Bahia, ao ouvi-los falar a lingua portuguesa, sentimos que verdadeiramente estávamos em território pátrio, pisando terras brasileiras. Respiramos com satisfação e deixamos transbordar a nossa alegria depois que visitamos, uma por uma, todas as barraquinhas dos nossos soldados."

O homem religioso e meditativo que também o era extravasa seu coração:

"É nesses lugares longínquos, nessas circunstancias singulares, que o coração sente mais agradavelmente a influência benéfica da religião! Nos grandes centros, onde o borborinho das multidões muitas vezes distrai o espírito e alimenta as ilusões da vida, o coração por sua vez se esquece daquilo que é, das suas tendências para o infinito, para o sumo bem, e entrega-se a coisas mesquinhas e insignificantes que o saciam por um momento deixando-o depois em tormentos... mas, nos lugares êrmos e solitários, onde a natureza pura se ostenta, trazendo em cada átomo o sêlo do Criador, não há possibilidade de enganar-se, e o espírito e o coração sentem-se vergados sob o pêso do infinito e, por isso o homem das selvas é essencialmente religioso..."

Não vos pareça, todavia, haver-se preocupado o ilustre dignitário tão sòmente com as reflexões religiosas.

Mostrar-vos-ei suas observações curiosas e valiosas a respeito dos indigenas. Lições, diria melhor, tal a profundidade de suas observações.

Sempre que D. Frederico mencionou o índio, a êle dedicou palavras amáveis e o defendeu intransigentemente, provando ser trabalhador incessante e inteligente.

Prende-se a certos costumes indigenas, explica-os em detalhes e insiste em revelar algo muito importante a respeito do Jurupary, sobretudo quando afirma ser essa estranha entidade não muito clara ainda.

Justifica seu pensamento, dizendo tratar-se de uma lenda valiosa, por trás da qual deve estar escondida a lembrança de algum heroi antigo que haja existido entre os nossos selvagens,

> "uma espécie de legislador filósofo, como Buda, Confucio, etc. que lhes haja ensinado uma espécie de filosofia muito rudimentar, e algumas noções de vida prática.
>
> O que nos leva a êsse pensamento são as seguintes leis atribuídas a Jurupary, pelas quais governam-se praticamente os nossos índios, tanto Waupés, como Içanã e do Rio Negro:
>
> — A mulher deverá conservar-se virgem até a puberdade.
>
> — Nunca deverá prostituir-se e há de ser sempre fiel ao seu marido.
>
> — O Chefe fraco será substituído pelo mais valente da tribo.
>
> — O homem deverá sustentar-se com o trabalho de suas mãos.
>
> Os indios não adoram a urupary. Consideram-no como coisa grande e misteriosa, porque como tal o receberam dos seus antepassados, porém não oferecem-lhe sacrifícios, nem dirigem-lhe preces".

O homem tranquilo, que se prende ao ameríndio e o exalta, reaparece, logo a seguir, indignado e revoltado, descrevendo um quadro verdadeiramente horripilante.

Eis o grito de D. Frederico:

> "Alguns negociantes chegam à maloca de rifle em punho, não pedem, exigem, e quando não se lhes dá por bem o que querem, tiram à fôrça. Matam os animais, roubam as provisões. São verdadeiros salteadores. E muitas vêzes agarram e forçam as indias donzelas. Embriagam os pais e desonram as filhas. Viajam com um garrafão de cachaça debaixo da tolda da canoa; para ali atraem os incautos, homens e mulheres e praticam ações que a pena recusa-se a escrever. Exigem serviços forçados aos pobres homens e dão como pagamento bugigangas, ou, na melhor hipótese, uma calça ou uma camisa. Agarram-nos à fôrça muitas vê-

zes, amarram-nos no fundo da canôa e surram-nos tão barbaramente como só nos tempos antigos da escravidão romana podemos encontrar exemplo".

Tendes assim, em poucas linhas, algo nascido da pena de um homem que varejou o interior mais longínquo do Rio Negro.

D. Frederico amava o indio. Via, nêle, valor e o defendia sempre.

OBSERVADOR AGUÇADO

Não ficou adstrito, porém, a descrever os locais onde rezou missa e os batizados que realizou.

Homem de um poder de observação aguçado, deixou-nos relatos valiosos sôbre a terra, através dos quais podemos descobrir lugares excelentes para a agricultura. Quem sabe, exatamente na hora em que se procura povoar a amazônia, não serão válidas as suas observações?

Ouçamo-lo.

Temedanhy está entre Manaus e Santa Izabel. No sítio do Sr. Ciriaco, o Bispo verificou estarem plantadas:

"Tôdas as espécies de fruteiras, até mesmo da Europa, como parreiras e figueiras. Um extenso cafezal já produz grande quantidade de café. Duas grandes roças, uma já madura para a colheita, e outra plantada de novo, mostram a facilidade com que a terra, sendo cultivada, produz a mandioca, a macaxeira, a batata doce, o feijão, a melancia, o melão, o ananás, o algodão, o milho...

Um belo jardim onde se encontram as mais variadas flores, demonstram à saciedade a falsidade do que por aí dizem alguns: "do Rio Negro só Manaus".

Falso, falsíssimo. Como êste sítio encontramos outro, a meia hora acima de São Gabriel, onde as árvores vergam sob o pêso das frutas que apodrecem por terra".

"A opinião não é nossa e sim de homens competentíssimos, como Agassiz, Southey, o Cônego Bernardino de Souza e outros; o Rio Negro e seus afluentes são riquissimos e suas terras, desde que sejam cultivadas, produzirão com abundância tôda a sorte de cereais e frutas de tôdas as partes do mundo; o clima não é mortífero, como muitos pensam, sobretudo de Santa Izabel para cima, e de Santa Izabel para baixo há uma vantagem enormíssima, não se encontram as horriveis pragas que perseguem os pobres trabalhadores nos outros rios".

Realço, agora, palavras a que nominei proféticas:

"Achamos pois que chegou o momento de protestar contra o abandono em que se acha o Rio Negro, sob pretexto de que suas

terras nada produzem. É falso. E nós afirmamos: No dia em que desaparecer a ilusão da borracha e não vem longe, nesse dia será o Rio Negro o celeiro e refúgio de todo o Amazonas".

Era chegado o dia 28 de novembro de 1908. Faltavam dois dias para completarem-se cinco meses de ausência. Às 16:30 horas, silenciosamente, desembarcou no Igarapé de São Raimundo. Imediatamente dirigiu-se para a Igreja de São Sebastião a fim de dar graças a Deus por haver chegado são e salvo.

— — —

São páginas, como vistes, que não podem figurar, bem o sei, entre as selecionadas para uma coletânea de pureza vernácula.

Como informação histórica de um viajante que observa detalhes e os anota, muita coisa escrita por êle possui valor. Sem a menor sombra de dúvida, lendo-se as Pastorais de D. Francisco, tornamo-nos detentores de novos conhecimentos e êle transmite ao leitor, uma mensagem que perdura. Fêz literatura, não há dúvida, desde que aceitemos ser literatura" a totalidade das manifestações do engenho humano, expressas por meio da palavra falada ou escrita".

O ilustre acadêmico Agnelo Bitencourt, apreciando a Pastoral que comentamos, assevera:

"Ao assumir sua diocese, moço ainda, sentiu necessidade de conhecer de vista as terras e as gentes de sua vastíssima jurisdição espiritual, para melhor servi-las.

Começou pelo Rio Negro, demorando-se em cada pôrto os dias necessários aos misteres da desobriga missionária e das indagações históricas e geográficas, como de hábitos e costumes dos habitantes da região. Neste afã de todos os dias, D. Frederico pôde reunir excelente material até seu retôrno a Manaus, material êsse com que confeccionou sua valiosa Pastoral, um dos melhores roteiros do Rio Negro, em território brasileiro".

Uma qualidade merece ser destacada na vida de D. Frederico — a modéstia.

Ao dar a lume o seu livro Elementos Necessários para Aprender Nheengatu, escreveu:

"O trabalho que vai, foi escrito quase integralmente em canôa, quando, em horas de tédio, procurava uma distração e um lenitivo contra os raios ardentes.

Não ousaria jamais publicá-lo se não fôssem os numerosos pedidos que me fizeram no decorrer da minha viagem, e, sobretudo, o desejo de auxiliar os sacerdotes que tiverem de exercer o ministério nesta parte importantíssima do Amazonas. Sem o conhecimento do Nheengatu, infrutíferos serão os esforços para catequizar os índios".

Reconhece a imperfeição de seu trabalho, mas não nos esqueçamos de que apenas cinco meses de convívio êle teve com os índios.

Entendo como válida, a obra literária do patrono da cadeira 35, contida, tôda ela, em suas Pastorais.

A Academia Amazonense de Letras prestou-lhe a homenagem de imortaliza-lo como patrono de uma cadeira, talvez em reverência ao seu cabedal de conhecimentos, especialmente levando em conta o alto sentido social de sua imorredoura obra em defesa de uma região abandonada que foi o Rio Negro.

D. Guido Borra escreveu:

"Nos primeiros anos dêste século, com a criação da nova diocese de Manaus a Providência suscitou o Pastor que traçou a curva decisiva para o futuro da Amazônia: Monsenhor Frederico Costa, Bispo de Manaus.

Em 1908, percorreu corajosamente a vastíssima circunscrição, subindo o Rio Negro até a Colombia e Venezuela.

Atemorizado diante de tal extensão, foi a Roma para expor ao Papa, São Pio X, o plano de desmembrar de sua diocese vastas zonas, para serem criadas prelazias e futuras dioceses".

Aí está, em súmula a visão de um homem.

Tentei, dentro dos parcos recursos de que disponho, dizer-vos algo a respeito dêsse nome respeitado.

Foi monge carmelita, tendo sido, antes, frade camaldulense em Frascatti, Itália.

Seus últimos dias, passou-os em Barcelona, onde veio a falecer, no dia 25 de maio de 1948. A razão de o encontrarmos ali, deve-se ao fato de haver renunciado à diocese em 1912. Que o levou a isso? Não encontrei resposta.

Não resisto ao desejo de vos trazer, ainda, estas palavras de D. Guido Borra:

"Quando D. Frederico Costa retirou-se ao Mosteiro dos Camaldulenses a encerrar a vida na oração, um sonho o acompanhou:

Contemplar um dia em Vaupés uma Catedral onde um bispo pontificasse, e, contar ao longe do "caudaloso" Rio Negro muitos e grandes farois de civilização cristã.

O sonho que há 50 anos Dom Costa acalentava, em 1965 é uma consolante e explêndida realidade.

Nenhum rio da Amazônia goza de benefícios como o Rio Negro com tantos colégios tantas escolas nas aldeias".

Gostaria de encerrar as minhas páginas sobre D. Frederico, apresentando-vos a palavra de seu sucessor, D. João Irineu Joffily, que em sua Pastoral de saudação escreveu:

"Vai para quatro anos que, para obedecer à voz de Deus nas alturas de Frascatti, trocava de bom grado as vestes prelatícias

pelo humilde burel de religioso o nosso ilustre e digno antecessor no sólio desta grande Diocese Amazonense.
Obtivera da Santa Sé dispensa do pesado múnos pastoral e com a renúncia de seus vastos domínios, adquirira as estreitezas de uma cela pobre...
De pastor que era convertera-se o nosso ditoso irmão em humilde ovelha do rebanho austero de S. Romualdo. Depôs o báculo e recolheu-se ao convento, à solidão do claustro.
Foi bem uma mudança completa.

Sua atividade que se repartira no vasto território de seu bispado, já sulcando os imensos rios, já atravessando suas florestas virgens, fazendo chegar às mais longínquas paragens o clamor da pregação apostólica, ei-la mudada, com surpresa de todos, na doce paz e sossêgo da vida contemplativa, num apostolado quiçá mais sublime ainda, no apostolado da oração e mortificação.

Deixa Deus por Deus o piedoso Camáldulo, depois de ter dado prova da ilustração em seus últimos escritos e de zêlo verdadeiramente apostólico em travessias arriscadas por onde ia derramando bênçãos e graças aos seus diocesanos".

JOÃO CHRYSOSTOMO — MESTRE AMIGO

Hoje é um dia fasto. Alegrou-me falar-vos sôbre D. Frederico Costa e agora a alegria multiplica-se, com o prazer de apreciar a personalidade e a obra de um homem admirado nesta terra, caminhante que não se cansa, andando pelos caminhos mais ásperos até ao ápice da glória acadêmica.

Mestre consagrado, modelador de caracteres, personalidade forte e influenciadora, coração excelente, mente pura, espírito lúcido, o Professor Chrysostomo de Oliveira tem registrado, não só no Amazonas, mas em todo o Brasil, um nome imortal.

Escritor de escol, purista do vernáculo, poeta inspirado, polemista fino, João Chrysostomo de Oliveira realizou, nos poucos anos de sua vida, obra que o tempo não desfará.

O ilustre acadêmico Salignac e Souza externou, há alguns anos, êste conceito de João Chrysostomo, que eu endosso com tôdas as letras maiúsculas:

"Consagrou-se professor e jornalista, pensador e analista, porém, antes, penetrou nos ínvios caminhos que levam às belezas do idioma e, como um pescador de pérolas perfeitas ou faiscador de gemas de excepcional valia, emergiu no oceano atraente e perigoso dos eruditos, para conhecer muito mais as maravilhas da língua que, nascendo, crescendo e perpetuando-se no "Jardim da Europa à beira-mar plantado", se transmutou neste pedaço soberbo das Américas.

A Academia Amazonense de Letras, elegendo-o para a cátedra que tem o nome de João Leda a cingulá-la de perenes e sugestivos dilúculos, teve, aliás, como sempre, divina inspiração, porque também V. Exa. é exímio ourives da palavra e, semelhante a Leda, faísca o veio sempre opulento da "última flor do Lácio", flor digo eu, de pétalas de rubis sangrentos e de cálice de ouro e esmeralda".

Dizer da afeição e da identidade entre mim e o homem que me recebe nesta casa seria trabalho altamente honroso, mas desnecessário, porque tôda a cidade de Manaus sabe da nossa mútua amizade.

Registro, tão sòmente, uma diferença real entre nós dois: eu o admiro pela fulgurança de sua inteligência, pela beleza de sua pena, pela obra realizada. Êle corresponde a essa afetividade com a largueza do seu coração. Muito mais honrado, então, sou eu.

Agradeço-vos, eminentissimos acadêmicos, a felicidade de ser recebido, nesta casa, pelo mestre amigo João Chrysóstomo de Oliveira.

DEVER CUMPRIDO E UM GRANDE DESEJO

Suponho haver cumprido, excelsos acadêmicos, a missão estatutária. Relatei, em súmula, atividades de D. Frederico Costa. Apontei-o como orador sacro, trazendo seu famoso sermão Christus Surrexit. Sentistes o poder descritivo do viajante observador, conhecestes o gramático da língua aborígene; o homem que desce a detalhes relatando a fertilidade da terra; o advogado do índio injustiçado e o revoltado contra o abuso do homem branco; o zeloso pastor preocupado com o bem-estar de seus diocesanos. Se me não engano, conhecestes um varão ilustre.

Devo ocupar ao descer desta tribuna, a cadeira 35 da Academia Amazonense de Letras. Honra que me confunde o espírito. Galardão que me ufana demasiadamente. Responsabilidade que me assusta.

Mas tenho de descer. E antes de o fazer, recebei o meu mais profundo agradecimento pela vossa liberalidade, permitindo-me estar entre vós. Meu coração radica-se mais e mais à vossa terra. Se algo eu puder realizar a prol do engrandecimento deste Silogeu, com a maior alegria o farei.

Serei, a partir dêste momento, um defensor intimorato da casa que me abriga gentilmente.

Prometo honrá-la. Prometo difundi-la. Prometo amá-la.

E ficai certos de que a honra de integrar o quadro desta acrópole do saber acompanhar-me-á para sempre, durante os dias da minha vida e depois deles, nas figuras dos meus filhos que aqui me escutam e terão gravadas nos seus subconscientes, as promessas ora feitas.

Tendes ao vosso lado, agora, o mais humilde dos que desejam trabalhar. São parcos os meus conhecimentos. Busco-os aqui, tentando ombrear-me convosco.

Ligeiramente alterado, não quero outro pensamento, para concluir, senão o do meu patrono ao encerrar o seu discurso por ocasião da recepção que lhe fôra propiciada:

O que devo afirmar é que o novo Acadêmico outra coisa não deseja senão a grandeza e a prosperidade da Academia Amazonense de Letras; há de trabalhar para êsse fim, procurando seguir os passos dos seus gloriosos antecessores.

SAUDAÇÃO A ARTHUR CÉZAR FERREIRA REIS

Jorge TUFIC

Saudar, em nome da Academia Amazonense de Letras, um escritor como Vossa Excelência, é tarefa cuja honra sobrepõe-se de tal modo que preferimos ao discurso tradicional sôbre o homem e a obra, limitar-nos ùnicamente à fruição dos momentos festivos que se irradiam de sua presença nesta Casa, antes que a sua palavra nos seja dirigida, como tantas vêzes o foi, para que dela, de sua experiência, possamos colhêr as informações que nos estão faltando a respeito das raízes culturais do nosso jovem país.

Trata-se de uma oportunidade bastante rara, Excelentíssimo Senhor Professor Arthur Cezar Ferreira Reis, esta que se nos oferece de ouví-lo discorrer, com a fluidez e o sabor literário que lhe matizem o estilo e a linguagem, sôbre as origens impulsoras da nossa maneira de ser povo, e povo brasileiro, conhecidas, analisadas e trazidas até nós em forma de conferência.

Quantos o leram, acompanhando-lhe os mínimos detalhes no exame da nossa história e dos problemas que ainda hoje fazem da Amazônia uma região potencialmente conflagrada pela cobiça estrangeira, hão de ver, sentir e absorver ângulos sempre novos no grande panorama interior de sua vida inteiramente dedicada ao estudo, e de como êsse panorama se exterioriza com a espontaneidade de quem, ao contrário do autor de **"Tabacaria"**, procurou e achou, bateu numa porta fechada, e a porta foi-lhe aberta, estendeu as mãos para o alto e teve impresso nas mãos o brilho inatingível das estrêlas.

E dêsse método de pesquisa, e dessa mágica em poder ser múltiplo na conquista de resultados concretos para a nossa cultura, ao mesmo tempo em que sabe transmiti-los para a dinamicidade exigente e

sôfrega de que se constituem os meios de comunicação nos dias atuais, têm surgido obras que, no dizer do Conselheiro Randolpho Bittencourt ao saudar Vossa Excelência, hoje, no Conselho Estadual de Cultura, puseram ao alcance das novas gerações o conhecimento de nossa história pródiga em lances aventurosos, cheia de episódios que trazem a marca das epopéias.

Sôbre Vossa Excelência acabei, há pouco, de ler um conceito que me chega bastante oportuno no discernimento de um aspecto peculiar de sua personalidade de homem de letras. O conceito é de Leandro Tocantins, e acha-se inserto em seu recente livro **"Vida, Cultura e Ação"**.

"Êste, precisamente, o segrêdo do saber, da visão, da profundidade cultural em Arthur Cezar Ferreira Reis: o conhecimento amplo, metódico, direi mesmo beneditino, das ricas documentações que revelam o passado brasileiro, em especial o amazônico. Isto aliado à observação e compreensão do meio social, das peculiaridades geográficas e econômicas, fazem de Arthur Reis um historiador moderno, propenso a utilizar conhecimentos vários para a interpretação do fato histórico. Coloca-se, assim, ao lado daqueles historiadores que Marc Bloch aponta como refugiados de ciências vizinhas, cujas incursões em outros campos são benéficas ao desenvolvimento dinâmico da História".

Nessa mesma sessão extraordinária do Conselho Estadual de Cultura, tivemos a alegria espiritual de ouví-lo numa conferência memorável sôbre as atividades ora em curso no Conselho Federal de Cultura, em cuja presidência Vossa Excelência se vem conduzindo da maneira brilhante e decidida que sempre lhe marcou o comportamento de homem de pensamento e de ação.

Efetivamente, naquêle augusto Colegiado que é o Conselho Federal de Cultura, Vossa Excelência vem merecendo o reconhecimento e o aplauso de todos os brasileiros que têm notícia do seu trabalho — verdadeiro impulso — com vistas à compreensão das diversas realidades brasileiras e ao equacionamento de sua problemática.

As informações em primeira mão que Vossa Excelência nos transmitiu, ensejaram-nos, pela sua flagrante atualidade e importância — como, por exemplo, a inauguração pioneira da sede da Representação Cultural do Brasil em Paris —, uma visão renovada e panorâmica das iniciativas levadas a têrmo pelo Conselho Federal de Cultura. E deram-nos, ao mesmo tempo, preciosas achegas sôbre o que se faz, na hora presente, no Brasil e no mundo, em matéria de cultura, em têrmos de interêsse verdadeiro pelas atividades superiores da inteligência.

Ouví-lo, Mestre Arthur Cezar Ferreira Reis, constitui para nós muito mais do que um acontecimento gratíssimo, por ser quase um privilégio.

A autenticidade, tantas vêzes provada, de sua posição de sociólogo e historiador, de escritor e de estadista, diante dos eventos históricos e dos recentes episódios que já se incorporaram à história brasileira, essa autenticidade é que faz de Vossa Excelência uma das personalidades mais eminentes e respeitadas desta Nação.

Isto, evidentemente, fortifica sobremaneira a admiração que, por igual, lhe votamos em razão de sua cultura, de seus conhecimentos e de sua extraordinária capacidade de comunicação e transmissão dêsse valioso cabedal de lucidez e orientação que lhe forra o espírito.

É de homens como Vossa Excelência — e aqui não vai nenhuma tirada de retórica — que se constituem as nacionalidades. Homens que mergulham fundo em suas raízes e trazem à luz a orientação de que os povos necessitam para seguir adiante.

Hoje, nesta casa, que é sua e de que somos o mais obscuro servidor, teremos a grande honra de mais uma vêz ouví-lo. O tema é de seu perfeito domínio por constituir matéria de sua especialidade.

As palavras repassadas de admiração com que lhe apresentamos a saudação formal da Academia Amazonense de Letras, estão longe de expressar realmente, Professor Arthur Reis, o muito que gostaríamos de dizer sôbre a sua figura paradigmária, pois esta saudação quer significar apenas o reconhecimento dos seus confrades de Academia e de seus admiradores à posição de vigilância de Vossa Excelência diante dos problemas da Cultura, num momento em que se dá ênfase especial aos programas de desenvolvimento econômico e em que não se deve esquecer que sem a infra-estrutura cultural, torna-se simplesmente desumano, senão impossível, qualquer tipo de desenvolvimento, ainda aquele que se pretenda fazer em nome de um tecnicismo mal definido. Estamos aqui, Mestre Reis, para uma vêz mais dessedentarmo-nos nas fontes rejuvenescedoras de suas lições de vida e de Brasil.

"DO AMOR E DA FÁBULA"

José LINDOSO

Não faz duas semanas, anunciou-me o poeta ELSON FARIAS o lançamento, para hoje, de seu livro "DO AMOR E DA FÁBULA", em encontro promovido pela Academia Amazonense de Letras e União Brasileira de Escritores do Amazonas, sob o generoso patrocínio da Primeira Dama do Estado, a Sra. Violeta de Mattos Areosa.

Ao tarnsmitir-me, em fraternal alegria, a auspiciosa notícia, acrescentou êle que reservara a mim a apresentação da obra, de cuja honra não posso declinar. Nesse decurso de tempo tentei para isso reservar um dia, pelo menos, para escapar à Política, visando descobrir palavras que não fôssem de mero sentido protocolar mas, que tivessem o vigor das coisas nascidas do coração e iluminadas pelo justo reconhecimento de méritos. Lamentàvelmente, porém, a árdua campanha para atingir o Senado não me possibilitou a desejada fuga, para, "no silêncio do lago", "em luar de setembro", refletir sôbre a poesia, como ato criador de beleza, algo de existencial em instantes que fixam eternidades.

A exiguidade das horas, contudo, não me eximiu da incumbência e eis-me aqui, mesmo despreparado, para a missão literária, na rudeza do campeador da causa cívica, porém submisso aos atos do culto da Beleza e aos deveres de companheiro. Trago, portanto, envolto na angústia gerada pelo contacto com os problemas do povo, mistérios de Amizade sentidos por todos — eu sei — e, com essa consciência, dou desempenho ao ofício de anunciar-vos um nôvo livro de ELSON FARIAS, embora sem dizer nada. É como a aurora que se anuncia por si mesma, bastando que na antemanhã se abram os olhos ávidos de infinito... e, na mente, não se dê lugar ao negrume do egoísmo humano.

A primeira preocupação, após a leitura lenta e amorosa do livro de ELSON, que "Artenova" editou, foi a de reler saudação que eu fizera ao Poeta, quando de seu ingresso na Academia Amazonense de Letras. Não a tendo encontrado entre os meus papéis, esparsos, dispersos, entre Brasília e Manaus, na gincana de minha vida, na velocidade de servir, não tinha como começar a conversar sobre o livro. Mas o Poeta supriu-me, generosamente, ofertando exemplar do discurso. E o reli, na busca de um ponto de partida, no intermúndio de belezas, para elaborar juízo sobre o progresso poético de Elson. Não havia data no discurso, aliás o que é muito meu, parece numa tentativa de não separar ou dividir o que é inseparável e indivisível por si mesmo — o tempo — que tal mazepa, nas estradas do infinito, desafia as convenções, e não se lhe pega o doirado cabrestilho para uma espera de instante. E fiquei, portanto, perdido no tempo, na tentativa de mensurar os progressos realizados a partir de sua posse na Academia.

Do discurso retiro duas passagens. Na primeira eu dizia:

"E o poeta que parece ter desembarcado da arca de Noé e descido à Planície para ajudar a criar as coisas simples com a água, o barro e sal tem, na paisagem literária do Amazonas, posição singular. Constrói seu mundo com palavras, usando-as com parcimônia e na plenitude de seus valores totais. As coisas, por isso mesmo, têm para êle eloquência própria, intríseca, singela, substantiva".

E mais adiante, para assinalar a consciência e a tranquilidade de seu ofício, relembro, com saudade, Cecília Meirelles:

"Eu canto porque o instante existe e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
Sou poeta".

Elson continua a viver coerentemente, em plenitude, a sua vocação de poeta.

Os seus versos nos levam definitivamente para o mundo incognoscível da poesia. E que seria a poesia mesma? Recordo-me de que MANUEL BANDEIRA contou, em página erudita, num diálogo com jovens, na Casa do Estudante do Brasil, que um dia, ao começar a escrever um livro didático sobre Literatura, teve de dar uma definição de poesia e embatucou. No aperto se socorreu de Schiller em que o cântico era tão grande quanto o poeta e disse com êle: "Poesia é a força que atua de maneira divina e inapreendida, além e acima da consciência".

Observou MALLARMÉ, certa vez, a um amigo: "Não é com idéias que se fazem versos: é com palavras".

ELSON FARIAS, em "DO AMOR E DA FÁBULA", fez extraordinário progresso como artesão da palavra. Sinto certo remorso, mas, num instante só, deixei "Barro Verde", "Estações da Vár-

zea", deixando igualmente os "Três Episódios do Rio", o já famoso "Ciclo das Águas", portanto, para ficar em completa adesão espiritual com o novo livro.

As palavras são as do seu mundo, as do nosso mundo amazônico: "água", "chuva", "fôlhas", "galho", "areia", "raso", "navio", "pássaros", "ilhas", "gaivotas", "perau".

Essas são algumas das palvras-chaves, palavras-símbolos, palavras-enígmas com que o Poeta tece os poemas no seu insondável mundo, que têm cheiro de terra imatura, mas, onde o Amor já sobre-paira majestosamente.

Dir-se-ia que alcançou certa pureza poética. Burilando técnica própria de fazer verso, tem seus instrumentos significativos para dar evasão "a força que atua de maneira divina e inapreendida, além e acima da consciência".

Abre o livro com o poema "Fábula". Belíssimo, na mensagem indefinida e carregada de sugestões:

"Sobre três grupos de fogo
o gênio **dá três saltos,**
para frente e para trás
e o derradeiro, carente de fronteiras.
Olha em direção do norte,
fixa os olhos nos infinitos do sul
e dá três saltos
sobre os três grupos de fogo.
O passarinho dá três voltas,
prende no bico um ramo de vassourinha,
fita o infinito do norte e o infinito do sul
e desaparece em busca de outra manhã.

A projeção de imagens na poética elsiana, como recurso literário, se faz moderna e plena de sugestividade. Façamos uma miniantologia, para alguns realces:

"Passaram-se muitos meses
mais velozes do que um risco
traçado sobre uma fôlha
de papel limpo de letras".

Na Canção nº 6, de suas sete formosas canções de amor:

"Um cardume de lembranças
veio à tona dos teus olhos,
veio dos mares da infância
alimentar o teu mar".

Apreciamos, sem comentários, ou adjetivos, para não ferir a Poesia, "Um Noturno para a Rua", êsses versos:

"Era no tempo em que não existia nuvens
e só pássaros altos

me davam a sombra que eu ignorava".

As letras amazonenses podem engalanar-se pela contribuição de ELSON FARIAS com o livro "Do Amor e da Fábula"

É válido assinalar que o Poeta conseguiu, com a obra, libertar-se da pura realidade amazônica. Adquiriu, poeticamente, em dados momentos, dimensão universal. Não é só o "Amor" que universaliza a sua poesia. O "mar", o "sol", são a "aurora", são elementos de um universo que poèticamente ganha fronteiras com o infinito.

Saudemos, pois, o Poeta, genuflixos e agradecidos por ter aberto a sua alma para, numa festa de luz, nos caminhos da poesia, no tempo sem tempo, nos fazer felizes, nesta tarde, que tem a ternura de um reencontro, para celebrar-se o ofício divino da própria Vida com Poesia e Vida — Sofrimento e Alegria!

IDÉIAS E FATOS

OS MORTOS

Em 1970 desapareceram três membros efetivos da Academia, que foram figuras de prol da intelectualidade amazonense: o escritor e poeta Mavignier de Castro, o jurista Aderson de Menezes e o poeta Americo Antony.

Antonio MAVIGNIER DE CASTRO morreu em fevereiro, aos 80 anos de vida intensamente vivida e sofrida. Nasceu no Ceará, estudou humanidades em Paris, viajou pela Europa e veio depois se fixar no Amazonas, primeiro em Manaus e depois no interior, como Promotor de Tefé e Prefeito de Moura. Depois de longa peregrinação pela hinterlandia, voltou à capital, aqui fazendo jornalismo profissional e sendo professor de francês da Escola de Comércio Solon de Lucena. Foi também Diretor da Secretaria da Camara Municipal. De suas andanças em cidades e lugarejos perdidos, vendo e observando, escreveu os capítulos admiráveis de um livro definitivo, "Amazônia Panteista", editado em 1958 nas oficinas de Sergio Cardoso. Seus sonetos são antológicos, pela pureza da forma e limpidez da idéia. Deixou também um "Guia da Cidade de Manaus", em 2ª edição, da Editora Umberto Calderaro.

ADERSON DE MENEZES desapareceu em pleno vigor da mocidade vitoriosa, admirável. Foi jornalista, advogado, deputado à Constituinte Estadual de 1946 e professor catedrático de Teoria Geral do Estado na Faculdade de Direito do Amazonas, cuja direção exerceu proficientemente. Após a criação da Universidade do Amazonas foi escolhido para 1º Reitor, cargo que renunciou em 1965, transferindo-se para Brasília, como representante do Govêrno do Amazonas. Passou a ensinar na Universidade da capital federal, em cujo **campus** foi atropelado brutalmente no mes de abril, vindo a falecer 3 dias depois. Publicou um consagrado Tratado da Teoria Geral do Estado,

que foi bastante aplaudido, além de "Idéias e Problemas do Estado" (1961, Editora Sergio Cardoso), tendo deixado impresso e pronto para ser lançado o livro com que celebrou a vida e a obra de Waldemar Pedrosa, impresso na grafica do Senado Federal.

AMERICO ANTONY nasceu poeta e como poeta viveu até o fim, escrevendo versos de grande beleza e inspiração. Estudou na Europa e nos Estados Unidos, onde se inicou em literatura. No Amazonas se formou em direito, exercendo o cargo de Promotor de Justiça no interior, por longos anos, onde se deixou impregnar pelas lendas e pelos fascinios da terra e da gente. Aposentado nos anos 40, Americo Antony fixou-se em Manaus, sempre escrevendo especialmente sonetos, que burilava com dedicação e esmero, sempre à procura de uma forma mais perfeita. Organizou vários livros, que anunciava porém não publicava. Um deles foi "Cicuta", para o qual Ramayana de Chevalier escreveu o prefácio. Apenas um volume foi impresso, o "Soneto das Flores", impresso em 1960, pela Editora Sergio Cardoso, porém lançado apenas em 1967. Faleceu a 18 de agosto.

Entre os mortos de 1970, cumpre-nos também referir o nome do sócio correspondente ALOYSIO DE CARVALHO FILHO, Senador pela Bahia, membro da Academia baiana e professor de Direito Penal da Faculdade de Direito daquele Estado. Aloysio de Carvalho Filho serviu no Amazonas, como Diretor da Imprensa Oficial, ao tempo da Interventoria Alfredo Sá, em 1925, e nunca mais nos esqueceu, tornando-se um grande amigo e entusiasta da região amazônica. Homem de pensamento e de ação, teve atuação decisiva nas letras e na política da Bahia e do Brasil.

— x —

CONFERÊNCIAS REALIZADAS — Foram realizadas, durante o ano de 1970, promovidas pela Academia, conferências do escritor Francisco de Assis Barbosa, a 8 de abril, e do engenheiro Firmo Dutra, no mes de agosto, ambas sobre Euclides da Cunha no Amazonas. Assis Barbosa foi logo a seguir eleito para a Academia Brasileira. Firmo Dutra é um veterano da Amazônia, amigo e anfitrião de Euclides em Manaus, sendo o seu trabalho publicado nesta edição. Estando em obras o salão da Academia, sua conferência foi reaelizada na sede da Associação Comercial do Amazonas.

O acadêmico Arthur Cezar Ferreira Reis, Presidente do Conselho Federal de Cultura, pronunciou, a 10 de outubro, uma conferência sobre "Raizes da Cultura Brasileira".

— x —

LANÇAMENTO DE LIVROS — Promovidos pela Academia, realizaram-se os seguintes lançamentos:

1) Em 28 de abril, no "Ideal Clube", do livro "Dos Ditos e Acontecidos nos Acercados do Cassianã", do acadêmico eleito Paulo Jacob,

tendo por **patronesse** a Sra. Irene Gonçalves Sabbá (promoção conjunta da Fundação Cultural do Amazonas e da Editora Bloch, de cuja gráfica saiu o volume, premiado em 2º lugar no Concurso WALMAP). Falou, na ocasião, o presidente Djalma Batista.

2) Os poemas "Do Amor e da Fábula", do acadêmico Elson Farias, publicados pela Editora Artenova, do Rio, a 18 de setembro, sob o patrocínio da Senhora Violeta Mattos Areosa, então 1ª Dama do Estado, em benefício das obras sociais por ela amparadas (também promoção conjunta com a Fundação Cultural), sendo orador o acadêmico José Lindoso.

3) A 10 de novembro a 3ª edição do 1º volume de "Os Grandes Processos do Juri", saído dos prelos da Editora Artenova, do acadêmico Carlos de Araújo Lima, vindo a Manaus especialmente para o ato, em que falou, pela Academia, Oyama Cesar Ituassu.

4) O livro do falecido academico Aderson de Menezes, "Waldemar Pedrosa", em 17 de novembro, na presença de sua viuva, Senhora Lúcia Menezes e de membros da Família Menezes (discurso de apresentação também do acadêmico José Lindoso).

— x —

DISTINÇÕES CONCEDIDAS A ACADEMICOS — Registramos com satisfação a eleição de José Lindoso, então Deputado Federal, para o Senado da República, com a maior votação do Estado, o que reafirmou o prestígio e a importância política do eminente professor universitário e homem de letras, figura das mais representativas do Amazonas.

Para a Secretaria de Educação e Cultura, no final do Governo Danilo Areosa, foi nomeado o acadêmico Elson Farias, que soube manter, no posto, a sua atitude tradicional de serenidade, eficiência e equilíbrio.

Mendonça de Souza, desde agosto, vem exercendo a direção do Arquivo Público do Estado, onde realiza uma obra paciente, de pesquisador e organizador.

O botânico William A. Rodrigues conquistou bolsa de estudos da Fundação Guggenheim, que é das mais importantes concedidas a cientistas já afirmados em todo o mundo.

Moacyr Alves foi contratado para professor de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Amazonas, posto em que terá campo para participar da formação da nova geração de intelectuais do Estado.

Assinalamos com justiça a escolha de Deoclydes de Carvalho Leal, sócio correspondente da Academia, para Vice-Governador do Estado, no próximo período, como companheiro de chapa do Coronel João Walter de Andrade, da ARENA. Apesar de viver no Rio há 30

anos, a eleição indireta foi recebida com aplausos gerais, tratando-se, como se trata, de um médico de longo tirocínio e de um intelectual com grande capacidade de entendimentos dos fatos humanos.

Finalmente, lastimando o afastamento de Manaus, do acadêmico Mario Moraes, assinalamos a sua contratação para professor do Instituto de Biologia da Universidade do Pará, onde vai continuar a atividade de pesquisa e didática desenvolvida com inteligencia e dedicação no Amazonas, tanto no Instituto Nacional e Pesquisas da Amazônia como na Universidade local.

— x —

AJUDAS OFICIAIS — Apraz-nos registrar e agradecer o recebimento, no ano transato, da ajuda de Cr$ 5·000,00, concedida pelo Ministro Jarbas G. Passarinho, da Educação e Cultura, e destinada à publicação do presente número da REVISTA.

Do Governador do Estado, graças à prestimosidade do então Secretário da Fazenda, Sr. Francisco Monteiro de Paula, recebeu a Academia Cr$ 10.000,00, aplicados, em parte, na pintura interna do prédio. Posteriormente o Governador Danilo Areosa autorizou a pintura das poltronas acadêmicas. Todas as manifestações de apoio recebidas muito desvaneceram os dirigentes e integrantes da Casa de Adriano Jorge e Pericles Moraes.

— x —

REORGANIZAÇÃO DA BIBLIOTECA — Sob a orientação do Secretário Geral Genesino Braga, foi inteiramente arrumada a biblioteca da Academia, agora instalada nas excelentes estantes mandadas confeccionar e doadas pelo sócio benemérito Ildefonso Pinheiro.

— x —

"LETRAS E ARTES" — Vem sendo mantida a publicação domingueira da página da Academia, no prestigioso "O Jornal", dirigido por Maria de Lourdes Archer Pinto que é uma mulher de espirito adiantado e empreendedor. Praticamente todos os membros da instituição têm colaborado em "Letras e Artes", que divulga também um noticiário de interesse local e geral, além de transcrever trabalhos importantes de academicos falecidos. No fim do ano foi lançada uma enquete entre os imortais, sobre "Temas da Atualidade", com o seguintes questionário:

1 — Como encarar as idéias que atualmente agitam o mundo?

2 — Qual a sua opinião sobre o movimento de contestação dos moços, especialmente dos "hippies"?

3 — Dos livros que ultimamente leu, qual o que mais o empolgou?

4 — No Brasil contemporâneo, qual o fato que lhe parece merecer mais destaque?

5 — Como situa o papel da Universidade do Amazonas no desenvolvimento regional?

— x —

O Nº 14 DA "REVISTA DA ACADEMIA" — Cumpre-nos assinalar que o nº anterior desta publicação foi editado pela Editora Sergio Cardoso numa homenagem à memória de Alvaro Maia, sem dispendio para a Academia. Alvaro Maia, que foi um dos mais distinguidos amazônidas, merecia tal distinção, que a ACADEMIA agradece, de público, nesta oportunidade.

EPISTOLÁRIO ACADÊMICO

Brasília, 16 de fevereiro de 1970.

Meu caro Djalma:

Com referência ao seu cartão de 11 de janeiro último, estou lhe informando que, afinal, ficou pronto o livro sôbre o Waldemar Pedrosa, o qual é mais dêle, como documentário, do que meu, como biografia... Segue um exemplar, para o meu amigo e presidente.

Quanto à exposição sua, a respeito do biênio administrativo, já aprovada através da reeleição de tôda a diretoria, dispensa por isso mesmo qualquer outra apreciação. Apenas, gostaria de ter votado, para expressar também minha concordância.

Infelizmente, não me considero em condições e com disponibilidade de tempo de atender ao pedido de vocês, no sentido de escrever sôbre o humanista Alvaro Maia, uma vez que aqui, distanciado dos elementos existentes e a pesquisar em Manaus, estou em regime de dedicação exclusiva à UNB, reduzindo a escrita um curso nôvo, que me tem dado muito trabalho. Sòmente após a respectiva conclusão poderei cogitar de alguma colaboração à Revista.

Com lembranças aos demais confrades, vai um abraço, aquêle abraço!... do velho

Aderson de Menezes

---

20 de fevereiro de 1970
Dr. Francisco de Assis Barbosa
RIO, GB.
Prezado confrade:

Em nome da Academia Amazonense de Letras, apraz-me convida-lo para vir a Manaus, a fim de pronunciar algumas conferências sôbre temas de sua escolha, na época que lhe fôr possivel.

Êste convite é feito juntamente com a Fundação Cultural do Amazonas e o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, todos unidos no mesmo desejo de ve-lo e ouvi-lo.

Estou certo de que com a sua palavra autorizada trará uma ajuda valiosa ao movimento cultural que ora se processa no Amazonas, agitando idéias e lançando pontos de vista sôbre temas e figuras nacionais.

Apresento-lhe homenagens de muito aprêço e sincera admiração.

Djalma Batista
PRESIDENTE

Rio de Janeiro,

16 de março de 1970.

Senhor Presidente,
Tenho o prazer de acusar recebimento de sua carta de 20 de fevereiro último.
O Instituto Geográfico e Histórico e a Fundação Cultural do Amazonas me haviam feito chegar às mãos, ao mesmo tempo, convites paralelos.
É com a maior satisfação que me preparo para aceitá-los, todos.
Conto estar em Manaus no dia 4 de abril próximo, e rogo que V. Sª entre em entendimentos com o Sr. Elson José Bentes Farias, da Fundação, sôbre data e local das minhas conferências.
Agradecendo a gentileza do convite, aproveito a oportunidade para apresentar ao eminente confrade os protestos da minha alta estima e consideração.

Francisco de Assis Barbosa

Rio de Janeiro, 15 de maio de 1970

Meu Caro Dr. Djalma Batista:

Tenho seu telegrama de dois deste, pelo qual o ilustre amigo e mais o Genesino Braga me convidam para fazer uma conferência sôbre Euclides da Cunha, na sede da Academia Amazonense de Letras, na minha próxima viagem a Manaus.

Esse convite honra-me e enche-me de orgulho, pois gente de tão alto coturno, se lembra de um bárbaro para falar de uma das maiores tentações que passaram pela Amazônia. Falar de Euclides, é missão superior às minhas forças: é missão para alguém, que tenha outros instrumentos superiores aos meus, que se traduzem pelos que suprem à vida de engenheiro. Vou tentar, porém, suprir a deficiência tão evidente e focalizar alguns dos aspetos mais impressionantes da personalidade de Euclides. Vou tentar, no anfiteatro amazonico, na sua fereza ainda indomada, fixar o Euclides técnico, geógrafo, explorador.

De acôrdo com programa fixado pelos amigos Drs. Jorge Baird e Alberto Rocha, e como a viagem da caravana será no dia 26, creio que a minha cacetеação poderá ser no dia 2 à noite.

Com um bom abraço do

Firmo Dutra

Manaus, 25 de maio de 1.970
Prezado doutor
Djalma Batista

Quando dirigia, como governador, os destinos do Amazonas o professor Arthur Cézar Ferreira Reis, ocorreu-lhe a idéia da elaboração, por autores amazonenses, de um livro sôbre o cenário e vida amazônicos, a intitular-se "AMAZONAS, TERRA e POVO".

Eventualmente, colaborávamos, junto ao Gabinete do professor Arthur Reis, em tarefas de rotina administrativa, daí a nossa presença ao assunto. Selecionados os escritores, o então Governador do Estado delegou-nos a responsabilidade de receber os trabalhos, à medida que prontos ficassem, para, a seguir, realizar as providências de montagem e lançamento do livro em questão.

Recordamo-nos, vagamente, de que V. Sª fôra escolhido entre os colaboradores, o que dispensa outras explicações. Motivos superiores impediram que, na forma prevista, o livro viesse à lume, ficando várias produções, já recolhidas, em poder do Governador, em nossa guarda outras e, por fim, inúmeras não entregues, carência de tempo dos participantes.

Repassando documentos que escaparam a um sinistro de nossa modesta biblioteca, encontramos um título de autoria do falecido intelectual Álvaro Maia, em vida, membro de proa da Academia Amazonense de Letras, versando sôbre Usos e Costumes dos Índios e caboclos do Amazonas, capeado por uma missiva, endereçada ao Professor Arthur Reis, produto do compromisso por parte do saudoso escritor quanto ao assunto supra tratado.

Não seria justo que deixássemos, no inédito, tão preciosa jóia literária. Ademais seria imperdoável o comportamento de determos uma peça literária que não é de nossa propriedade.

Pelos exemplos de retidão, demonstrados por V. Sª não só na presidência da Academia Amazonense de Letras, como em outras atividades administrativas, confiamos a devolução, em anexo, pedindo indulto pela falta involuntária.

Na infalível esperança de que V. Sa. saberá dispensar o carinho que o inédito requer, dando-lhe, em relêvo, o destino correto e, ainda, compreenderá o alcance da nossa iniciativa, apresentamos

fidalgas saudações
Prof. José Lins

Manaus, 30 de maio de 1970.

Excelentíssimo Senhor Acadêmico

CARLOS DE ARAÚJO LIMA:

Transcorrendo no dia 3 de junho entrante a data natalícia do ilustre amazonense, senhor General de Exército Sizeno Sarmento, que é filho de um dos mais destacados membros fundadores desta Academia, — o saudoso poeta Octavio Sarmento, primeiro ocupante da Cadeira nº 21, patroneada por Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, neste sodalício, — e tendo sido convidada a participar das homenagens que a Colonia Amazonense domiciliada no Rio de Janeiro vai prestar ao ínclito conterrâneo, que tanto honra e eleva o nome de sua terra num dos postos mais altos das Fôrças Armadas Brasileiras, — a ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS sente-se penhorada em ser representada por vossa excelência, seu membro efetivo, no ato das homenagens, rogando-lhe apresentar os cumprimentos do Silogeu amazonense ao ilustre e honrado soldado, em quem também esta Casa reverencia a memória do homem de cultura, de honra e de bem, que foi o seu pai, o acadêmico Octavio Sarmento.

No ensejo, apresento a vossa excelência os meus protestos de alta estima e maior consideração.

Djalma Batista
PRESIDENTE

---

14 de outubro de 1970
Sr. Dr. Carlos Studart Filho
M.D. Presidente do Instituto do Ceará
FORTALEZA

Distinguido confrade:

A ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, em sua última reunião plenária, acolheu com aplauso unânime a indicação do acadêmico Cosme Ferreira Filho, no sentido de convida-lo para uma visita a Manaus, oportunidade em que teremos a satisfação de ouví-lo em uma ou mais conferências, sôbre tema de sua escolha.

Pomos à sua disposição a passagem aérea de ida e volta, obtida por especial cortezia do Prefeito de Manaus, Dr. Paulo Pinto Nery. A hospedagem ficará a cargo de Cosme Ferreira Filho.

Aguardando sua resposta, aceitando o presente convite, aqui ficamos, com a simpatia e a admiração que todos da ACADEMIA lhe tribuam.

Atenciosamente,

Djalma Batista
PRESIDENTE

Fortaleza, 30 de outubro de 1970

Ilmo. Sr.
Dr. Djalma Batista
M.D. Presidente da Academia Amazonense de Letras
Manaus

Eminente Confrade:

Cabe-me inicialmente dizer-lhe que estou muito jubiloso e honrado com o convite contido no ofício de 14 dêste mês, no qual Vossa Senhoria, em nome do conspícuo sodalício a que preside, me convida para uma visita à capital Amazonense, ocasião em que eu poderia pronunciar uma ou mais conferências, sôbre temas de minha escolha.

A oportunidade feliz de rever a encantadora Manaus, dos meus verdes anos, e conviver, ainda que por pouco tempo, entre os ilustres acadêmicos que acolheram a indicação do meu velho e nobre companheiro e amigo Cosme Ferreira Filho, não pode, com imenso pesar meu, ser aproveitada agora, a despeito do meu desejo de corresponder à desvanecedora distinção de que fui alvo. É que motivos superiores, entre os quais, os de saúde não me permitem ausentar presentemente de Fortaleza.

Espero, assim, seja acolhida compreensivamente a minha justificativa, que vai acompanhada do meu profundo agradecimento a Vossa Senhoria e demais ilustres membros da Academia Amazonense de Letars, de entre os quais cito, de maneira especial, o escritor Cosme Ferreira Filho, por sua generosa lembrança.

Desejo, ainda, expressar, por intermédio de Vossa Senhoria, o meu reconhecimento ao Excelentíssimo Senhor Prefeito de Manaus, Doutor Paulo Nery, pelo seu munificente gesto.

Atenciosamente,

Dr. Carlos Studart Filho

RESUMO DAS ATAS DE 1970

OYAMA CESAR ITUASSU

ATA DA SESSÃO PLENARIA DO DIA 10 de janeiro de 1970. Presentes os acadêmicos Djalma Batista, Sadoc Pereira, Américo Antony, Waldemar Salles e Genesino Braga. Ata lida e aprovada. O expediente constou de diversas publicações e oferta de um livro sôbre música pela srta. Ilcia Cardoso. O Presidente leu seu relatório referente ao biênio vencido e a seguir deu posse à nova diretoria eleita no dia 27 de dezembro último, sendo Presidente — Djalma Batista; 1º Vice-Presidente — André Araujo; 2º Vice-Presidente João Crisostomo; Secretário Geral Genesino Braga e Secretário Geral Adjunto Oyama Cesar Ituassú; Tesoureiro — João Mendonça de Sousa e Bibliotecario Mario Ypiranga Monteiro.

SESSÃO PLENÁRIA DO DIA 7 DE MARÇO DE 1971 — Presentes Djalma Batista, André Araujo, João Crysostomo, Cosmo Ferreira, Mario Ypiranga, Sadoc Pereira, Pereira da Silva, Waldemar Sales, José Lindoso, Moacir Rosas, Jorge Tufic, Oyama Ituassú e Sebastião Norões, sendo lidas e aprovadas as atas anteriores. O expediente constou de diversas comunicações e convites, assim como a solicitação para o lançamento, sob patrocínio da Academia, do livro do escritor Paulo Jacob — "Dos ditos passados e acontecidos nos acercados do Cassianã". O Presidente comunica a posse do acadêmico eleito Mário Morais no dia 18 do fluente, e também o falecimento do academico Mavignier de Castro, no dia 5 de fevereiro passado, e bem assim o recebimento da quantia de Cr$ 10.000,00 da Secretaria de Fazenda do Estado. Na ordem do dia, a renúncia do tesoureiro João Mendonça de Sousa. A seguir teve lugar a eleição para o preenchi-

mento da poltrona d. Frederico Costa, sendo eleito o candidato inscrito Moacir Alves com dezoito votos. Foi eleito Tesoureiro Geral o academico Cônego Walter Nogueira. Estudou-se a sugestão de transformar o predio do sodalicio em edificio condominial, incumbindo-se o academico Oyama Ituassú de oferecer parecer a respeito da viabilidade do projeto.

SESSÃO SOLENE DO DIA 18 DE MARÇO DE 1970 — Presentes os academicos Djalma Batista, André Araujo, João Crysostomo, Cosme Ferreira, Mendonça de Sousa, Genesino Braga, Mario Ypiranga, Jorge Tufic, Moacir Rosas, Walter Nogueira e Oyama Ituassú. Declarou o Presidente que a sessão especial tinha por finalidade dar posse ao acadêmico Mário Morais, eleito para a poltrona Alfredo da Mata. Constituída a mesa com autoridades, inclusive com o representante do Sr. Governador do Estado, o academico eleito proferiu seu discurso de posse, sendo saudado a seguir pelo academico Moacir Rosas.

SESSÃO PLENÁRIA DO DIA 28 DE MARÇO DE 1971 — Presentes os academicgos Djalma Batista, André Araujo, João Crysostomo, Mario Ypiranga, Mendonça de Sousa, Cosme Ferreira, Genesino Braga, Pereira da Silva, Sadoc Pereira, Elson Farias, Jorge Tufic, Walter Nogueira, Sebastião Norões e Oyama Ituassú. Lidas e aprovadas as atas anteriores, foi apresentado o expediente, que constou de comunicações, convites e cartas de acadêmicos sôbre o preenchimento da poltrona 38. Na ordem do dia, o Presidente anunciou a eleição para provimento da dita cadeira, estando inscritos o jurista Olavo Ribeiro de Faria e o poeta Alencar e Silva. Lidos os pareceres da comissão designadas, para opinarem sôbre a obra dos candidatos, verificou-se a presença de quatorze membros e mais sete votos por correspondência e cinco por procuração no total de 25 votantes, esclarecendo o Presidente que seria eleito o que obtivesse a metade mais um dos membros efetivos e empossados. Apurados os votos, o candidato Olavo Faria alcançou treze votos e Alencar e Silva doze. Nenhum atingindo o número estatutário, procedeu-se ao segundo escritínio, cuja apuração deu onze votos ao sr. Olavo Faria e doze para o sr. Alencar e Silva, um voto em branco e um nulo. No terceiro escrutínio, os candidatos Olavo Faria e Alencar e Silva receberam, respectivamente, quatorze e onze votos, tendo o Presidente declarado que continuava vaga a poltrona em questão, devido ao resultado. Comunicou o Presidente que no dia 4 de abril o escritor Francisco de Assis Barbosa proferirá nesta Academaia uma conferência sôbre Euclides da Cunha e a Amazônia. Pereira da Silva sugere que nas eleições para preenchimento de poltronas vagas, deve haver um ajustamento entre o patrono e o candidato.

SESSÃO SOLENE DO DIA 10 DE ABRIL DE 1970 — Com a presença de André Araujo, João Crysostomo, Genesino Braga, Walter Nogueira, Mendonça de Sousa, Cosme Ferreira, Jorge Tufic e Elson Farias, reuniu-se a Academia em sessão solene, para a recepção do acadêmico eleito William A. Rodrigues, com o mundo oficial e sociedade presentes. O eleito proferiu sua oração em torno da vida e obra de Barbosa Rodrigues, sendo bastante aplaudido. Em nome da Academia discursou Cosme Ferreira, que examinou com brilhantismo o discurso do novo academico e sua vida cientifica e também do patrono.

SESSÃO PLENÁRIA DO DIA 13 DE JUNHO DE 1971 — Estiveram presentes Djalma Batista, Genesino Braga, João Crysostomo, Mendonça de Sousa, Mario Moraes, Waldemar Salles, William Rodrigues, Cosme Ferreira, Sadoc Pereira, Elson Farias e Oyma Ituassú, sendo lido o expediente e aprovadas as atas. Na ordem do dia, o Presidente comunicou haver recebido o original de um trabalho do falecido academico Alvaro Maia, ofertada à Academia pelo prof. José Lins, sugerindo que fosse organizada uma coletânea de autógrafos e documentos originais de membros da Casa. Deu ciência de haver sido intentada ação judicial, pelo sr. Olavo Faria, para proclamação de seu direito à poltrona 38 e que a mesma fôra contestada pelo academico Oyama Ituassú, nomeado advogado da Academia, em consequência do que ficava suspenso o edital de abertura de nova inscrição para preenchimento da mesma. Comunicou que devia ocorrer em outubro ciclo de conferências a cargo dos srs. Artur Reis, João Decio e Carlos Lacaz, em datas a serem marcadas, tendo ao mesmo tempo cientificado o plenario de haver recebido a verba de 1969 com a redução de 40%.

SESSÃO PLENÁRIA DO DIA 19 DE SETEMBRO DE 1970 — Presentes Djalma Batista, Genesino Braga, Sadoc Pereira, Jorge Tufic, Sebastião Norões, João Crysostomo, William Rodrigues, Walter Nogueira, Mario Morais, Cosme Ferreira e Oyama Ituassú. No expediente, o Presidente comunicou a conclusão dos trabalhos de reforma do prédio do sodalicio, sob a orientação de Walter Nogueira e a inauguração da mesma com o lançamento do livro de Elson Farias. Genesino Braga deu ciência da oferta de material para cobertura e reforma dos estufados da Academia, por parte da firma J. G. Araujo & Cia. O Presidente comunicou o falecimento do acadêmico Américo Antony, estando aberta a inscrição para preenchimento de sua vaga, decorrido o prazo legal e a abertura da inscrição para a poltrona até então ocupada por Aderson de Menezes, falecido em junho último. Walter Nogueira comemora o centenario de Araujo Filho com uma missa solene em sua homenagem.

SESSÃO DE 24 DE OUTUBRO DE 1970 — Presentes Sadoc Pereira, Cosme Ferreira, Sebastião Norões, Mendonça de Sousa, Mário Ypiranga, João Crysostomo, Walter Nogueira, Genesino Braga e William Rodrigues. Não ouve número para deliberações, sendo lido apenas o expediente. O Presidente declara abertas as inscrições para preenchimento da poltrona Anibal Teofilo, vaga com a morte de Americo Antony e que para a vaga aberta com o falecimento de Aderson Menezes, inscreveu-se o humanista Newton Sabbá Guimarães.

SESSÃO PLENÁRIA DO DIA 28 DE NOVEMBRO DE 1970 — Presentes Djalma Batista, Cosme Ferreira, Sadoc Pereira, Elson Farias, Walter Nogueira, Sebastião Norões, Mario Moraes, Waldemar Salles, João Crysostomo e Genesino Braga. Lidas e aprovadas as atas anteriores, foram feitas diversas comunicações sôbre expediente recebido, assim como a contestação oferecida pelo advogado da Academia à ação proposta pelo sr. Olavo Faria; liberação do crédito de Cr$ ..... 5.000,00 pelo Ministério da Educação em favor da Casa. O Presidente comunica que se inscreveu o poeta Luiz Bacelar para a poltrona Anibal Teofilo. Procedeu-se à eleição para preenchimento de cadeira então ocupada pelo falecido acadêmico Aderson de Menezes, estando inscrito o humanista Newton Sabbá Guimarães. Estavam presentes onze acadêmicos e votaram por correspondência outros seis, com um total de dezessete votantes. Apurados os votos, verificou-se que o candidato obteve unanimidade, sendo proclamado eleito. O Presidente convida a Academia para a posse do acadêmico eleito Moacyr Alves, no dia 5 de dezembro próximo.

SESSÃO SOLENE DO DIA 5 DE DEZEMBRO DE 1970 — Realizou-se a sessão solene de posse do acadêmico eleito Moacyr Alves, presentes o Presidente Djalma Batista, João Crysostomo de Oliveira, Genesino Braga, Sadoc Pereira, Jorge Tufic, Sebastião Norões, Pereira da Silva, Mendonça de Sousa, Waldemar Salles, Nonato Pinheiro e William Rodrigues, além de autoridades e pessoas gradas. Aberta a sessão, o Presidente compõe a mesa com o Governador do Estado, sr. Danilo Duarte de Mattos Areosa, Juiz Federal dr. Ariosto de Rezende Rocha, Procurador Geral do Estado dr. Mário Jorge do Couto Lopes e designou comissão para introduzir o acadêmico eleito. A seguir disse dos motivos da sessão e concedeu a palavra ao senhor Moacir Alves, que proferiu seu discurso de posse, findo o qual foi demoradamente aplaudido. Em nome da Academia discursou o acadêmico João Chrysostomo de Oliveira, ambos apreciando a obra e a vida do patrono, d. Frederico Costa, poltrona 35 da Casa.

MEMBROS DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
(Endereços de residência)

1 — DJALMA BATISTA (Presidente) — Rua Ramos Ferreira, 803.

2 — ANDRÉ DE ARAÚJO (1º Vice-Presidente)
— Rua Tapajós, 138.

3 — JOÃO CHRYSOSTOMO DE OLIVEIRA (2º Vice-Presidente)
— Av. Japurá, 291.

4 — GENESINO BRAGA — (Secretário Geral) —
Rua José Clemente, 508.

5 — OYAMA CESAR ITUASSU DA SILVA (Secretário Adjunto)
— Rua Salvador, 500

6 — WALTER GONÇALVES NOGUEIRA (Tesoureiro)
Av. 7 de Setembro (IAPETEC) Apt. 503.

7 — MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO (Bibliotecário)
Rua Paraíba Conj. ICA Rua 3 Bloco nº 40 Apt. 3

8 — JOÃO MENDONÇA DE SOUZA —
Av. Leopoldo Neves 494.

9 — MOACYR ROSAS — Av. 7 de Setembro, 1001.

10 — SADOC PEREIRA — Rua Comendador Alexandre
Amorim, 534.

11 — LEÔNCIO DE SALIGNAC E SOUZA — Rua Lôbo
d'Almada 150.

12 — JOÃO NOGUEIRA DA MATA — Av. 7 de Setembro, 1803,
Casa A.

13 — ELSON FARIAS — Rua Saldanha Marinho, 806 Apt. 4.

14 — JOÃO PEREIRA MACHADO JÚNIOR — Rua Recife, 1646.

15 — WALDEMAR BATISTA DE SALES — Rua Leonardo
Macher, 656.

16 — PLÍNIO RAMOS COELHO — Rua Huascar de
Figueiredo 1005.

17 — MANOEL BASTOS LIRA —Av. Joaquim Nabuco, 1551.

18 — JORGE TUFIC — Estrada do Aleixo — Jardim Paulista, Quadra, 10 nº 3.

19 — WILLIAM RODRIGUES — Av. 7 de Setembro, 1639.

20 — MOACIR ALVES — Rui Barbosa, 139.

21 — NEWTON GUIMARÃES — Av. João Coelho, 2413 — Bloco 5, Apt. 102.

22 — FRANCISCO PEREIRA DA SILVA — Av. Getulio Vargas, 928.

23 — RAIMUNDO NONATO PINHEIRO — Rua Bernardo Ramos, 117.

24 — PAULO HERBAN MACIEL JACOB — Major Gabriel 226.

RESIDENTES FORA DA MANAUS

25 — AGNELLO BITTENCOURT — Rua Jardim Botânico, 228 Apt. 7 — Rio de Janeiro.

26 — ARTHUR CESAR FERREIRA REIS — Rua Cesário Alvim, 55 Apt. 903 — Humaitá GB.

27 — NUNES PEREIRA — Rua Almte. Alexandrino (Sta. Teresa) 2500 Apt. 664 Rio

28 — JOSÉ LINDOSO — Super-Quadra 104 Bloco 1 Apt. 202 — Brasília D/F.

29 — MÁRIO MORAES — Av. Serzedelo Correia, 853 — Belém Pará.

30 — THIAGO DE MELLO —

31 — CARLOS DE ALMEIDA BARROSO — Rua Constante Ramos, 167 Apt. 202 Rio de Janeiro.

32 — CARLOS DE ARAÚJO LIMA — Rua Leopoldo Miguez, 53 — Apt. 401 Rio de Janeiro.

33 — COSME FERREIRA — Rua Marquês de Abrantes, 107 Apt. 301 — Botafogo Rio de Janeiro.

Composto e impresso nas oficinas gráficas da Imprensa Oficial do Estado do Amazonas em dezembro de 1972

QUADRO DE SÓCIOS CORRESPONDENTES

PARÁ — D. Alberto Gaudêncio Ramos, Cônego Ápio Campos Edgard Proença, Georgenor Franco, A. Napoleão de Figueiredo, Líbero Luxardo, Wanderley Normando e De Campos Ribeiro.

MARANHÃO — Antonio Bona.

CEARÁ — Byron de Oliveira Freire, Dolor Barreira, Raimundo Girão Adauto Fernandes e Osmundo Pontes.

BAHIA — Aloysio de Carvalho Filho e Carlos Eduardo da Rocha.

RIO DE JANEIRO — Aristêo G. Leite, Cônego Assis Memória, Cônego Jorge O'Grady de Paiva, Cláudio de Araújo Lima, Clovis Barbosa, Deoclydes Carvalho Leal, Geraldo Menezes, Heitor Péres, Odilon Lima, Pascoal Bandeira Moreira Paulo Coelho Netto, Petrarca Maranhão, Povina Cavalcanti, Rosalina Coêlho Lisbôa Larragotti, Osvaldo Orico, Tristão de Athayde, Violeta Branca, Virgílio Barbosa, Pe. Manoel Albuquerque Moacy Paixão, José Luiz de Araújo Neto, F. P. de Araújo Neto, Jorge de Rezende, Alberto de Rezende Rocha, Augusto de Rezende Rocha, Alberto de Brito Pereira, Lúcio Fiuza, Moacir Dantas Jesuíno Ramos, Áureo Mello, Paulo Bentes e Luiz de Miranda Corrêa.

ESTADO DO RIO — Mons. João de Barros Uchôa.

SÃO PAULO — Mário Barroso Ramos, Caetano Estelita Pernet. Jorge Bertolaso Stella e Alceu Maynard Araújo.

MINAS GERAIS — Merolino Corrêa.

BRASÍLIA — Lázaro Baumann

ALEMANHA — Wilhelm Giese.

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM